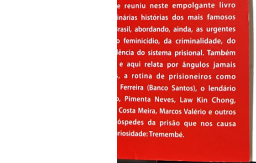
o em Tremembé, o autor convive há
anos com personagens que foram e são
an no mundo inteiro pelos inacreditáveis
s acusados de protagonizar. Com sua veia
ística pulsando ele não perdeu tempo,
u a decepção do cárcere e a iminente
assão por papel e caneta. Entrevistou
as de figuras "midiáticas" e escreveu
contagiante **Diário de Tremembé**,
ando com profundidade o cotidiano do
dio das celebridades". Para produzir essa
foi em busca de cada história, prospectou
inéditos e obteve confissões jamais
das como nos casos de Guilherme Longo,
gai e Mizael Bispo: pesquisou as trajetórias
ndro Dotta, Nardoni, Lindemberg (caso Eloá)
ger Abdelmassih; ouviu as versões de
ho (filho de Pelé), Cristian Cravinhos,
a Mattos e Paulo Vieira de Souza (PSDB);
ulhou num vasto oceano de atores
nossos (e inocentes) das mais variadas
ntes, e reuniu neste empolgante livro
straordinárias histórias dos mais famosos
s do Brasil, abordando, ainda, as urgentes
ões do feminicídio, da criminalidade, do
o e falência do sistema prisional. Também
digou, e aqui relata por ângulos jamais
orados, a rotina de prisioneiros como
ar Cid Ferreira (Banco Santos), o lendário

ACIR FILLÓ

DIÁRIO DE
TREMEMBÉ
O PRESÍDIO DOS FAMOSOS

Histórias de vida e de morte
que abalaram o país



Histórias de vida e de morte
que abalaram o país

copyright © 2019 by Acir Filló
copyright © 2019 by Editora Nova Brasil Esperança Brasil Eireli

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida - em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. - nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Editora Nova Brasil Esperança Brasil Eireli
Rua Jacomo Zanchetta, 271 - 2º andar - sala 03 - 08501-010
Centro - Ferraz de Vasconcelos - SP - Tel.: (11) 4676-2701
editoranovaesperancabrasil@gmail.com

Gráfica Plena Print - CNPJ: 14.674.740/0001-18
R. Servidão, 149 - Vila Nova Bonsucesso
07176-017 - Guarulhos - SP - Tel.: (11) 2088-3535

Co-Autores: Viviane Vieira dos Santos
Raquel Peruzzo
Pesquisa: Lidiane Vieira dos Santos
Kaio Victor Pinheiro Lucena
Colaboração:
Keity Hellen de Almeida
Desenvolvimento: Pedro Santos Silva
Preparação de texto: Pedro Santos Silva
Revisão de texto: Jefferson J. Santos
Diagramação: Simone de Assis
Tratamento de Imagens: Simone de Assis
Capa: Simone de Assis
Fotos: Jovino de Souza
Prefácio: Joab Lira

1ª edição, maio 2019
1ª impressão, 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

F487 Filló, Acir.
Diário de Tremembé, o presídio dos famosos : histórias de vida e de morte que abalaram o país / Acir Filló. — São Paulo : Nova Esperança Brasil, 2019.
360 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-85-585410-0-7

1. Casa de detenção (SP). 2. Prisioneiros - São Paulo (SP). I. Título.

CDD 365.98161

Contato: diariodetremembe@uol.com.br

Este livro também está a venda pelo
site: www.diariodetremembe.com.br

"Os microfones são vacinas que semeiam
anticorpos vitais à democracia,
prevenindo-a da moléstia da censura."
Em homenagem e reverência ao inesquecível
jornalista Ricardo Boechat
Acir Filló

"Não há democracia sem um Poder
Judiciário independente, autônomo
e uma imprensa livre."
José Antonio Dias Toffoli
Presidente do STF

Dedico este aos meus amores
Viviane, Victor, Beatriz e Gabriella.

SUMÁRIO

PREFÁCIO 06
PRÓLOGO 10
A VIDA ATRÁS DAS GRADES 20
PAIS E FILHOS 66
PAIXÃO, CIÚME E MORTE 136
OS SUICIDAS 176
GOLPES DE MESTRE 185
MATADORES, SERIAL KILLERS E JUSTICEIROS 201
INTELECTUAIS E EMPRESÁRIOS 241
SÍNDROME DE ESTOCOLMO 269
SISTEMA PRISIONAL E A "SÍNDROME DO NEURÔNIO SOLITÁRIO" 284
A BOMBA RELÓGIO 309
MOMENTO ÚNICO 316

PREFÁCIO

"Você pode me acrescentar, você pode me [illegible]
pode até destruir o meu corpo, você pode [illegible]
vai apossar a minha mente".

Em 1997, tomou a iniciativa de criar uma entidade que congregasse os dez municípios da região. Por suas

copyright © 2019 by Acir Filló
copyright © 2019 by Editora Nova Brasil Esperança Brasil Eireli

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida - em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. - nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Editora Nova Brasil Esperança Brasil Eireli
Rua Jacomo Zanchetta, 271 - 2º andar - sala 03 - 08501-010
Centro - Ferraz de Vasconcelos - SP - Tel.: (11) 4676-2705
editoranovaesperancabrasil@gmail.com

Gráfica Plena Print - CNPJ: 14.674.740/0001-18
R. Servidão, 149 - Vila Nova Bonsucesso
07176-007 - Guarulhos - SP - Tel.: (11) 2088-3535

Co-Autores: Viviane Vieira dos Santos
Raquel Pavanne
Pesquisas: Lidiane Vieira dos Santos
Kaio Victor Pinheiro Lucena
Daniel Matos
Keity Hellen de Almeida
Desenvolvimento: Pedro Santos Silva
Preparação de texto: Pedro Santos Silva
Revisão de texto: Jefferson J. Santos
Diagramação: Simone de Assis
Tratamento de Imagens: Simone de Assis
Capa: Simone de Assis
Fotos: Jovino de Souza
Prefácio: Joab Lira

1ª edição, maio 2019
1ª impressão, 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

F487 Filló, Acir.
Diário de Tremembé, o presídio dos famosos : histórias de vida e de morte que abalaram o país / Acir Filló. — São Paulo : Nova Esperança Brasil, 2018.
360 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-85-540410-0-7

1. Casa de detenção (SP). 2. Prisioneiros - São Paulo (SP). I. Título.

CDD 365.98161

"Os microfones são vacinas que semeiam anticorpos vitais à democracia, prevenindo-a da moléstia da censura."

Em homenagem e reverência ao inesquecível

jornalista Ricardo Boechat

Acir Filló

"Não há democracia sem um Poder Judiciário independente, autônomo e uma imprensa livre."

José Antonio Dias Toffoli

Presidente do STF

Dedico este aos meus amores
Viviane, Victor, Beatriz e Gabriella.

SUMÁRIO

PREFÁCIO 06

PRÓLOGO 10

A VIDA ATRÁS DAS GRADES 20

PAIS E FILHOS 66

PAIXÃO, CIÚME E MORTE 136

OS SUICIDAS 176

GOLPES DE MESTRE 185

MATADORES, SERIAL KILLERS E JUSTICEIROS 201

INTELECTUAIS E EMPRESÁRIOS 241

SÍNDROME DE ESTOCOLMO 269

SISTEMA PRISIONAL E A "SÍNDROME DO NEURÔNIO SOLITÁRIO" 284

A BOMBA RELÓGIO 309

MOMENTO ÚNICO 316

PREFÁCIO

"Você pode me acorrentar, você pode me torturar, pode até destruir o meu corpo, mas você nunca vai aprisionar a minha mente".
Mahatma Gandhi

Quando a guerra na Síria se intensificou, matando milhares de homens, mulheres e crianças, obrigando-os a se refugiar mundo afora, uma cidade da grande São Paulo, que tem um dos menores orçamentos do Estado, acolheu, em 2015, alguns exilados sírios com moradia, emprego e toda assistência necessária. Naquela época, como hoje se repete, vários países fechavam suas fronteiras, abandonando os refugiados à própria sorte. Aquela ação humanitária despertou a atenção da opinião pública, pois o município mal conseguia atender seus moradores. Hoje, os sírios estão estabilizados e um dos casais gerou um "brasileirinho", Adam. Essa cidade é Ferraz de Vasconcelos e o prefeito, à época, era Acir Filló.

***

Ao receber uma carta de Acir Filló me convidando para escrever o prefácio deste livro, no primeiro instante me perguntei: "ele já está em liberdade?" Acir estava preso provisoriamente em Tremembé em razão de uma guerra política e de fatos envolvendo seu mandato, que terminou em 2016.

É deveras difícil produzir uma obra de bom nível no interior de uma prisão, num confinamento sem acesso a computador, internet, gravador, espaço e ambiente adequado, entre várias outras condições insalubres. Assim, concluí precipitadamente: "isso é impossível"!

Sentei-me para ler o restante da carinhosa missiva e logo recobrei minhas lembranças quanto à trajetória de Acir Filló e às suas realizações, levadas adiante apesar das inúmeras adversidades e logo revi minha concepção: "Ah, ele consegue"! — falei para mim mesmo.

Conheci nosso autor em 1991, poucos meses depois de ele perder a mãe de forma trágica, quando, ainda muito jovem, produzia reportagens para o Jornal *Diário Quatro Cidades*, em Suzano. Em 1994, trabalhávamos juntos quando ele fundou o semanário *Folha Estudantil* que circulou por 10 anos. Na época, já notava seu espírito empreendedor e visão futurista. Em 1997, tomou a iniciativa de criar uma entidade que congregasse os dez municípios da região. Por suas mãos, nasceu a AMAT (Associação dos Municípios do Alto Tietê). Não demorou muito, a AMAT, cujo primeiro Secretário Geral foi Acir Filló, cresceu e se transformou no CONDEMAT que teria, numa grata coincidência, o mesmo Acir como um dos prefeitos membros entre 2013 e 2016.

Audaz, em 2001, Acir Filló conheceu Geraldo Alckmin e se propôs a escrever sua biografia. Quatro anos depois, cumpriu a prazerosa missão e, em uma concorrida noite de autógrafos na biblioteca do Senado Federal, recebeu senadores, personalidades e embaixadores. O evento de lançamento foi pauta de reportagem do *Jornal da Globo* e *Folha de São Paulo*.

Retomando ao livro, que muito me honra prefaciar, ao receber os manuscritos me surpreendeu sua riqueza de minúcias e a narrativa crítica e envolvente. Também me despertaram a atenção as revelações bombásticas, as polêmicas e as histórias extraordinárias de seus personagens. Dois deles, Everaldo de Jesus e Mayara, a favor dos quais Filló iniciou uma cruzada altruísta junto à imprensa e aos órgãos de Direitos Humanos para provar suas possíveis inocências e, por conseguinte, libertá-los. Esse é um dos capítulos mais extraordinários do livro que, antes de tudo, me faz acreditar na essência do ser humano.

Todo fascínio e curiosidade que a opinião pública nutre pelo presídio de Tremembé são revelados, de forma magistral, nas páginas desta obra. Em um ambiente inóspito, o autor teve a sagacidade e altivez de desnudar cada personagem, autores dos delitos mais repugnantes e midiáticos da história do país, obtendo relatos inéditos e surpreendentes.

Observador privilegiado do cotidiano da prisão, Acir Filló direcionou seu olhar jornalístico, descortinando os segredos desses homens que, sem máscaras, desprovidos de orientações de advogados e expostos ao raio-X do entrevistador, fizeram revelações sob diversos ângulos.

O autor precisou "incorporar" Freud para lidar com as mentes e personalidades mais controversas, articuladas e "doentias" para extrair delas as verdades ocultas e as histórias reais e desconcertantes de acontecimentos jamais imaginados pelos roteiristas de Hollywood.

A sensata crítica há de relevar eventuais imperfeições dessa obra, confeccionada dentro de uma cela de dez metros quadrados. Sob essa perspectiva, nosso autor pode ser considerado uma espécie de MacGyver dos seriados dos anos 80 que resolvia tudo com um pedaço de arame ou construía uma bomba com sabão e creme dental. Em sua jornada solitária, para escrever esse livro em um ambiente hostil, o autor embrenhou-se por todo o presídio numa inspirada jornada buscando prospectar as surpreendentes histórias de vida e de morte que, ao mesmo tempo em que causa aversão, estão no imaginário popular, como os casos Abdelmassih, Nardoni e Von Richthofen, que envolveu os irmãos Cravinhos, aqui relatados com fatos inéditos.

Complementando as narrativas contagiantes, esta obra chama ao debate a sensível e urgente causa da calamidade que é o sistema prisional brasileiro e joga luz a esse tema tão caro a toda sociedade, ignorado por nossos míopes governantes. Conhecendo face a face a "filial do inferno", como define as prisões no Brasil, Acir Filló apresenta ideias e propõe alternativas irrefutáveis, confeccionadas por quem vivenciou, assistiu e sentiu na pele a dramática realidade dos 850 mil presos que definham e se revoltam nesta flagrante tortura moral, física e emocional a qual estão submetidos.

Nessas páginas, também desnuda e desmistifica corajosamente a demagogia daqueles que atribuem a violência apenas ao caráter do indivíduo, ignorando a profunda desigualdade e miséria que há séculos flagela nosso país.

Não cometeria o disparate e jamais ofenderia a inteligência do leitor pintando Acir como santo. Longe disso, na política, não há santos. No lodaçal que é a política brasileira, a corrupção é endêmica e todas as engrenagens estão contaminadas. Por isso, é impossível um prefeito sozinho frear a roda da corrupção. Em que pese ter feito uma gestão dinâmica e com obras estruturais, Acir Filló pode ter cometido erros, não crimes. Todavia o COAF o investigou e não encontrou nenhuma irregularidade. Se acusações foram fabricadas, conforme comprovadas e divulgado por órgãos da imprensa, se ele é culpado ou inocente, o tempo e a Justiça dirão. Ele confia na Justiça, haja vista que o TJ-SP e os magistrados que presidem suas ações são conhecidos pela seriedade, imparcialidade e por não se deixar influenciar. — *Veja nota no álbum de fotos.*

Muitos homens que sofrem o doloroso infortúnio de estar em uma prisão perdem a esperança; outros cometem suicídio. Alguns caem e se entregam à depressão. Acir Filló foi resiliente, astuto e, não tendo sequer uma cadeira na cela, computador, internet ou gravador, nos fez rememorar Dostoiévski. Observadas as óbvias proporções, nosso hábil autor repetiu o genial escritor russo que, aprisionado numa fria masmorra, concebeu um dos maiores clássicos da literatura mundial: *Crime e Castigo.*

Outrossim, cercado de paredes melancólicas, o autor barganhou a angústia por coragem e inspiração e vem nos brindar com este instigante livro jornalístico, que poderá estimular seus instintos mais primitivos.

Boa viagem a Tremembé!

Joab Lira
Jornalista

P.S. Viva a liberdade de expressão!

PRÓLOGO

"Quando derrubamos os muros da nossa prisão e corremos para a liberdade, estamos, na verdade, correndo para o pátio mais espaçoso de uma prisão maior."
Yuval Noah Harari - Escritor

Meu primeiro contato com o sistema prisional ocorreu na cadeia pública de Mogi das Cruzes, em abril de 2017. Cheio de preconceito, imaginava que, naquele local, encontraria tudo, menos seres humanos. Eu já havia lido os extraordinários livros de Drauzio Varella e Josmar Jozino que traduziram, com maestria, a realidade da vida no cárcere no Brasil.

Ao longo de minha vida, fui levado a conceber a população carcerária como lixo, um amontoado de homens descartáveis, inúteis para a sociedade. Ledo engano.

Por equívoco e desinformação, considerava todos os presos pessoas irrecuperáveis. Para mim, eram todos iguais. Porém, tamanha a minha surpresa ao conhecer, de perto, o sistema prisional, o que me levou a rever meus conceitos sobre os presidiários.

Como a imprensa sensacionalista divulga predominantemente os crimes mais bárbaros como homicídios, latrocínios e estupros, criou-se o senso comum de que nas prisões só existe um tipo criminoso: o mais vil possível, razão de a sociedade desejar que todos os presídios sejam explodidos e com os presos dentro, de preferência.

Não se trata de idealizar os detentos. Como todos os seres humanos, estão sujeitos a vicissitudes e a perversidades, mas imaginar que se trata de um todo homogêneo, para o qual a melhor solução seria a eliminação sumária, como pregam alguns defensores da "moral e dos bons costumes", não passa de um grande equívoco. Obviamente há, nas penitenciárias, criminosos que mataram pelos motivos mais torpes. Multiplicam-se os casos de homicídios motivados por roubos de tênis, de celulares, ou simplesmente pelo fato de a vítima não ter dinheiro, o que nos causa repulsa. Há também aqueles que, movidos pela ganância, matam os pais. Também não faltam pais psicopatas que eliminam filhos — convivi com vários deles, maridos que assassinam as esposas, quando essas não são as homicidas. A despeito disso, a implantação da pena de morte no Brasil resultaria em um grande desastre. Todos sabem da corrupção e despreparo de nossas polícias, dos sucessivos erros cometidos pelo MP e Judiciário, não raro, condenando inocentes.

Outro expediente bastante utilizado é a tortura. Em pleno século XXI é o principal método utilizado no país para se obter as "confissões" que ocorrem nos porões das delegacias. Assim, não demanda esforço para se concluir que a pena capital, menina dos olhos de muitas autoridades sádicas, apenas viria a perpetuar a injustiça contra as minorias, já vítimas de tantos descasos e arbitrariedades.

Talvez o leitor fique chocado com isso, mas tenho convicção, após vivenciar e estudar a fundo o assunto, que aproximadamente 20% dos presos no Brasil são inocentes. Na verdade, há milhares de homens e mulheres presos por erros grotescos da polícia e da Justiça: falsas acusações, testemunhos fajutos, confissões através de torturas, pressão da imprensa sensacionalista, erros periciais entre outros equívocos.

Preso, tive a oportunidade e talvez o privilégio de conhecer, no âmago, a verdadeira realidade da população carcerária. E, contrariando minhas expectativas, a maioria dos presos jamais tirou a vida de alguém, nunca estuprou ou sequestrou. Os motivos da maioria das prisões são os mais diversos delitos de baixa lesividade.

Não seria ingênuo a ponto de advogar a ideia de que quem comete esses crimes é inocente e por isso não merece punição. O problema está em conceber todos como farinha do mesmo saco. Há uma enorme diferença entre quem cometeu um furto simples e aquele que praticou latrocínio (roubo seguido de morte) e não precisa ser especialista para se chegar a tal conclusão.

Eu conheci homens que tinham vida reta, família constituída, ficha policial limpa, eram réus primários, possuíam ótimo caráter e que, por circunstâncias adversas, foram parar em um presídio e isso obviamente pode acontecer com qualquer cidadão a qualquer momento. E aí? E se acontecer com você, amigo leitor, ou com um de seus familiares? Você vai continuar pensando como eu pensava? A solução seria mesmo explodir os presídios com os presos dentro?

Sou testemunha de que o sistema prisional no Brasil é repleto de contradições, vistas de perto nos quatro presídios por onde passei. Porém, um fato é inegável: há uns bem piores que outros.

Foi no CDP (Centro de Detenção Provisória) de Suzano, onde estive por três semanas, que passei os momentos mais difíceis pela

falta de mínimas condições. Lá, me deparei com celas superlotadas, comida ruim, quase nenhum espaço físico para movimentação e o pior, por falta de cama, tive de dormir "na praia", ou seja, dormir no chão, em colchão tão fino, que mais parecia um saco de estopa encardido. A falta de higiene era visível e os "perrecos" (brigas), constantes. Em Suzano, Mogi e Pinheiros vi homens doentes e abandonados; conheci o lado sombrio das cadeias, se é que existe algo além de sombras nesses lugares. O ponto positivo ali, salvo exceções, são os funcionários.

Abalado, e bastante vivas na mente as páginas do livro *Vigiar e Punir*, de Michael Foucault, não parava de pensar que a maioria das cadeias era mesmo feita para destruir o homem, para torturar a mente e vilipendiar o preso. As condições são tão degradantes, com doenças, depressão, descaso, abandono, humilhação, que levam os detentos à revolta e ódio incomensuráveis, contribuindo muito para o altíssimo índice de reincidência, além de rebeliões violentas.

Em 2012, o então Ministro da Justiça, José Eduardo Martins Cardoso, afirmou diante dos ministros do STF: "no Brasil é melhor morrer do que ser preso".

Após a declaração desconcertante de um Ministro de Estado diante dos membros da mais alta Corte, o país deveria fechar para balanço, parar tudo e recomeçar. Mas como estamos no Brasil, os eminentes Ministros concordaram balançando a cabeça, mas, logo em seguida, colocaram o espinhoso tema na gaveta até que brevemente esse barril de pólvora exploda e novamente traga o espinhoso tema para a pauta. Então, ouviremos frases de efeito, porém, inócuas assim como são todos os projetos de segurança apresentados por todos os governos.

É incompreensível como os representantes do Estado não enxergam o óbvio diante do caos produzido por eles mesmos.

Vivendo a dura experiência "por dentro" e por conhecer o problema, cheguei à conclusão definitiva de que atualmente o combate à violência não deve ser priorizado nas ruas, mas sim dentro dos presídios. A opressão sofrida pelos presos e a ociosidade nas cadeias são algumas das maiores causas da não reinserção e da não recuperação dos presidiários, a maioria jovens. É extremamente simples fazer com que os detentos estudem e trabalhem nas prisões. Milhares de empresas querem os benefícios e a mão de obra mais barata dos detentos que, por sua vez, anseiam trabalhar. Com isso, ajudariam suas famílias e seriam beneficiados com a remissão, forma de reduzir a pena por meio de trabalho e estudo.

Apenas construir "CDPs" e penitenciárias não resolve absolutamente nada e a falta de critérios na separação dos presos só fortalece as facções e gera ainda mais criminalidade e violência. Enfim, a solução, por incrível que pareça, não é de difícil implementação, entretanto os governadores, responsáveis pelos presídios nos estados, são incompetentes, não priorizam a segurança pública e muito menos se preocupam com o sistema prisional que eles, por omissão, contribuíram para sua falência, pois, na ótica míope dessa gente, trata-se de investimento inútil, que não dá voto.

Cabe ainda ressaltar: de acordo com especialistas na área, o judiciário e o MP tem parcela de culpa pela degradação e superlotação do sistema prisional. Milhares de presos aguardam julgamento há vários anos, sendo que uma grande parte será inocentada ou poderia estar cumprindo penas alternativas como medidas cautelares, prisão domiciliar, o uso de tornozeleira eletrônica entre outros meios, que podem ser estendidos aos autores de crimes não violentos, que são a maioria.

Se o judiciário tivesse mais estrutura e fizesse sua parte, sem dúvida a população carcerária que superlota os presídios seria reduzida em pelo menos 30%. E não é pouco, haja vista que 40% dos presos são provisórios. Outro problema é a decretação abusiva e indiscriminada das prisões preventivas, transformadas em "prisões permanentes", tema que abordaremos mais adiante.

Por indiferença, o MP e parte do judiciário, com sua cultura encarceradora, coopera com a superlotação das cadeias. As prisões preventivas desnecessárias ou abusivas, hoje chamadas de "prisões perpétuas", são uma das maiores agressões contra o Estado Democrático de Direito. Enquanto o CNJ (Conselho Nacional de Justiça), o Supremo Tribunal Federal e os legisladores se omitem e dão de ombros para essa questão e para a população menos favorecida, no Brasil, repete-se o modelo dos países de regime totalitário, onde os presídios são verdadeiros circo de horrores.

Eu conversei com prisioneiros que cumprem prisão preventiva em Tremembé. Um deles, Fernando Luiz que, em outubro de 2018, completou 4 anos e 9 meses aguardando julgamento.

— Não aguento mais, é muita angústia permanecer tanto tempo preso preventivamente sem ser julgado — disse Fernando, deixando entrever seu desespero.

Outro caso, ainda mais grave, envolvia o interno Neilson, que se encontra em Tremembé há quase cinco anos, esperando a Justiça definir seu destino.

— Eu sou inocente, mas, mesmo que seja absolvido, essa prisão preventiva interminável já destruiu minha vida por completo. Se eu for considerado culpado ou inocente, para mim não importa mais, pois não há como o Estado restituir minha honra, minha dignidade e tudo que perdi — lamentou.

Enquanto o entrevistava, via diante de mim um homem destruído moralmente. Como Neilson, existem milhares de cidadãos em prisão preventiva, aguardando julgamento. E se depois forem inocentados? Quem vai devolver tudo que lhes foi tirado?

Naturalmente, em se tratando de crimes violentos, o judiciário precisa ter cautela e prudência para conceder liberdade ao acusado.

Contrariando o caos que parece interminável nas prisões brasileiras, o presídio de Tremembé seria um modelo a ser seguido? Uma luz no fim do túnel? Ou, como muitos pensam, seria apenas um oásis no meio do deserto para abrigar criminosos privilegiados?

— Tremembé difere muito do "dantesco, tenebroso e cruel sistema carcerário brasileiro" — afirmou certa ocasião o ex-ministro Carlos Ayres Brito, do STF.

Não é preciso fazer uma análise muito apurada para concordar com o ex-presidente do STF. Porém, embora Tremembé, também conhecido como IRT, se notabilize pela organização, educação, trabalho, higiene, relações de respeito mútuo entre prisioneiros e a maioria dos funcionários, os problemas existem e não são poucos.

Quando Roger Abdelmassih apresentou problemas de saúde, alguns meios de comunicação chegaram a afirmar que no IRT existia um mini-hospital. Quem dera! Na verdade, em Tremembé, funciona apenas uma enfermaria, onde dois médicos, na condição de presidiários, atendem os enfermos. Fico imaginando se médicos não cometessem crimes. Os internos estariam fadados à morrer sem atendimento. E as dificuldades não param por aí. Apesar dos esforços da direção e dos funcionários, invariavelmente faltam remédios e fazer um exame simples como o de sangue não é fácil.

O dentista esporadicamente atende, mas geralmente faltam insumos, restando-lhe propor ao paciente que arranque o dente. A resposta geralmente é não. O preso acaba ficando com o dente e com a dor.

— Mesmo com a dentadura completa, não dá para sorrir — dizem alguns internos.

Além de tudo, há apenas um psiquiatra, a propósito, excelente profissional, para atender uma enorme população carcerária, repleta de gente com distúrbios psicológicos graves. Na tentativa de minimizar o problema, os presídios entorpecem esses presos e, com uma tonelada de remédios na cabeça, eles passam o dia como zumbis ou dormem ininterruptamente como acontece com os jovens Marco Malandrino e Felipe Coral que, num surto, mataram as próprias mães. Coral ainda matou o pai com um golpe "mata leão", de acordo com a polícia. Jovens que conheci em Pinheiros III.

Apesar de suas limitações, ressalto: pela dedicação dos funcionários, a enfermaria de Tremembé é a melhor entre todos os presídios do Estado de São Paulo. O departamento de assistência social (CRAS) funciona com perfeição, sob a coordenação de Adriana Campos.

Depois de passar dois anos no presídio, posso dizer que as dores das tragédias se encontram nos corredores de Tremembé. No cárcere, não faltam aqueles que acordam, se alimentam, trabalham e aparentemente levam uma vida normal, mas, na verdade, respiram por obrigação, porque queriam mesmo é nunca ter existido. A sombra de seus crimes irremediavelmente os persegue — o que não se aplica aos psicopatas, para quem matar é apenas um cafezinho com um pouco de açúcar, tomado às pressas.

É... Às vezes, tenho a impressão de que o IRT parece um cemitério de vivos, um amontoado de tragédias humanas.

Mas o sonho de liberdade, o desejo de uma vida melhor ao lado dos familiares, a luta pela sobrevivência também fazem parte do dia-a-dia do presídio.

Cena comum, repetida inúmeras vezes em Tremembé, é o pedido de socorro em favor dos doentes. Se o preso passa mal a noite e precisa de atendimento, com as "trancas" fechadas, seu colega de cela grita bem alto pelo guichê:

— Olha o PS! — numa referência ao Pronto Socorro.

Em seguida, todos os internos passam a gritar em uníssono e a bater nas grades de modo ensurdecedor, transformando o momento trágico em uma das mais belas manifestações de solidariedade:

— Olha o PS! Olha o PS! Olha o PS!

O tumulto dura até o momento em que o agente carcerário aperta a campainha, avisando que algum médico já foi acionado.

Eu presenciei alguns casos de emergência como no dia 7 de janeiro de 2018, um domingo à noite. O episódio envolveu o interno Vinícius Aparecido que teve uma crise e foi atendido pelo médico Roberto Rivetti, cardiologista, também preso.

É a ciranda da vida e da morte em Tremembé que, de mãos dadas, brincam de roda.

***

No cotidiano do presídio, longe das especulações da mídia, fica claro que em Tremembé não há luxo ou opulência, mas apenas o necessário. Nas celas, de paredes caiadas, onde é permitido televisão e rádio — nenhuma pichação ou marca deixada pelos prisioneiros que lá estiveram. Suas histórias de vida, sem registro, ficam nas sombras, algumas caem no esquecimento e as que permanecem na memória é pelo desfecho trágico. No chão dos compartimentos, rigorosamente limpos, apenas o desgaste provocado pelo tempo, tudo compondo um ambiente sóbrio, sobriedade artificial, forjada pelo sistema carcerário, para dar a entender que não se trata de um lugar de recreio.

Desconheço quem cunhou a expressão "presídio dos famosos". Sensacionalismo? Se há famosos em Tremembé, notabilizados pelos malfeitos, na cadeia, esses se tornam homens comuns, tão anônimos como qualquer outro, tentando reduzir suas penas com trabalhos, muitas vezes simplórios, se comparados aos que faziam antes do confinamento. Alguns dos outrora bem sucedidos empresários ou profissionais liberais lavam celas e roupas em troca de alguns maços de cigarro, moeda corrente em todos os presídios. Contam que o jornalista Pimenta Neves, pleiteando remissão, lavava todos os dias os banheiros da área de lazer; o banqueiro Edemar Cid Ferreira dava expediente na lavanderia e Law Kin Chong trabalhava como jardineiro todos os dias.

Em síntese, Tremembé está longe de ser o retrato do inferno. Porém, afirmar que se trata de um lugar bom é exagero. Em sã consciência, ninguém gosta de ficar preso. A privação de liberdade, mesmo não se tratando de um presídio infecto, onde proliferam doenças e prevalecem condições precárias, está entre os piores castigos impingidos a uma criatura de Deus.

Não me proponho a desmistificar as imagens criadas em torno de Tremembé, nem tampouco criar ilhas da fantasia. O leitor há de chegar a suas próprias conclusões. Sou apenas um contador de histórias, ofício nada banal. As histórias não se prestam apenas ao entretenimento, percorrem os meandros da alma, revelando o que há de melhor e pior nos seres humanos.

Pouco se pode afirmar com absoluta certeza, mas arrisco dizer que o grande diferencial de Tremembé não está nas condições de salubridade, raras nos presídios brasileiros, mas sua singularidade reside nas histórias de seus prisioneiros, umas completamente ignoradas, outras contadas nos jornais e na TV de modo lacônico e até parcial, sem a profundidade e imparcialidade que merecem.

Pode parecer pretensioso, mas me proponho a contar também o que a mídia omitiu sobre personagens como Roger Abdelmassih, Lindemberg Alves, Cristian Cravinhos, Gil Rugai, Mizael Bispo, Guilherme Longo, Alexandre Nardoni, Cabo Bruno, entre outros, como um militar da Aeronáutica, preso por pedofilia, um jovem de 20 anos que torturava a filha de apenas quatro meses e um homem que tatuou na testa de um ladrão a frase: "Sou Ladrão e Vacilão". Há também os curiosos casos como o de Silvio que, tomado pelo ciúme, matou a mulher, colocou o corpo sob uma escada de alvenaria e edificou uma parede para ocultar o corpo que só foi localizado, quando, pressionado pela polícia em sua residência, apontou para a parede e revelou: Ela esta ali! E o jovem que, para vingar a morte do irmão comerciante, assassinado por usuários de drogas num assalto, invadiu a "biqueira" e, sem capuz, matou os criminosos. Eu lhe perguntei:

— Por que você não escondeu o rosto?

— Se eu escondesse meu rosto eles não saberiam que estavam morrendo por terem matado meu irmão!

Estar no dia-a-dia ao lado desses personagens, ouvir suas queixas e confissões, entender as expressões de tristeza e alegria nos rostos, ler em seus olhos a verdade ou a contradição em relação ao que falam (as bocas eventualmente blefam, mas os olhos não mentem), tudo permite o mergulho em seus dramas para relatá-los, inclusive com algum ineditismo e com toda isenção.

Que os julgamentos se limitem aos juízes e a defesa, aos advogados. Como disse, sou apenas um contador dessas histórias e, sem prescindir da visão crítica, apenas tenho a intenção de compartilhá-las com o amigo leitor, do modo mais isento e prazeroso possível.

Nota: Dois personagens só concordaram em falar a este livro mediante a possibilidade de eventualmente poderem negar as entrevistas por ainda terem recursos pendentes na justiça. Também, alguns nomes foram trocados.

"A prisão não são as grades e a liberdade
não é a rua; existem homens presos
na rua e livres na prisão.
É uma questão de consciência".

Mahatma Gandhi

A VIDA ATRÁS DAS GRADES

PASSANDO O MAIOR SUFOCO

"Alguns pássaros não nasceram
para viver em gaiolas.
Suas penas brilham demais."
Shawshank Redemption

Antes de chegar a Tremembé, nas minhas andanças pelos presídios, passei por maus bocados. Explico: toda pessoa que se diz normal gosta das coisas limpas. Até aí nenhum problema, mas no meu caso, sempre fui, de certa forma, obcecado por limpeza.

— Você é um tremendo de um chato — diziam os amigos, não me poupando de críticas.

Quem dera fosse apenas chatice. Na verdade, sou portador de um transtorno comum e conhecido como TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo). Como lidar com a falta de higiene, comum em algumas prisões pelas quais passei? Para mim, foi um verdadeiro tratamento de choque.

Eu que jamais compartilhava copos ou talheres, que interrompia a respiração quando alguém espirrava perto de mim a ponto de quase morrer por falta de ar, que nunca usava roupas de outras pessoas e me sentia sujo se tomasse apenas dois banhos por dia, no CDP de Suzano tive de lavar as mãos quando saía do banheiro, assim como lavar copos, pratos, canecas e roupas íntimas na única pia da cela. E não foi só isso. Via-me obrigado a usar vasos sanitários pouco higienizados. No caso, descarga nem pensar, como ocorria na cadeia pública de Mogi das Cruzes. Se ousasse apertar a válvula, seria responsável pela inundação da cela e nem posso imaginar como reagiriam meus companheiros. Aliás, muitos deles, depois de um bom tempo presos, viam tudo com bastante naturalidade e pareciam estar no conforto de suas casas. A capacidade dos seres humanos em se adaptar às circunstâncias mais hostis é incrível.

— Meu, estou tirando uma chinfra, é um tremendo lazer, lugar melhor que esse não existe — disse-me, certa ocasião em Suzano, um detento, mostrando os poucos dentes que lhe restaram na boca, cujos últimos dias de liberdade passara perambulando pelas ruas, abrindo sacos de lixo, à procura do que comer ou implorando por uma pedra de crack.

Posso dizer que, no CDP de Suzano, estive a alguns passos da alucinação, mal pregava o olho, afundava-me em terríveis pesadelos. Mesmo assim preferia dormir e sonhar com o inferno, a acordar na cela infecta com a consciência de que não se tratava de alucinação, mas da realidade com que, quisesse ou não, tinha de conviver. Porém, o mais difícil de tudo consistia em dissimular meu asco em relação à pouca higiene para não ofender os colegas de cela.

— E aí, gelego? Cê parece baratinado. O que tá pegando?

— Que é isso cara, impressão sua.

— Parece que o doutô tá estranhando o ambiente. Vai escamar? Também, tá acostumado com mordomia de prefeito. Aposto que vivia cercado de um monte de mulher bonita. Cadê que a gente tem uma moleza dessas?

— Que nada, irmão! Até parece. Já me ferrei muito na vida. Já estive em cada lugar feio que às vezes isso parece um palacete. Pra começar de onde você é?

— Lá da cidade Tiradentes...

— E se eu te disser que sou de Ferraz de Vasconcelos?

— Ferraz de Vasconcelos? Caramba! Que quebrada, mano! Cê tá ferrado mesmo, galego. Não queria estar na sua pele...

— Pra você ver... E veja que minha cidade é melhor que muitos lugares.

E assim, antes de ser transferido para Tremembé, de pesadelo em pesadelo, fui levando a vida e administrando o TOC, que ainda me aflige, mas aprendi a controlar o desespero, pois sempre é melhor se adaptar à realidade.

— Será que a melhor terapia para meu transtorno obsessivo por limpeza teria sido ficar preso em algumas celas infectas? — perguntava para mim mesmo.

— Parece fazer sentido — respondia.

— Que tremenda bobagem — continuava falando sozinho.

***

Além de tudo, a falta de domínio da linguagem falada nos presídios constituía para mim outro grande obstáculo. Da mesma forma que no meio jurídico fala-se o idioma "juridiquês" e, na medicina os profissionais da área usam uma linguagem repleta de jargões que os leigos não dominam, nos presídios, acontece o mesmo. Por incrível que pareça, nas cadeias, me deparei com alguns intelectuais, verdadeiros poliglotas que, apesar de falarem com fluência o inglês, o espanhol, o francês entre outras línguas, não sobreviveriam no presídio, caso não tratassem de aprender o *cadeiês*.

— Vou lavar minha coruja, usar o boi e ver uma tela na minha burra — disse-me um colega de cela.

O episódio ocorreu quando era ainda um novato no CDP de Pinheiros, onde estive por um pequeno período e ainda era leigo em matéria de *cadeiês*. Por isso, sem jeito e com um sorriso amarelo no canto da boca, limitei-me a dizer:

— É mesmo, cara...

Para quem ainda não teve o desprazer de estar preso, assim como eu no início da reclusão, não fará ideia do que meu colega falou. Traduzindo: coruja é cueca, boi o vaso sanitário, tela a TV e burra a cama. Essas são apenas quatro palavras de um vocabulário bastante peculiar que pode colocar o novato em maus lençóis. Eu que o diga. Mais de uma vez passei por situações constrangedoras. Para se ter uma ideia, numa ocasião, quando estava "em trânsito", também em Pinheiros, aguardando para ir depor no fórum de Ferraz de Vasconcelos, bem na hora da bóia (almoço), o barraqueiro (coordenador da cela) me disse:

— Acir, faz a luva!

Ao ouvir a interpelação, passei a procurar um par de luvas cirúrgicas pelos cantos da cela, imaginando que deveria usá-las para manipular os alimentos. O barraqueiro Bruce Lee, esse realmente era seu nome, com quem fiz amizade, me viu vasculhando a cela e perguntou:

— E aí, Acir? Tá procurando o quê?

— Que merda! As luvas ... não estou encontrando, onde estão? — respondi, esbanjando ingenuidade.

Os 10 presos da cela caíram na risada. E um deles se prontificou a me orientar:

— Olha só, prefeito, fazer a luva é lavar as mãos!

— É mesmo, obrigado, meu... — disse, sentindo-me verdadeiramente grato, mesmo porque nem lendo Machado de Assis (por ironia do destino tinha terminado de ler *A mão e a luva*), me apropriaria daquela expressão. Sob vaias, bastante corado, restou-me caminhar até a pia para lavar as mãos, com mais uma expressão acrescentada ao meu novo vocabulário.

— Olha só, fazer a luva significa lavar as mãos. Como podia imaginar — dizia para meus botões.

Para meu azar, a gozação não parou. Os eruditos do presídio, especialistas em *cadeiês*, passaram a testar meus conhecimentos, usando palavras que mal compreendia e a cada fora que dava era uma verdadeira algazarra.

Daquele dia em diante, tomei uma decisão: iria tornar-me um especialista em *cadeiês* para não mais passar por tamanho constrangimento. E não tardou para começar a escrever um dicionário que aqui publico em parte, esperando contribuir para minimizar o sofrimento dos recém-engailolados.

— O "dicionário" será leitura imprescindível para todo aquele que pretende cometer algum crime — comentei com um colega de cela.

Adianto alguns vocábulos:

- Arapiraca: fumo comum.
- Artigo: crimes sexuais.
- Arrastar: envolver um colega em uma punição.
- Bandeco: recipiente para alimentação.
- Barraqueiro: coordenador de cela.
- Barraco: cela.
- B.O. deselegante: estupro, pedofilia, etc.
- Boieiro: aquele que serve a alimentação.
- Bonde: transferência para outra unidade.
- Cadeia de Mandela: prisão longa, condenação por muitos anos.
- Cadeia de poeta: prisão curta, de pouco tempo de duração.
- Campana: espelho.
- Capa: portas, grades da cela.

- Chorosa: carta.
- Clicado: flagrado pelo "guarda", visto / chamado à atenção.
- Dar um pião: dar uma volta, circular.
- Descabelado: sem nada.
- Descascar: tirar a roupa para ser revistado.
- Dormir de valete: dois presos na mesma cama, um para cada lado.
- Dormir na praia: dormir no chão da cela.
- Em choque: apavorado.
- Envolvido: preso que se envolve com gay.
- Fazer a luva: lavar as mãos.
- Fazer o rapa: realizar limpeza na cela.
- Gaiada: cama improvisada no alto da cela.
- Grampo: algemas.
- Gravata: advogado.
- Inclusão: setor aonde presos passam ao chegar na prisão.
- Ir "pras ideias": reunião para resolver desentendimentos.
- Jack: estuprador.
- Jumbo: saco com alimentos levado pela família.
- KGB: dedo duro, alcagueta.
- Lambão: quem come a comida de outros presos.
- Ligar: chamar alguém.
- Macaca: banana.
- Maria louca: cachaça.
- Marroco: pão francês.
- Mona: gay.
- Mular: zuar / sacanear outro preso.
- Mundrungo: sujeito porco, que não toma banho.
- Negando voz: não atender chamado de outro colega.
- Pagar: dar ou entregar algo aos presos, como: "pagar a bóia".
- Pagar pelado: se despir para a revista.
- Pagar raiva: punir o preso.
- Perréco: discussão, bate-boca.
- Pena: caneta.

- Picado: cigarro solto.
- Picuá: bolsa ou sacola com os pertences do preso.
- Pipa: recado ou mensagem para os departamentos do presídio.
- P.S.: enfermaria.
- Pote: cela de castigo / solitária.
- Queto: lençol pendurado que dá privacidade na cela.
- Radinho: celular.
- Ramelar: pisar na bola, dar mancada.
- Rato: quem rouba cela alheia.
- Ripado: condenado.
- Salve: cumprimento aos colegas.
- Sol: lâmpada da cela.
- Subidinha: lanche noturno feito pelos presos.
- Subiu: acabou/encerrou.
- Sumariar: ser interrogado.
- Tereza: corda feita de lençóis.
- Ventana: grade (janela) da cela.

***

Além de conviver com o TOC, ser obrigado a aprender o *cadeiês*, constantemente estava em trânsito. A expressão "em trânsito", utilizada nos presídios, já faz parte do vocabulário dos detentos, mas para quem não está familiarizado, uma nota de esclarecimento: em trânsito significa o deslocamento dos presos para cumprirem algumas exigências da Justiça. Frequentemente os encarcerados devem ir aos fóruns para depor ou para serem submetidos a julgamento. Assim são transferidos temporariamente para presídios mais próximos de suas cidades, visando facilitar a logística da escolta que geralmente é feita pela polícia militar. E pensar que o Estado economizaria uma fortuna com a simples vídeo conferência. Recentemente São Paulo reduziu esse tipo de procedimento de "trânsito".

Pois bem, tinha de ficar em trânsito quando ia depor no fórum de Ferraz de Vasconcelos. De Tremembé eu era levado ao Cadeião de Pinheiros, na Zona Oeste de São Paulo, e permanecia por uma semana numa ala especial, chamada de seguro, sem contato com qualquer facção. Depois era transferido para o CDP de Suzano que fica próximo à minha cidade e é dominado por uma facção. Lá, ficava alojado num setor especial, em segurança, apesar das péssimas acomodações. Calcula-se que o Estado gastou mais de 300 mil reais com minha dispensável e substituível prisão preventiva e nos inúmeros "trânsitos" aos quais fui submetido, pois o transporte e a escolta eram exclusivos, dentre outros gastos para manter esta prisão absolutamente desnecessária. O judiciário economizaria muito dinheiro público com a prisão domiciliar ou aplicação de outras medidas cautelares, pois sou réu primário, com residência e emprego fixos, não coloco em risco a ordem pública, além de não ser autor de crime violento, não coagir testemunhas, e não ter mais cargo nem contato com órgãos públicos. Eu sou apenas um. Multiplique esses gastos gigantescos com os 250 mil presos preventivos que temos no Brasil! A economia seria de bilhões de reais. Mas quem liga?

Todo esse dinheiro desperdiçado poderia ser investido no próprio poder judiciário, em reajustes salariais, em estrutura, nas defensorias públicas, educação...

A cada saída ou chegada aos presídios, todos são obrigados a "pagar pelado", ou seja, se despir na frente de carcereiros; em seguida, têm de mostrar as palmas das mãos, a língua, os lábios, esfregar os cabelos, passar as mãos nas axilas, virar de costas, exibir as solas dos pés, erguer os testículos e se agachar três vezes. O procedimento é para evitar que presos escondam objetos no corpo, como clipes que podem abrir algemas. Nas primeiras revistas, sentia muita vergonha, sobretudo nos dias de frio, não sabia onde enfiar a cara. Nunca imaginei que teria de passar pelo constrangimento de ficar nu e agachar para o agente se certificar que não estava escondendo nenhum objeto nos orifícios. Depois me acostumei e fazia o procedimento com tranquilidade.

Como me dizia um colega:

— Quem não pretende se matar tem de aprender a rir da própria desgraça.

O DRAMA DE DOSTOIÉVSKI

"É possível julgar o grau de civilização de uma sociedade visitando suas prisões"
Fiódor Dostoiévski

— Meu, você tirou a sorte grande!
— Queria estar no seu lugar. Ah, como queria...
— Cara, você vai tirar umas férias no presídio dos bacanas.
— Lá dá pra passar uns 10 anos numa boa...

Quando anunciei que seria transferido para o presídio de Tremembé, os comentários dos colegas na cadeia pública de Mogi foram do mais genuíno otimismo. Tive até a impressão de que fora absolvido e comemoravam minha liberdade.

Liberdade? Quem dera... Prisão preventiva no Brasil não tem data para terminar.

No dia 11 de maio de 2017, no veículo do Estado que me levava ao presídio de Tremembé, ria sozinho, lembrando-me da expectativa criada pela rapaziada, comemorando minha ida à "prisão de luxo", na concepção deles.

— Rindo feito tolo por continuar preso! — pensava alto, admoestando-me pelo que parecia uma enorme insensatez.

Em seguida, num descompasso de sentimentos, era tomado pelo tédio. Ideias embaralhadas, lembrei do que tinha lido sobre o escritor russo Fiódor Dostoiévski, preso em 1850, acusado de participar de movimentos políticos subversivos e de ter ofendido a Igreja Ortodoxa Russa com suas publicações, razão de ser sentenciado à pena de oito anos de trabalhos forçados no presídio Omsk, conhecido como a "Casa dos Mortos", onde os detentos se viam privados de qualquer dignidade humana. Passados 150 anos, os presídios, no Brasil, continuam iguais, ou piores que Omsk.

Absorto, a caminho do presídio, tentava encontrar similaridades entre o sofrimento que experimentava e as agruras de Dostoiévski quando fora preso no século XIX.

— Ora, onde já se viu comparar-me a Dostoiévski? — falava sozinho enquanto o carro seguia aos solavancos — Quem dera tivesse o talento do autor de *Crime e Castigo!*

Naquele momento, achei absurda a comparação com o escritor. Não bastassem as diferenças, ele foi cumprir pena no inferno de neve, nos confins da Sibéria e eu ia simplesmente para Tremembé, a 140 quilômetros de São Paulo, que estava longe de ser um lugar de tortura.

— Eis a grande diferença — pensei.

No entanto, apenas quando cheguei ao presídio, naquele 11 de maio de 2017 e fui encaminhado para a cela de isolamento, onde fiquei durante o período de adaptação, é que pude me dar conta das semelhanças entre a minha condição de prisioneiro e a de Dostoiévski, trancafiado numa cela imunda, no presídio da Sibéria. Na verdade, sem exceção, os presídios são lugares frios, frios mesmo em dia de sol, situem-se na Sibéria ou em Tremembé. Nenhum cobertor ou banho de sol é capaz de dissipar o gelo que invade a alma, dando a impressão de morte iminente, longe dos entes queridos e dos amigos. Ricos ou pobres, notáveis ou anônimos, assassinos cruentos ou inocentes, talvez todos os presos espalhados nas cadeias mundo afora tiveram e tem a mesma sensação que os irmana.

Naquele momento, vários pensamentos e elucubrações se misturavam em minha mente atordoada. O que pesava mais era a distância dos filhos. Como estavam? Precisavam de alguma coisa? Estavam doentes? Tinham ido à escola? E quando perguntassem por mim? Minha esposa diria a verdade para eles? Tamanha seria a decepção... Não faz muito tempo, olhavam para o pai com orgulho. Sabiam que era um prefeito atuante, admirado pelo povo da cidade e saber que, por brigas políticas, naquele momento, estava reduzido à condição humilhante de... Meu Deus, nem queria pensar. Mas é bom deixar essas histórias para depois. Quero contar sobre minha chegada a Tremembé e como foram os primeiros dias no presídio, também chamado por alguns de "presídio das estrelas" ou BBB.

***

Depois de passar duas semanas na cadeia pública de Mogi das Cruzes, onde iniciei minha prisão preventiva, em abril de 2017, junto com 20 homens, presos por não pagarem pensão alimentícia, cheguei a Tremembé. Tinha consciência de que não iria presenciar conflitos de

facções rivais, não teria de conviver com tráfico de drogas, aboletar-me com vários prisioneiros em celas superlotadas e tampouco dormir no chão com um olho fechado e o outro aberto com medo de eventuais abusos. Em Tremembé, sobretudo no regime fechado, é impossível a entrada de celular, drogas, arma ou algo do tipo. A punição por infringir as regras é o "bonde", ou seja, a transferência para outro presídio. A fiscalização é rígida.

Mesmo assim, não conseguia esconder a aflição. Afinal, não sabia exatamente o que me esperava. Os presídios sempre são lugares sombrios, caso contrário não seriam presídios. Em Tremembé, algumas circunstâncias ocultam as sombras, mas não as dissipam. Ao chegar, tirei aquela indigesta fotografia em que ninguém sorri, recebi o uniforme da casa, que me provocou engulhos e fui encaminhado à cela 5 do R.O. (Regime de Observação), no qual todos os novatos devem permanecer dez dias isolados para adaptação.

O Regime de Observação se localiza no mesmo pavilhão em que ficam as celas dos presos midiáticos, autores de crimes de grande repercussão. Nos três primeiros dias, fiquei sozinho e o contato com os demais internos ocorria através do pequeno guichê da porta. A cela tem as mesmas dimensões das demais, localizadas no pavilhão I. Possui 10 metros quadrados, com vaso sanitário, chuveiro, pia, mesa de azulejos para acomodar alimentos, mesinha de 80 centímetros quadrados que serve como escrivaninha e uma espécie de "armário" ou "dispensa" de concreto com quatro degraus para acondicionar livros, alimentos e produtos de higiene. Tanto no R.O. quanto nas demais celas do pavilhão I "moram" somente dois presos e nelas há um beliche afixado na parede. No pavilhão II, as celas maiores comportam 6 reeducandos cada. Em Tremembé não há superlotação.

Como no regime de observação, ao contrário das outras celas, não há TV nem rádio, passei um grande sufoco. Obcecado por notícias — naquele momento o país vivia uma grande efervescência política com as consequências do impeachment da Presidente Dilma Rousseff e o governo instável de Michel Temer — dependia de informações que os outros presos me traziam. À noite, no horário dos noticiários, eu colocava o ouvido no guichê para tentar ouvir os telejornais, mas sem sucesso. Como um viciado, eu sofri com uma verdadeira crise de abstinência por notícias.

— Maldição! O país pegando fogo e eu sem nenhuma informação — dizia para as paredes.

E não foi apenas essa a razão do meu incômodo. Na cela, estava sozinho e o ambiente tétrico me provocava calafrios, embora não houvesse nada de anormal e lá gozasse de relativo conforto. Aproveitei para ler *A História dos Estados Unidos*, de Leandro Karnal. Neste dia, recebi através do meu irmão Vagner, uma mensagem de solidariedade do hoje Senador Major Olímpio, de Geraldo Alckmin e outros amigos da política e da imprensa.

O clima de angústia foi amenizado apenas no quarto dia com a chegada de mais um novato, o Roni, funcionário público, preso preventivamente por supostamente participar de um esquema de fraude à previdência. Inteligente e falante, logo conquistou minha amizade. Tínhamos afinidade intelectual e travamos longos debates sobre diversos assuntos.

Ao sair do R.O. fui para a cela 16 e fiquei na companhia de um rapaz condenado por violentar e matar o enteado de apenas cinco anos. Apesar disso, tivemos uma relação respeitosa. Quase não falávamos de crimes, os assuntos giravam em torno de temas triviais e do funcionamento do presídio. Parecíamos dois sujeitos livres, jogando conversa fora no portão de casa, mas não demorou muito meu novo companheiro acabou transferido de cela e passou a ser o carteiro do pavilhão e fui dividir outra cela com um senhor de Chapecó, cujo nome é Ivo, com quem tive uma experiência humana extraordinária. Ele perdeu o filho num acidente de ônibus com universitários na rodovia Mogi-Bertioga e assistiu tudo pela televisão em prantos, sentado no chão da cela.

— Depois da morte do meu filho, a vida perdeu o sentido — disse-me Ivo.

Há alguns dias longe do R.O, onde amarguei a mais absoluta solidão, tive a notícia de que lá, onde passei os primeiros momentos, um prisioneiro cometera suicídio em 2015. Ele se matou depois de assassinar sua companheira, que supostamente o traía.

Mas as lembranças do período em que passei sozinho na cela do R.O, foram dias de solidão como nunca tinha me ocorrido antes. Família numerosa, antes de ser preso, sempre estive cercado pelos irmãos, sobrinhos, esposa e filhos e, quando não, eram os amigos e até mesmo os bajuladores do meio político que não me davam trégua. Como prefeito, acostumara estar em meio a multidão. Mas, como dizem, até mesmo o que é ruim pode fazer falta.

***

Passos largos, o tempo caminhou e quando caí em mim, já estava me integrando à rotina do presídio, hora para tudo, rotina meticulosamente planejada: café, almoço, janta, banho de sol, trabalho, atividades diárias, esporte, entretenimento, jogo de futebol na televisão e novela, que começava às 21 horas. Goste ou não do gênero, o preso assiste ou dorme. Eu que não via novelas há mais de 20 anos, tive de acompanhar, contrariado, *"A Força do Querer"* e *"O Outro Lado do Paraíso"*.

— Que tédio — reclamava para o companheiro de cela, que, com os olhos grudados na televisão, sequer me ouvia. Restava-me ler.

A rotina em Tremembé começa muito cedo para alguns internos. Por volta das cinco da manhã, a turma que trabalha na cozinha já está de pé para preparar o café, por sinal muito ruim, servido com um pão francês. O complemento do café da manhã é trazido pelas visitas semanais. Às seis horas, há troca de plantão e os agentes que encerram seu turno passam de cela em cela, verificando se todos estão presentes e "vivos" — vez ou outra alguém aparece morto nas celas por doença ou suicídio. Em seguida, os que assumem o plantão refazem, desnecessariamente, o mesmo procedimento. Todos têm de acordar novamente e "dar sinal de vida". Às seis e meia, é servido o café. Em seguida, às sete horas, as "trancas" são abertas, todos podem sair das celas. Uns fazem caminhada no próprio pavilhão, outros vão trabalhar nas fábricas, vão às aulas ou a outras atividades. Às onze horas, todos voltam às celas para o almoço que, diferente do café, é razoável, mas sem suco e sobremesa. No presídio, tudo que é bom tem limites. Às vezes, servem bananas.

— Pensam que a gente é um bando de macacos para servirem apenas... Banana... Não aguento mais — reclamam os internos.

Em alguns dias da semana, a alimentação é insuficiente. Dois dias servem um chá, plantado pelos presos, e outro dia o jantar são duas fatias de queijo com pão ou um pouco de macarrão. Quem não tem visita fica com fome.

Ao meio dia, todos podem sair novamente e cada um retorna à sua atividade. À tarde, tem o banho de sol com duração de duas horas — aos finais de semana e feriados são quatro horas. Aí as atividades são diversas: futebol, basquete, vôlei, xadrez, leitura, exercícios na academia improvisada, caminhada, bate papo. Tudo dura até a última

"tranca" do dia, que acontece às dezessete horas. Em seguida, servem a janta, a última "bóia" do dia e, terminada a refeição, fecham tudo. É nesse momento que o vazio invade as almas e as coisas mais simples da vida, como sentar-se no sofá de casa e assistir à televisão ao lado da esposa e dos filhos, tornam-se sonhos, sonhos impossíveis para todos os internos.

Minha casa... quanta saudade! O choro silencioso dos prisioneiros...

***

Outro detalhe envolvendo a rotina de Tremembé é que, ao longo do dia, por sistema de rádio frequência (Walke Talkie), os agentes e funcionários chamam os internos para atendimento na enfermaria, na barbearia, para entrevistas com advogados, recebimento de carta ou sedex, entre outras atividades. Quanto à faxina, esta é realizada pelos próprios presos, três vezes ao dia, e o ambiente fica impecável. Higiene absoluta, o que vale para o chão, vale para as paredes e para os prisioneiros, corpos limpos e cativos, como reza o lema do presídio.

Nas celas a ducha é fria, mas há o chamado "duchão" com chuveiros com água quente. Embora não haja limites para os banhos, nem todos internos o utilizam. Ali o respeito e discrição são absolutos. Jamais existiu qualquer ato de assédio, mesmo porque a punição é severa, para a minha sorte e a de outros prisioneiros.

— Olha só: Tremembé é dos males o menor — dizia para minha esposa durante as visitas.

Quando soube que seria preso temporariamente, meu maior medo era o de ter que dividir espaço com estupradores e assassinos; minhas pernas tremeram, mas graças a Deus a palavra estupro não faz parte do vocabulário de Tremembé, onde tudo é... Tudo é bom? Ah... isso não. Tudo é menos mal... Ressalta-se que o PCC proibiu estupros e uso de crack em todos os presídios de São Paulo. Seria fantástico se as facções proibissem latrocínios, sequestros...

***

Mesmo considerando que na cadeia não há o bom, mas apenas o menos mal, não posso me queixar da sorte. Às vezes, o clichê que nos convida a olhar para trás faz todo o sentido. Com o passar do tempo, fui me enturmando, ganhando respeito e fazendo amizade com a turma composta pelos mais variados perfis.

No presídio, os grupos se formam de modo quase que natural. Em Tremembé, há políticos, médicos, advogados, funcionários públicos, operários, empresários, estupradores, estelionatários, ladrões de carga e outros, conversando, jogando bola, vivenciando o mesmo drama. A despeito da condição social e dos rios de dinheiro em que alguns se banhavam, na cadeia, todos são apenas homens com suas camisas brancas, calças cáqui e chinelos; alguns com os nervos a flor da pele, mas se esforçando para manter o ar resignado e a sobriedade, tudo para evitar um ato bruto e a consequente transferência compulsória para um presídio violento, onde todos os dias o diabo é levado de maca para a enfermaria.

Na verdade, conviver com a rapaziada não me afligia. No IRT, nas primeiras semanas, o que me causava ansiedade, enquanto estive no R.O., era ficar mergulhado no ócio, sem realizar nenhuma atividade produtiva. Afinal, desde criança, o trabalho faz parte da minha vida. Lembro que aos sete anos já vendia balas nos faróis ao lado dos meus irmãos e, no presídio, não poderia ser diferente. Por isso, mesmo sem me beneficiar da remissão porque não tinha sido condenado, pedi para trabalhar em algum setor, qualquer atividade, por simples que fosse, me deixaria satisfeito e, quando fui designado para trabalhar na bóia, serviço de apoio à cozinha, dei pulos de alegria. Além de me livrar do tédio, poderia prospectar novas histórias para este livro, que já começara a escrever. Assim, no dia 2 de janeiro de 2018, iniciei as atividades. Minha função e a de outros internos, entre eles, Sandro Dotta e Anderson Leitão era ir até a cozinha quatro vezes ao dia para ajudar no preparo dos chamados bandecos, uma espécie de marmita. Após montá-los, nos dirigíamos ao nosso pavilhão para "pagar" a bóia, ou seja, entregar as refeições de cada preso nos guichês das portas das celas.

Era muito trabalhoso, mas para mim foi ótimo conhecer melhor o funcionamento do IRT, fazer novos contatos e entrevistar mais personagens. Na cozinha, convivi com alguns protagonistas de crimes midiáticos, como Eduardo Martins, ex-jogador da Portuguesa, que matou o zelador do seu prédio e foi preso quando se preparava para queimar o corpo da vítima numa churrasqueira, razão de os

colegas o apelidarem de Churrasquinho. Ainda trabalhei com Osmar Gonzaga, autor do crime da Rua Alfenas, marcado pelo assassinato de um alto executivo da JBS-Friboi, a mando da ex-mulher, e com Ricardo Najjar, do caso da menina Sophia.

Não demorou, percebi que o dia-a-dia em Tremembé é muito agitado. A quantidade de atividades é tamanha, que não se consegue fazer metade do proposto, estratégia bem arquitetada pela SAP. Com isso, todos saem ganhando. Os presos vêem o tempo passar mais rápido, diminuem suas penas com o trabalho, controlam a ansiedade, tornando-se menos agressivos e o presídio se livra dos desgastes causados pelos conflitos. Com este sistema, a reincidência não chega a 8%, quase um recorde nacional. Isso também graças à cooperação e atuação eficaz da juíza corregedora local, Sueli Zeraik Armani, em sintonia com a SAP e a CORE VALI. Sueli Zeraik realiza um extraordinário e elogiado projeto de saúde nos presídios da região, cuidando pessoalmente de cada detalhe.

No presídio, não há rebeliões ou motins há quase 20 anos, resultado só comparados ao das APACs, que possuem um sistema humano e moderno, a ponto de terem se tornado referência mundial.

E não são poucas as perguntas sobre Tremembé que devem pairar na mente do leitor: Quem são os homens que estão atrás dos muros do presídio? É mesmo um bando de ricaços que, em vez de cumprir suas penas, ficam ali curtindo férias? Como é o presídio de Tremembé? Como a vida flui atrás dos muros da prisão? São comuns as afirmações de que em Tremembé existe academia de ginástica, internet, piscina, cinema, frigobar e outras regalias como se tudo fosse um grande Shopping Center. O que há de verdade em tudo isso? Tentarei esclarecer, mas, antes, quero falar um pouco da história do presídio que tanto atrai a curiosidade do público.

***

Grande parte da antiga arquitetura de Tremembé está preservada e chama a atenção dos visitantes. Na entrada do presídio, ainda encontra-se o letreiro feito de concreto com as letras IRT. Tremembé é, de fato, uma das pouquíssimas penitenciárias no Brasil que não possuem integrantes de facções criminosas, trata-se de um presídio que o Estado mantém sob absoluto controle. Não fosse um presídio, diria que tenho orgulho de fazer parte de Tremembé.

Um colega bastante gozador, certa ocasião comentou que a penitenciária de Tremembé seria a grande atração turística da cidade se o governo permitisse excursões ao presídio, inclusive as promovidas por escolas, arrecadaria uma grana preta. Confesso que fiquei pensativo, mas, se hoje uma criança pode caminhar tranquila em Tremembé nos dias de visita, nem sempre tudo foram flores.

Ao mergulhar na história do presídio, descobri que o IRT (Instituto de Reeducação de Tremembé) foi fundado em 26 de agosto de 1955, substituindo a antiga "Fazenda Modelo" da Penitenciária do Estado, que era uma espécie de presídio agrícola no município de Tremembé, interior de São Paulo, na divisa com Pindamonhangaba e Taubaté. No presídio, a mão de obra dos detentos era empregada na agricultura, pecuária e na produção destinada à alimentação dos detentos. O método de trabalho também visava auxiliar na ressocialização dos internos.

Após a maior rebelião do mundo ocorrida no presídio Ilha Anchieta, em Ubatuba, no início dos anos 50, com mais de cem mortos, aquele presídio foi desativado e o então governador de São Paulo, Adhemar de Barros, determinou a transferência de parte dos presos sobreviventes para Tremembé.

Em 1955, extinta a denominação "Fazenda Modelo", criou-se o Instituto de Reeducação de Tremembé, subordinado inicialmente à Casa de Custódia de Taubaté. Em 1961, o IRT teve outorgada sua autonomia administrativa. No ano de 1969, o governo confinou ali presos políticos que lutavam contra a ditadura militar, iniciada com o golpe de 1964. Ainda durante o período da ditadura militar, em 1967, outra rebelião causou grandes danos às dependências do presídio. No final da década de 70, limitaram a área de produção agrícola ao entorno do presídio, que continuou sob a supervisão de alguns internos.

Apenas em 1984, o IRT passou a denominar-se Penitenciária Dr. José Augusto Cesar Salgado, em homenagem a um Procurador Geral de Justiça do Estado de São Paulo. Nascido em Pindamonhangaba, ele teve destacada atuação em órgãos da ONU como no Instituto Latino-Americano de Criminologia. Por sua luta em defesa dos direitos humanos, ficou conhecido como "Promotor das Américas".

No ano 2000, aconteceu outra grande e última rebelião na qual 300 presos mantiveram oito funcionários reféns e destruíram boa parte da instituição. Nove pessoas, entre detentos e funcionários, ficaram feridas. Não houve mortes. O motim terminou devido à intermediação da juíza Sueli Zeraik Armani que, habilmente, conseguiu a libertação dos reféns, sendo decisiva para o fim da revolta.

Alguns reféns daquele motim ainda trabalham em Tremembé. Eu conversei com dois deles que relataram as cenas de terror vividas naquele dia, em que os rebelados obrigaram parte dos funcionários a fumar maconha.

Após a rebelião, a Secretaria de Administração Penitenciária (SAP) cogitou a possibilidade de desativar e demolir o prédio para construir uma nova unidade com capacidade maior. Porém, a ideia foi descartada e o IRT recebeu reparos nas partes danificadas e continuou a funcionar normalmente. Apesar dos danos causados pelos rebelados, o prédio antigo manteve boa parte de sua estrutura intacta.

Em 2001, durante a desativação da Casa de Detenção de São Paulo, um setor do presídio de Tremembé, utilizado como "cadeia de seguro", passou a receber presidiários que não podiam conviver com presos comuns, avessos à presença de acusados de estupros, pedofilia, entre outros. O sucesso da medida resultou, posteriormente, na transferência em massa para Tremembé da chamada população carcerária "especial", composta por presos com perfil específico, além de ex-policiais, ex-carcereiros, políticos, empresários, autores de crimes que causam grande repulsa e outros acusados e condenados com perfis semelhantes. O objetivo da medida consistiu em preservar a integridade física, moral e a própria vida desses detentos que, nos presídios comuns, durante as rebeliões, são os primeiros a serem mortos ou usados como reféns e escudos humanos.

A partir de 2002, o governo paulista destinou, oficialmente, a penitenciária de Tremembé também para o acolhimento de presos envolvidos em delitos de grande repercussão na mídia como os casos de Nardoni, Abdelmassih, Cravinhos, Lindemberg, Mizael e outros que chocaram a opinião pública, causando comoção. Daí a expressão "presídio dos famosos", empregada, talvez de modo irônico, para fazer alusão aos "hóspedes" notáveis.

Invariavelmente o IRT recebe alguns presos "especiais" de outros estados como aconteceu com o empresário Marcos Valério, condenado no escândalo do mensalão.

Dada a excelência em sua administração, o IRT foi premiado, em 2003, como "Modelo de Gestão" num reconhecimento ao trabalho da equipe, na época, liderada pela então diretora geral, Claudioneia Veloso Santos.

Apesar de ser uma unidade diferenciada no sistema prisional brasileiro, em Tremembé não há privilégios para nenhum preso e o rigor em relação às regras é absoluto. Armas e celulares são casos raríssimos. Quando descobertos, o infrator é processado e transferido imediatamente para outro presídio, punição maior não há. O último e talvez único caso de prisioneiro portando arma no IRT envolveu Joabe Ribeiro (do caso Iatrocínio de Bragança) que, em 2012, produziu, na oficina do presídio, dois "simulacros" de revólver para tentar fugir, mas o plano, descoberto pelos carcereiros, culminou com a transferência de Joabe para outra prisão, situado no interior de São Paulo. A entrada de drogas também é incomum. A direção do presídio, Antonio Donizeti (Diretor Geral) e Nívio Marques (Diretor de Segurança) combate tal prática com extremo rigor, sobretudo com a atuação irrepreensível de Vilalta, Edivaldo, Alcides, Dalmo, Martins,Wender, Sidney, Luiz Rogério e equipe, com a retaguarda da COREVALI.

Em 2008, com a alta demanda de presos que foram beneficiados com a progressão do regime fechado para o semiaberto, e que, em razão do perfil, não poderiam ser transferidos para qualquer unidade prisional, criou-se a "Ala de Progressão Penitenciária", destinada a receber os presos que têm o direito de concluir suas penas no regime semiaberto. Os presidiários dessa ala, apesar de submetidos à mesma administração, não tem contato com os que estão no regime fechado e podem estudar à noite e trabalhar durante o dia — alguns cursam faculdade. Entretanto, os únicos trabalhos são na própria unidade ou em outros presídios da cidade de Tremembé e restringem-se a serviços de conservação. Ainda, o regime semiaberto possibilita cinco saídas por ano. Para quem está fora do presídio parece pouco, mas para os internos trata-se de grande regalia que chega a despertar inveja nos detentos do regime fechado. Cinco semanas de liberdade por ano, sonho que se sonha acordado. Quem diria? Imprescindível se faz ressaltar, ilustre leitor, que as chamadas "saidinhas" a que têm direito os presos do regime semiaberto, são um dos pilares da ressocialização.

Todavia, em razão de uma irrisória minoria cometer crimes durante o benefício da saidinha, há uma generalização como se todos os beneficiados fizessem o mesmo. Trata-se de uma inverdade, disseminada por políticos demagogos e por jornalistas sensacionalistas que, por não conhecerem a triste realidade do sistema prisional e não terem ideia do que significa ressocialização, bradam:

— A saidinha tem que acabar, tem que ser extinta...

Quanta estupidez, desinformação e falta de sensibilidade!

Se eles soubessem que 99% desses homens contam os dias, as horas, os minutos para saírem temporariamente e abraçar suas esposas, seus filhos, seus pais, para almoçar em casa com a família e sentir cheiro doce da liberdade... Se esses ignorantes tivessem a consciência de que, quando chega a hora desses homens retornarem ao presídio, seus filhos agarram-se em suas pernas, implorando para que fiquem em casa, apelo regado de lágrimas, cortando a alma dos presidiários e trazendo-lhes ainda mais a convicção de que devem buscar uma vida nova, longe dos crimes. Eliminar esses benefícios é um equívoco, que em absolutamente nada contribuirá para a redução da violência. Pelo contrário. Na minha opinião, os poucos presos que cometem crimes durante as saidinhas devem ser punidos de modo exemplar, além de não terem mais o direito ao benefício. Punir todos pelo erro de alguns poucos é uma excrescência, pouco inteligente. Logo, estou convicto de que a saidinha, assim como as visitas são fundamentais no processo de recuperação desses homens e mulheres encarcerados.

Para o leitor que ainda estiver reticente, lembro que até 20% dos presos podem ser inocentes e 40% estão presos sem julgamento.

***

Falando dos internos de Tremembé, eufemisticamente chamados de reeducandos, esses são majoritariamente brancos, algo inédito. Nos outros presídios brasileiros, negros e pardos constituem a maioria.

Alguns prisioneiros — a minoria — compõem o grupo dos endinheirados. Entretanto, bem diferente do divulgado, a grande

massa da população carcerária de Tremembé é formada por pobres: operários, ex-policiais, gente de origem modesta, muitos abandonados à própria sorte, sem advogado e sem visita dos parentes. Os delitos que os levaram ao cárcere são os mais variados.

Para se ter uma ideia, no meu trabalho na "bóia", no período da manhã, eu servia café para um serial killer que matou oito crianças afogadas, para um pedófilo e para um homicida, cujo crime foi colocar fogo em um carro com toda a família dentro do veículo. Em seguida, ia a um curso com um cara que matou os filhos a facadas e com mais dois sujeitos: um matou a mulher grávida, o outro é acusado de assassinar a própria mãe. Lá, eu encontrava Silvonei, o Hacker que invadiu o celular da ex-primeira dama Marcela Temer e tentou extorquí-la. Ele me relatou todo o ocorrido em detalhes.

À tarde, eu jogava vôlei no time formado por um estuprador de crianças, um estelionatário e dois homicidas que tiraram a vida das esposas. O time adversário não era muito diferente, nele havia um sujeito que estrangulou e queimou os filhos, dois jovens que mataram a mãe e outro, preso por violentar e matar o filhinho de apenas cinco anos. Enquanto jogávamos, outro grupo fazia caminhada, entre eles dois prefeitos, três empresários, um médico e um ladrão de carga, além de dois condenados por Sérgio Moro na Lava Jato, entre eles, um construtor de São Paulo chamado Márcio, homem de cultura e educação ímpares. Ao fundo da área de lazer, eu via Edinho jogando basquete com Alfredo, condenado porque ameaçou colocar fogo em uma juíza em 2016. No campo de futebol, o ex-atacante do Corinthians, Fabinho, preso por estupro, batia bola com um ex-jogador do São Paulo, Janken, condenado por matar a mulher, e com outros presos, autores dos mais variados crimes, como Lindemberg Alves, um dos melhores jogadores do "Tremembé Futebol Clube", time que eu eventualmente também fazia parte. Adiantava reclamar? Não tinha a ilusão de que fosse jogar no time das freiras ou na equipe dos senhores cristãos de conduta ilibada e mente impoluta.

Num dia de pelada, aconteceu um fato, no mínimo, bizarro: Ramiro, um interno com problemas psiquiátricos, deu uma ideia para a formação dos times:

— Gente, gente, olha só: estuprador de um lado, ladrão de outro. Depois o time dos políticos e empresários vai enfrentar o dos assassinos e o árbitro vai ser o Nardoni!

O silêncio foi total, as testas se franziram, mas não demorou muito, seguiram-se as gargalhadas. Nunca tive notícia de que no campo de futebol, conhecido como terrão, tenha acontecido alguma encrenca mais séria.

Por ironia do destino, quando assisti à abertura de um torneio de futebol em Tremembé em que os protagonistas eram Guilherme Longo, Lindemberg, Cristian Cravinhos e outros, tendo Juliano Gunello como juiz, eu viajei no tempo e me lembrei de quando estive com minha esposa na abertura da copa do mundo de 2014, no estádio do Corinthians e quando fui assistir à final do futebol Olímpico no Maracanã, torcendo para Neymar não errar aquele último pênalti. Mas não demorou muito, meu colega Mizael Bispo, com seu jeito descontraído, me despertou perguntando:

— Acir, tá torcendo pra quem?

— Estou torcendo para o juiz não apanhar! Demos boas gargalhadas.

É, amigo leitor: a vida realmente dá muitas voltas e o destino pode ser cruel com todos nós, sejamos culpados ou inocentes.

***

Como dito, com o perfil que tem desde 2002, Tremembé jamais teve rebelião. Os agentes penitenciários não usam armas nem cassetetes, apenas rádio comunicador. Há um clima de amizade e respeito entre os funcionários e os internos.

Um detalhe interessante: quando alguns agentes estão de camisa branca, não há como distingui-los dos presos, tamanha é a proximidade com os detentos e isso jamais fez com que algum preso desrespeitasse os servidores. As regras são seguidas à risca.

Porém, seria ingênuo afirmar que em Tremembé todo mundo se ama. Nem nos conventos isso acontece. No IRT, os maus sentimentos são velados. Como dito, as demonstrações de ódio e rancor, sobretudo entre alguns prisioneiros, não trazem nenhum proveito; qualquer violação às regras da boa convivência implica transferência compulsória e ninguém é tolo para querer tamanha desgraça. É curioso notar que, no mesmo pavilhão, convivem os chamados "jacks", acusados de estupro e ex "justiceiros" que, em suas regiões, matavam estupradores. Apesar de se odiarem de modo

quase instintivo, convivem num clima de respeito mútuo. É como se os leões dormissem ao lado de suas presas sem atacá-las. Utopia? Em Tremembé, isso acontece.

Apesar de contidos pelas circunstâncias, os presos, como qualquer mortal, têm de dizer que odeiam alguém e o cara mais detestado em Tremembé e talvez em todos os presídios do Brasil — verdade seja dita com todas as letras — é o combativo e atuante jornalista José Luiz Datena e, junto com ele, está uma leva de repórteres policiais dos meios de comunicação de massa, sobretudo os sensacionalistas.

Quando, em 16 de setembro de 2017, o *Jornal Nacional* anunciou a morte do grande jornalista Marcelo Rezende, parte do presídio gritou comemorando:

— Êêêêê, agora só falta o Datena!

Apesar da comemoração de alguns, houve quem tenha ficado triste com a morte de Marcelo, demonstrando indignação com a balbúrdia dos companheiros, mas quanto ao Datena... Ah, o Datena é unanimidade nos presídios.

— Esse inconsequente condena o acusado antes da polícia e da justiça. Ele é o 8º membro do júri, mas só condena, nunca absolve, mesmo os inocentes — disparou a falar Mizael Bispo, com ar de indignação. "Ele não critica a polícia quando erra".

O carismático Luiz Bacci, da TV Record, também é alvo de "elogios" semelhantes, porém, menos contundentes. O apresentador Dudu Camargo, do SBT, também é, de certa forma, bem visto.

O "Bacci ao menos ouve os dois lados e critica a polícia quando esta comete erros", opina Cristian Cravinhos.

***

— Em Tremembé tem mesmo academia? — a pergunta que se repete.

Mas antes de falar sobre a academia, o cinema e até mesmo a biblioteca, talvez seja mais relevante fazer alguns comentários sobre a igreja que existe em Tremembé, haja vista as peculiaridades que a envolvem.

Construída em 2002 por um notório e antigo preso, quando esteve no IRT, um dos mais famosos da história do jornalismo policial: Cabo Bruno, justiceiro que passou 27 anos encarcerado. A igreja funciona todos os dias; dez denominações evangélicas se revezam, além das missas da Igreja Católica e das reuniões do grupo espírita. Pensar que cabo Bruno, assassino cruel e possivelmente autor de mais de 50 homicídios, foi o idealizador e pastor da igreja que abriga diversos segmentos religiosos, convivendo em harmonia, num mundo marcado por guerras e dissensões religiosas. Será ironia do destino ou prova de que para Deus nada é impossível?

A mesma igreja é também utilizada para palestras e serve como cinema duas vezes por semana. Dependendo do filme, as sessões reúnem até 100 internos. Nada de telões, som digital, pipoca e ar condicionado. Os filmes são exibidos numa TV grande, 65 polegadas. E quando retratam dramas ou a relação entre pais e filhos, os mais lembrados nas horas amargas de confinamento, é muito comum os presos se debulharem em lágrimas – é marmanjo chorando para todos os lados.

Certa ocasião, assistíamos ao filme *A Cabana* e o sujeito ao meu lado, um grandalhão de quase dois metros, deitou-se em meu ombro e abriu o berreiro.

— Sai pra lá, jacaré — protestei.

Parece um contrassenso, mas, em certas ocasiões, os homens ficam mais sensíveis na prisão. Um episódio que aconteceu durante o chamado *Novembro Azul*, confirma isso. No presídio, ocorreu uma campanha interna, que incentivava os reeducandos, acima de 40 anos, a fazerem o exame de toque retal para prevenção do câncer de próstata. Um preso bastante temido, de alta periculosidade, que se encontrava segregado por ter cometido cinco homicídios, aceitou o convite e foi, pela primeira vez, submeter-se ao necessário, porém constrangedor exame.

Na enfermaria, teve de se despir na presença de uma enfermeira, o que o deixou vermelho de vergonha. Àquela altura, ele já estava arrependido de ter aceitado o convite para o exame retal. Enquanto isso, o médico, que na verdade era ginecologista, também preso, preparava a "vaselina" e colocava as luvas cirúrgicas para iniciar o procedimento.

Lá foi o Doutor efetuar o exame no valentão. Não dava para saber se era o médico ou o paciente que estava com mais medo.

— E se ele não gostar do exame e pegar no meu pescoço? — imaginava o médico, cheio de precauções.

Mas não tinha jeito, o exame tinha de ser feito. Ao introduzir o dedo, para tocar a próstata do paciente e avaliá-la, o médico percebeu que o homem deitado na maca chorava copiosamente.

— O que há com esse rapaz? — o médico se questionava.

Vendo que o homem não parava de chorar, preocupado, restou ao doutor chamar uma assistente social que estava por perto. Ela veio saber do que se tratava e perguntou ao paciente o motivo da choradeira e o marmanjo respondeu aos soluços e com lágrimas correndo pelo rosto:

— Doutora, na rua, eu matava bandidos, era temido e respeitado pelo crime, para chegar aqui e esse médico enfiar o dedo em mim! É o fim!

Naquela altura, o médico pensava que estava mesmo ferrado.

A assistente tratou de acalmar o paciente, mas foi em vão, o choro continuou.

Encerrado o procedimento, o preso sentindo-se humilhado, retornou ao pavilhão, caminhando lentamente, rosto molhado.

— Acir, o pior foi no dia seguinte — me segredou — eu saí para ir à biblioteca e cruzei com o desgraçado do médico. Tive vontade de esmurrá-lo, de sair na porrada com ele. A sorte do sujeito foi que não me encarou.

O machão, ferido em seu orgulho, não levava em conta o mais importante: seu exame deu negativo, sua próstata estava normal e não havia risco de câncer. Porém, imaginação fértil, não conseguia tirar da cabeça a ideia equivocada de que sofrera abuso na cadeia.

— Maldição! E me disseram que esse tipo de abuso não acontecia em Tremembé. Mano, e se meus camaradas ficam sabendo? Vou ficar sem moral... Sou matador ou uma franga? Meu Deus!

***

Outro detalhe importante: o presídio é composto por dois pavilhões no regime fechado e a ala do semi aberto, onde estão os reeducandos que, entre outros benefícios, podem sair para estudar. São cerca de 450 presos no total: 350 no fechado e 100 no semi aberto.

Quem pensa que no IRT existem apenas áreas destinadas ao lazer se engana. No local, também funcionam algumas fábricas onde os internos trabalham e a cada três dias trabalhados reduzem um dia de pena; é a chamada remissão. Uma dessas fábricas é coordenada pela FUNAP (Fundação Nacional de Amparo ao Preso) que reforma cadeiras e carteiras escolares e tem Alexandre Nardoni como chefe do almoxarifado.

Os presos que trabalham nas fábricas, como Lindemberg Alves e João Rodrigues, recebem cerca de 70% do salário mínimo ao mês. Geralmente enviam o valor para suas famílias. Outras atividades também geram remissão como o artesanato, que tem Mizael Bispo na coordenação da turma. Já o trabalho na lavanderia e a faxina rendem, aos que trabalham nesses setores, uma pequena ajuda de custo no valor de cem reais.

A disputa por uma vaga nas fábricas é acirrada e a lista de espera é elaborada de acordo com a data de chegada, regra pouco respeitada. Geralmente são seis horas de trabalho por dia, de segunda à sexta-feira. Cerca de 30% dos presos trabalham nas quatro fábricas instaladas nas dependências do IRT.

Além dos cursos, percebi que no presídio são promovidas palestras. Cristian Cravinhos e Edinho protagonizaram algumas delas. A partir daí, fiz um projeto e apresentei à direção da casa que me autorizou a ministrar um curso de oratória: *"Como Falar Bem em Público"*, que atraiu 60 reeducandos, entre eles Guilherme Longo, Mizael Bispo, Ricardo Najjar e Roger Abdelmassih que se inscreveu e me disse estar animado para o curso, mas, por questão de "saúde", desistiu. Foi uma das minhas experiências mais significativas no presídio, mas para chegar a esse estágio de convivência muitas águas rolaram. Tive de conquistar o respeito da direção, dos funcionários e dos internos, alguns se tornaram até mesmo meus amigos. Além disso, as próprias características do presídio, em certa medida, favorecem relações amistosas.

Em Tremembé, também fiz amizade com o empresário Fábio Monteiro de Barros, preso em razão do caso do fórum trabalhista, que envolveu o juiz Nicolau dos Santos Neto, o Lalau que, por sua vez, também passou por Tremembé, juntamente com o ex-senador do

Distrito Federal, Luiz Estevão. Além de Fábio, tornei-me colega de Klinger Luiz de Oliveira Souza, no passado, secretário dos transportes do prefeito Celso Daniel (PT); de Paulo Vieira de Souza, suposto operador do PSDB; do irmão de José Dirceu, Luiz Eduardo Oliveira, uma pessoa culta e agradabilíssima, e de vários outros internos, de diferentes classes sociais, incluindo-se o tanzaniano Mzee Chabani. Muçulmano, que fala quatro idiomas e que cinco vezes por dia faz sua oração voltado para Meca.

***

Quanto à academia, no interior do presídio, essa está longe de ser o que imaginam. Não se vê gente sarada malhando o tempo todo, tampouco mulheres bonitas com seus uniformes provocantes ou personal trainer. Trata-se de um espaço rústico, construído pelos próprios presos, mas bastante concorrido.

Há também um campo de futebol, o famoso terrão, quadra de vôlei de areia, pista de cooper, cesta de basquete, cursos profissionalizantes, aulas de inglês e de música, além da escola de ensino fundamental e médio. Cito também a biblioteca, hoje extinta, que fora um dos espaços mais importantes e procurados, num passado não muito distante, coordenada pelo funcionário Dalmo, por Juliano Gunello e Gil Rugai. Gil, intelectual que fala e ensina três idiomas, promove os encontros do café literário, realizados todas as terças-feiras, escreve e dirige as peças de teatro encenadas pelos reeducandos. Eu fui um deles. A simplicidade e generosidade de Gil chamam a atenção de todos.

Todo dia, na porta da biblioteca, formava-se uma fila enorme de internos em busca de Machado de Assis, Sidney Sheldon, Agatha Christie, Augusto Cury e outros. Eram emprestados cerca de 700 livros por mês. Eu fui um frequentador assíduo da biblioteca, apesar de ter, em minha cela, cerca de 40 livros particulares que eu emprestava aos colegas. Às vezes eu brincava dizendo:

— Precisei ficar preso, para recriar o hábito de ler. Até que valeu a pena.

Porém, que tristeza! Mente iluminada, em dissonância total com a ressocialização dos presos, a que decretou o fechamento da biblioteca do presídio de Tremembé. Algo inacreditável em tempos em que o mundo busca reinserir seus presos na sociedade, visando reduzir a violência e a superlotação das prisões. Enquanto que em países sérios e até mesmo em alguns estados do Brasil, como Minas Gerais e Espírito Santo, através das APACs, abrem-se bibliotecas e incentivam os internos a ler e estudar, o IRT comete um equívoco que lembra a Alemanha nazista, quando Hitler fez fogueiras com os livros. Os reeducandos de Tremembé, indignados com a decisão absurda, reclamaram até com a SAP, mas não obtiveram sucesso. A direção mandou catalogar os livros numa lista confusa e a deixaram no pavilhão para os presos pedi-los por carta. Fracasso total. A procura caiu 80%. O "atraso" e insensatez dos dirigentes de Tremembé, neste caso, venceram. A cultura perdeu e quem se beneficiou com isso foram às traças que, ironia à parte, devem ter se tornado leitoras.

Em relação ao "Café Literário", reconheço que no início, eu participava por causa do café, pois era "café de verdade", igual ao da padaria, diferente do servido pela manhã, excelente purgante.

Na verdade, sem rodeios, queria mesmo era fazer uma boquinha, mas logo me encantei com as atividades literárias. Quem diria? Eu que sempre fui pragmático, cheguei a declamar trechos de Carlos Drummond e a criar paródias, mas não tinha coragem de recitá-las para os companheiros por achá-las fúteis. Eis a paródia:

— E agora José? Era cheio de pose, mas hoje é um preso qualquer. E agora José? Como ele e eu, você também se deu mal. E agora, José? Está preso em Tremembé... — murmurava.

— E aí Filló, fala alto. A gente quer ouvir.

— Que nada, Gil! Bobagem...

***

Em Tremembé, uma reclamação é constante e generalizada. Na portaria, um ou outro funcionário se esforça para irritar as visitas e dificultar a entrada de alimentos. Pasmem: alimentos! Em todos os fins de semana há reclamações dos visitantes pelos absurdos cometidos contra aqueles que se deslocam centenas de quilômetros para ver seus familiares. A cada fim de semana criam-se novas regras mirabolantes que surpreendem os familiares. E isso é recorrente em todos os presídios do país. Falta sensibilidade.

Tão aconchegante quanto fora a biblioteca é o lugar onde os internos recebem visitas, que em nada se parece com um presídio. Há um grande salão com paredes decoradas, mesas e cadeiras novas, playground para as crianças, espaço ao ar livre e ala para visita íntima com quartos individuais, pequenos, discretos e extremamente higiênicos. Detalhe: eu já ouvi pessoas, com mentalidade medieval, opinar contra as visitas íntimas para os presos casados. Quanta boçalidade!

As visitas acontecem um dia por semana, gerando felicidade sem tamanho entre os que recebem seus familiares e frustração e tristeza entre os que raramente vêem o rosto de um ente querido. E não são poucos nessa situação. Boa parte dos internos nunca recebeu visita; pelos mais diversos motivos, foram esquecidos. Solidários, os que desfrutam da companhia dos familiares compartilham alimentos com os abandonados à própria sorte. Eu tive um colega de cela que, quando chegava o fim de semana, todo esperançoso, arrumava-se, punha perfume e empastava o cabelo com gel, mas ninguém aparecia para vê-lo. Era mesmo de partir o coração.

Um caso engraçado, com pitadas de tragédia, aconteceu em dia de visitas, no dia das mães de 2017.

Um preso, oriundo da Bahia, que tinha problemas psiquiátricos, viu um colega encostado na parede, meio reflexivo e se aproximou perguntando:

— E aí cara, sua mãe vem te visitar hoje?

O outro respondeu serenamente:

— Não, ela não pode vir, meu...

O curioso insistiu:

— Mas porque não?

— Ela não pode vir porque eu a matei. E por isso estou preso!

O curioso, que usa óculos fundos de garrafa, arregalou os olhos e foi saindo de fininho.

***

Muitos internos que não recebem visitas escrevem e enviam cartas para familiares e amigos — algumas talvez nunca tenham sido lidas. São cerca de 2000 cartas enviadas e 1500 recebidas mensalmente. Alguns ficam felizes ao lê-las, outros, tomados pela depressão, não conseguem esconder a dor provocada pela saudade e pela distância de quem amam. A angústia é grande. Em Tremembé, a demora para o envio das cartas é grande, da mesma forma, inexplicavelmente, algumas cartas dirigidas aos internos levam certo tempo para chegar às suas mãos. Já os sedex são entregues com agilidade. Eu recebi muitas correspondências de amigos e parentes. Confesso que, ao ler a primeira linha de algumas delas, as guardava no envelope. Não sabia por que me faltava coragem para ler as cartas tão esperadas dos amigos Dido, Vanderlei, Cristiano, Herbert e Carrera, das sobrinhas Raquel, Alana, do meu sobrinho Allan, da minha esposa Viviane, dos primos Rogério e Jefferson e dos meus irmãos.

Essas correspondências estão guardadas. Acho que, quando em liberdade, talvez consiga lê-las. Viviane, na visita, me perguntava com seu olhar afetuoso:

— Gostou das cartas?

— Adorei — Tergiversava.

***

Abro um parêntese para frisar que a depressão é uma constante em boa parte da população do IRT, assim como nos outros presídios. Eu, invariavelmente, tive de ouvir e aconselhar alguns colegas que, por não suportarem mais a prisão, pensavam em cometer suicídio. "Só não puxo a cordinha (se enforcar) por causa da minha mãe", me disse um deles.

— Não vale a pena. Você não tem o direito de tirar sua vida, tem muita gente lá fora te esperando... — dizia, ciente de que, na verdade, muitos prisioneiros não teriam ninguém esperando por eles do outro lado dos muros.

Assim, momentaneamente os demovia da ideia de tirar suas vidas e os incentivava a frequentar a igreja, a buscar tratamento com o psiquiatra da casa e a fazer atividades para arejar a mente. Tive de estancar as lágrimas de muitos com palavras de consolo, como se não tivesse minhas dores e às vezes também não chorasse às escondidas.

No presídio, o grau de carência afetiva é tão grande, que as visitas, em muitos casos, tornam-se até mesmo decisivas para a sobrevivência e a sanidade dos reeducandos.

Aos que propõem o disparate de abolir as visitas nos presídios, associo esses ao que chamo de "síndrome do neurônio solitário", tamanha irracionalidade.

— Pensar que, quando livre, eu achava chato receber visita aos domingos — dizia aos colegas.

De modo distinto dos outros presídios, em Tremembé, os parentes dos prisioneiros passam a se relacionar, fazem amizades e convivem em plena harmonia. Muitos continuam amigos depois que ganham a liberdade. Eu me enturmei, entre outros, com Osmar Gonzaga do caso Friboi e com Mizael Bispo, minha esposa adora sua filha, Victória, e também ficou amiga das mães de Lindemberg Alves, Guilherme Longo e de Gil Rugai com quem bateu altos papos. Um ótimo exemplo do clima amistoso na visita foi Daniel Cravinhos que, num desses dias, conheceu a biomédica Alyne, irmã de um preso. Começaram a namorar e, tempos depois, se casaram.

As visitas geram um ambiente muito descontraído. Todavia, na hora das despedidas, é uma enorme choradeira; os filhos, sobretudo os pequenos, se agarram aos pais e não querem soltá-los, como aconteceu com Roger Abdelmassih quando recebeu suas crianças pela primeira vez e com Cristian Cravinhos que, na segunda prisão, teve a visita da mãe, da esposa e da filha. Não queria estar na pele dos funcionários quando têm de dizer para as crianças que a visita terminou e que elas devem sair dali. Embora tentem disfarçar, os olhos de alguns agentes ficam marejados nesse momento.

Ao ver meu filho Victor chorar logo na primeira visita, adotei uma estratégia: mesmo me corroendo por dentro, durante a despedida, passei a estampar um sorriso no rosto, fazendo o possível para demonstrar alto astral com brincadeiras e descontração.

— Papai, quando você vai voltar para casa?

— Não vai demorar muito, meu amor...

— O que faço pra você sair daqui?

— Você precisa brincar muito, ir bem na escola, ficar feliz e sorrir. Se sorrir bastante, vai me ajudar a ir para casa mais rápido.

Num domingo de visita, 12 de agosto de 2018, Victor fazia aniversário. Também era dia dos pais, o que contribuiu ainda mais para machucar meus sentimentos ao recebê-lo naquelas circunstâncias em que me encontrava. Consegui uma caixa de bombons e o presenteei. Brincamos o dia inteiro, não desgrudou nem um minuto de mim, e na apresentação da peça teatral que eu integrava, ao final pedi a todos para que cantassem parabéns à ele que, encantado, subiu ao palco para receber a homenagem. Victor ficou radiante.

Depois de muitos beijos e abraços, hora da despedida. Triste hora. Ele, na sua ingenuidade e sinceridade típica das crianças, de certa forma me fez "morrer um pouco" e "reviver outro tanto" ao dizer, olhando nos meus olhos:

— Papai, esse foi o melhor aniversário da minha vida — e agarrou-se ao meu pescoço num abraço que desejei que não terminasse. Não consegui responder. A fala não saiu. Minha esposa, que assistia a linda cena, emocionou-se. Eu apenas toquei o rosto dele com as minhas mãos, o beijei e ouvi dele:

— Te amo papai, foi meu melhor aniversário, o melhor dia!

E foi embora todo sorridente e alegre, e eu fiquei com o coração partido, feliz por ouvir dele aquelas belas declarações e com o coração apertado em vê-lo ir embora.

A VIDA NÃO É BELA

"Ainda que eu falasse a língua dos homens;
e falasse a língua dos anjos;
sem amor, eu nada seria".
Renato Russo (Coríntios 13:1)

No clássico do cinema "*A Vida é Bela*", o personagem do ator Roberto Benigni, levado a um campo de concentração nazista com a mulher e o filho Josué, criou todos os tipos de estratégia para que o menino, de cinco anos, não soubesse que todos estavam presos ali. Para isso, o pai convence o garoto que tudo aquilo não passava de um divertido jogo. No final do filme, quando o pai é levado por soldados alemães para o fuzilamento, ele vê o filho ao longe e, sorrindo, simula que está brincando de marchar. Foi a última vez que pai e filho se viram.

Quando me preparava para receber a visita da minha esposa e meus filhos pela primeira vez em Tremembé, fiquei preocupado com a reação do meu filho caçula, Victor, de apenas sete anos, sempre muito emotivo. Antes da visita, eu enviei uma mensagem à minha esposa para ela dizer às crianças que eu estava em um hospital do exército, a fim de evitar traumatizá-las com a notícia de que estava preso. Fui até a enfermaria e pedi "gaze" para enfaixar a perna direita e tomei emprestadas as muletas de um colega.

Ao encontrar Viviane, minha esposa, e os filhos Victor, Gabi e Bia, no domingo de visitas, nos abraçamos com muita alegria. E Victor foi logo perguntando:

— Papai por que você está nesse hospital?

— Machuquei a perna, mas logo estarei em casa, meu amor.

Fiquei apreensivo. Victor é muito esperto e, mesmo que o salão de visita do IRT não tenha característica de presídio, temi que ele descobrisse a verdade. Sinceramente não sei se, nas inúmeras visitas que seguiram, meu filho soube do que de fato acontecia, mas sempre se comportou como nada soubesse. Ainda bem!

Pelo que conhecia do Victor, ele não permaneceria enganado por muito tempo. Talvez tenha inventado uma estratégia, fingindo nada saber para não me deixar triste.

No filme *A Vida é Bela*, o pai "fantasiou" uma tragédia para proteger o filho do impacto da drástica realidade. Na vida real, eu criei uma história para o Victor não ficar traumatizado e talvez ele tenha inventado outra para amenizar meu sofrimento. Possivelmente não quisesse que eu descobrisse a verdade sobre sua angústia de me ver naquele lugar.

É... a vida nem sempre é bela.

***

Também não consegui ludibriar minha filha, Beatriz, de 10 anos. Na primeira visita, ela até acreditou que fosse uma espécie de "hospital do exército", mas logo descobriu a verdade. Entretanto, numa demonstração de amor, ela tentava transparecer para mim que pensava tratar-se mesmo de um hospital. Talvez tivesse feito um pacto com o irmão.

— A minha historinha não colou — pensava. É melhor que eu lhe diga a verdade, embora talvez ela já saiba de tudo.

Durante as visitas, tentava puxar conversa com Beatriz do porque estava naquele lugar, mas ela desconversava. E agia assim, acredito, para me proteger. Ela não se cansava de escrever em meus braços: "Papai te amo!" e assinava o nome embaixo da frase, como fazem as meninas de sua idade.

Como em casa eu sempre a coloquei na cama para dormir, nas visitas, ela pegava alguns colchonetes, chamava o irmão Victor e dizia:

— Papai, deita com a gente!

Sem consciência de que aquilo cortava minha alma, ela continuava insistindo:

— Papai, deita com a gente e conta história pra eu dormir.

Logo a visita chegaria ao fim. Como poderia contar histórias até ela dormir? Na sua inocência, Beatriz, que tentava me poupar, fingindo acreditar que o presídio era um hospital, sem saber, me fazia chorar por dentro, apesar do meu sorriso no rosto.

Minha filha mais velha, Gabriella, de 12 anos, assimilou melhor o meu drama. Como lhe expliquei, a política é um mar de lama e quem se propõe a ser político tem de arcar com as consequências,

mesmo não cometendo crimes. Ela compreendeu e segurou as lágrimas, me abraçando.

Quanto à minha esposa Viviane, ela me surpreendeu, tamanha sua resiliência. Embora tenha se abalado quando me viu preso, segurou as pontas com uma garra e um amor que eu, admito, não conhecia. Desde o primeiro dia da minha angústia, ela não perdeu um dia de visitas sequer. Quando não conseguia entrar para me ver, como aconteceu no CDP de Suzano, ficava plantada diante do prédio. Algo sem sentido para quem desconhece o verdadeiro amor de uma esposa, de uma mãe ou de uma filha. Para me visitar em Tremembé, ela dirige 300 quilômetros todo fim de semana. Ela que precisava de apoio — acabara de perder a mãe — não media esforços para me apoiar.

Nesse *Diário de Tremembé*, não há heróis, mas se houvesse, a heroína da história seria minha esposa.

— Estou com tanta saudade de você em casa fazendo meu café e brincando com as crianças! — ela desabafava comigo.

Eu respondia, tentando controlar as emoções, esforçando-me para não desabar.

— Calma. Vai chegar a hora. Tudo passa. Logo estarei em casa. Deus age de uma maneira que não compreendemos, mas Sua perfeição é incontestável. Há tempo para chorar e tempo para sorrir. Nossa hora de sorrir está chegando. Vamos manter a fé em Deus que tudo acabará bem, afinal, Ele é o Deus da Justiça.

UM DIA DE VISITAS NO CADEIÃO DE PINHEIROS

"Estava nu e vestiste-me; adoeci e visitaste-me; estive na prisão e foste me ver".
Mateus 25:36

Os dias de visitas são bem diferentes no Cadeião de Pinheiros, como é conhecido aquele Centro de Detenção Provisória (CDP) onde passei algumas semanas em "trânsito". Em nada lembra Tremembé, sobretudo quando os presos recebem seus familiares. A diferença é brutal. Lá impera a melancolia. Eu vivenciei um domingo de visitas naquele lugar e escrevi sobre as impressões que tive naquele dia, experiência que quero compartilhar com o amigo leitor:

Manhã no Cadeião de Pinheiros, Zona Oeste de São Paulo, domingo de céu azul. Com exceção do céu, tudo que se vê são muros, grades, celas que escondem as paisagens. Nos dias de visita, os internos têm de acordar mais cedo e sair das celas para que seja feita a faxina, realizada por eles mesmos. Os lençóis que separam os espaços destinados às visitas íntimas nas próprias celas denunciam a precariedade do local improvisado. Quem não recebe visita dança. Além de amargar a solidão, não pode entrar na cela durante todo o dia.

As visitas e a alimentação são sagradas para os presos, que estão sujeitos a várias regras, como por exemplo, jamais trocar olhares com as visitas alheias, não usar short curto, não falar palavrão, falar baixo, nunca discutir ou brigar, não incomodar a visita do colega. Depois de o prisioneiro permanecer longos dias atrás dos muros da cadeia, receber uma visita é uma alegria indescritível, uma dádiva.

Depois de tudo organizado, por volta das oito horas, os familiares começam a chegar. Antes disso, todos visitantes passam por uma verdadeira tortura moral. Muitos vêm de lugares distantes e ficam horas na fila, tudo para serem mal recebidos por funcionários deste setor, mau humorados, despreparados e sem nenhum senso de humanidade. É preciso dizer que a maioria dos funcionários trata os familiares com a mesma indiferença com que trata os presos. É uma aberração: os chefes e superiores hierárquicos sabem do absurdo, porém insistem em fazer vistas grossas, como quem diz: "eles são maltratados assim há 50 anos, pra que mudar?"

Em quase todos os presídios, por falta de escâner, os visitantes ainda têm de passar pela ilegal e constrangedora revista íntima, em que são obrigados a agachar completamente nus, entre outros absurdos. Outrossim, as famílias cumprem pena mesmo sem ter cometido crime nenhum. A distância, a saudade, a agonia e os constrangimentos são alguns dos fatores que fazem com que os parentes, em muitos casos, sofram até mais que os presos, como bem descreveu Josmar Jozino no livro *Casadas com o Crime*.

O local para receber os visitantes é a quadra de esportes que fica localizada em frente às celas. Tudo perfeitamente organizado, apesar de o ambiente ser "frio" e lúgubre. Garotos que aparentam não ter mais que cinco anos, correm sorridentes ao encontro dos pais e pulam em seus colos. Abraços demorados. Os pais sussurram nos ouvidos dos filhos, é possível deduzir do que se trata: afagos de pai, palavras de carinho:

— Que bom que você está aqui!

Esposas chegam felizes pela oportunidade de rever seus maridos e ao mesmo tempo, aflitas. Suas expressões traduzem a saudade e a angústia; são reflexos dos problemas cotidianos que compartilham com seus companheiros. Uma delas diz:

— Nosso filho não vai bem na escola, está rebelde.

Outra, bastante preocupada, relata ao companheiro:

— Nossa filha continua internada, não sabemos quando ela vai ter alta. Ao ouvir, ele a abraça e choram juntos.

A cena é muito triste. Logo me lembro dos meus filhos e me afasto dali.

Várias crianças, sem a menor noção do que é aquele ambiente hostil, brincam correndo de um lado para o outro sob o olhar terno dos pais. A aflição deles é perceptível, apesar de tentarem disfarçá-la. Há aqueles que tentam manter a "pose" de durão, mas suas fisionomias denunciam que seus corações estão apertados.

Avisto minha esposa Viviane no portão. Está sorridente.

— Ufa! Que bom! Ela veio.

Vejo algumas mães que não conseguem esconder o constrangimento por estarem em lugar tão inóspito. Uma delas viajou de Ribeirão Preto para ver o filho, um jovem, preso por ter praticado homicídio, cuja doença mental é visível. Ele cometeu o crime durante um surto psicótico. A mãe do rapaz puxa conversa com a minha esposa.

— Este lugar é horrível. Cada vez que eu entro aqui, morro um pouco. Tive tanto cuidado com meu filho e, por um descuido, ele cometeu esse crime. E o pior é que ele nem sabe porque está aqui. Meu esposo é policial militar e não tem coragem de vir ao presídio para ver o filho nessa situação — diz a mulher enquanto seu filho, um "garoto" de 18 anos, olha para o vazio sem compreender totalmente o que está acontecendo.

— É, Acir, ao menos ele tem a mãe. E aqueles que nunca recebem visita? — pergunta minha esposa, lamentando.

Os presos que não recebem visitas, por diversos motivos, ficam cabisbaixos e tentam disfarçar a tristeza e o desconsolo, conversando com amigos que estão na mesma situação ou caminham solitários com passos lentos e tristes.

O clima é ameno, o sol da manhã vai aos poucos invadindo o lugar para atingir as intransponíveis muralhas do tranquilo raio III do pavilhão. Internos brincam com as crianças na quadra enquanto as esposas, mães, filhos, filhas e pais permanecem sentados, seus olhares são vagos e desolados. Talvez estejam imaginando quão bom seria se o ente querido não estivesse preso e compartilhasse com eles o domingo no conforto do lar com aqueles que amam.

Enquanto um jovem casal conversa e come um lanche, seu pequeno filho, de aproximadamente três anos, brinca despreocupado no pátio e tenta chamar a atenção do pai:

— Papai olha o que eu sei fazer! — Ele sorri, mas não consegue responder. Apenas observa com ternura.

Além de ser motivo de alegria pela oportunidade de receber os familiares, as visitas são um raro momento para degustar um lanche ou comer algo decente para, ao menos por alguns momentos, sentir-se livre e matar a saudade da comida de casa. Por isso, as visitas são fundamentais para a ressocialização.

São 16 horas, o fim da visita se aproxima. As mulheres abraçam seus maridos. As mães acariciam seus filhos, prometendo retornar em breve. Na despedida, algumas crianças choram; não entendem porque o pai tem de ficar naquele lugar estranho e não pode ir para casa com elas. Esposas tentam se mostrar fortes, mas seus semblantes indicam que estão sofrendo. De longe, ouço um garoto gritar: — Tchau pai, te amo!

Ele busca forças no fundo da alma e responde:

— Tchau meu filho, eu também te amo.

Enfim, todos se despedem; encerra-se o horário de visita. O ambiente que estava feliz e radiante com a presença de várias crianças, volta à frustrante normalidade, à monótona rotina e ao permanente ócio. Em poucos minutos, as trancas vão se fechar e dormir é um modo de conter a frustração por não ter ido para casa com a família. O sono alivia a dor e dispersa a consciência de que no dia seguinte a única alternativa é encarar mais um dia de tédio e ociosidade na prisão.

A ROTINA EM PINHEIROS

Relato a experiência dos dias em que estive em trânsito, pela terceira vez, no Cadeião de Pinheiros. Também vou falar um pouco da rotina do presídio. Adianto que, naquele lugar, todos os dias têm sabor amargo.

Em uma terça-feira, no abrir automático das grades das celas, às sete horas da manhã, saí para caminhar pela quadra de esportes que fica em frente às celas. Quando não há jogos de vôlei ou futebol, a quadra serve de pátio para os internos.

Logo reencontrei o jovem "Antrax", preso pelo assassinato de um turista francês em 2008, crime que repercutiu mundialmente. Cumprimentamo-nos e segui em frente. Caminhando um pouco mais, encontrei o "Mato Grosso", ex-militar do exército, preso por tráfico de drogas. Ele foi um dos melhores colegas que tive naquela cadeia. Sempre que conversávamos, ele falava muito do filho que está trilhando a carreira militar. "Mato Grosso", que tem esse apelido por ser do Estado de mesmo nome, é o típico cara "gente boa".

Na caminhada, vi vários pares de tênis caros espalhados pela quadra, secando. Pensei enquanto circulava:

— Nem sempre os tênis caros, assim como os carros importados, revelam a verdadeira condição de quem os possui...

No Raio III, onde eu estava, não há nenhuma possibilidade de ter acesso visual ao mundo exterior o que contribui para aumentar a ansiedade. Aí é que entram as toneladas de cigarros, consumidos um atrás do outro, a despeito de provocarem câncer e outras doenças.

Por depressão, tristeza, saudade, revolta, decepção e outros sentimentos, alguns internos passam boa parte do tempo dormindo, muitos sob efeito de remédios. Ainda de manhã, os que trabalham na biblioteca, situada na parte externa do raio em que me encontrava, vão até as celas, oferecendo os poucos livros que existem ali. Naquele dia, peguei a biografia do ex-presidente americano Bill Clinton e comecei a ler imediatamente. No presídio, às vezes os livros são os únicos companheiros. Li algumas páginas para conhecer o enredo e gostei. Retomei a caminhada, avistei alguns prisioneiros, já idosos, jogando dominó; outros, nos cantos, conversavam com os colegas da mesma idade.

Quando menos esperava, a enorme grade de entrada do raio se abriu, eram os poucos internos que cursam ensino fundamental e médio, retornando das aulas que acontecem dentro do presídio, mas num setor fora do raio. Quem estuda eleva a auto estima, deixa de ser presidiário para se tornar "reeducando". Essa é a única atividade que o Estado oferece ali. Não há trabalho, recreação ou qualquer outra ocupação. E como não há nada para fazer, a maioria passa o dia conversando e trocando experiência sobre os crimes que cometeram, transmitindo lições espúrias que os reincidentes colocarão em prática quando em liberdade. Se fosse como em Tremembé ou nas APACs, onde todos são respeitados, trabalham, estudam e convivem mais com a família, o índice de reincidência seria muito mais baixo.

***

O relógio marcava 11 horas, todos aguardavam a boia (almoço). Quando tocou o sinal, os internos entraram em suas celas com grades automáticas que eram fechadas, dando a impressão de que se tratava de bichos acuados, correndo para dentro das tocas. Se não estivessem na hora marcada no interior das celas, seriam punidos, exceto os chamados "faxinas" e "boieiros" que logo passaram distribuindo as "quentinhas".

Em cada uma das quinze celas ficam "alojados" aproximadamente onze homens. Por ser um raio especial, não há superlotação, mas geralmente a ocupação é total. Já nos outros presídios espalhados pelo país, o amontoado de homens é desumano e cruel. Onde cabem 10, enjaulam 40.

Ao meio dia, todos saíram das celas novamente. Mas não havia para onde ir, pois o único espaço disponível era a congestionada e pequena quadra de esportes. No Cadeião de Pinheiros, não tive notícia de qualquer atividade que cooperasse para a ressocialização dos presos. Desse modo, são obrigados a ficar o dia inteiro num ócio que, como já citei, mas se faz necessário reiterar, só contribui para engrossar a lista da "universidade do crime". Como na maioria dos presídios, há autores dos mais variados delitos que passam boa parte do tempo "ensinando" e explicando minuciosamente como traficar, roubar cargas, criar grupos de extermínio, assaltar, explodir caixas eletrônicos...

***

A tarde avançava. Li mais algumas páginas da biografia de Bill Clinton e quando o tédio invadiu minha alma, interrompi a leitura e fui para o piso superior bater um papo com o ex-juiz federal João Carlos da Rocha Mattos, que sempre foi muito solícito comigo. Aproveitei a ocasião para entrevistá-lo novamente e, esgotado o assunto, o deixei com a educação que lhe é peculiar, absorto, com os olhos fixos no livro que sustentava nas palmas das mãos. Ele ainda sorriu dizendo:

— Volte quando quiser.

Retomei a andança, esforçando-me para imaginar que não estava limitado às dependências do presídio. Constantemente, os agentes penitenciários, que não têm aproximação nem contato físico com os presos, apareciam na grade de entrada do raio com papéis nas mãos, causando grande alvoroço e expectativa entre os presos. Como ansiavam, os agentes podiam estar trazendo carta de um familiar, um sedex com itens diversos ou quem sabe um esperado alvará de soltura. Quando isso ocorre, a gritaria é geral. Todos celebram a liberdade do colega se perguntando:

— Quando será a minha vez? Questionam-se.

A tarde ia caindo e uma dupla tocava violão na porta da cela e cantava músicas sertanejas, deixando alguns presos entusiasmados e com vontade de dançar. Já os mais serenos permaneciam lendo ou vendo televisão em suas celas. Quando não, malhavam em uma academia rústica improvisada com garrafas pet, cheias de água ou negociavam itens de higiene, doces, bolachas, barbante para crochê, tapetes e as mais variadas bugigangas. Nas negociações, os maços de cigarro são utilizados como moeda corrente. Vi também alguns internos que formavam rodinhas em torno das mesas de plástico e jogavam dominó, cartas e xadrez. Outros, sentados nos bancos de concreto na lateral da quadra pintada de azul, passavam o tempo olhando para o vazio, talvez pensando em suas famílias e administrando a saudade. Naquele dia, não ocorreu nenhuma briga. O ambiente produzia uma atmosfera pacífica.

Caminhando um pouco mais, deparei-me com o "salão" de cabeleireiro do presídio, localizado entre a quadra e o duchão. Trata-se apenas de uma simples e antiga cadeira de barbeiro ao lado de uma pequena cômoda, em que ficam a tesoura, o pente, a lâmina e o espelho.

Ali, os cabeleireiros dão um "tapa" no penteado da galera. Os cortes são os mais variados. Assim como ocorre com os demais presos que prestam serviço na cadeia, a cada três dias trabalhados o cabeleireiro também tem um dia a menos de pena. Eu aproveitei que estava de passagem por ali e também aparei o cabelo. Não ficou legal, mas não reclamei. O barbeiro, de olhar frio, tinha a lâmina na mão e eu não sabia por qual crime ele estava preso.

***

Passava das 16 horas, o movimento indicava que o horário da janta se aproximava. Logo as trancas das celas seriam fechadas e os internos teriam de permanecer confinados até às 7 horas do dia seguinte.

Antes do fechamento da "tranca", aquele colega de cela, o Bruce Lee, que é da cidade de Pindamonhangaba, sofria com dor de dente. Mas naquela tarde, para variar, não havia dentista no presídio. Eu o ajudei procurando anti-inflamatório e analgésico em outras celas. Fui até a famosa cela 310, onde ficam os presos gays e afins e procurei por Graziani, a Grazzi, um médico formado na Bolívia que trabalhava no Brasil sem ter validado o diploma que, sempre muito generoso, forneceu-me os remédios de que o Bruce precisava.

Grazzi, que se formou em medicina na Bolívia, acompanhava uma paciente em uma ambulância que veio a falecer já dentro do hospital e ele acabou preso por prática ilegal da profissão, sendo acusado pelo óbito da mulher. Pergunto: se Grazzi tivesse se omitido, negado socorro, também seria processado? Ele responde a processo, mas indubitavelmente foi uma das melhores pessoas que conheci naquele lugar. Meses depois, ele foi transferido para Tremembé.

Quando fechavam as trancas, os bate-papos nas celas corriam soltos, mas eu nunca tinha imaginado que presos, até os mais perigosos, gostassem tanto de novela. Mal começava a novela das nove, o silêncio era geral. Vai entender!

Para fechar o dia "com chave de ouro" um preso da minha cela, apelidado de "Insulina" por sofrer de diabetes, teve uma séria crise e lá fui eu ajudar a segurá-lo, porque ele se debatia violentamente. Que susto! Nunca tinha presenciado cena como aquela que, dentro da cela, tornou-se mais assustadora. Felizmente logo o Insulina tomou uma injeção e ficou bem. Eu é que demorei um pouco mais a me recuperar do susto.

***

Um detalhe interessante: No Brasil, geralmente presídio é sinônimo de imundície. Isso se deve à precariedade do sistema prisional no nosso país. Todavia, posso dizer que a maioria dos presos, ao contrário do que se pensa, não aprecia a sujeira. No Cadeião de Pinheiros, durante as refeições, inclusive no jantar, fica clara a obsessão geral por limpeza. Os mundrungos, como são chamados os internos que têm pouco apreço pela higiene, não são bem-vindos. É proibido tocar nos alimentos sem "fazer a luva". Além disso, ao menos um banho por dia é lei. Comer ou dormir sujo é reprovável. Os inúmeros varais estendidos ao redor da quadra estão sempre lotados de roupas, toalhas e lençóis muito brancos, sempre impecavelmente lavados. Cada preso lava suas próprias roupas, pois não há lavanderia em Pinheiros. Quem tem condições paga com cigarros para outro lavar suas peças. Ah se as esposas e mães soubessem como seus maridos e filhos cuidam bem de suas roupas e da limpeza da cela, acabaria a moleza que eles têm em casa, onde tudo fica geralmente por conta das mulheres. Os presos que não dominam o ofício são forçados a aprender. Eu ainda estou aprendendo, não gosto que outros lavem minhas roupas, mesmo porque quando isso ocorreu me devolveram uma coruja (cueca) que não era minha e, ainda por cima, a maldita estava rasgada atrás.

***

Pinheiros III, Raio III, é praticamente uma extensão de Tremembé no que tange ao perfil da população carcerária. Boa parte dos que estão ali já passaram pelo IRT, como o próprio Rocha Mattos. Muitos foram transferidos para Pinheiros por atos de indisciplina ou por serem de alta periculosidade, o que não é o caso do polêmico ex-juiz federal que foi parar em Pinheiros, depois de passar por Tremembé, porque o presídio fica mais próximo da residência de seus familiares e isso facilita a locomoção nos dias de visita.

Apesar dos inúmeros problemas, nem tudo são trevas no Cadeião de Pinheiros. Certa ocasião, presenciei algo inimaginável em uma prisão, um ato de profunda generosidade por parte dos presos. Na cela 305, a "enfermaria" (que de enfermaria não tem absolutamente nada), onde eu sempre ficava "hospedado", há um detento muito idoso, de origem nipônica, chamado Atsuo Sakamoto, ex-policial militar que alternava momentos de sonolência com lucidez. Ele nunca recebia visitas e nem o jumbo, que é uma sacola com alimentos e outros produtos que as famílias levam às terças-feiras ao presídio e os funcionários entregam aos presos. Em uma dessas ocasiões, havia uma movimentação diferente na quadra e fui ver o que acontecia. Um preso segurava um grande saco plástico branco e nele os colegas que tinham recebido o jumbo depositavam bolachas, chocolate, doces, refrigerantes e outras guloseimas. Com o saco lotado, escreveram o nome de Sakamoto com o canetão e lá foram eles na maior alegria ao encontro do velhinho, gritando com empolgação:

— Sua família mandou seu jumbo de novo, Sakamoto!

— Caramba! Que bom! Que legal — disse, não se contendo de felicidade. Ao chegar à cela, o velho Sakamoto dividiu o seu jumbo com os demais colegas. Surpreso, pensei:

— Homens maus promovendo o bem? Engraçado, talvez a prática do bem não seja exclusividade dos bons...

"RÁDIO SAUDADE" EM TREMEMBÉ

— Papai, estou morrendo de saudade, quero te ver logo. Te amo muito...

Essa é uma das várias mensagens ouvidas diariamente na rádio evangélica Betel FM que alcança todo Vale do Paraíba.

Durante a programação, familiares de presos de Tremembé e de outros presídios locais enviam áudios pelo aplicativo whatsapp que são retransmitidas pela rádio. São mensagens vindas de várias cidades, que aliviam a dor da saudade, mesmo porque muitos internos raramente recebem visitas.

As esposas declaram seu amor e mães tentam, com palavras de carinho, acariciar seus filhos à distância e levar a eles um pouco de esperança.

As mensagens que mais emocionam são as de crianças, filhos "separados" dos pais pelas circunstâncias do encarceramento.

É por meio da rádio que os presos têm a oportunidade de ouvir as vozes de sobrinhos, tios, avós, primos, pois esses não podem visitá-los — as visitas se limitam aos parentes de primeiro grau.

"Papai, vem logo pra casa".

"Meu filho, a mãe chora todo dia, mas não perco a esperança de ter você aqui em casa de novo".

"Oi, nego, meu amor, que bom que hoje já é sexta-feira. Domingo estaremos aí na visita para te abraçar".

"Pai, tá chegando meu aniversário, sai daí logo".

"Papai, eu sonhei que você já estava em casa com a gente".

"Meu amor, aqui é sua esposa que muito te ama. Conto os dias e as horas para ter você aqui em casa o mais breve possível. Saudades".

Ouvindo as mensagens, até os presos mais valentões, aqueles que imaginam serem feitos de aço, descobrem que, na verdade, são feitos de manteiga, mesmo porque se derretem em lágrimas quando ouvem a voz daqueles que são a razão de ainda terem esperanças e de sonharem com a liberdade.

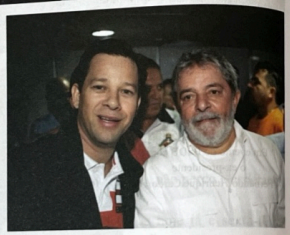
O autor esteve (entrevistando ou atuando politicamente) com todos os Presidentes da República vivos

O autor com Jair Bolsonaro em Brasília-2011
(foto: Jovino de Souza)

Em evento do PSDB com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso

Com FHC no encontro do PSDB em Brasília

Entrevistando o ex-presidente José Sarney, no Senado Federal
(Foto: Jovino de Souza)



Com o ex-Presidente Lula, em 2010
(Foto: Daiane dos Santos)

O prefeito Acir Filló em reunião de trabalho com a presidente Dilma Rousseff em Brasília – 2014
(Foto: Jovino de Souza)

Encontro com o ex-presidente Fernando Collor de Mello em 2015.
(Foto: Jovino de Souza)

O autor entrevistando o então Presidente da Câmara dos Deputados, Michel Temer.
(Foto: Jonathan Rosa)

Sobre o autor

O repórter Acir Filló entrevistando a senadora Marina Silva, em Brasília.
(Foto: Jovino de Souza)

Entrevistando o então presidente da Câmara dos Deputados Aécio Neves em 2002.
(Foto: arquivo pessoal)

Entrevistando o empresário Antonio Ermínio de Moraes
(Fotos: arquivo pessoal)

Ao realizar reportagem com o Ministro da Saúde José Serra - 2002
(Foto: Arildo dos Santos)

Acir, em 1998, quando criou o Consórcio de Desenvolvimento do Alto Tietê (AMAT-CONDEMAT)
(Foto: arquivo pessoal)

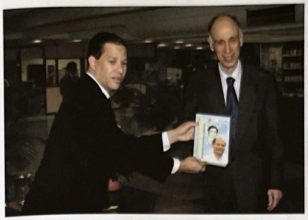
Entrevista com o empresário Antonio Ermínio de Moraes
(Fotos: arquivo pessoal)

O radialista Acir Filló, em 2009
(Foto: Rodrigo Gambale)

Entrevista com Gilberto Kassab em 2003
(Foto: Jonathan Brasil)

Entrevistando Delfin Neto, em Brasília –1996

ACM (Antonio Carlos Magalhães) com o escritor Acir Filló-2006



O autor com o ex-vice presidente Marco Maciel, na noite de autógrafos da biografia de Alckmin
(Fotos: Jovino de Souza)

Acir Filló autografando o livro para o Senador Álvaro Dias na biblioteca do Senado Federal - 2006

Vladimir Netto (Jornal da Globo) entrevista o autor Acir Filló - 2006

Acir Filló com Milton Neves: Condecoração
(Foto: Rose Rego)

O jovem repórter Acir Filló faz entrevista com Alberto Goldman, Ministro dos Transportes do governo Fernando Henrique Cardoso
(Foto: Jovino de Souza)

Lançamento do 1º livro de Acir Filló em 1998, com o biografado Estevam Galvão
(Foto: Jovino de Souza)

O autor entrevista a dupla João Paulo e Daniel, nos bastidores do programada Hebe no SBT - 1997
(Foto: Cristiano Heitor)

Em Salvador, em um dos eventos de lançamento da Biografia de Geraldo Alckmin 2006
(Foto: Jovino de Souza)

O autor com o Ministro do Supremo Tribunal Federal, Marco Aurélio Mello 2016
(Foto: Valmir dos Santos-Sal)

O autor com Senador Aloísio Nunes Ferreira, na Comissão de Relações Exteriores no Senado em 2016
(Foto: Jovino de Souza)

Geraldo Alckmin, Acir Filló e Fernando Haddad em 2015
(Foto: Wellington Carneiro)

Ao lado, de seu antigo professor, Marco Antonio, da filha Beatriz e esposa Viviane, Acir Filló é diplomado prefeito em dezembro de 2012
(Foto: Miguel Leite)

Deputado Estevam Galvão, o atual Vice-Governador Rodrigo Garcia e o Prefeito Acir Filló no anúncio da construção da Fatec em Ferraz de Vasconcelos
(Foto: Jovino de Souza)

Os refugiados sírios

Solidariedade: Acir Filló ao acolher e abrigar os imigrantes sírios em 2014
(Foto: Jovino de Souza)

Os refugiados Mohamad e Hazan recebidos pelo casal Viviane e Acir Filló

Exilados sírios almoçando com Acir Filló na Prefeitura de Ferraz de Vasconcelos

Brasileirinho Adam, que nasceu no Brasil, filho de Hazan e Mohamad

Prefeito Acir Filló e o então Secretário da Admistração Penitenciária, Lorival Gomes, inaugurando Central de Penas Alternativas em Ferraz de Vasconcelos em 2013.

Prefeito Acir Filló, com a esposa Viviane e Lorival Gomes inaugurando em parceria a Central de Penas Alternativas, visando a ressocialização de presos em Ferraz de Vasconcelos e região – 2013
(Foto: Jovino de Souza)

Uma parceria em favor da ressocialização de presos.

Renato Benetti, diretor geral do CDP de Caraguatatuba, assina contrato. Ao lado, Nestor Pereira Colete Júnior, coordenador da Corevali.
(Foto: Reprodução SAP)

Acir Filló promovendo curso de oratória para os reeducandos de Tremembé em 2018

O autor entregando, com Adriana Campos, os certificados aos formandos do curso de Oratória

O autor com o cardiologista Roberto Rivetti e o amigo Wellington

Grupo de peça teatral protagonizada em Tremembé -2017
(fotos: arquivo pessoal)

Família: Acir Filló, com a esposa Viviane e meus filhos: Gabriella, Beatriz e Victor na visita do Dia dos Pais de 2018
(Fotos: arquivo pessoal)

DIÁRIO DO ALTO TIETÊ portalnews.com.br Sexta-feira, 3 de fevereiro de 2017 7

TJ-SP

Denúncias de improbidade administrativa e outros processos que levaram ao seu afastamento foram arquivados

Justiça inocenta ex-prefeito Filló de acusações em Ferraz

O ex-prefeito de Ferraz de Vasconcelos Acir Filló (sem partido) foi inocentado pela Justiça de acusações de improbidade administrativa e outros processos que foram arquivados pelo Tribunal de Justiça, em dezembro de 2015. Além dessa decisão, outros processos que ele respondia também foram arquivados ou julgados improcedentes pelo Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP) e pela Justiça.

Procurado pela reportagem do Dia0, Filló lamentou a demora da Judiciário para julgar seus casos, mas se disse feliz por ser absolvido. "Eu comecei minha vida, meu primeiro emprego foi aos 14 anos. Eu entrei em uma fábrica e passei cinco anos em um período muito grande e a minha vida. Aprendi uma lição a dentro prezo e eu aprendi muito do ser acusado em um processo político que só prejudicou a cidade e quase destruiu a minha carreira", adverso Filló.

Segundo levantamento feito pelo Dia0, ainda restam alguns casos mais simples a serem julgados pela Justiça, porém, são processos pessoais, sem relação com a Prefeitura de Ferraz ou a gestão de Filló (2009 a 2012).

O ex-prefeito reforça e afirmou que foi vítima de uma guerra política, que culminou em seu afastamento.

> Eles me afastaram e prenderam pessoas erradas que só prejudicaram meu governo e a minha vida, afirmou

e na não participação na eleição do ano passado. "As acusações eram todas falsas, armadas e plantadas e agora a Justiça confirmou e anulou. Para ter afastado do cargo mentiram dizendo de coisas feitas de que eu tinha cometido a cidade inteira. Eu não cometi nenhum crime, consumo acusado em 2015 por uma pessoa pela suposta venda de um imóvel para mim. Mas os denunciantes não sabem que essa pessoa havia falecido há muito anos. Ele [denunciante] não tem como provar", frisou, o Ministério Público e o Poder Judiciário, em princípio, agiram corretamente em me afastar, pois eram muitas denúncias, apesar de todas serem improcedentes, graves e impressionantes. Mas não guardo mágoas de ninguém. Vingança e ódio não fazem parte de minha vida cristã".

Filló disse que está de volta à política, acompanhando obras que ajudou a iniciar

Política

Com a decisão da Justiça, Filló afirmou que vai dentro da política e que está de volta. "O povo me conhece e sabe que eu fiz uma administração correta e honesta", disse. Agora, vou continuar trabalhando pela cidade. As obras que, com muito trabalho, iniciamos para Ferraz estão em andamento e vou acompanhar de perto", disse. "Sobre eu voltar a ser candidato digo que ainda não tenho a menor esse tempo que eu e minha família passamos. Mas agora com a Justiça feita eu voltarei a ser candidato a prefeito de Filló há dez anos. A dívida da cidade, que vem de 20 anos atrás, dificulta as coisas. Mas com muito trabalho e parceria é possível avançar. Vou aguardar pela minha candidatura e que os pudim cidade vistos à disposição", completou.

Contratos que contribuíram para afastar Filló são falsos

Perito: contratos que ajudaram a afastar Acir Filló são falsos

ESTADÃO

Fausto Macedo

Juiz diz que procuradores de Ferraz são 'doença autoimune'

Luiz Vassallo
01 de março de 2019 | 05h29

Moluna atuou em caso de repercussão

Prefeito Acir Filló foi afastado do cargo e depois preso, mediante acusações que usavam documentos falsos.

NOTA

O jornal O Estado de São Paulo, a ISTOÉ e outros órgãos da imprensa noticiaram o afastamento, por irregularidades, dos procuradores da prefeitura de Ferraz de Vasconcelos pela administração e pela Justiça em 2018. Foram esses procuradores que (artificialmente, também usando documentos falsos e manipulando e rasurando processos licitatórios) "produziram" as denúncias contra Acir Filló, que foram encampadas pelo MP e que causaram seu afastamento, prisão preventiva e geraram várias ações criminais, sem apresentar uma única prova sólida.

De acordo com o Estadão e o rígido juiz Fernando Pavlovsky, da 2ª Vara de Ferraz de Vasconcelos, os procuradores agiam como "doença autoimune" contra a própria prefeitura. Os procuradores foram flagrados em áudio tentando chantagear o atual prefeito. "Os procuradores utilizavam o MP e o judiciário como instrumento de pressão contra agentes políticos, ajuizando ações sem elementos concretos, apenas como ameaça e, nos dizeres dos procurador afastado Marcus Vinicius, para "sentir o juiz" [...] visando acordos criminosos", afirmou o MP que ainda declarou serem "estarrecedoras" as afirmações dos procuradores, que respondem a outros processos. Em junho de 2019, considerados culpados, os procuradores foram exonerados à bem do serviço público.

Acir Filló está preso provisoriamente, pasmem, há dois anos, mesmo preechendo todos os requisitos legais para responder em liberdade ou em prisão domiciliar, como: ter residência fixa, não exercer cargo público, não ser autor de crime violento, não colocar em risco a ordem pública, ser réu primário, não oferecer risco de fuga, não ameaçar testemunhas nem destruir provas. Agora, com essas graves revelações "o próprio MP considerou falsos alguns contratos utilizados pelos procuradores para ajuizarem denúncias", há a convicção de que a Justiça que é notadamente séria e proba, restabelecerá a legalidade, inclusive, arquivando ações com origem viciada e eivadas de nulidades óbvias.

**Estadão - 07/03/2019*

"O que o pai calou aparece na boca do filho, e muitas vezes descobri que o filho era o segredo revelado do pai".

Friedrich Nietzche

PAIS E FILHOS

UM PRÍNCIPE EM TREMEMBÉ

"Pai... você foi meu herói,
meu bandido; hoje é mais,
muito mais que um amigo".

No dia 26 de julho de 2017, o IRT estava num alvoroço total.

— O Edinho chegou hoje! — exclamavam.

— Cara, o filho do Pelé está aqui!

— Cadê o Edinho? Já desceu para o pavilhão?

Essas eram algumas das frases que se ouvia entre os internos e funcionários que estavam ansiosos para receber o filho do rei do futebol.

Edinho, ex-goleiro do Santos, que já havia passado por Tremembé em 2005, chegou e foi direto para o R.O. onde, como todo recém-chegado, passou dez dias isolado. Foi lá, no inóspito e solitário R.O., através do guichê, que eu tive a primeira conversa com ele. Naquele dia, Edinho me contou parte de sua história.

— A separação dos meus pais, quando eu ainda era criança, me abalou muito e gerou uma grande mágoa no meu coração. Por falta de entendimento e em razão da idade, eu tinha muita raiva e até ódio do meu pai por ele ter nos abandonado — disse, com o semblante carregado.

Em 1974, Pelé e Rose Cholbi Nascimento, pais de Edinho, mudaram-se para os Estados Unidos com os filhos, mas não se entendiam e os conflitos não se resolveram no novo país, de modo que a separação, ocorrida em 1978, foi a única alternativa. *

Edinho me relatou que, em Nova Iorque, conviveu com a malandragem do Brooklyn, bairro extremamente violento na época. Alguns de seus amigos eram membros de gangues, mas, decidido a ficar longe das drogas e da criminalidade, optou por praticar esportes.

Quanto ao fato de ser filho do atleta do século, tinha vergonha de contar aos amigos quem era seu pai, já que nos Estados Unidos, na década de 70, o futebol era praticado majoritariamente por mulheres.

— Eu jogava basquete, beisebol, hóquei no gelo e futebol americano e sempre fui muito competitivo, me dedicava com afinco e não suportava perder.

**Revista Piauí – Julho 2009*

Com tristeza estampada no rosto, Edinho falou da dor provocada pela ausência do pai e que contava os dias para chegar a época do Natal, quando vinha com a mãe e as irmãs para o Brasil passar alguns dias com a família que, na verdade, mal conhecia, porque tinha pouco contato.

— Eu criei uma imagem negativa do meu pai. Da boca pra fora, dizia que não o amava. Na minha cabeça, ele fazia minha mãe infeliz e, por isso, era o vilão, o homem mau da história.

Até mesmo em alguns natais, Pelé não aparecia, em razão dos incontáveis compromissos. Era considerado o homem mais conhecido do planeta e, portanto, o mais requisitado. Ainda menino, Edinho não perdoava as ausências do pai.

— Hoje, quando penso naquela época, lembro de que, no fundo, sentia mesmo era muita saudade do meu pai.

Aos 12 anos, Edinho foi para um internato, no interior de Nova Iorque, onde praticava diversas modalidades esportivas. Na escola, por ser um dos destaques do time de beisebol, receberia naquele ano, junto com outros alunos, um troféu como premiação.

O diretor do colégio pediu para dona Rose convidar Pelé para entregar pessoalmente o prêmio ao filho. Pelé concordou e, mesmo atrasado, compareceu, causando enorme alvoroço.

No momento de entregar o prêmio, o apresentador do evento deu a Pelé um troféu de beisebol, modalidade praticada por Edinho. Ele, sem compreender, disse ao rapaz que era pai de um jogador de futebol, por conta disso, o troféu deveria ser outro. Depois de uma rápida discussão, o rei entendeu que Edinho, até aquele momento, não tinha seguido seus passos no futebol. Surpreso, porém feliz por estar ali, Pelé entregou o troféu ao filho.

Segundo Edinho, seu sonho era ser profissional do basquete ou do beisebol. Por ser muito competitivo, disciplinado e ter excelente porte atlético, destacava-se nessas modalidades.

— Não colocava um cigarro na boca, não bebia e nem tocava em drogas. Creio que minha dedicação ao esporte me manteve longe dos vícios.

Também fiquei admirado ao saber que, quando completou 15 anos, Edinho trabalhou para ganhar seu próprio dinheiro. Foi entregador de pizza, vendeu revistas em banca e lavou pratos em uma lanchonete, tudo para poder levar as meninas ao cinema.

Aos 16 anos, veio ao Brasil para passar um tempo com o pai, e seu tio, Davi, o levou à Vila Belmiro para ele assistir a um treino do Santos. Até aquele dia, Edinho não era muito fã de futebol, que contraditoriamente, projetara seu pai para o mundo, conferindo-lhe fama internacional.

— Nem os jogos do Santos eu assistia, nem mesmo quando meu pai jogava.

Contudo, na ocasião, ao ver de perto, pela primeira vez, um time profissional treinando e, entre os atletas, o lendário goleiro Rodolfo Rodríguez, Edinho ficou maravilhado e então percebeu: o futebol não era um jogo só de meninas como diziam nos Estados Unidos, mas sim um esporte de alto nível que exigia muito vigor físico.

Havia mais de 10 anos que ele não tinha contato com futebol, lembrava-se de tê-lo praticado apenas esporadicamente quando criança.

— Cara, o chão tremia quando eles passavam correndo perto de mim. Aí pensei: caramba, o futebol profissional não é nada daquilo que eu imaginava. Que fantástico!

Edinho acabava de se encantar com o esporte e começou a cogitar a possibilidade de tornar-se jogador profissional.

O filho do rei recebeu um convite para participar do treino. Quando questionado sobre a posição em que jogava, ficou por alguns instantes em silêncio. Depois de hesitar, vendo os goleiros treinando com uniformes diferentes numa parte do campo, veio à resposta:

— Sou goleiro!

Afinal, era uma posição que exigia arrojo, impulsão, reflexo e isso ele já havia adquirido no basquete e em outros esportes. Edinho ainda falava português com sotaque, em razão disso, o apelidaram de gringo. E até que ele não foi mal, principalmente por ser a sua primeira atuação como goleiro.

Pouco tempo depois, voltou à Nova Iorque para prosseguir com os estudos e seu pai conseguiu, com a ajuda de um amigo, seu encaminhamento para um time no Queens. Lá, o goleiro Edinho jogou, se aperfeiçoou e conquistou títulos em torneios amadores.

— Eu era preguiçoso para estudar, só queria saber de praticar esportes, até repeti um ano, fui reprovado no último ano do colegial.

Edinho relatou que a *St. John's University*, de Nova Iorque, o convidou para conhecer a infraestrutura da instituição, que lhe acenou com a possibilidade de conceder uma bolsa de estudos. Tinham interesse em vê-lo representar a universidade nas equipes de basquete ou de beisebol. Mas Edinho tinha outros planos e disse a Pelé que desejava morar no Brasil e seguir carreira como goleiro.

— Quando criança, eu tinha raiva do meu pai, mas ao me tornar adulto, caí na real e passei a compreender que separações entre casais são comuns. Além disso, pude entender que meu pai se ausentava porque era muito requisitado e não poderia ser diferente com uma pessoa considerada uma lenda viva. Somente ao me tornar adulto, percebi que meu pai nunca foi "meu", da minha mãe ou da minha família. Ele era e ainda é do mundo. A gente o pegou emprestado por um tempo, mas ele teve de voltar para o mundo — disse emocionado. Edinho — e o mesmo se diga de suas irmãs — reconheceu que a mãe abriu mão de tudo e se sacrificou para cuidar exclusivamente dos filhos.

— Não há como medir a dívida que eu e minhas irmãs temos para com nossa mãe, ela foi extraordinária, segurou a onda dos filhos e, mesmo após a separação, continuou ajudando o meu pai, suprindo as lacunas que ficavam por conta de sua ausência, mas hoje entendo meu velho e sei que ele sempre nos amou.

Além do desejo de jogar futebol, uma das razões que o levaram a morar no Brasil foi a crescente onda de violência em Nova Iorque, principalmente no Harlem, Bronx e Brooklyn, lugares que frequentava. A cidade vivia um caos.

— Alguns dos meus colegas morreram, outros se afundaram nas drogas e no crime e eu definitivamente não queria aquela vida para mim — contou-me.

Chegando ao Brasil, aos 19 anos, Edinho foi convidado para treinar no Santos e passou a jogar nos "aspirantes", time de jovens do clube. Além do privilégio de ter convivido com o extraordinário Rodolfo Rodríguez, acabou sendo "adotado" pelo goleiro Sérgio Guedes que ajudou a lapidá-lo, ensinando-lhe tudo sobre a posição.

— Devo muito ao Sérgio, ele foi fundamental na minha carreira. Tive muita ajuda, mas o fato de ser filho do Pelé me trouxe enorme dificuldade no início. Tinha de provar constantemente o meu valor e qualidade como atleta — relembrou.

No ano de 1993, Edinho procurou a comissão técnica do time e manifestou o desejo de disputar a posição de goleiro titular no time principal. Considerando a necessidade de ele adquirir mais experiência, o treinador sugeriu que atuasse, por algumas temporadas, em times menores. Assim, ele foi emprestado à Portuguesa Santista, onde jogou como titular, transferindo-se, em seguida, para o São Caetano. Como planejara, em 1994 voltou ao Santos, desta vez, mais tarimbado. Ficou por um período na reserva, até que o técnico Pepe o escalou como goleiro do time titular, pois o arqueiro da equipe principal sofrera uma lesão.*

Sua estreia como titular foi em Santo André contra o time local. Por ironia do destino, no mesmo campo em que Pelé havia estreado como profissional, aos 15 anos, pelo Santos.

Edinho ganhou a posição. Foram três anos como titular absoluto, chegando a sagrar-se vice-campeão brasileiro em 1994. Apesar do êxito, nem tudo eram flores. A cada dia, a cada jogo, tinha de provar que seu sucesso não se devia ao fato de ser filho do rei.

As cobranças e as comparações, sempre exageradas, eram inevitáveis, mesmo assim não podiam deixar de reconhecer seus méritos. Bom goleiro, a imprensa cogitou a possibilidade de ele ser convocado para a seleção brasileira, mas o técnico Zagallo, na época, equivocadamente o julgava muito jovem para assumir tamanha responsabilidade.

Em 1996, Edinho sofreu uma grave lesão no joelho e foi obrigado a interromper a carreira. Após se recuperar, voltou como reserva do goleiro Zetti, mas o então técnico Emerson Leão "jogou sujo" com ele, excluindo-o até do banco de reservas e o mandando de volta ao time de aspirantes.

— Você no banco de reservas desestabiliza o Zetti — falava Leão, deixando entrever grande incoerência.

— Naquele momento, Leão prejudicou minha carreira, mas tudo passou e hoje somos amigos — afirmou.

Em 1998, ele foi jogar na Ponte Preta com Luiz Fabiano e outros craques. Em Campinas, conquistou admiração da torcida da macaca. No fim de sua trajetória como goleiro, voltou ao Santos, onde se aposentou.

**(Tribuna de Santos – 21/07/2017).*

Edinho também falou com carinho do técnico Vanderlei Luxemburgo:

— Ele é um verdadeiro amigo, um irmão — reconheceu.

Disse que, após a aposentadoria, se dispôs a continuar trabalhando; não queria levar uma vida de ócio. Havia atuado muitos anos no futebol, mas não fizera fortuna. Naquela época, jogador não era tão bem remunerado, sobretudo os goleiros.

Ao fim da carreira, planejou ser técnico e "manager" de futebol. Queria contribuir com sua experiência para evolução da mentalidade amadora do futebol brasileiro. Um detalhe importante que a maioria das pessoas desconhece é que, em 2004, ele aventurou-se como piloto de motocross e, com o espírito competitivo novamente aflorado, se saiu bem, mas uma lesão o fez abandonar a modalidade.

Certo dia, caminhando no IRT, Edinho me disse:

— Acir, depois que eu voltei em definitivo ao Brasil, pude fazer o que mais desejava na vida: conviver com meu pai. A figura paterna sempre foi ausente na minha infância e isso me machucou muito. Quando voltei para o Brasil, nos aproximamos bastante, nos tornamos amigos inseparáveis, nos apaixonamos. Eu criei o hábito de beijar meu pai, que antes não curtia beijar ou receber beijos. Hoje, sempre que nos vemos, ele me beija muito. Isso era tudo o que eu mais sonhei na vida.

Na caminhada, cruzamos com Maurício Yoppo, Hugo Gabrich e Gil Rugai que nos convidou para ir ao "Café Literário" e mais à frente, passamos por Douglas Fulcanelli, que desafiou Edinho para mais uma partida de xadrez. Os dois protagonizavam grandes e intermináveis disputas nos tabuleiros de Tremembé.

***

Muita gente se pergunta como o filho do rei foi parar em Tremembé.

— Logo ele, que certamente teve uma vida espetacular, com tudo do bom e do melhor — comumente dizem.

Mas a vida não é como imaginam e se distancia muito das imagens fantasiosas criadas pela mídia. Afinal, até os príncipes têm suas agruras. É penoso viver à sombra dos reis, ter de provar a cada momento que as conquistas, alcançadas a duras penas, são produtos dos próprios méritos. Além disso, tudo que um filho deseja é estar ao lado do pai, seja ele rei ou plebeu. Porém, nem sempre o rei pode abandonar seu posto para ser pai, grande contradição da vida.

Poucos sabem, mas ser Edinho, filho de Edson, Pedrinho, filho de Pedro, Joãozinho, filho de João, consiste em uma tarefa muito difícil. Os "inhos" sofrem muito e não foi diferente com Edinho que, a despeito de ser o príncipe, a sorte não sorriu para ele em alguns momentos de sua vida, sobretudo quando fora vítima, segundo ele, de uma grande injustiça. E tudo aconteceu assim:

Um jogador do Santos, conhecido como "Preto", na época, com lesões físicas, foi levado por Edinho a uma clínica ortopédica em São Paulo. Durante o trajeto, Preto recebeu a ligação de um amigo no celular, dizendo que queria vê-lo. Ao atender à chamada, disse estar com o Edinho e por isso não poderia ir ao seu encontro naquele momento.

— O Edinho, filho do Pelé? — perguntou o amigo no celular.

— Sim, ele mesmo, o príncipe — respondeu.

— Cara, eu adoro esse menino, mas não o vejo há muito tempo, traz ele aqui na minha loja. O meu pai jogou com o Pelé no Santos e o rei o ajudou muito. Por isso, gostamos demais do Rei e do Edinho — disse.

Edinho fez sinal para Preto que não daria tempo. Assim, ele deveria adiar a visita, mesmo porque, no dia seguinte, teria jogo do Santos na Vila e o amigo de Preto poderia ir ao camarote de Pelé. E assim aconteceu.

Naquele dia, Edinho se aproximaria de Natinho, o amigo de Preto, circunstância que o levaria a estar cara a cara com o judiciário e, tempos depois, a conhecer a prisão. Natinho havia jogado no time Sub-20 do Santos e do Vasco, mas acabou preso por roubo a banco, o que interrompeu sua carreira de atleta. Após o encontro, ficaram amigos e começaram a frequentar festas e jogos de futebol juntos.

Natinho era investigado e monitorado pela polícia por meio de escutas telefônicas. Como eram amigos, nas escutas, a polícia detectou vários contatos entre eles, mas nada ligado diretamente a crimes. Na transcrição das escutas telefônicas apareceram frases como: "eu tenho, não precisa trazer, não". Ou: "eu levo, pode deixar". Segundo Edinho, suas frases foram distorcidas.*

*Revista Piauí – Julho 2009

No decorrer das investigações, Edinho foi intimado para ir à Delegacia de Polícia para prestar esclarecimentos. Como nada devia, inicialmente descartou a companhia do advogado, grande equívoco, como reconheceu mais tarde.

Ali começou seu "inferno". Na delegacia, forjaram um flagrante, possivelmente queriam dinheiro.

— É o jogo, você sabe como funciona, é o jogo — diziam os policiais.

— Não farei acerto algum. Não devo nada e não cometi nenhum crime — recrudesceu Edinho.

— Ajuda a gente. Chame seu pai que ele resolve — insistiam os chamados "homens da lei".

— Esqueçam, não chamarei meu pai, ele não tem nada a ver com isso e não pagarei nada.

Contrariados, indiciaram Edinho por associação ao tráfico entre outras acusações.

Em Tremembé, ele me falou que, naquele momento, fora extremamente ingênuo.

— Se eu estivesse acompanhado dos meus advogados desde o início, eles não me incriminariam, não forjariam a situação — falou, com uma expressão de arrependimento.

Ele me disse que foi ingênuo e por isso caiu no grampo. Segundo ele, mesmo em se tratando de conversas normais entre amigos, deveria ter sido mais prudente.

— Jamais provarão do que me acusam. É impossível, não cometi nenhum crime. Isso é uma covardia, uma injustiça.

A partir daquele dia na delegacia, começou uma maratona de idas e vindas à prisão. Ele foi seis vezes preso e solto. A primeira prisão de Edinho aconteceu em 2005. Após seis meses, foi libertado por habeas corpus concedido pelo Supremo Tribunal Federal.*

Em sua estada no presídio, Edinho deu algumas palestras. Numa ocasião, falando aos internos, contou sua história. Segundo ele, fora preso pela primeira vez, acusado de suposta ligação com traficantes de drogas. Lembrou que, em razão das frágeis acusações, sua pena de 33 anos fora reduzida para 12. Observou que esteve preso em Presidente Bernardes por quatro meses. Nesse período, também teve o apoio do pai. Como expôs, a prisão ainda é um grande pesadelo para ele que sempre procurou se livrar das más influências. "Quando cheguei em Bernardes, estava há 18 horas sem comer. Peguei um pedaço de pão no lixo para me alimentar," lembrou.

*G1 Santos – 21/07/2017

— Nunca esquecerei a passagem pela cadeia, apesar de todo sofrimento, aprendi a valorizar coisas aparentemente banais, como beber água em copo de vidro e comer com talheres de metal. Sinto dor, arrependimento, angústia, mas não perco a motivação. As armadilhas reservadas pela vida me fizeram sofrer muito, mas pude aprender com o sofrimento e hoje, embora não tenha fortuna, sou muito mais rico como ser humano. Se posso lhes dar um conselho, digo: aprendam a tirar proveito das situações mais adversas, mesmo que nos sintamos injustiçados, podemos aprender algo com o que nos prejudica — afirmou.

A plateia, a exemplo de uma torcida apaixonada, não parava de aplaudi-lo, mas ele continuou:

— Sempre defendi a ética acima de tudo, mas as circunstâncias da vida me trouxeram para cá. Mas felizmente não morri. Um homem só morre quando perde a capacidade de sonhar. Graças a Deus, ainda sonho. E vocês sabem qual é o meu sonho?

É assistir no Jornal Nacional: EDINHO É INOCENTADO PELA JUSTIÇA! — falou, em tom emocionado.

E depois da pausa para recompor-se, continuou novamente ovacionado pela plateia:

— É muito difícil. Às vezes sinto que não estou aguentando mais, porém faço de tudo para não esmorecer. Apesar das dificuldades, nunca vou abandonar a luta para provar minha inocência e com certeza vou vencer. Nunca desistam de viver, nunca deixem de amar ao próximo e a si mesmo, nunca desistam de vocês.

Não me esquecerei daquele dia no auditório do IRT quando Edinho teve postura de rei. Fico feliz em saber que ele, no momento em que escrevo, já esteja no regime semiaberto e que, em breve, finalmente ganhará a liberdade definitiva. Enquanto esse dia não chega, ele segue com sua ininterrupta rotina em Tremembé: pratica todos os esportes, joga xadrez, faz curso de violão, dá aulas de inglês e até palestras para os internos. Sua humildade encanta os colegas, alguns que pensavam em até mesmo desistir da vida reaprenderam a sonhar como ele.

Na fase mais difícil de sua vida, Pelé sempre esteve a seu lado e nunca deixou de se empenhar para provar a inocência do filho, o mesmo apoio recebe de toda família. A esposa e as filhas frequentemente o visitam e lhe trazem, como presente, amor e muita esperança.

— Elas, quando me vêem, não cansam de repetir que eu devo fazer o que está tatuado no meu braço, olha só o que está escrito: "Lutarei até o fim" — disse-me, numa ocasião, com brilho inconfundível nos olhos.

O JOVEM DA AERONÁUTICA

Certo dia, quando eu trabalhava na boia entregando os bandecos com alimentos aos internos, percebi que no R.O. estava um jovem recém-chegado. Fiquei curioso para saber qual era sua história e fui falar com o novato, com cara de garoto. Quando puxei conversa com ele, ainda apreensivo, me disse que se chamava Pedro Henrique Menezes Barbosa e me relatou o motivo de ter sido preso.

Pedro Henrique era militar da Aeronáutica, do Batalhão da Infantaria de São José dos Campos quando aceitou o convite de um colega, Rafael, para um "assalto fácil" na Cidade Tiradentes, Zona Leste de São Paulo.

— Era uma "fita dada". O Rafael tinha tudo planejado, sabia onde o comerciante guardava o dinheiro, seria moleza.

Em seguida, mostrando-se arrependido, falou:

— Meu pai insistiu para eu entrar na Aeronáutica. Quando pensava que o filho estava bem encaminhado, a bomba explodiu. Ele e a minha mãe, que se dedicaram tanto a mim, jamais poderiam imaginar que eu iria entrar naquela roubada. Por ingenuidade, estupidez e em busca de adrenalina, aceitei o convite e acabei sendo o motorista no assalto, que renderia 100 mil reais — afirmou, arrependido.

Durante o ato criminoso da dupla, tudo ia bem. Renderam o comerciante e pegaram o dinheiro. Porém, a moradora do piso superior do prédio onde ficava a loja, percebeu tratar-se de um assalto e disparou a gritar:

— Assalto! Assalto! Ladrão! Chamem a polícia!

Apavorados, os assaltantes pegaram o carro, um Chevrolet Prisma, e fugiram, mas nas proximidades havia uma viatura da polícia militar e os policiais, alertados pela população, passaram a persegui-los.

— Não era pouco. Além das viaturas e das motos da ROCAM, tínhamos a ROTA atrás da gente. Enquanto eu dirigia em alta velocidade, o Rafael deu um tiro em direção aos policiais, que revidaram, atirando contra o nosso carro. Aí ferrou tudo. Com o pneu atingido, perdi o controle e bati o carro. Quando a PM nos alcançou, me fingi de morto para não ser baleado. Ainda dentro do carro, meu

colega, ferido, foi abordado pelos policiais e algemado. Quando o resgate chegou, pude abrir os olhos sem receio, mostrando que estava consciente e então, como os ferimentos eram leves, fomos levados a um hospital distante, em São José dos Campos, onde descobriram que eu era militar. Fomos medicados e entregues aos policiais.

Ao chegar na delegacia, já tinha viaturas da Aeronáutica esperando por Pedro Henrique que foi conduzido ao CTA (Centro Técnico Aeroespacial) de São José dos Campos, onde ficou preso durante seis meses. Entretanto, julgado pela justiça comum, condenaram-no a 5 anos e 4 meses de prisão.

Quando seus pais o visitaram pela primeira vez no CTA, choraram muito, a mãe não se conformava.

— Minha mãe estava arrasada, pensei que ela fosse desmaiar; meu pai, nem se fala. Quando me viu, com a voz alterada começou a me dar uma bronca. Não sabia onde enfiar a cara e a única coisa que pude fazer foi chorar também. Para aumentar meu desespero, naquele dia, soube que a Bruna, minha namorada, estava grávida. Pedi perdão a meus pais e eles aceitaram, depois acabaram me abraçando. Só aí pude perceber o quanto fui tolo em não valorizar o que tinha. Nenhum dinheiro paga o amor de uma mãe, de um pai, de um filho. Caramba, eu ia ser pai e, em vez de dar o exemplo, estava preso. Eu, que era soldado da Aeronáutica, tinha me transformado em um assaltante. Estava mesmo com merda na cabeça — reconheceu.

E continuou:

— Um jovem nas forças armadas se acha acima da lei, acima de tudo. Muitos dos que serviam comigo, nas horas vagas só queriam usar droga, encher a cara e baladas. Quanto vacilo! Pensam saber tudo, mas não sabem porcaria nenhuma.

***

Pedro chegou a Tremembé em fevereiro de 2017 e se revelava bastante arrependido, principalmente pela consciência de que os pais e o irmão, Mateus, sofriam muito ao vê-lo encarcerado.

— Antes de ser preso, eu havia abandonado a igreja, estava com a visão limitada, não pensava em nada útil, só gandaia. Hoje, vejo que joguei tudo fora por me envolver com pessoas erradas. O que mais quero, ao sair daqui, é reconstruir minha vida, ser um bom exemplo para meu irmão e para minha filha e, principalmente, reconquistar a confiança dos meus pais.

Em Tremembé, procurei me aproximar de Pedro e o incentivei a fazer cursos e a cultivar o hábito da leitura, emprestando-lhe alguns livros e explicando que, sem informação e conhecimento, ele teria muito mais dificuldade para conquistar seu espaço. Sem hesitar, aceitou a dica e mergulhou na leitura. O rapaz não sabia, mas enquanto lia compulsivamente, também escrevia as novas páginas de sua história que, ao contrário de muitas, ainda podia ter um final feliz. Jovem, ele ainda podia sonhar e, quando sonhava, contagiava os outros internos. Mesmo que a maioria não estivesse na aurora da vida como Pedro, era bom tê-lo ao nosso lado e, mesmo por alguns instantes, voltar a ser menino. Vê-lo com aquele espírito determinado a recomeçar, era inspirador.

AO FILHO COM CARINHO

— Seu pai é inocente!

Com essa frase, a respeitada juíza Tatiane Moreira Lima, na tentativa de salvar a própria vida gravou essa mensagem pelo celular do seu "algoz", o vendedor Alfredo José dos Santos que desejava, desesperadamente, que o filho Vinícius, de seis anos, acreditasse que ele era inocente e não havia praticado nenhum crime contra a ex-mulher, mãe do menino.

A imprensa sensacionalista, como de hábito, divulgou à exaustão o dramático episódio do dia 30 de março de 2016, quando Alfredo invadiu a sala da juíza no fórum do Butantã com um frasco de gasolina e um isqueiro e, em seguida, imobilizou a magistrada no chão e jogou sobre ela um líquido inflamável, transparecendo que levaria adiante seu intento, caso a juíza não gravasse a mensagem para seu filho, atestando a inocência do pai.

Na ocasião, Alfredo tinha estampado na camisa a frase "fraude processual" para chamar a atenção da imprensa, pois se considerava vítima de falsa denúncia por parte da ex-mulher. Eis alguns trechos do diálogo dramático entre a juíza, Alfredo e os policiais, que negociaram para que a tragédia não se consumasse. As imagens foram gravadas pelo celular de um policial:

Alfredo - Tá filmando isso aí?

PM - Tá.

Alfredo - Coloca na televisão.

PM - Calma, calma. Tenha calma, pô! Eu quero te ajudar pô!

Alfredo - Eu quero a televisão aqui agora.

PM - Já pedimos, está vindo.

PM - Tô sem arma pô. Fica calmo.

Alfredo - Só um minutinho. Pera aí, eu sou louco?

PM - Ninguém quer te prejudicar.

PM - Ela (juíza) é inocente.

Juíza - Você não é louco.

Alfredo - Sou culpado de algum crime?

Juíza - Não, nenhum crime!

Alfredo - Vocês ouviram?

PM - Tá filmando.

Alfredo - Coloca na televisão. *

Ao término da gravação, Alfredo, rendido, foi preso em flagrante. Ele não resistiu à prisão e a juíza Tatiane, felizmente, saiu ilesa do episódio.

***

Quando cheguei em Tremembé, logo fizemos amizade e, numa manhã fria, Alfredo me contou sua história.

Ele teve uma vida repleta de privações. Começou a trabalhar cedo para ajudar no sustento da casa. Seu primeiro emprego foi aos 13 anos em uma pizzaria, na Freguesia do Ó, São Paulo. Seu pai era deficiente auditivo e isso dificultou ainda mais a situação da família, que vivia em estado de extrema pobreza.

Apesar das adversidades, Alfredo jamais desistiu, nunca se envolveu com drogas ou com qualquer tipo de crime e sempre trabalhou; queria uma vida melhor para ele e para sua família.

No ano de 2003, conheceu Maria e, três anos depois, passaram a morar juntos. Em 2009, nasceu Vinícius, "o carinha" como ele se refere ao filho, por quem é apaixonado. O bebê apresentava problemas de saúde e por isso teve de permanecer numa incubadora por algumas semanas, mas se recuperou e teve alta.

— Quando soube que era um menino, meu coração quase saiu pela boca — relatou Alfredo, enquanto caminhávamos no IRT.

— Então, foi uma grande emoção para você? — perguntei.

— Se foi... Quando peguei aquele carinha no colo, imaginei mais de mil coisas que iríamos fazer juntos ao longo da vida.

Contou também que tremia, tamanha a emoção e que nada, durante toda a sua vida, o fizera tão feliz como ter o filho nos braços.

Por trabalhar em uma pizzaria predominantemente à noite, Alfredo passava boa parte do dia cuidando do filho.

— Eu trocava as fraldas do bebê, preparava e dava mamadeira, dava banho e o colocava para dormir — relembrou.

* *G1 - 31/03/2016*

Ele contou uma história que jamais vou esquecer. No aniversário de três anos de Vinícius, ele colocou o menino diante do computador e lhe mostrou um carrinho de brinquedo preto, grande, com pedais. Vendo o brinquedo na tela, Vinícius, com os olhos brilhando e arregalados, disse ao seu pai que queria ganhar um carrinho como aquele.

Alfredo já havia comprado o brinquedo e escondido no guarda roupas. Então, levou o filho para o banho. Depois retornou para o quarto, pegou o brinquedo e colocou-o em cima da cama. Em seguida, tirou Vinícius do banho. Já no quarto, o menino fitou o carro preto, o mesmo que tinha visto na tela do computador. Diante do presente, radiante de alegria, perguntou:

— *Papai, como você tirou o carro de dentro do computador?*

Alfredo não conteve o choro, um brinquedo, como aquele também fora seu sonho de infância, mas jamais pôde realizá-lo. Assim era a relação de amor entre pai e filho até que o "destino" trocou toda aquela alegria por um par de algemas.

***

Seu malogro começou no ano de 2013 quando seus vizinhos o avisaram que Maria, sua mulher, o traía com alguns homens quando ele saía para o trabalho. E, para agravar a situação, a esposa recebia os amantes em casa, na presença do filho, na época, com apenas três anos. Indignado, ele passou a deixar o celular escondido em casa, gravando o que ocorria no ambiente doméstico.

Certo dia, conforme relatou, no horário informado pelos vizinhos, retornou para casa e flagrou a companheira tendo relação sexual com um sujeito, cujo nome é Renato. Tal como os vizinhos haviam ventilado, seu filho estava em casa durante o ato.

Revoltado, foi ao 33º Distrito Policial de Pirituba e, com as gravações em mãos, fez um boletim de ocorrência denunciando a mulher (*B.O. 7530/13*).

A partir daí começou o "inferno" e a luta de Alfredo para ter a guarda do filho, pois decidiu separar-se de mulher. Devido a um acordo informal, feito com a mãe do menino — acordo que o prejudicou — Alfredo passou a ter enormes dificuldades para ver Vinícius e, apenas depois de muita disputa, passou a visitá-lo a cada *15 dias*.

Segundo seu relato, não satisfeita, Maria procurou a polícia para contestar as denúncias do ex-companheiro sobre a suposta infidelidade que pesava sobre ela e pediu a desconsideração das gravações de seus encontros com outros homens, alegando que o ex-marido tinha problemas psicológicos. Em vista disso, o Conselho Tutelar fez várias diligências na casa onde Alfredo vivia com a mulher e o filho, e tomou várias medidas precipitadas. O resultado, após a avaliação equivocada da psicóloga, foi a concessão da guarda definitiva do pequeno Vinícius à mãe, desconsiderando os argumentos do pai, inclusive as gravações.

Ele falou que, na época, perdeu a cabeça e num surto de revolta, causado pelas atitudes de Maria, acabou protagonizando, no fórum, o ato impensado que o levou à prisão.

— O pior de tudo foi que, daquele dia em diante, nunca mais pude ver meu filho. Pensei até em suicídio.

Resignado, afirmou que jamais planejou ou quis tirar a vida da juíza; seu único objetivo era chamar a atenção da imprensa e da sociedade para a grave injustiça cometida contra ele. Observou ainda que Maria chegou ao ponto de acusá-lo falsamente de agressão, visando ser beneficiada com a obtenção da guarda de Vinícius.

— Eu nunca toquei nela. E o pior: jamais realizaram exame de corpo de delito nela, que mentiu e me prejudicou.

Alfredo, com seu ato de desespero, não previu que a mesma imprensa, a qual tentou acionar em seu favor, jamais divulgaria os dois lados da história e se limitaria a mostrar seu último ato de desespero, não medindo esforços para transformá-lo em um monstro.

Quanto ao fato reprovável ocorrido no fórum, protagonizado por Alfredo, qualquer investigador ou promotor em início de carreira sabe que, se ele quisesse tirar a vida da juíza Tatiane, o teria feito, mesmo porque, a teve sob seu domínio por quase meia hora. Em nenhum vídeo ele disse que iria matar a magistrada como erroneamente divulgaram.

Todas as gravações feitas pelos policiais na sala da juíza mostram a obviedade do reprovável ato de Alfredo: mostrar sua indignação e pedir socorro contra às instituições que, segundo ele, arbitrariamente o tinham injustiçado ao afastá-lo de seu filho. Todavia, o juiz que presidiu o julgamento de Alfredo, aplicou-lhe uma pena excessiva, desproporcional ao crime cometido.

Em 4 de julho de 2017, Alfredo José dos Santos, o pai que lutava pela guarda do filho, foi a júri popular e condenado por tentativa de homicídio e cárcere privado a mais de 20 anos de prisão em regime fechado, sem sequer ter feito um arranhão na vítima. Não bastasse isso, deveria pesar a seu favor o fato de ser réu primário, não possuir antecedentes criminais, ter agido sob forte emoção, ter emprego e residência fixa, o que não aconteceu.

Na verdade, os crimes cometidos por Alfredo, indubitavelmente condenáveis, foram de cárcere privado e, dependendo da interpretação, de grave ameaça, além de outros delitos menores que deveriam culminar com uma pena não superior a oito anos — ao menos assim sustentaram alguns criminalistas.

Ficam as questões postas pelo próprio Alfredo: será que, por se tratar de uma magistrada, ele fora condenado a absurdos 20 anos? Será que algum desembargador do Tribunal de Justiça ou outro órgão superior do judiciário terá a altivez e coerência de rever e reduzir sua pena? Tenho certeza que sim, pois o TJ paulista e o STJ são tribunais de condutas irrepreensíveis.

Para corroborar a tese de que a pena foi excessiva devido ao baixo grau de lesividade sofrido pela magistrada, em 8 de março de 2018, a própria juíza Tatiana, em entrevista à jornalista Maria Lydia Flândoli, do Jornal da Gazeta, afirmou não ter ficado traumatizada e que, passados três dias dos fatos, já estava trabalhando.

Caro leitor, eis a contradição: No IRT, há casos como o de um homem que assassinou a mulher por ciúmes e foi condenado, em 2017, a "apenas" 10 anos de prisão. Alfredo não matou ninguém e recebeu uma pena de 20 anos, a mesma pena, pasmem, que Mizael Bispo.

Cabe um esclarecimento: a juíza Tatiane, que hoje realiza um extraordinário trabalho de combate à violência doméstica, não era a mesma do processo de guarda que retirou Vinícius do pai. Alfredo teria, com ela, uma audiência referente à suposta agressão que Maria teria sofrido em 2013. Ele se equivocou.

— Maria nunca aceitou fazer exame de corpo de delito para atestar a falsa acusação — disse-me Alfredo, repetidas vezes, com ar de revolta.

Na época do fato, um respeitado jurista brasileiro, criticou com veemência o atentado à colega juíza. Uma crítica louvável.

Entretanto, após o pai de Vinícius ter sido condenado à elevada pena de mais de 20 anos de prisão, o eminente ministro nada falou sobre tamanho exagero praticado contra o pobre e negro Alfredo.

— Parece que eu fui condenado por "magistracídio", homicídio contra magistrados. Mas, além do "magistracídio" não existir no ordenamento jurídico, não provoquei sequer um arranhão na juíza, apesar de eu ter cometido um grave erro — desabafou.

— Ela não fez nada contra mim e equivocadamente eu a ataquei. Gostaria de pedir perdão a ela — arrepende-se.

O jurista ainda afirmou, com razão, que "o crime contra a juíza expõe de maneira explícita e cruel a intolerância e brutalidade que é motivo de preocupação para o país". *

O judiciário brasileiro é sério e probo, todavia precisa corrigir tais imperfeições. E hoje, o ilustre jurista poderia também proferir algumas frases observando o exagero cometido pelo judiciário.

— Eu errei e devo ser punido. Eu sei que o judiciário é sério. Mas queria que fosse uma punição justa — queixa-se constantemente Alfredo.

***

No dia-a-dia em Tremembé, Alfredo, o Dinamite, como é chamado, é um sujeito tranquilo. Ele participa de diversas atividades. Ajuda os colegas, trabalha todos os dias na cozinha e passa o tempo todo falando do filho. Cada momento que viveu com Vinícius, relata com riqueza de detalhes e seus olhos chegam a brilhar.

Alfredo não tem nenhum tipo de renda ou ajuda financeira e, como sua família mora em outro estado e não possui boa condição financeira, quase não recebe visitas. Depois de preso, nunca mais viu o filho. Porém, mesmo com todos os percalços, não esmoreceu. Além do trabalho na cozinha, faz faxina e lava roupas para os colegas entre outros serviços. Tudo para levantar um dinheiro extra, ou melhor, uns cigarros extras — nos presídios o cigarro é a moeda corrente — que usa para comprar alimentos.

**Ag. Estadão – 31/03/2016*

Certa ocasião, Alfredo revelou que quando foi preso e inicialmente levado para o Cadeião de Pinheiros, os presos o receberam como uma celebridade: batiam nas grades, gritavam seu nome e o saudavam como herói. Para eles, o cara que tinha ameaçado pôr fogo em uma juíza era mesmo o máximo. Ofereceram-lhe roupas, o melhor colchão, a melhor burra (cama) e outros privilégios. O tratavam como um ícone. Por motivos óbvios, parte significativa da população carcerária, no Brasil e no mundo, tem aversão a juízes e promotores. Mas esse não é o caso de Alfredo que chegou a receber até convites para ser um dos "líderes" do Cadeião, o que recusou. Não entendiam que seu único desejo era cumprir sua pena para ter novamente o filho por perto. Assim, abdicou dos privilégios, devolveu os presentes e agradeceu os colegas.

— Eu queria ser apenas herói para o meu filho e não consegui. Quanta saudade do Vinicius! — não se cansa de repetir, enquanto lágrimas corriam em seu rosto.

VINGOU A MORTE DO FILHO?

"O ressentimento é como beber veneno e, em seguida, esperar que ele mate seus inimigos".
Nelson Mandela.

Na noite de 15 de setembro de 2004, Walter Chad Júnior, estudante do último ano de direito, 21 anos, retornava em seu carro, da casa de um tio, onde tinha ido estudar para uma prova. No trajeto, na cidade de Lorena, o jovem foi abordado por três marginais que anunciaram o assalto. Na ação, eles atiraram contra Júnior que morreu no local.

A polícia logo identificou os bandidos e capturou dois deles: Vagner e Caio, presos e posteriormente condenados. O terceiro criminoso, Henrique, que estava foragido, tempos depois foi ao comércio do senhor Walter, pai do rapaz que friamente ajudara a matar, e fez várias ameaças de morte contra ele.

— Você vai morrer e apodrecer igual seu filho, vai feder igual a ele — gritava o delinquente, vomitando ódio.

Henrique deu sinais que sacaria uma arma da cintura e o senhor Walter, no intuito de se defender, pegou sua arma e disparou contra o assassino de seu filho que, atingido no pescoço, morreu.

Walter que, além de Júnior, já tinha perdido outro filho, foi a júri popular em 2008 e acabou condenado a 14 anos de prisão, apesar de ter agido em legítima defesa. Em 2016, enquanto respondia ao processo em liberdade e aguardava julgamento do recurso, teve a prisão decretada, razão de estar em Tremembé.

Eu conheci Walter no presídio e, em uma de nossas conversas, ele me narrou sua história.

— O promotor defendeu o bandido! Mesmo assim, hoje eu me arrependo, pois meu filho não voltou e minha família ficou sem minha presença — relatou, num misto de indignação e arrependimento.

No dia-a-dia em Tremembé, ele segue uma rotina sem sobressaltos. Não anda cabisbaixo, e comumente se mostra taciturno; fala com carinho da filha, dos netos e da esposa, com quem se casou aos 21 anos, e seus olhos se enchem de lágrimas nos momentos em que se lembra de Júnior.

— Não tem um dia em que eu não pense no meu filho. Hoje ele seria advogado e, se me visse preso, faria de tudo para me tirar daqui — disse-me, enxugando os olhos com a manga da camisa.

Em Tremembé, convivi com todos os tipos de criminosos: ladrões, estupradores, homicidas que assassinaram suas esposas, mães e até mesmo os próprios filhos e fico pensando por que Walter foi condenado. Afinal, ele teria cometido algum crime? Muito fácil responder. Na minha opinião, o homem que só tem o pensamento voltado para família, cujo sonho simples e despretensioso é passar os anos que ainda lhe restam ao lado dos entes queridos, não cometeu nenhum crime, apenas agiu em legítima defesa.

Fico imaginando se, hipoteticamente, aquele que tivesse tirado a vida do meu filho viesse armado ao meu local de trabalho e me apontasse uma arma, a exemplo de qualquer pessoa de bem, agiria como Walter?

Para melhorar ou piorar a situação, ele não se sente vingado ou satisfeito por ter matado um dos assassinos de Júnior, mas, ao contrário, demonstra profundo arrependimento. Na verdade, ele não queria ter matado ninguém, mesmo que passasse toda a vida na cadeia, seu único desejo era que o filho estivesse vivo.

Walter, mais um entre uma infinidade de casos que demonstram o quão a Justiça no Brasil pode ser injusta.

Aqueles que condenaram Walter ao dissabor do cárcere, ignorando o fato de ele ter agido em legítima defesa e já ter sido severamente punido com a perda do filho, na hipótese de receberem a visita inóspita do assassino de um ente querido, diriam para o bandido:

— Seja bem-vindo, meu querido, sobre a mesa há uma xícara com chá e bolo de fubá esperando por você. Se quiser atirar em mim, tudo bem, estou de braços abertos...

A PIOR DAS NOTÍCIAS

Ser submetido à privação de liberdade, por si só é devastador para qualquer ser humano. Porém, se, nas agruras do cárcere, alguém receber uma notícia desoladora como a da perda de um filho ou outro familiar, não há palavras para definir tal sentimento. Foi exatamente o que aconteceu no início de 2018, em Tremembé, com meu colega de trabalho na bóia, o reeducando Maurício da Silva, de 65 anos.

— O que houve seu Maurício? Por que está chorando? — questionei, ao vê-lo em prantos logo às seis da manhã quando íamos servir o café no pavilhão.

— Minha esposa faleceu essa noite e acabei de receber a notícia, o que vou fazer da minha vida? — respondeu, aos soluços.

Dona Helena, 55 anos, lutava contra um câncer no intestino. Eu conversei com ela em um dia de visitas em Tremembé. Carinhosa com o marido, já demonstrava cansaço na sua luta contra a doença.

Eu e seu Maurício nos abraçamos, eu não sabia o que dizer a ele. Afinal, que palavras poderiam aplacar sua dor?

O MASSACRE DOS FILHOS

Em minha passagem por Tremembé, ouvi histórias dramáticas, entrevistei assassinos frios e convivi com autores de crimes repugnantes. Todavia, a história que mais me chocou foi a de dois irmãos, assassinados a sangue frio pelo próprio pai, com a participação direta da madrasta.

***

Na véspera do Natal de 2003, Claudia Lopes dos Santos, 32 anos, na companhia das filhas do primeiro casamento, abandonou o marido, Pedro Rodrigues, deixando-o com os dois filhos do casal. Era o início da saga dos meninos João Vitor e Igor Giovani que, inseparáveis, encontrariam a morte em razão do desprezo da mãe, do pai e principalmente da madrasta, Eliana Aparecida Rodrigues.

Claudia alegou que o abandono do lar deu-se devido a desentendimentos com Pedro. Como afirmou, o esposo era hostil com ela e com as filhas e só cuidava bem dos meninos, tratados como príncipes pelo pai, com quem permaneceram.*

No entanto, a sorte dos meninos começou a mudar quando Pedro conheceu, em uma igreja, Eliana, com quem posteriormente se casou. Depois do enlace, o casal passou a conviver com os dois filhos de Pedro e com Tiago, filho de Eliana.

A partir do casamento, começaram os maus-tratos da madrasta contra os meninos, o que levou Laura, irmã de Pedro, a fazer um boletim de ocorrência contra Eliana por, entre outras hostilidades, agredir as crianças, vistas por ela como obstáculos para que tivesse uma vida perfeita com o novo marido.

Após a denúncia, o Conselho Tutelar de Ribeirão Pires-SP se mobilizou e os irmãos foram levados para o abrigo *Novo Rumo*, na mesma cidade, onde permaneceriam vários meses intercalados, como ocorreu em 2007.

Vitor e Igor sonhavam em voltar a morar com a mãe, não compreendiam a razão de ela tê-los abandonado. Mas Cláudia já tinha se amasiado com outro homem e nunca mais moraria com os filhos, que ficaram cinco anos sem vê-la.**

**Rede TV - 11/09/2008 **Diário de São Paulo 11/09/2008*

No abrigo, durante uma avaliação para internação, Vitor escreveu: *"Eu queria ter uma vida tranquila; queria ter a minha mãe de volta; queria ver meu avô; queria ser policial; queria amar os outros e não ter inveja; queria ter Deus no coração; queria ter uma bicicleta".** Enfim, tudo o que os irmãos queriam, em seus sonhos triviais de criança, era uma vida simples, cercada do carinho dos pais, mas tudo não terminou como desejavam.

João Vitor e Igor, personagens de uma história macabra, foram desprezados, oprimidos e jamais tiveram paz nem ninguém para salvá-los da vilania que os aguardava.

Quando não estavam no abrigo, viviam com o pai e a madrasta, que os odiava. Repetidas vezes, Eliana os expulsou de casa, dando-lhes apenas dinheiro da condução para procurarem a mãe, que não conseguiam encontrar. Quando não eram "resgatados" pelo abrigo, ficavam caminhando a esmo pelas ruas da pequena cidade.

Em 3 de setembro de 2008, depois de serem enxotados por Eliana com o consentimento do pai, os meninos perambulavam na Estrada Índio Tibiriçá, sentido a vizinha cidade de Suzano e assim seguiram até serem abordados por guardas civis de Ribeirão Pires, que recolheram os dois e os levaram de volta para a companhia da madrasta que os recebeu com todo ódio do mundo.**

— Se eu não tivesse levado os meninos de volta para casa naquele dia, eles não seriam assassinados — viria a lamentar, sem conter as lágrimas, o guarda municipal José Messias dos Santos, no dia do julgamento de Pedro.

***

Quanto à carnificina que ceifou a vida dos irmãos, tudo começou na tarde 5 de setembro de 2008. Naquele dia, dispostos a matar os meninos, Pedro e Eliana determinaram que eles não fossem à escola e, aproveitando-se da distração das crianças, colocaram o plano em prática. Igor morreu primeiro, o pai o asfixiou na cozinha. Em seguida, Eliana investiu contra Vitor, que estava no quarto e esfaqueou-o na barriga.

**Veja – 22/02/2017 **Jornal Extra – 11/09/2018*

Os irmãos, que viveram juntos todos os dias de suas vidas, morreram juntos; só a morte os separou. Seus pequenos corpos também foram separados em pedaços quando os assassinos perceberam, após atearem fogo nos cadáveres, que as chamas não consumiram, por completo, o que tinha restado deles.

Como comprovado, depois de esquartejarem os corpos, fazendo uso de faca e foice, Pedro e Eliana colocaram os pedaços dos pequenos cadáveres em sacos de lixo. Eliana ainda jogou na privada as vísceras dos irmãos que foram encontradas uma semana depois, na tubulação da casa.

Parafraseando Gabriel Garcia Márquez, a história dos dois irmãos foi uma crônica de duas mortes anunciadas. E o mais terrível de tudo: os poderes constituídos e a sociedade assistiram, de braços cruzados, ao drama da vida real que culminou com a morte de duas crianças inocentes.

Fiquei bastante impressionado, quando li nos jornais da época, que concluída a carnificina, Pedro foi trabalhar como se nada tivesse acontecido, tendo deixado com Eliana a missão de espalhar os sacos de lixo nas calçadas próximas da casa.

À noite, os coletores de lixo, Jailton, Evaristo e Eduardo Andrade, perceberam que o sistema de compactação do lixo, no interior do caminhão da coleta, havia travado e restou-lhes verificar o ocorrido.

— Fui ver o que acontecia e encontrei um pé. Pensei que fosse de boneca, mas era um pé humano — disse Jailton durante a lavratura do boletim de ocorrência.

Em outros sacos de lixo, encontraram pedaços de duas pernas e de um crânio. Ficaram aterrorizados. Imediatamente chamaram a polícia e avisaram que aqueles sacos de lixo tinham sido recolhidos na entrada de uma viela, situada na Rua Cândido Mota, Vila Aurora.

Quando o delegado, Itamar Martins, recebeu a notícia e tomou conhecimento do nome da rua, lembrou-se de que dois meninos estiveram na delegacia dois dias antes e que tinha cuidado do caso junto com o Conselho Tutelar. Na ocasião, em decisão conjunta, contrariando a vontade das crianças, cujo desejo era voltar ao abrigo, decidiram pelo retorno dos garotos à casa paterna.

Durante a madrugada, logo que identificaram o endereço dos irmãos, sob o comando do delegado, os policiais se dirigiram a casa e, ao entrarem no local, sentiram fortes odores vindos de todos os cômodos e do corredor externo. Era cheiro forte de querosene, cândida e madeira queimada. Entre outros indícios, havia no local manchas de sangue. Não tiveram dúvidas: deram voz de prisão à Eliana e conduziram-na à delegacia. Pedro trabalhava como segurança no período noturno e não presenciou a cena da mulher sendo levada pela polícia. Na delegacia, Eliana negava o crime, até que um investigador, de modo hábil, preparou-lhe uma armadilha.

— Seu filho, Tiago, foi preso agora, junto com seu marido, e acabaram de confessar tudo — blefou.

Ao ouvir o nome do filho, Eliana se desestabilizou.

— O Pedro disse que vocês três mataram as crianças e esquartejaram os corpos — emendou o delegado Itamar.

A observação do delegado, que também incriminava Tiago, fez com que o desespero da mulher aumentasse e, sem alternativa, começou a contar sua versão sobre a carnificina. A assassina fria e calculista que, de modo cruel, esquartejara os enteados como quem bebe um copo com água, pôs-se a chorar diante da possibilidade de ver seu filho acusado. Seria mais uma das tantas contradições da alma humana? Será que mesmo sendo uma assassina fria, Eliana conseguia amar o filho? Não sei, é difícil responder. Talvez os monstros também amém.

Na versão da madrasta contada à polícia, Pedro sufocou as crianças, colocando sacos plásticos em suas cabeças e depois que os meninos já estavam mortos, ela teria ajudado a esquartejar e a queimar os corpos, além de colocar os pedaços dos cadáveres em sacos de lixo. A mulher omitiu sua participação nos assassinatos e acusou Pedro, segundo observou, o responsável direto pela morte dos meninos.

Pedro foi preso na manhã do dia seguinte quando saía do trabalho, mas só começou a falar sobre a carnificina três dias depois. Em princípio, jurava não saber de nada. Apenas depois que sua irmã mais velha, Laura, chegou à delegacia e o abraçou, ele se dispôs a falar, sensibilizado por Laura ter citado sua mãe:

— Pedrinho, nossa mãe sempre nos ensinou a não fazer coisas erradas. Diga a verdade — disse-lhe, aflita.

Foi aí que Pedro chorou pela primeira vez após praticar a atrocidade. Disposto a falar a verdade, relatou aos policiais que no dia

do crime, mandou Igor, o filho caçula, ir para a cozinha e lá o asfixiou até a morte. Falou também que, no mesmo instante, a madrasta pegou a faca, invadiu o quarto onde estava Vitor, o mais velho, e o atingiu na barriga. Em seguida, como contou, os dois levaram os corpos para fora da casa, jogaram um cobertor em cima deles, derramaram querosene sobre os cadáveres e atearam fogo. Depois os esquartejaram e colocaram os pedaços dos corpos em sacos de lixo. Igor e Vitor, que sonhavam com uma vida tranquila, tiveram um fim trágico.

Entre relatos anteriores de humilhações e agressões, Igor havia dito para uma tia que a madrasta o obrigava, junto com o irmão, a comer chocolate com sal e papel até vomitarem. Depois, segundo o menino, ele e o irmão tinham de comer o próprio vômito. Em outra situação de tortura, quando urinavam na cama, eram forçados pela madrasta a passar a noite em pé com as mãos encostadas na parede da sala.

***

O julgamento do casal ocorreu em dezembro de 2010, no fórum de Ribeirão Pires. Cláudia, a mãe biológica dos meninos assassinados, compareceu ao julgamento, mas não é preciso dizer que chegou tarde.

Uma das testemunhas, o policial José Paulo Stade, descreveu Pedro como uma pessoa sem nenhum sentimento, mesmo porque não demonstrou remorso ao reconhecer os restos mortais dos filhos no IML. Quanto à Eliana, ela tentava se desvencilhar a todo custo das acusações, atribuindo os homicídios a Pedro, alegando que o marido teria ameaçado matar seu filho caso ela não o ajudasse a cometer os crimes.* Nem o júri, tão menos o juiz, acreditaram na conversa de Eliana.

Ao fim de três dias, em dezembro de 2010, o juiz José Wellington Bezerra da Costa Neto condenou o casal pela morte e esquartejamento dos meninos. O pai foi condenado a 67 anos de reclusão por homicídio quadruplamente qualificado e ocultação de cadáver, e a madrasta, sentenciada a 59 anos e seis meses de prisão pelos mesmos crimes.

*GI -16-12-2010

Após a condenação, Pedro e Eliana continuaram presos em Tremembé, onde estão até hoje. Ela paga pelos crimes no presídio feminino, usufruindo da companhia de Elize Matsunaga, Anna Jatobá, condenada pelo assassinato de Isabella Nardoni, e de Suzane Von Richthofen, que participou do assassinato dos pais.

***

Preso no IRT desde 2008, Pedro trabalha de segunda à sexta-feira na fábrica da FUNAP, ao lado de Alexandre Nardoni, um de seus amigos.

Nas horas livres, passa boa parte do tempo trancado na cela, longe do burburinho, quase sempre amuado e como se carregasse um enorme peso nas costas, pouco sorri.

Seu círculo de amizades é bastante restrito. Eu mesmo tive certa dificuldade para me aproximar dele que, de início, se mostrava bastante reticente, mas entre uma conversa e outra, fui conquistando sua confiança e ele me contou que ali ganhava quase um salário mínimo, reformando cadeiras e carteiras escolares. Não quis ser indelicado, perguntando o motivo de sua prisão, mas ele, de modo espontâneo, se abriu comigo. Custei a crer que aquele homem simples, gentil, com jeito caipira, pudesse ser o autor da morte e do esquartejamento dos próprios filhos. Corpo mirrado, tímido e, em certa medida, apático, não parecia ser o homem que havia trucidado suas crianças e distribuído os "pedaços" em sacos de lixo.

Em 2008, quando eu jamais imaginava que seria preso, soube do crime bárbaro protagonizado pelo pai de Igor e João Victor, divulgado exaustivamente nos jornais e na televisão. Imaginei que o autor de tamanha crueldade fosse um verdadeiro pitbull, de olhos vermelhos e com sangue escorrendo pela boca. E hoje, quando olho para Pedrinho, digo para os meus botões:

— É... no que diz respeito à aparência, o diabo não é tão feio como pintam.

Mas fica uma ressalva, caro leitor: se considerada a aparência, o diabo talvez não seja tão feio, mas sabe se lá o que compreende sua alma.

Entretanto, na prisão, não existe o privilégio de escolher o grupo de que vai fazer parte. Os crimes cometidos por Pedro me deixaram indignado e não poderia ser diferente, mas esforçava-me para ver diante de mim apenas o Pedrinho, sujeito simples, de boa bondoso. O mesmo Pedrinho que, apesar de não ser craque, vez ou outra joga uma partida de futebol no time de Guilherme Longo, Bruno Bernava, Lindemberg e Dênis Fernandes.

***

Pedro, assassino confesso, me falou, numa conversa, que teve uma infância simples, mas feliz ao lado das duas irmãs; que seu pai foi policial militar e a mãe, uma zelosa dona de casa. Segundo ele, o pai tinha a expressão e seriedade de um militar "rústico" da época, mas não era violento com os filhos. Como disse, só apanhou uma vez, levou uma sova da mãe quando tinha 10 anos. Bastante esforçado, Pedro trabalhou como eletricista, serralheiro e segurança desde muito jovem.

Em Tremembé, ele sempre atua como voluntário nas datas festivas. No dia das mães, fui com meu filho buscar um algodão doce com Pedro, encarregado de distribuir as guloseimas. Aproveitando o ensejo, o convidei para tirar uma foto com meu pessoal. Ele topou e perguntou o nome do meu filho. Meu coração doeu. Lembrei que um dos seus filhos também se chamava Vitor e, sem saber como responder, disse:

— Ele é o Vitinho!

Vi os olhos do Pedro se encherem de lágrimas.

Em uma das vezes que o entrevistei, ele foi taxativo quanto ao trágico episódio que o levou à prisão e a um pesadelo eterno:

— Depois que eu conheci aquela desgraçada da Eliana acabei com minha vida. Ela desgraçou tudo. Se ela não tivesse aparecido na minha vida, eu não teria perdido a cabeça, meus filhos estariam vivos comigo e eu não seria preso. Tenho muita saudade dos meus meninos e bastante arrependimento no coração, além de uma dor na alma que nunca vai passar — desabafou.

Em janeiro de 2018, num dia de visita, conversei com Dona Laura, sua irmã. De aparência humilde, mas falante e carismática, ela disse que Pedro, quando pequeno, era a alegria da casa.

— Ele era o amor de nossa mãe, era o preferido dela. Era o meu preferido também e ainda é — exclamou emocionada, enquanto dividia um cigarro com o irmão.

Ela contou também que Pedro sempre foi muito generoso e que, mesmo preso, sempre procurou ajudar a família.

— Ele era um bom pai, mas a vida dele virou de ponta cabeça depois que se juntou com Eliana. A mulher vivia pressionando meu irmão e desgraçou a vida dele. Eliana é um demônio e odiava as crianças. Jamais imaginei que o Pedrinho perderia a cabeça e fizesse algo tão horrível.

Talvez atribuir exclusivamente à Eliana a culpa pelos homicídios seja um mecanismo de defesa para Pedro, que assim busca aliviar o fardo de ser o assassino de seus próprios filhos, verdade irrefutável. Certamente Eliana se vale do mesmo expediente, dizendo para suas companheiras de presídio que Pedrinho é o diabo da história.

Vitor e Igor, mortos. Pedro e Eliana presos. Mas eles não são os únicos personagens dessa história. Fico imaginando o tamanho da dor dos guardas municipais que levaram os meninos para a casa da madrasta no dia em que eles foram assassinados; a dimensão da dor do delegado e dos membros do Conselho Tutelar que decidiram o destino dos meninos, determinando a ida de Vitor e Igor, a contragosto, para a casa paterna. Tais pessoas, bem intencionadas, não cometeram crimes, só queriam o bem dos garotos, mas têm de carregar o fardo do erro cometido por toda vida. Talvez, na história macabra dos irmãos que foram trucidados, a maior tragédia seja também desses personagens que, apesar de secundários e obviamente inocentes, acabaram envolvidos na consumação da desgraça.

ALEXANDRE NARDONI

"EU NÃO MATEI A MINHA FILHA"

O fatídico caso Isabella Nardoni foi o crime de maior repercussão na história do jornalismo policial brasileiro, tornando-se conhecido mundialmente. Pelo fato de o pai ser o suposto assassino da filha, causou repulsa e indignação na opinião pública que, de acordo com o advogado de Alexandre Nardoni, foi crucial para a condenação de seu cliente.

Preso em Tremembé desde maio de 2008, Nardoni é o mais "notável" entre todos os midiáticos que estiveram ou ainda cumprem pena no presídio mais famoso do país. Ele é o mais procurado e, ao mesmo tempo, o menos visto no IRT. Discreto e introspectivo, foi o personagem mais difícil de entrevistar. Somente obtive êxito depois de conquistar sua confiança.

— Tudo que eu falo costuma ser tirado do contexto, ninguém quer ouvir e publicar meus argumentos, eu não tenho o direito de me defender — me dizia Nardoni.

Porém, após convencê-lo de que este livro primaria pela isenção, se abstendo do sensacionalismo barato, consegui que Alexandre Nardoni e seus pais, que o visitam todos os finais de semana, falassem sobre o caso.

— Eu não matei a minha filha, mas ninguém se interessa em descobrir a verdade. A polícia nunca quis trabalhar em outras linhas de investigação para identificar o real autor do crime. Foi mais conveniente me jogar aos leões para "vender" mais notícias e satisfazer a opinião pública do que fazer justiça de verdade.

Nas conversas que tive com Nardoni, uma questão ficou clara: Na hipótese de ele e a esposa terem matado Isabella, seria mais inteligente se um ou outro assumisse a autoria do crime, pois ao menos alguém ficaria livre para cuidar dos dois filhos pequenos do casal. Entretanto, mesmo com longos anos de condenação, ambos jamais admitiram a autoria do homicídio e isso leva a uma possibilidade que, apesar de improvável, poucos tiveram a coragem de levantar: a de que Alexandre e Anna pudessem ser inocentes.

Numa manhã chuvosa em Tremembé, conversávamos nos corredores quando ele me olhou fixamente e disse:

— Acir, uma das coisas que mais me revolta é, na certidão de óbito da minha filha, constar como "indeterminada" a causa da sua morte. Se é indeterminada, como puderam me acusar junto com a Anna de sermos os autores do crime? Estou indignado com isso, é uma óbvia injustiça.

***

Isabella Nardoni foi jogada do 6º andar do prédio onde vivia seu pai Alexandre Nardoni, a madrasta, Anna Carolina Jatobá e seus dois irmãos por parte de pai. A tragédia aconteceu na noite de 29 de março de 2008, na zona norte de São Paulo.

Como apontaram as investigações, Isabella, então com 5 anos, retornava para o apartamento no edifício London, localizado em São Paulo, acompanhada pelo pai e por Anna Jatobá no momento em que teria sido atingida na testa por um objeto corto-contundente que a fez sangrar.

De acordo com a versão da polícia, já na sala do apartamento, Alexandre, que levava a filha nos braços, a teria arremessado ao chão, causando fraturas na bacia e no pulso direito de Isabella. Em seguida, ainda segundo a versão oficial, Anna Jatobá sufocara a menina, esganando-a e, por conta disso, Isabella teria ficado desacordada. Sob a ótica da acusação, dando sequência ao plano terrível, Alexandre pegou uma tesoura e cortou a tela de segurança da janela do quarto e jogou a própria filha, ainda viva, de uma altura de 20 metros. Ela caiu no gramado do edifício e agonizou até a chegada do socorro médico, vindo a falecer pouco tempo depois.

A polícia afirmou que o casal, antes de descer ao térreo para "socorrer" a menina, teria adulterado a cena do crime, tentando limpar manchas de sangue, entre outras ações, para confundir as investigações e a perícia. Anos depois, surgiam teses contestando os laudos e apontando erros possíveis da perícia.

Diante das câmeras de TV, Alexandre, aparentemente frio, tentava explicar o acontecido. Com o corpo da filha estendido no chão, ele não parecia demonstrar comoção com a tragédia e se esforçava para relatar uma história que, desde o início, despertou a

desconfiança dos investigadores. Chegou a afirmar que um assaltante havia invadido seu apartamento e, no intuito de eliminar uma possível testemunha, o suposto assassino teria jogado a pequena Isabella da janela do prédio enquanto ele, Alexandre, retornava à garagem para pegar os outros filhos que estavam com a mulher.

Anna Jatobá, por sua vez, proferindo palavrões, ofendia funcionários do prédio, alegando falta de segurança. Como noticiou a imprensa, um detalhe chamou a atenção de todos. Alexandre Nardoni e Anna, logo após a queda da menina, telefonaram para os pais, para uma cunhada e até para a mãe de Isabella, Ana Carolina de Oliveira, mas não tiveram o senso de "emergência" para acionar imediatamente o resgate e a polícia. Coube a um dos vizinhos chamar o resgate.

Os policiais averiguaram as dependências do prédio, inclusive suas imediações, mas não encontraram nenhum invasor ou suspeito. Porém é preciso levar em conta um detalhe: não investigaram, de fato, outras possibilidades de autoria.

Alguns fatores pesaram contra o casal Nardoni. A recusa de Alexandre e Anna Carolina Jatobá em participar da reconstituição do crime causou desconfiança e fomentou a ideia, cultivada desde o início das investigações, de que os dois eram os autores do homicídio.

Não bastasse isso, a imprensa e os programas jornalísticos descreveram Jatobá como mulher de temperamento forte, agressiva e extremamente ciumenta, com um longo histórico de reações desequilibradas em relação a Alexandre alimentando um ciúme doentio do marido com sua filha Isabella e com a mãe da menina, Ana Carolina.

A revista *ISTOÉ* questionou a especialista Ilana Casoy a respeito do caso.

Que tipo de assassino é o casal Nardoni?

— Eles não premeditaram o crime. Houve um descontrole dos dois. Segundo dados americanos, a grande maioria dos menores de 12 anos assassinados perdeu a vida em uma briga de casal. São comuns as situações que saem do controle e sobra para a criança. Os Nardoni têm histórico de perda de controle. Há uma briga dos dois que é crucial para entendê-los. O Alexandre fazia uma lista de compras enquanto a Jatobá gritava e xingava. E ele seguia fazendo calmamente a lista. Ela ficou tão nervosa com a indiferença dele que rasgou a lista.

Alexandre se levantou, pegou outro papel e recomeçou. Diante dessa forte manifestação de rejeição, ela foi para lavanderia, deu um soco no vidro e se cortou. Comentário dele: "você não para enquanto não fizer uma besteira". *

Conforme depoimento de familiares de Ana Carolina de Oliveira, Alexandre, por sua vez, era tido como pai ausente. Parentes e vizinhos também afirmaram à imprensa que o casal vivia em constantes discussões, repletas de ofensas verbais e até físicas e não deixaram de citar o ciúme patológico de Anna Jatobá em relação ao marido, sobretudo no que dizia respeito à Isabella.

Alexandre negou a falta de harmonia no seu casamento, do mesmo modo, ele e a mulher negaram a autoria do crime, tentando, sem sucesso, provar inocência.

As investigações, munidas de provas periciais e científicas, foram fundamentais para reconstituir o crime em suas minúcias. Com isso, no julgamento do casal, em março de 2010, os jurados foram favoráveis à condenação de ambos por homicídio doloso triplamente qualificado. Alexandre Nardoni foi condenado a 31 anos e um mês de prisão em regime inicialmente fechado e Anna Carolina Jatobá, sentenciada a 26 anos e oito meses de prisão.** Tempos depois, ambos conseguiram uma pequena redução da pena. Os dois permanecem presos. Ele no IRT e a mulher na penitenciária feminina de Tremembé, onde já está no regime semiaberto. O pai de Alexandre, Antônio Nardoni, além de visitar o filho no IRT, também presta auxílio à nora.

***

No IRT, Nardoni é um dos coordenadores da FUNAP, unidade que reforma carteiras escolares. Introspectivo e de poucos amigos, ele quase não é visto nos corredores. Apesar do seu estilo reservado, participa eventualmente dos jogos de futebol nos fins de semana. Os colegas dizem que ele é "perna de pau". Também é frequentador assíduo da improvisada academia.

Eu tive os primeiros contatos com Alexandre quando fizemos um curso, o P.E.T. (Programa de Educação para o Trabalho). Falamos

**ISTOÉ – 13/08/2010 **G1 – 14/01/2017*

sobre gestão e de seu trabalho no presídio. Também emprestei alguns livros a ele, todos sobre gestão e estratégia. Mesmo retraído, hoje Alexandre é bem quisto por boa parte dos internos, diferente de quando chegou à prisão. No início, em razão da forte repercussão e das circunstâncias do crime, ele era hostilizado pelos colegas com piadas e ironias.

— Papai não me joga, eu não sei voar — gritavam os presos quando Nardoni aparecia na TV.

Ele raramente dá entrevista a órgãos de imprensa e, exceto pelo futebol, é pouco visto nas atividades culturais do IRT.

Em 29 de Março de 2018, quando completou 10 anos da morte da filha, muito abatido, ele me procurou para saber se eu tinha reportagens sobre o lançamento do livro *O Pior dos Crimes*, do jornalista Rogério Pagnan, publicado naquela semana e que contestava laudos e perícias das investigações, decisivas para sua condenação. Eu lhe passei o livro e as reportagens e Alexandre, cabisbaixo, agradeceu e seguiu para sua cela.

Sobre o júri e a condenação de Alexandre e Anna, o advogado de defesa, Roberto Podval, afirmou que os jurados estavam "contaminados" ao condenar o casal.

— A repercussão do caso fez com que os réus virassem culpados antes do julgamento. Os jurados foram para lá tendo de condenar, ou seriam condenados pela sociedade — disse Podval.*

A defesa quer a anulação do júri para poder solicitar à justiça a inclusão de um parecer técnico e de uma animação, feitos em 2013 pelo perito norte americano James Hahn, da Universidade George Washington. O documento apontou que as marcas no pescoço de Isabella não são de mãos humanas.**

Fico me perguntando se, no caso Nardoni, a mídia contribuiu para que a justiça fosse feita ou se antecipou o julgamento dos réus, condenados antes de entrarem na sala de audiência, sem direito à total defesa, como afirmou o advogado. Afinal, os jurados, induzidos pelos meios de comunicação, teriam condenado dois possíveis inocentes? Trata-se de questão polêmica que, malgrado os palpites e a sentença condenatória do juiz, ainda desperta dúvidas no que diz respeito às perícias do caso, como relatado no livro de Pagnan.

**Folha de São Paulo 24/03/2018 **G1 São Paulo – 29/03/2016*

OS PAIS DE ALEXANDRE

Eu conversei com os pais de Alexandre Nardoni no dia 30 de junho de 2018, durante uma visita deles ao filho, em Tremembé. Visivelmente desgastada após vários anos sofrendo pela morte da neta e prisão do filho, Maria Aparecida Nardoni foi categórica quando perguntei de que maneira ela suportou a avalanche que abalou sua vida.

— Minhas forças vêm de Deus. Se não fosse por minha fé, teria sucumbido.

Ao questionar sobre a relação dela com Isabella, seus olhos marejaram e ela demorou alguns segundos para conseguir responder.

— Ela vive dentro de mim — falou, enquanto acariciava as mãos do filho.

Antonio Nardoni que, desde o primeiro dia da trágica morte da neta, jamais abandonou o filho, me surpreendeu ao afirmar, com segurança e contundência, que a polícia inicialmente propôs "aliviar" para o casal Alexandre e Anna em troca de benesses.

— Eles (os policiais) ofereceram um acordo para que as investigações tivessem outra vertente. Eu não aceitei, pois acredito na inocência da Anna e do meu filho; se eles fossem culpados, claro, deveriam ser punidos.

No tocante às investigações, Antonio, que é advogado experiente, criticou a forma como se deram as investigações.

— A polícia não se interessou por outras frentes de investigação. Havia outras linhas a serem investigadas, mas eles erroneamente só focaram no meu filho e na Anna — desabafou.

Além disso, ele contesta peremptoriamente as afirmações da perícia de que havia sangue da menina no veículo do casal.

— Ficou claro e evidente que não havia sido encontrado sangue no carro, mas, como isso poderia ajudar a inocentar Alexandre e Anna, prevaleceu a tese equivocada.

Como Antonio me relatou, Alexandre jamais havia tocado na filha, pois era um pai protetor que nunca jogaria Isabella no chão conforme alegou a perícia.

— Quando a Isabella estava muito espoleta, o que é normal em toda criança, eu a repreendia e o Alexandre não gostava e dizia: "Ô pai, não fala assim com ela".

***

Como tenho afirmado, não julgo, nem condeno, apenas conto as histórias. Cabe ao leitor avaliar os fatos e argumentos dessa dolorosa e impressionante história que gerou milhares de reportagens e estarreceu o país.

Todos os dias, várias "Isabellas" são mortas pelo Brasil afora. Outras são abusadas, sofrem todo tipo de violência, mas "nós" e parte da imprensa não estamos interessadas em combater e interromper esse flagelo. Só nos manifestamos quando a "onda de vingança" chega até nossas casas pela TV, por meio de repórteres de porta de delegacia que apenas reproduzem a versão oficial da polícia.

Como ensinou o mestre do jornalismo investigativo, Caco Barcellos, numa referência ao mau jornalismo:

— Quem é o jornalista para dizer que alguém é bandido? Que pretensão é essa? Que arrogância é essa? Não foi no local e chama: "Bandido!" É o relato do coronel. Você não é coronel! Se quer fazer esse relato, que tire o microfone e pegue numa arma.*

*Folha de São Paulo 29/04/2018 – Em entrevista sobre o Livro - Rota 66, de sua autoria

OS CRAVINHOS E SUZANE

Eu já havia praticamente concluído este livro quando, em Tremembé, vi pela TV Cristian Cravinhos detido em uma delegacia na cidade de Sorocaba. Lindemberg, que "morava" em frente à minha cela, me chamou:

— Acir, o Cris vai vir para cá, agora seu livro vai ficar completo, vai ter sorte assim lá na casa do chapéu! — brincou.

Eu sorri para ele e respondi:

— É o destino, Lindemberg.

Até então, eu já havia entrevistado muitos personagens icônicos em Tremembé, mas faltavam os irmãos Cravinhos que tinham saído em liberdade dois anos antes de eu chegar ao "presídio das celebridades". De fato, Lindemberg tinha razão, agora este livro ficaria completo. Imediatamente comecei a pensar numa forma de conversar com Cristian, já que meu prazo para enviá-lo para a editora estava no fim. Para minha sorte, vi estampado na jaqueta que ele usava, ao ser preso, o nome "Abutres". Era mesmo o destino.

Os Abutres são um respeitado grupo de motociclistas que atua no Brasil e em outros países, realizando projetos sociais. Como Cristian já havia praticamente quitado sua dívida com a Justiça, o grupo o convidou. A nova sede nacional dos Abutres fica em Ferraz de Vasconcelos e foi inaugurada em 2014, quando eu era o prefeito da cidade. Pedi para minha esposa enviar fotos minhas com os Abutres para eu mostrar ao Cristian que já estava novamente em Tremembé. Assim, conseguiria puxar conversa e quem sabe ouvir dele o "outro lado" da história do crime que abalou o país e o mundo. Bingo! Ele ficou feliz em saber da minha relação com os Abutres e, não demorou muito, passamos a conversar sobre diversos assuntos.

Ele é franco, direto, além de muito culto e inteligente e logo se estabeleceu uma relação de confiança que culminou com várias entrevistas e revelações inéditas e bombásticas.

— Acir, agora que fui preso novamente, recebi várias propostas para dar entrevistas em troca de dinheiro. Não vou falar com ninguém da imprensa, não preciso de dinheiro, só falo com você e não precisa me pagar nada. Sobre o que quer saber, adianto o seguinte: logo após a morte do casal Richthofen, a Suzane subiu as

escadas e entrou no quarto dos seus pais. Ela também pode ter dado golpes fatais na mãe, pois não há evidências periciais que meus golpes mataram Marísia Von Richthofen — disse, acrescentando que Suzane lutava caratê.

Como Cristian ainda relembrou, a perícia constatou, na época, que alguns golpes desferidos contra Marísia tinham sido dados por uma pessoa canhota, ao passo que ele é destro.

— Na verdade, a Marísia não estava acordada no momento do crime, como disseram — revelou.

A MORTE DOS RICHTHOFEN

De acordo com as versões oficiais, Manfred Albert e Marísia Von Richthofen foram assassinados pelos irmãos Daniel e Cristian Cravinhos de Paula e Silva a mando de Suzane, filha do casal, na época com 19 anos. O fato ocorreu em 31 de outubro de 2002, na mansão localizada em São Paulo, onde Manfred e Marísia moravam com os dois filhos: Suzane e Andreas. O casal levou golpes de barra de ferro na cabeça.*

Como tudo indica, no percurso do crime, Daniel, então com 21 anos, golpeou Manfred com um bastão de madeira e Cristhian, 26, encarregado de dar cabo de Marísia, fez o mesmo com a mulher, desferindo contra ela golpes letais. Posteriormente, Suzane justificou o crime bárbaro sob a alegação que era vítima de violência, inclusive sexual, por parte do pai, o que não se confirmou.

Segundo o Ministério Público, Suzane arquitetou a morte dos pais junto com os irmãos Cravinhos para ficar com a herança de cerca de 11 milhões de reais que seriam divididos com os comparsas. Entretanto, Suzane afirmou, no júri, que Cristian só soube do plano horas antes do crime.

Para executar o crime, eles simularam um latrocínio (roubo seguido de morte), mas o plano foi facilmente desmontado pela polícia que, desde o início, desconfiou de Suzane e Daniel. Na versão do MP, Suzane abriu as portas de casa para que a dupla executasse os pais. Em seguida, ela e Daniel foram a um motel para produzir um

*Veja- 19/02/2013

álibi e Cristian seguiu para a casa da avó. Andreas, na época com 14 anos, irmão de Suzane, estava em uma lan house durante os fatos.

Todos que acompanharam o caso se lembram da cena exibida pela televisão: Suzane chorando copiosamente amparada pelo namorado durante o velório dos pais.

REVELAÇÕES DE CRISTIAN

Nas entrevistas a mim concedidas, Cristian procurou desmistificar e desmentir inverdades e versões que, por vários anos, foram difundidos pela mídia e opinião pública.

— As pessoas não sabem toda a verdade, houve muita manipulação, sensacionalismo e invenções sobre este caso — afirmou.

Procurando refutar as teses de que foi um dos mentores do crime, Cristian observou:

— Eu não fui até a casa dos Richthofen para matar ninguém, nem sabia do plano ou que tipo de arma seria utilizada, não premeditei nada. Eu fui para tentar impedir que a Suzane e meu irmão matassem o casal. Meu único objetivo era proteger Daniel, impedindo que ele cometesse aquele ato estúpido e terrível.

Cristian ainda disse que tentou, com veemência, demover os dois da ideia de assassinar os pais de Suzane.

— Eu fiz de tudo para que eles desistissem do plano. Falei para a Suzane resolver os problemas, saindo de casa e apelei para ela não matar os pais, mas ela estava determinada. Também argumentei para o Daniel não participar daquela loucura, mas ele estava irreconhecível. Não era o Daniel dócil e carinhoso que conhecia, meu irmão simplesmente não me ouvia. E acrescentou: — No carro, Suzane escutava Bob Marley e fumava um cigarro de cravo como se fosse para o Hopi Hare.

Como narrou, até os últimos instantes Cristian tentou evitar que o "massacre" acontecesse.

— Dentro da casa, fiz barulho para o casal acordar, derrubei os porretes no chão, mas fui repreendido pela Suzane:

— Que merda é essa, Cris? Você quer morrer também? — disse Suzane, nitidamente irritada.

De acordo com a versão de Cristian, depois de cometer o crime, ele ficou transtornado, pois, até aquele dia, não havia feito mal a ninguém; a expectativa de ser preso o atormentava, o peso na consciência, associado ao profundo arrependimento, lhe provocava calafrios. Ele chegou a entrar em pânico e, nos dias que se seguiram, não conseguia se alimentar nem dormir.

Segundo Cristian, durante todo o episódio que envolveu a morte dos pais, Suzane agiu com extrema frieza, sem demonstrar nenhum remorso.

— Ela arquitetou a morte dos pais como um maestro, cuidou de cada detalhe, deu as ordens em cada passo do crime. A Suzane tem o dom da manipulação, ela manipulou meu irmão desde que se conheceram. A frieza dela é assustadora — observou.

Visando "desmontar" as teses que se propagaram no país pela maciça divulgação do caso, Cristian não mediu palavras:

— Os relatos de que a Suzane ficou sentada no sofá da sala com as mãos nos ouvidos enquanto seus pais eram assassinados e que, naquele momento, não queria mais que eles morressem, são mentirosos. A verdade é que, enquanto Manfred e Marísia eram mortos, ela recolhia dinheiro e jóias e "montava" a cena do crime.

Depois da tragédia, Cristian não conseguia sair de casa e chorava o tempo todo. Para pedir perdão a Suzane, imaginando que ela pudesse estar sofrendo por um eventual arrependimento, ele comprou um buquê de rosas brancas e ficou à sua espera. No dia posterior ao crime, Suzane chegou com Daniel à casa dos Cravinhos como se nada tivesse acontecido. Cristian, dirigindo-se a ela, disse:

— Su, me perdoa!

Então, Suzane o abraçou e falou em seu ouvido com a voz gélida, deixando-o desconsertado:

— Não tenho nada que perdoar, Cris. Você me deu uma nova vida.

Ele me disse que aqueles dias de agonia pelo desespero do arrependimento só acabaram quando, na delegacia, confessou o crime.

— Eu não suportava mais aquela culpa, quando confessei tudo para a delegada, Cíntia Tucunduva, chorei no colo dela, que me abraçou, pois sentiu sinceridade e verdadeiro arrependimento no que eu dizia — revelou.

Cristian me confidenciou ainda que, se não tivesse confessado o crime, cometeria suicídio — não conseguia conviver com a culpa.

Criticando a postura de Suzane, ele disse que a jovem apresentou mais de cinco versões para o crime e revelou seu péssimo caráter quando, em uma de suas falas, afirmou que ele e Daniel queriam a herança de Manfred, razão de os dois a terem induzido a matar os próprios pais.

— Em uma ocasião, na delegacia, depois que fomos presos, combinamos todos em falar a verdade. Ao retornar ao presídio, vimos Suzane na televisão afirmando que nós queríamos o dinheiro dela. Aquilo foi um duro golpe, uma verdadeira traição de judas — relatou Cristian.

— Fui eu que derrubei o caso Richthofen, a primeira confissão partiu de mim, revelei toda a verdade. Mas sinceramente não odeio a Suzane, só quero que ela seja feliz, mesmo porque não me obrigou a fazer nada — disse.

E continuou:

— Suzane foi a primeira namorada que Daniel levou para casa e apresentou aos nossos pais. Ele a amava de fato. Durante três anos e meio de namoro, ela envenenou meu irmão.

Sobre os boatos de que os pais de Suzane eram contra seu namoro com Daniel, Cristian afirmou:

— Eu conheci o Manfred em um churrasco na minha casa. Os pais de Suzane não eram contra a união dos dois, entretanto os Richthofen eram muito frios. Suzane e seu irmão Andreas tiveram uma educação muito rígida. Quando ela começou a namorar o Daniel, teve contato com a "liberdade" e imaginou que estava livre para fazer o que bem entendesse e a partir dali se negava a voltar à antiga vida de enclausurada, mas uma coisa é inegável: Suzane sempre teve vida de princesa, ela tinha de tudo, menos liberdade. Como disse, seus pais eram muito rígidos e tenho a convicção de que ela jamais foi abusada ou sofreu qualquer violência por parte de Manfred, mas como era muito carente, minha família a adotou como filha. Meu pai a adorava.

***

Ainda na conversa que tivemos, Cristian observou que sempre foi o "filho rebelde" dos Cravinhos. Aos 14 anos, mudou-se para a

para a casa da avó, dona Ignês, para ajudá-la a cuidar de seu avô que sofria de um câncer agressivo e ficou lá até a morte dele, que ocorreu seis anos depois. Logo cedo, se apaixonou por arte e esportes radicais como paraquedismo, surf e motocross. Passou a curtir jazz e música clássica, mas foi como baterista que se tornou fã do grupo Metállica e se embrenhou no rock pesado chegando a atuar como baterista em shows profissionais ao lado de grandes nomes da música nacional.

Aficionado por motos e carros antigos, comemorou quando ganhou de seu pai um carro Karmann-Ghia 1967. Cristian era um vizinho barulhento, mas não detestado. Sua mãe, Nadja, com quem conversei nas visitas no IRT, foi campeã paulista de equitação. Cristian disse, orgulhoso, que ela era uma ótima amazona. Quanto ao pai, Sr. Astrogildo, ele chegou a participar de corridas amadoras na Stock Car, em Interlagos, e sempre levava Cristian aos eventos. Daí nasceu a paixão do rapaz por motores.

De espírito aventureiro, fã de Silvester Stallone, ele viajou o país inteiro para tocar bateria, praticar esportes ou simplesmente para conhecer outros lugares e culturas.

— Eu era rebelde, não ouvia meus pais. Se tivesse ouvido, não teria tido tantos problemas, teria mais vitórias que derrotas e seria muito mais feliz — admite.

Seus irmãos, Marco e Daniel destoavam dele, eram mais caseiros e sossegados. Era mais ligado a Daniel, a quem defendia até nas brigas de escola.

— Éramos mais que irmãos e somos inseparáveis até hoje.

Quando foram presos, Daniel disse ao irmão:

— Sua cruz é de madeira, a minha, de ferro, pois fui eu que coloquei você nessa situação, acabando com as nossas vidas e com a de nossos pais, além de ceifar outras duas vidas.

Cristian foi pai pela primeira vez aos 24 anos. Hoje também tem uma filha de oito anos.

— Fui péssimo administrador da minha vida, apesar de ter sido bom pai, pois pai é aquele que, se necessário, abdica do seu sorriso para ver o filho sorrir, é aquele que cria um cidadão para o mundo e não para si.

Dona Nadja me contou que Cristian sempre foi cavalheiro e muito romântico com as namoradas, do tipo que abre a porta do carro, envia flores e puxa a cadeira para a mulher se sentar.

— O Cris sempre soube viver e se portar tanto no luxo quanto no lixo — disse ela, olhando para Cristian, num dia de visita.

Entre os amigos, Cristian era chamado de vovô, pois, apesar de ser um "maluco beleza", era o conselheiro da turma.

— Eu me envolvia nos problemas dos meus amigos. Ajudei e resolvi a vida de muita gente, mas não resolvi a minha — disse, com expressão contrita.

O JÚRI

— Meu júri foi uma encenação. A condenação já estava pré-determinada antes do julgamento, o júri já havia formado opinião — disse.

Em um dos intervalos do julgamento, o juiz que presidiu o caso, Dr. Alberto Anderson Filho, informalmente perguntou a Cristian se ele era favorável à pena de morte naquele caso.

— Sim, sou a favor, pois se tivesse pena de morte no Brasil, este e outros crimes graves não teriam acontecido — respondeu, diante do estupefato magistrado.

Cristian revelou que o promotor do caso, Roberto Tardelli, disse a ele que sua punição seria usada como exemplo, afirmação que não contestou.

— O promotor estava correto. O judiciário realmente tinha de pôr a sua mão pesada para que atos como aquele não virassem moda, para que outros filhos não matassem os pais por causa de herança ou outras razões. O promotor e o juiz que me condenaram têm o meu respeito e admiração. Eles agiram corretamente.

No júri, ocorrido em julho de 2006, Daniel e Suzane foram condenados a 39 anos e seis meses de prisão. Cristian, a 38 anos e seis meses.*

Após o julgamento, os irmãos Cravinhos passaram a cumprir pena em Tremembé no regime fechado. Em 2013, foram transferidos para o semiaberto e, no ano de 2017, passaram para o regime aberto e tentaram retomar a vida. Daniel se casou em 2016 com a biomédica Alyne, que conheceu no presídio quando ela visitava o irmão.

Cristian revelou que, depois dos primeiros sete anos preso, desistiu da vida e decidiu se matar tamanha era sua amargura.

G1 – 27/12/2006

— Minha consciência me cobrava muito e eu não conseguia me perdoar, não podia mais viver daquele jeito e joguei a toalha, decidido a dar fim à minha vida. Na minha cabeça, alguma coisa dizia: "Se mata, se mata!" Foi quando me veio à memória uma passagem bíblica que diz: "Todo aquele que clamar em meu nome será salvo".

— Eu gritei para Deus, orando e repetindo esse versículo e a sensação suicida desapareceu para sempre.

Como Cristian me revelou, nos primeiros dias de prisão, ele e Daniel escreviam para Suzane para saber como ela estava, mas jamais tiveram resposta. O pai deles, que tinha um amor paternal por Suzane, foi ao presídio feminino várias vezes levar roupas e alimentos para ela que, em todas as ocasiões, o ignorou, devolvendo tudo.

Quanto aos longos anos que passou na prisão, Cristian observou que só sobreviveu graças ao seu amor à família. Falou que na cadeia, aprendeu a ser um homem de verdade e a ter maior senso de responsabilidade.

— Demorei muito para me perdoar. Eu já tinha me arrependido desde o primeiro momento em que cometi o crime, mas não me perdoava. Eu não me eximi da minha culpa e responsabilidade e hoje sou uma pessoa muito melhor — disse, com convicção.

***

A rotina dos irmãos Cravinhos em Tremembé era agitada. Daniel, apesar de ser mais introspectivo, trabalhava, estudava e organizava torneios de xadrez, além de ser um dos melhores enxadristas do IRT. Cristian, mais intrépido, tocava bateria na igreja e nos eventos. Ele foi o instrutor do jornalista Pimenta Neves que assumiu a função de baterista quando Cristian foi para o semiaberto. Além disso, ele pintava quadros, arte que aprendeu com a mãe e também dirigia um trator, limpando o presídio. Certa vez, como relatou um antigo funcionário, Cristian ajudava a montar o presépio para as comemorações de fim de ano quando um grande pedaço de madeira caiu em sua cabeça, deixando-lhe ferido. Os colegas não perderam a oportunidade:

— Tá vendo! Agora você sentiu o que é uma paulada na cabeça — e caíram na risada. Ele levou na esportiva, como sempre.

Perguntei sobre Andreas, o irmão de Suzane.

— O Andreas era uma criança na época do crime, ele foi mais uma vítima. Um menino fantástico, inteligente. Eu ainda gosto muito dele. Sei que não deve ser fácil, mas, no lugar dele, perdoaria a irmã. Mesmo assim, eu respeito sua posição e torço demais para que constitua família e seja muito feliz. Espero que ele me perdoe.

A NOVA PRISÃO

Em 17 de abril de 2018, Cristian Cravinhos foi preso na cidade de Sorocaba pela polícia militar e conduzido ao 4º Distrito Policial.* O caso logo ganhou repercussão nacional em razão de sua notoriedade. Os policiais o acusaram de tentativa de suborno, de portar uma munição e de estar nas ruas em horário proibido pelas regras do regime aberto ao qual estava submetido. Sedento por notícias do novo episódio envolvendo os irmãos Cravinhos, jornalistas divulgaram várias versões a respeito da nova prisão de Cristian. Na entrevista que fizemos em Tremembé, em junho de 2018, de forma corajosa e incisiva, ele revelou a verdade sobre o ocorrido.

— Acir, eu fui à Sorocaba visitar uma amiga, cheguei à cidade por volta das 18 horas e fomos a um bar. Lá permanecemos até o incidente que ocorreu pouco antes das 21 horas. Minha mulher, desconfiada, sabendo onde eu estava, foi até o local e discutimos, não houve agressão alguma. Chamaram a polícia, eu não fugi, não estava fazendo nada de errado e, quando a PM chegou, me apresentei a eles. O horário era permitido para o meu regime aberto, se os policiais não tivessem me detido desnecessariamente, eu teria chegado ao meu destino dentro do horário, como sempre fiz e absolutamente nada teria ocorrido — afirmou.

De acordo com Cristian, quando os policiais pediram seus documentos e souberam que se tratava de um dos irmãos Cravinhos, começou seu infortúnio.

— Os policiais passaram a me perguntar o valor da minha moto, fazer piadinhas e provocações. Eles me abordaram por volta das 21 horas, falaram sobre dinheiro e perguntavam do meu irmão, queriam que o Daniel fosse até lá — relatou.

**Estadão -18/04/2018*

Cristian não portava drogas nem estava embriagado e, contrariando os policiais, não aceitou chamar o irmão.

Apesar de nunca na vida ter feito um disparo e não portar arma, a polícia afirmou que Cristian tinha uma munição de revólver. A perícia oficial fez a constatação que a munição não tinha pólvora e o judiciário o absolveu da acusação de porte de munição. Cristian me afirmou que a bala de revolver foi plantada pelos policiais.

Por precaução, Cristian nunca revelou a nenhum órgão de imprensa o que será relatado a seguir:

Sobre a acusação de corrupção por supostamente ter tentado subornar os policiais com o valor de mil reais, Cristian foi contundente:

— Eu estava de moto e poderia ter fugido facilmente antes da polícia chegar, mas eu me encontrava rigorosamente dentro da lei e não tinha nada a esconder. Obviamente, não fiz nenhuma proposta aos policias. Jamais faria. É impossível eles provarem isso. Foram eles que pegaram o dinheiro na minha carteira. Quiseram se aproveitar da minha notoriedade e me causaram enorme dano. Confio que a justiça, que é séria, vai corrigir esse absurdo — desabafou, esperançoso.

Semanas depois destas declarações, Cristian foi condenado em primeira instância a quatro anos e oito meses de prisão, por corrupção ativa "apesar da falta de provas". Apenas a palavra dos policiais foi levada em conta.

***

Cristian e Daniel progrediram para o regime semiaberto e depois, em 2013, para o aberto, com anuência da rigorosa juíza corregedora Sueli Zeraik Armani em virtude do bom comportamento, o que foi atestado pelo diretor do presídio. * Eu entrevistei inúmeros funcionários do IRT que declararam que os irmãos Cravinhos jamais cometeram qualquer falta ou tiveram problemas com drogas e brigas. Eu vi os funcionários e os membros da direção abraçando Cristian no seu retorno à prisão.

**Veja – 19/02/2013*

O CASO DO MENINO PEDRINHO

Em 12 de junho de 2008, Katia entrou no hospital Santa Lydia desesperada e pedindo atendimento emergencial para o filho. Aflita, dizia que a criança havia ingerido *Semorin*, um líquido que remove manchas de roupas. O menino, de apenas cinco anos, apresentava sintomas de parada respiratória e não resistiu.*

Durante as investigações, os peritos apontaram outras circunstâncias que teriam levado o pequeno a óbito: hematomas por todo o corpo, possivelmente provocados por pancadas ou tombos; fraturas no punho direito e em ossos longos, o que teria causado embolia gordurosa.

Na visão dos peritos, o garoto fora chacoalhado e, em decorrência disso, quebrara o punho no mesmo dia da sua morte. Já os hematomas, como observaram, tinham sido causados nos dias anteriores ao óbito.

O exame necroscópico, feito após a exumação, determinou a existência de vários hematomas, cinco escoriações, duas feridas contusas, fraturas em duas costelas, além de lesões no olho, no crânio e no tórax. Os peritos definiram as agressões como "síndrome da criança espancada", que teria resultado em politraumatismo. Curiosamente, esses sintomas não foram detectados no hospital.

Devido ao quadro apontado pelos peritos da USP, a mãe de Pedrinho, Katia Marques e o padrasto, Juliano Aparecido Gunello, passaram a ser considerados suspeitos pela morte da criança.

O caso do menino Pedrinho, que causou grande comoção nacional, ocorreu e foi julgado na cidade de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, em abril de 2010. Na versão do MP, Juliano submetia o menino a tratamento físico desumano, mediante agressões. Kátia, por sua vez, consentia com a violência e se omitia perante os supostos atos criminosos do companheiro. O casal sempre negou as acusações.

A mãe e o padrasto, condenados por maus tratos pelo juiz Sylvio Ribeiro de Souza Neto, receberam a pena de sete anos de prisão inicialmente em regime semiaberto por serem réus primários. O casal respondia o processo em liberdade, mas o promotor José Roberto Marques recorreu da sentença e pediu para que a pena aplicada por maus-tratos fosse convertida à pena por prática de tortura.

**R7 -19/02/2016*

O Tribunal de Justiça de São Paulo considerou procedente o recurso e, em dezembro de 2012, converteu o crime para tortura, cuja pena é maior. Assim, Juliano foi condenado a dez anos e 10 meses e Kátia, a nove anos e 8 meses de prisão em regime inicialmente fechado.

Kátia e Juliano chegaram a afirmar, em suas defesas, que a fratura no pulso havia sido causada pelos paramédicos, ou por acidente na escola, mas seus argumentos não prosperaram. *

O advogado do casal havia pedido ao TJ a absolvição deles por falta de provas, mas a relatora do caso, a desembargadora Rachid Vaz de Almeida, não acatou o argumento. Eles continuaram respondendo o processo em liberdade até que, em fevereiro de 2016, a polícia prendeu Juliano Gunello. O MP pediu a prisão do casal baseado na decisão do Supremo Tribunal Federal que passou a autorizar a prisão de condenados em segunda instância. Kátia permaneceu foragida por 11 dias até que uma denúncia anônima levou a polícia a uma casa em Ribeirão Preto e a mãe do menino Pedrinho também acabou presa.

***

Eu tive uma longa convivência e amizade com Juliano Gunello em Tremembé. Frequentamos juntos o Café Literário e outros eventos. Ele, junto com Gil Rugai, coordenava a biblioteca com muita competência e também participava de várias atividades. Juliano também me auxiliou no curso de oratória.

De personalidade forte, sempre se mostrou muito discreto e disciplinado no dia-a-dia, exceto quando está apitando as partidas dos campeonatos de futebol. Com o apito na mão, ele se impõe e usa de autoridade nos lances mais duros ou quando os jogadores discutem ou contestam suas decisões. Lindemberg, talvez o melhor jogador do IRT, é um dos mais "reclamões". Edinho não ficava muito atrás, também usava de muita "marra" durante os jogos apitados por Juliano. Guilherme Longo, por sua vez, nunca deu trabalho ao "árbitro", costumava aceitar suas marcações passivamente.

Juliano também participa assiduamente dos jogos de vôlei, basquete, xadrez e dominó, além de fazer caminhadas diárias. Em que pese sua personalidade forte, ele é bem relacionado com os colegas, especialmente com Gil Rugai. Habituado à leitura, prefere títulos como *O Sócio*, *Diário de Anne Frank* e *Idênticos*.

**G1 Ribeirão Preto – 02/03/2016*

Conversamos várias vezes no IRT e, numa ocasião, ele me contou sua história, falou da mulher e da filha, momento em que mais se emocionou.

***

Juliano relatou como conheceu Kátia. Ele trabalhava como representante em uma grande empresa farmacêutica na região de Ribeirão Preto e visitava consultórios médicos, apresentando os lançamentos do mercado. Em uma dessas visitas, conheceu Karina, recepcionista que passava por um drama familiar. Sua mãe estava com graves problemas de saúde e precisava de um medicamento específico de alto custo e de difícil acesso. Juliano, ao saber do fato, conseguiu o medicamento e, desde então, passou a fornecê-lo gratuitamente à mãe de Karina que, em virtude da ação de Juliano, conseguiu sobreviver por mais seis meses. Entretanto, Karina não chamara a atenção de Juliano.

Passados alguns meses, ele foi a uma casa de bingo se divertir e viu Kátia fazendo a locução das apostas. A moça logo o impressionou e ele lhe mandou um bilhete através de um garçom, convidando-a para ir a uma pizzaria após o expediente. Junto com o bilhete mandou um bombom "sonho de valsa"; ela recusou, estava de luto, sua mãe tinha falecido havia um mês. Mas Juliano insistiu e, com seu jeito galanteador, convenceu a moça a acompanhá-lo à pizzaria. Ela chamou um casal de amigos para acompanhá-los.

No caminho, conversavam dentro do carro quando ela soube que Juliano visitava consultórios por trabalhar na área farmacêutica.

— Você deve conhecer minha irmã, ela trabalha em um consultório aqui na região — disse Kátia.

Juliano respondeu que não se lembrava, apesar de Kátia e a irmã Karina serem gêmeas idênticas.

Ainda no trajeto, eles passaram na casa de Kátia para ela trocar de roupa e tamanha foi a surpresa quando Juliano reviu Karina que, emocionada, se pôs a agradecê-lo por ter ajudado sua mãe com os medicamentos. A partir de então, toda família quis conhecê-lo.

Ele me contou que só o amor pode explicar como ele não se interessou por Karina, que conheceu antes da irmã gêmea.

Quis o destino que Juliano e Kátia começassem a namorar. Ela já tinha um filho, Pedrinho, mas estava separada do pai do menino.

Parte da família de Kátia frequentava o candomblé, mas, tempos depois, Juliano a levou para conhecer uma igreja evangélica e ela acabou se convertendo ao cristianismo.

Ele também relatou que certo dia, num culto da igreja *Fogo Santo*, um missionário da Assembléia de Deus, Márcio, apontou para o casal e disse para ele:

— Você tirou essa mulher das mãos do inimigo, você mexeu no inferno. Uma grande tormenta se levantará contra você.

Juliano acreditou tratar-se de uma premonição terrível, porque, pouco tempo depois, ocorreu a morte de Pedrinho.

Quem tem razão nesta história? Juliano seria mesmo inocente? Forças do mal conspiraram para que ele e Kátia fossem injustamente acusados? Não posso dar a resposta definitiva. Sou cético, mas considerando o perfil de Juliano e de Pedro Rodrigues que matou e esquartejou os próprios filhos e vendo, na convivência diária, que ambos são bons sujeitos, chego a suspeitar que o diabo, de fato, existe. Existe mesmo?

Alguns dizem que o diabo é, na verdade, a personificação do mal que existe na alma humana. Controvérsias à parte, uma coisa é certa: muita gente sai por aí cometendo atrocidades e o diabo acaba pagando a conta.

O PEQUENO JOAQUIM

Em novembro de 2013, eu assistia TV com minha esposa, quando vimos uma reportagem falando do desaparecimento de um menino de apenas três anos. Passados cinco dias, ele foi encontrado morto no rio Pardo, na cidade de Barretos, interior de São Paulo. Ficamos consternados com aquela tragédia, sobretudo por tratar-se de uma criança indefesa e o pior: os suspeitos eram a mãe Natália Mignone Ponte e o padrasto, Guilherme Longo.

Do sofá da minha casa, eu tomava conhecimento de tudo sobre o caso sem jamais imaginar que, cinco anos depois, estaria lado a lado com Guilherme Longo em Tremembé

***

Guilherme Raymo Longo foi adotado ainda bebê pelo casal Augusta e Dimas Raymo Longo que viviam na cidade de Ribeirão Preto. Com todo afeto, cuidaram do novo filho que teve uma infância e juventude feliz ao lado dos dois irmãos mais novos, também adotados.

Guilherme era uma criança hiperativa e começou a praticar Jiu-Jitsu e outros esportes. Na adolescência, nunca tinha se envolvido com álcool, drogas, nem demonstrava qualquer desvio de conduta.

Entretanto, na maioridade, Guilherme conheceu as drogas, fator preponderante na tragédia que abalaria sua vida e as de outras famílias para sempre. Ele viria a me revelar em Tremembé que, em 2010, estava usando drogas exageradamente e, por iniciativa própria, pediu ajuda para ser internado, na tentativa de se curar do vício, principalmente em cocaína.

Antes da internação, aos 20 anos, Guilherme já tinha entrado na universidade, mas não concluiu o curso de Tecnologia da Informação. Nessa época, sua família começou a suspeitar do seu envolvimento com más companhias e que poderia estar usando drogas e isso logo se confirmou. Porém, decidido a mudar de vida, Guilherme tomou algumas iniciativas.

Não demorou muito, criou uma empresa de informática, mas, pouco tempo depois, decidiu viver no exterior e foi para a Irlanda e lá,

pensando em se estabelecer definitivamente, trabalhou por quase dois anos. Porém, a pedido dos pais, retornou ao Brasil e, novamente, retomou contato com as drogas.

— Me lembro que, em dezembro de 2011, minha mãe procurou uma clínica que aceitou me internar no mês seguinte. Eu concordei, mas ansiava pelo início do tratamento o mais rápido possível porque não queria continuar naquela vida. Então, minha mãe insistiu e a clínica aceitou a internação imediata.

Na época, ele passou seis meses em tratamento. Queria, com todas as forças, livrar-se da dependência química.

Durante a internação na clínica Santa Rita de Cássia, em Ipuã-SP, Guilherme conheceu Natália, na época, psicóloga da instituição. Passado algum tempo, os dois foram fazer um curso de gestão em outra cidade. Na viagem, Guilherme e Natália se apaixonaram. Depois de concluir o tratamento, ele permaneceu ainda três meses como estagiário na clínica, depois saiu para procurar emprego na área de informática.*

Ao sair da clínica, como relatou, sentia-se uma nova pessoa, considerava-se curado do vício, mas estava equivocado. Sua relação com as drogas ainda revelaria outros dramáticos capítulos de sua história. De volta à "vida normal", Guilherme, influenciado pelos supostos amigos, voltou a frequentar barzinhos e baladas. E esse foi seu grande erro.

— Voltei a beber, principalmente uísque. A bebida fragilizou minha convicção de não retornar aos vícios e, de festa em festa, de bebedeira em bebedeira com os "amigos", acabei cedendo, fraquejando e voltei a usar drogas.

Malgrado fosse escravo do vício, à medida que o tempo passava, Guilherme gostava mais de Natália. Enquanto namoravam, ela engravidou e passaram a morar juntos em Ribeirão Preto e também levaram com eles o filho do primeiro casamento de Natália, o pequeno Joaquim Pontes.

A partir do momento em que passaram a morar juntos, os conflitos eclodiram. Durante a gravidez, ela abandonou Guilherme em razão de um desentendimento e foi para a casa dos pais. Motivo de

*ISTOÉ 14/11/2013

sempre: as drogas. Natália pensou em separação, mas a família e o próprio Guilherme insistiram, até convencê-la a retomar o relacionamento. Mesmo contrariada, ela aceitou, mas, apesar das promessas, ele não conseguia se livrar do vício, que era "mais forte do que ele".

Depois do nascimento de Victor Hugo, filho do casal, a impressão era que a paz reinaria naquele lar. Mas nem sempre os desejos se realizam: a escravidão de Guilherme parecia eterna.

Consciente do terrível mal que o afligia, entrou em depressão e, por lutar e não conseguir vencer a dependência química, tentou o suicídio, ingerindo uma dose excessiva de medicamentos e acabou indo parar no hospital. Seus pais, sempre muito protetores e cuidadosos, sofriam e lutavam junto com o filho para ele vencer o monstro que o devorava. Natália, bastante consternada, assistia à degradação moral do marido que chegara ao ápice quando ele trocou o celular por um pino de cocaína. Mas o pior ainda estava por vir.

***

Eis a primeira versão de Guilherme e de Natália:

Na noite chuvosa de 4 de dezembro de 2013, Natália teria medido a glicemia do filho e ido dormir. O menino sofria de diabetes e, diariamente, tomava injeção de insulina. Quanto a Guilherme, ele colocara Joaquim para dormir, antes de sair de casa à procura de drogas. Como ele mesmo disse, não encontrou o que procurava por conta da chuva e teve de voltar para casa.

Como o casal afirmou, por volta da sete horas do dia seguinte, Natália se dirigiu ao quarto do garoto para lhe aplicar insulina e viu que Joaquim não estava na cama. Desesperada, gritou por Guilherme e logo saíram à procura do menino. Como não o encontraram, ela ligou para o 190, comunicando o desaparecimento do filho.

Passados cinco dias do sumiço, o corpo de Joaquim, já em estado de decomposição, foi encontrado por um pescador no rio Pardo, em Barretos, a 130 quilômetros da casa onde o menino vivia com a mãe e o padrasto. Esse fato fez com que a polícia e o Ministério Público pedissem a prisão preventiva do casal, acatada pela justiça.

Os pais de Guilherme não podiam acreditar no que estava acontecendo. Além da tristeza pela morte de Joaquim, a quem tinham

como neto, amargavam a infelicidade de ver o filho preso, acusado de matar o próprio enteado.

Natália e Guilherme negaram qualquer participação na morte da criança, mas as investigações contrariavam seus argumentos. Ela ficou presa até que um habeas corpus a autorizou a responder em liberdade. Guilherme não teve a mesma sorte da esposa e, depois de preso, acabou sendo conduzido ao presídio de Tremembé.

A polícia e o MP seguiram com as investigações ouvindo testemunhas e buscando provas. A imprensa e a sociedade cobravam a elucidação do crime que causou revolta coletiva. Ele era acusado de homicídio triplamente qualificado e ocultação de cadáver e Natália, de omissão. Na época, o promotor do caso, Marcus Túlio Nicolino, afirmou que dificilmente Longo não seria condenado pelo crime. Quanto à Natália, observou que a condenação da psicóloga dependia da interpretação do júri.*

***

Segue a versão do Ministério Público, contestada pelo advogado de Guilherme:

De acordo com o MP, Guilherme Longo matou o enteado, que era diabético, com uma alta dosagem de insulina, mesmo não havendo prova pericial que comprovasse tal afirmação. Após a morte de Joaquim, ainda segundo a versão da promotoria, Guilherme teria jogado o corpo do menino no córrego que fica a cerca de 200 metros da casa e a força da água teria levado o cadáver até o rio Pardo. Exames realizados pelo IML descartaram que Joaquim tenha morrido afogado, mesmo porque não havia água em seus pulmões.

O advogado de Guilherme pediu exame nas vísceras do menino para averiguar se no corpo havia mesmo superdosagem de insulina. A defesa sempre alegou não haver provas contra Guilherme e Natália. Entretanto, de acordo com especialistas, a insulina é metabolizada rapidamente pelo organismo e seria difícil a perícia identificar uma superdosagem da substância no corpo da criança. Enquanto a defesa e acusação expunham suas teses nos autos do processo, Guilherme, no aguardo do julgamento, permanecia preso em Tremembé.

**G1-05/11/2014*

No entanto, em fevereiro de 2016, o Tribunal de Justiça de São Paulo acatou um Habeas Corpus da defesa e concedeu-lhe liberdade provisória. Fora do presídio, ele conseguiu emprego numa empresa de informática e passava o dia inteiro trabalhando.

— Acir, naqueles dias era como se eu estivesse em outra prisão, eu tinha medo de andar na rua e quando estava em casa, não saia nem no portão.

***

Eis as declarações de Guilherme Longo que, depois de negar sua participação na morte do enteado, assumiu a autoria do crime, em entrevista concedida para uma repórter da TV Record:

— Não raciocinei direito e acabei fazendo besteira. Naquela hora, passou pela minha cabeça que se eu conseguisse fazer que ele não fizesse mais parte da nossa vida, as coisas iam melhorar. [...] Eu ia ter mais tempo para me dedicar a mim, ao nosso relacionamento, porque realmente Joaquim demandava muito esforço. Eu achava que isso ia resolver...

Com essas afirmações, Guilherme iniciou sua bombástica entrevista à TV Record, confessando a autoria do crime, que anteriormente jurava não ter cometido. As gravações foram feitas em setembro 2016, em um quarto de motel a seu pedido. Guilherme confirmou, na entrevista, que, de fato, matou o garoto por asfixia.

— [...] Na hora em que ele pediu "mamá" eu o peguei no colo, levei até a cozinha e ali veio uma ideia insana de dar um fim naquilo. Aí eu o levei pra fora e pensei numa forma indolor de matar ele. Eu já tava com ele no colo e fora da casa e eu o matei.

Guilherme Longo continuou explicando como tirou a vida do garoto.

— Eu o estrangulei, eu não apertei a traqueia dele para não machucar. Simplesmente comprimi a lateral do pescoço dele para que desmaiasse e não sentisse dor. Foi rápido. Foi coisa de dois, três segundos [...] E aí ele desmaiou. Eu segurei por mais algum período de tempo até ele não esboçar mais reação.

Ele ainda contou como fez para se livrar do corpo de Joaquim.

— Havia chovido muito no dia. Eu tinha certeza que o rio estava cheio, pelo menos tinha um volume bom de água [...] Eu falei: Vou jogar, e nem pensei nas consequências, né. Ele podia ter parado em qualquer lugar, podia ter parado ali, mas não sei por que o corpo andou tanto.

Como Guilherme ainda observou, ele deixou a porta da casa aberta para simular que o menino tinha sido sequestrado. No mesmo dia, após a entrevista à TV Record, ele escreveu uma carta aos pais com a data de 20/09/2016, pedindo para que não acreditassem em suas declarações, pois teria aceitado dar entrevista em troca de dinheiro para financiar sua fuga. Na carta, ele ainda alegou que só receberia o valor se confessasse a autoria do crime, mesmo sendo inocente. Guilherme também fez comentários sobre seu plano de fuga. Escreveu que queria ir para um lugar onde não houvesse televisão e não tivesse medo de andar nas ruas. Também pediu para seus pais não ficarem preocupados.

A TV Record refutou as alegações de Guilherme e afirmou desconhecer qualquer pagamento em troca de suas declarações.

Fosse culpado ou inocente, a verdade é que, logo após a entrevista bombástica, Guilherme desapareceu. Com isso, restou ao MP pedir sua prisão preventiva e ele passou a ser foragido.

Numa tarde ensolarada, quando caminhávamos em Tremembé, ele me relatou como foi sua fuga para o Uruguai. Na ocasião, Guilherme cumpria prisão preventiva pela segunda vez em Tremembé e aguardava julgamento.

— No início, eu morei no interior daquele país, evitei a capital, Montevidéu, pois lá tem muitos brasileiros. A cidade em que me estabeleci era bem tranquila e arrumei até uma namoradinha lá. Mas eu não tinha objetivo de permanecer definitivamente no lugar. Eu tinha projetos profissionais para o futuro e aquela cidade, muito pequena, não oferecia oportunidades.

Antes de sair do Uruguai, Guilherme tentou se alistar na Legião Estrangeira Francesa, mas sua documentação o impossibilitou de levar adiante o plano. Do Uruguai, viajou, em 19 de Março de 2017, para Barcelona, na Espanha, e ficou hospedado em um hotel bem simples.

Decidido a conhecer a cidade e a procurar emprego, agia com cautela para não ser reconhecido. Evitava aglomerações e baladas para não ser visto por brasileiros, mas sua aventura em terras espanholas não duraria mais que três semanas. Guilherme me relatou, com exclusividade, os detalhes de como a Interpol o localizou. Foi a primeira vez que ele fez essas revelações.

— Cara, eu fui a um Pub (barzinho) irlandês em Barcelona e lá conheci um americano, chamado John. Passamos a conversar e ali nasceu uma amizade. Enquanto trocávamos ideias, a gente bebia um chopp atrás do outro.

A boa conversa avançou noite adentro e, envolvido pela bebida, Guilherme cometeria um erro capital que desmontaria seus planos na cidade catalã.

— Após vários chopps, acabei imaginando que poderia confiar no meu novo amigo e contei a ele quem eu era e os motivos de ter fugido do Brasil. Falei sobre a trágica morte da criança e tudo que aconteceu.

Estupefato com os relatos de Guilherme, John tratou de encerrar a noitada, pagaram a conta e foram embora. Guilherme acabara de dar um verdadeiro tiro no pé. Ao chegar em casa, o americano, ainda chocado, revelou para sua esposa, uma chilena, tudo que ouviu do brasileiro.

Consternada, a mulher não pensou duas vezes e começou a pesquisar a história para confirmar sua veracidade. Ao atestar que tudo era real, no dia seguinte, fez contato com a polícia de São Paulo. Depois de relatar os fatos, informaram-na que o caso era de competência da Interpol. Determinada a colocar Guilherme atrás das grades, a mulher conseguiu fazer contato, por telefone, com a TV Globo e, encaminhada para falar com a produção do *Fantástico*, revelou a cidade e o hotel em que Guilherme estava hospedado. Não bastasse isso, a esposa de John também localizou uma página no Facebook: "Justiça Joaquim" e fez contato com o pai do menino, Arthur Paes, e disse-lhe que Guilherme estava foragido na Espanha. Arthur também acionou a polícia.

Sem perder tempo, os produtores do *Fantástico*, entre eles Evandro Siqueira, embarcaram para Barcelona. Quando encontraram o hotel indicado pela chilena, depois de conversarem com algumas pessoas, descobriram que Guilherme estava à procura de emprego. Assim, conseguiram uma cópia de seu currículo com seus contatos. Passando-se por comerciante, Evandro enviou mensagens por whatsapp para Guilherme, oferecendo uma vaga de emprego.

Marcaram um encontro no centro da cidade. Guilherme acreditou e compareceu ao local combinado. Os produtores queriam primeiro confirmar se realmente era o brasileiro e, à distância, o filmaram, mas não foram ao seu encontro.

Com a confirmação, os repórteres comunicaram os fatos à Polícia espanhola e à Polícia Federal do Brasil, que incluiu a ordem de prisão de Guilherme na "Difusão Vermelha" da Interpol, que contém os nomes dos foragidos internacionais.*

O plano estava montado. Evandro enviou nova mensagem a Guilherme avisando que não fora a seu encontro devido a problemas no carro, mas que ainda havia possibilidade de contratá-lo. Guilherme concordou em ir novamente ao encontro dos supostos empregadores que, daquela vez, estavam na companhia da polícia espanhola e da Interpol.

Ao chegar ao local na hora combinada, Guilherme, que não sabia tratar-se de uma armadilha, ficou no aguardo dos homens e, quando menos esperava, recebeu ordem de prisão. Obrigado a deitar-se no chão para ser algemado, Guilherme assistia ao fim da sua história de fuga.

Ele me relatou seus últimos minutos como foragido.

— Acho que a culpa nem foi dele, o americano. O problema foi ele ter contado à mulher, que me denunciou.

Perguntei quando ele percebeu que tudo tinha se acabado na Espanha.

— Cara, quando eu ouvi o repórter me chamar de Guilherme em bom português, tive a certeza que era o fim da linha.

Ele permaneceu encarcerado quase oito meses na prisão de Aranjuez, na Espanha, por ter usado documentos falsos e estar ilegalmente no país. Os documentos eram de seu primo que mora em Santa Catarina. O parente negou qualquer participação na fuga de Guilherme. Sobre os presídios espanhóis, ele me fez o seguinte relato:

— Os presídios lá são ótimos. Não existem facções criminosas e o Estado mantém controle absoluto, assim como ocorre em Tremembé. Os presos seguem rotinas rígidas, mas são respeitados em todos seus direitos, são tratados como gente e, em razão dessa mentalidade, a reincidência é muito baixa.

Globo-EPTV 09/08/2017

Ainda quanto à prisão de Guilherme, o governo brasileiro, a pedido da justiça, solicitou ao governo espanhol sua extradição, pedido prontamente atendido, embora Guilherme desejasse ser julgado na Espanha. Segundo ele, em países sérios, o poder judiciário não sofre influência da imprensa nem da opinião pública. Simplesmente aplicam a lei na medida da real culpabilidade, razão de, na época, manifestar o desejo de ser julgado pelo judiciário espanhol.

Dando continuidade ao processo de extradição, o Ministério da Justiça enviou, em Janeiro de 2018, uma equipe de escolta para a Espanha com o objetivo de trazer Guilherme Longo para o Brasil e não houve nenhuma dificuldade. Guilherme contou que durante o vôo para São Paulo assistiu — acreditem — a série Prison Break.

Em 20 de janeiro de 2018, Guilherme desembarcou no aeroporto de Congonhas, São Paulo. Lá, o pai de Joaquim o aguardava acompanhado de um batalhão de jornalistas, mas não conseguiu ficar cara a cara com o suposto assassino de seu filho. No mesmo dia do desembarque, Guilherme foi conduzido pela segunda vez a Tremembé. Após sair do R.O., foi para a cela 78 e não teve problemas com adaptação, pois já havia passado dois anos no local e conhecia boa parte dos internos e funcionários.

No presídio, um de seus maiores passatempos é disputar longas partidas de xadrez com Lindemberg Alves e outros internos. Também pratica vôlei, futebol e basquete, além de frequentar a academia de musculação. Muito discreto, nunca se envolveu em perrecos (confusão). Prefere usar seu tempo para praticar esportes, ler e estudar. Em março de 2018, passou a trabalhar como carteiro do pavilhão.

Nas primeiras semanas, depois do seu retorno ao IRT, Guilherme já estava estudando e se preparando para o ENEM. Todos os dias, passava pelos corredores com caderno e livros debaixo do braço.

Eu fiz a ele as perguntas que todos queriam fazer:

— Você matou o Joaquim?

— Não!

— Por que você fugiu?

— Fugi por medo, por insegurança, por desespero. Não fugi por culpa, eu não tenho culpa. Não cometi nenhum crime e, como não poderia deixar de ser, não existe absolutamente nenhuma prova

contra mim, pois sou inocente. Muita gente me falava que, em julgamentos de casos de grande repercussão, o judiciário sofre muita pressão da imprensa e da opinião pública. Eu confio na justiça, mas me desesperei com medo de ser condenado injustamente. Me arrependo de ter fugido. Não faria de novo.

Eu conversei várias vezes com os pais de Guilherme Longo nos dias de visita. Dona Augusta me falou que o filho, apesar dos problemas com as drogas, sempre foi um rapaz muito bom e esforçado.

— Meu filho sempre foi educado, trabalhador e antes de se envolver com as drogas, não me dava nenhum trabalho. Era um filho exemplar. Na verdade, mesmo passando por essa situação, continua sendo ótimo filho. Ele sempre se preocupou com a família e se não fossem as drogas, nada de ruim teria acontecido. Ele lutou muito para abandonar essa maldição, mas o vício foi avassalador.

Seu pai, Dimas, me revelou que quando Guilherme estava sob efeito de drogas, ficava sentado em um banco na praça até que os efeitos desaparecessem para não entrar em casa naquele estado. "Mesmo nessas circunstâncias, meu filho sempre respeitou a família".

Guilherme Longo aguarda o julgamento.

A MENINA SOPHIA

Ricardo Najjar, nascido em São Paulo no mês de junho de 1992, teve uma infância traumática. Aos sete anos, perdeu a mãe, Sandra Najjar Esteves, professora de Marketing da ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing) que, acometida de AVC, veio a falecer.

— Minha mãe trabalhava o dia inteiro e eu ficava sob os cuidados da minha avó, dona Adriana. Eu não tive a presença da minha mãe na minha vida, não tenho lembranças dela — viria a me relatar Ricardo que, durante a infância, não teve muitos amigos, por ser uma criança bastante introvertida.

Filho único, passou a morar definitivamente com a avó materna, que foi aos tribunais disputar sua guarda com o pai. Mas as tragédias na vida de Ricardo não pararam por aí. Quando ele completou 12 anos, dona Adriana faleceu, causando-lhe profunda dor, e teve de ir morar com o pai.

Adolescente, Ricardo conheceu Lígia Câncio em um evento da campanha do agasalho em São Paulo e, quando ambos completaram 18 anos, começaram a namorar. Após quatro meses de namoro, ela engravidou e o jovem casal passou a morar no apartamento da mãe de Lígia, em um bairro de classe média alta, na capital paulista. Mas o relacionamento não vingou e, pouco tempo depois, já estavam separados. Gestante, ela continuou a morar com os pais e Ricardo voltou para sua casa paterna. A família de Lígia afirmou que ele tinha um temperamento explosivo, suposto motivo da separação.

A filha de Ricardo e Lígia, Sophia Kissajikian Najjar Câncio, nasceu em 11 de maio de 2011, trazendo alegria indescritível para as famílias. Com a separação, Lígia ficou com a guarda de Sophia e as visitas de Ricardo à filha ocorriam semanalmente.

Mesmo separados, os pais de Sophia mantinham uma relação cordial. Quando a menina entrou para a escolinha, Ricardo mudou-se para um apartamento próximo à casa de Lígia, queria ficar mais perto da filha.

Naquela época, a mãe de Sophia passou a reivindicar pensão alimentícia num valor que, segundo ele, por ser elevado, não conseguia pagar. Com dificuldades financeiras, Ricardo teve de

trancar o curso de administração de empresas na Universidade Mackenzie. Trabalhava com internet e seu escritório ficava na própria casa, tudo com o objetivo de economizar. Cheia de sobressaltos, a vida de Ricardo estava longe de ser boa, mas a tragédia que se abateria sobre ele, o faria experimentar dissabores e agruras até então nunca vividas. O episódio trágico ocorreu em dois de dezembro de 2015. De acordo com a versão de Ricardo, tudo aconteceu do seguinte modo:

Naquele dia fatídico, ele ligou para a mãe de Sophia, então com quatro anos, avisando que pegaria a menina na saída da escolinha e a levaria para seu apartamento, como eventualmente fazia. Com o consentimento de Lígia, ele buscou a filha na escola como mostraram as câmeras de segurança, imagens posteriormente veiculadas pela televisão.

Sozinho em casa com Sophia, a menina teria ficado brincando no quarto, em cima da cama, enquanto ele tomava banho, como de hábito, com a porta aberta.

Como Ricardo relatou na delegacia, ao sair do banheiro viu a filha caída no chão com um saco plástico na cabeça. * Na sua versão, Sophia teria colocado o saco na cabeça e, ao cair da cama, batido com a cabeça no chão, ficado desacordada e se sufocado. Ele não convenceu a polícia e tampouco o Ministério Público. De acordo com a defesa de Ricardo, ele e os socorristas tentaram reanimar Sophia, mas sem sucesso.

Para os promotores, seguindo a mesma linha de raciocínio do delegado que presidiu o caso, Ricardo teria agredido a filha e, ao bater em sua cabeça, causado lesões graves na menina, como hematomas cerebrais e ruptura da membrana timpânica e, com o propósito de levar adiante seu intento, tampou a boca e o nariz da menina, impedindo a sua respiração até que ela sufocasse. Ainda segundo a versão do MP, em seguida, na tentativa de não deixar vestígio, ele teria limpado o sangue e colocado a sacola plástica na cabeça da menina, visando simular que ela, por si mesma, havia se asfixiado. Depois de matar a filha, como alegaram os promotores, Ricardo ligou para sua namorada, avisando da tragédia. Não bastasse isso, supostamente com o propósito de dissimular o crime, chamou o SAMU. Ao chegarem ao local, os socorristas tentaram reanimar a pequena Sophia, mas ela já estava morta. A perícia descartou qualquer tipo de abuso sexual. Ricardo sempre negou com veemência as acusações.

G1 – 09/12/2016

Apesar do descrédito e de ser apontado pela polícia e pelos familiares da ex-mulher como o assassino da própria filha, Ricardo permaneceu em liberdade, mas o mundo ruiu para ele quando, durante o velório de Sophia, os policiais chegaram com o mandado de prisão preventiva e discretamente lhe deram voz de prisão. Conduzido ao 77º Distrito Policial, permaneceu lá durante 30 dias e, nesse período, chegou a receber a visita do Senador Eduardo Suplicy. Ricardo também foi depor no DHPP, em São Paulo.

Passado um mês de sua detenção, Ricardo foi transferido para Tremembé, onde pôde respirar melhor. Quando cheguei ao presídio, ele já se encontrava lá, aguardando julgamento.

Não encontrei dificuldade para me aproximar de Ricardo. Logo nos tornamos colegas. Quando ele soube que eu estava escrevendo este livro sobre Tremembé, bastante solícito, não hesitou em me conceder entrevistas.

— Fui pressionado de forma violenta, tomei até choques, eles faziam afogamentos simulados com uma toalha molhada no meu rosto, me davam socos na cabeça e diziam rindo que eu saberia o quanto a minha filha sofreu — disse-me em uma das entrevistas, sem dissimular a revolta.

E continuou, bastante consternado:

— Foi um pesadelo, mas eu não chorei, não gritei nem pedia para eles pararem, eu não dava esse gosto a eles. O policial que queria a todo custo minha confissão, era o mais violento.

Ricardo só decidiu revelar o episódio da "pressão" que recebeu no DHPP, dois anos depois do ocorrido, pois tinha medo de retaliação.

— Em certos momentos da "pressão", eu nem sentia mais dor, para mim não fazia mais diferença viver ou morrer.

Ao chegar em Tremembé, Ricardo passou a trabalhar na cozinha e, quando menos esperava, no fim de 2016, o Ministro Marco Aurélio Mello, do STF, revogou sua prisão preventiva por excesso de prazo.

— Nesse período em liberdade, eu fazia de tudo para não ser visto, para não ser reconhecido. Eu tinha medo de tudo, quando precisava ir para algum lugar, nunca levava meus documentos, com medo de represália da polícia — disse.

trancar o curso de administração de empresas na Universidade Mackenzie. Trabalhava com internet e seu escritório ficava na própria casa, tudo com o objetivo de economizar. Cheia de sobressaltos, a vida de Ricardo estava longe de ser boa, mas a tragédia que se abateria sobre ele, o faria experimentar dissabores e agruras até então nunca vividas. O episódio trágico ocorreu em dois de dezembro de 2015. De acordo com a versão de Ricardo, tudo aconteceu do seguinte modo:

Naquele dia fatídico, ele ligou para a mãe de Sophia, então com quatro anos, avisando que pegaria a menina na saída da escolinha e a levaria para seu apartamento, como eventualmente fazia. Com o consentimento de Lígia, ele buscou a filha na escola como mostraram as câmeras de segurança, imagens posteriormente veiculadas pela televisão.

Sozinho em casa com Sophia, a menina teria ficado brincando no quarto, em cima da cama, enquanto ele tomava banho, como de hábito, com a porta aberta.

Como Ricardo relatou na delegacia, ao sair do banheiro viu a filha caída no chão com um saco plástico na cabeça. * Na sua versão, Sophia teria colocado o saco na cabeça e, ao cair da cama, batido com a cabeça no chão, ficado desacordada e se sufocado. Ele não convenceu a polícia e tampouco o Ministério Público. De acordo com a defesa de Ricardo, ele e os socorristas tentaram reanimar Sophia, mas sem sucesso.

Para os promotores, seguindo a mesma linha de raciocínio do delegado que presidiu o caso, Ricardo teria agredido a filha e, ao bater em sua cabeça, causado lesões graves na menina, como hematomas cerebrais e ruptura da membrana timpânica e, com o propósito de levar adiante seu intento, tampou a boca e o nariz da menina, impedindo a sua respiração até que ela sufocasse. Ainda segundo a versão do MP, em seguida, na tentativa de não deixar vestígio, ele teria limpado o sangue e colocado a sacola plástica na cabeça da menina, visando simular que ela, por si mesma, havia se asfixiado. Depois de matar a filha, como alegaram os promotores, Ricardo ligou para sua namorada, avisando da tragédia. Não bastasse isso, supostamente com o propósito de dissimular o crime, chamou o SAMU. Ao chegarem ao local, os socorristas tentaram reanimar a pequena Sophia, mas ela já estava morta. A perícia descartou qualquer tipo de abuso sexual. Ricardo sempre negou com veemência as acusações.

*G1 – 09/12/2016

Apesar do descrédito e de ser apontado pela polícia e pelos familiares da ex-mulher como o assassino da própria filha, Ricardo permaneceu em liberdade, mas o mundo ruiu para ele quando, durante o velório de Sophia, os policiais chegaram com o mandado de prisão preventiva e discretamente lhe deram voz de prisão. Conduzido ao 77º Distrito Policial, permaneceu lá durante 30 dias e, nesse período, chegou a receber a visita do Senador Eduardo Suplicy. Ricardo também foi depor no DHPP, em São Paulo.

Passado um mês de sua detenção, Ricardo foi transferido para Tremembé, onde pôde respirar melhor. Quando cheguei ao presídio, ele já se encontrava lá, aguardando julgamento.

Não encontrei dificuldade para me aproximar de Ricardo. Logo nos tornamos colegas. Quando ele soube que eu estava escrevendo este livro sobre Tremembé, bastante solícito, não hesitou em me conceder entrevistas.

— Fui pressionado de forma violenta, tomei até choques, eles faziam afogamentos simulados com uma toalha molhada no meu rosto, me davam socos na cabeça e diziam rindo que eu saberia o quanto a minha filha sofreu — disse-me em uma das entrevistas, sem dissimular a revolta.

E continuou, bastante consternado:

— Foi um pesadelo, mas eu não chorei, não gritei nem pedia para eles pararem, eu não dava esse gosto a eles. O policial que queria a todo custo minha confissão, era o mais violento.

Ricardo só decidiu revelar o episódio da "pressão" que recebeu no DHPP, dois anos depois do ocorrido, pois tinha medo de retaliação.

— Em certos momentos da "pressão", eu nem sentia mais dor, para mim não fazia mais diferença viver ou morrer.

Ao chegar em Tremembé, Ricardo passou a trabalhar na cozinha e, quando menos esperava, no fim de 2016, o Ministro Marco Aurélio Mello, do STF, revogou sua prisão preventiva por excesso de prazo.

— Nesse período em liberdade, eu fazia de tudo para não ser visto, para não ser reconhecido. Eu tinha medo de tudo, quando precisava ir para algum lugar, nunca levava meus documentos, com medo de represália da polícia — disse.

Entretanto, em maio de 2017, o próprio STF decidiu que Ricardo Najjar deveria retornar à prisão para aguardar o julgamento, marcado para o mês de janeiro de 2018. Enquanto aguardava, trabalhou no presídio e participou de diversas atividades esportivas e culturais. Na primeira peça teatral que eu participei, Ricardo esteve ao lado de Gil Rugai na direção do espetáculo. Ricardo é extremamente culto e informado.

Ao longo de nossas conversas, ele me revelou que o fato de ter sido pai muito jovem "atrapalhou meus planos e prioridades".

— Meu relacionamento com Lígia não deveria passar de um namoro — disse.

Ele também me falou de um episódio que doeu fundo em sua alma: nos primeiros dias de prisão, seu pai foi hostilizado e constrangido ao chegar para visitá-lo.

— Veio ver o matador da sua neta? — perguntou-lhe um funcionário antiético.

Não bastasse a humilhação, como me contou, nas primeiras semanas de cárcere em Tremembé, os outros presos o chamavam de Sophia — numa referência à morte de sua filha.

— Foi o Gil Rugai que, numa demonstração de solidariedade, me apelidou de "Panda" para que os demais presos assim me chamassem, poupando-me da humilhação de ser chamado de Sophia — disse.

***

Em janeiro de 2018, como previsto, Ricardo foi a júri popular e, apesar das alegações da defesa, acabou condenado a 24 anos e 10 meses de prisão. Na entrevista, antes de seu julgamento, ele me falou:

— Não quero ser inocentado nem condenado. Quero uma definição para a minha vida.

A família de Lígia contratou o renomado advogado Alberto Toron, um dos maiores criminalistas do país, para atuar como assistente de acusação ao lado do MP.

— Me surpreendeu muito o ódio visceral da família da Lígia contra mim, haja vista que o pai dela sempre me tratou como um filho. A mãe da minha filha foi manipulada e isso me machucava muito, eu me dava bem com a Lígia, mas hoje ela é página virada — disse-me, logo que voltou a Tremembé, após o julgamento.

Ricardo também afirmou que, durante seu julgamento, houve um momento crucial. O episódio ocorreu na sustentação oral quando o advogado que assessorava o MP "perdeu a linha", tentando tumultuar o ambiente e, como imaginou, o "excesso" do advogado poderia favorecê-lo na avaliação dos jurados, o que não aconteceu.

— Eu fui tratado como se fosse um novo Nardoni desde o dia do suposto crime até o dia do júri — falou, em tom de desabafo.

Ainda quanto a seu julgamento, Ricardo disse que tratou-se de "um verdadeiro show, um grande circo, um teatro ridículo" para decidir sua vida e seu destino.

— A plateia gritava, bradava e se manifestava. Só faltou fazerem a ola!

Ele afirmou que jamais alimentou boas expectativas em relação a seu caso, mas, após ouvir a sentença, chorou muito. Passados dois dias do julgamento, retornou para Tremembé. Bastante sereno, nem parecia que tinha recebido uma pena tão alta. Mal chegou, retomou o trabalho na cozinha. Não demonstrava nenhuma tristeza com a condenação, porém, como revelou, se corroía por dentro.

Em nossa última entrevista, em abril de 2018, Ricardo me confidenciou que, no dia da morte da filha, não conseguia acreditar em tudo aquilo que acontecia.

— Parece que eu nem vivi aqueles momentos, era como se estivesse em um filme.

Filho de pai budista, Ricardo se diz católico não praticante.

— Em relação à religião eu sou como aquele sujeito que não torce por time nenhum, mas quando perguntam, diz que é corintiano — disse sorrindo.

Quanto ao sistema prisional brasileiro, a opinião de Ricardo é contundente:

— Salvo exceções, nos presídios do país, estão os "mais abandonados" do funcionalismo público. Também por isso, esse sistema não recupera ninguém, só piora o sujeito, mesmo que ele queira melhorar. Nas prisões do Brasil, torna-se impossível a recuperação de criminosos, pois essas instituições prisionais são catalisadoras de maus sentimentos. Tremembé é uma rara exceção, apesar de ter seus problemas — observou.

Para se manter "sóbrio" na prisão, Ricardo procura ler, praticar esportes, trabalhar e estar próximo dos "poucos e verdadeiros amigos" que fez em Tremembé. Ele diz ficar ansioso quando se aproxima o dia de visitas:

— É muito bom ver minha namorada e meu pai.

Perguntei a ele se, na prisão, sente falta de Sophia.

— Não sinto falta da minha filha. Não vejo nada aqui que me remeta a ela. Minha vida tem de continuar.

Depois de fazer tal observação, Ricardo se calou. Percebi que a entrevista chegara ao fim. Confesso que fiquei incomodado com a frieza demonstrada por Ricardo, quando ele falou da filha, mas, ao olhar no fundo dos seus olhos, vi duas lágrimas timidamente despontando no seu silêncio. É... a boca mente, mas os olhos não...

"É o ciúme turbador da
tranquila paz amorosa!
Ele é punhal que mata
a mais firme das esperanças".

Miguel de Cervantes

PAIXÃO, CIÚME E MORTE

LINDEMBERG E ELOÁ

O ESPETÁCULO DE UMA TRAGÉDIA

Lindemberg Alves Fernandes nasceu em Patos, na Paraíba. Quando tinha 4 anos, veio com os pais e as irmãs para o ABC paulista em busca de uma vida melhor. Essa era a sina de milhões de nordestinos. Foi a mãe quem escolheu seu nome, em alusão a um jogador de futebol famoso na época.

Liso, como era conhecido, foi praticamente criado pelas irmãs, pois a mãe trabalhava como empregada doméstica. Estudou até concluir o ensino médio e, todos os dias, às cinco horas da manhã, pegava sua moto e se dirigia até a cidade vizinha, São Bernardo, para trabalhar como auxiliar de produção na fábrica da Bombril. À noite, Lindemberg fazia bico como entregador de pizzas com o propósito de ajudar no orçamento da casa e futuramente comprar um carro.

— Ele sonhava em se casar, mas antes queria montar sua própria casa — relatou uma de suas irmãs.

Obcecado por futebol, Lindemberg não perdia uma pelada nos finais de semana. Ligado à família e cheio de sonhos simples e realizáveis, ele jamais havia se envolvido com álcool, drogas ou qualquer tipo de crime, apesar de viver em uma região bastante violenta. Ele era o típico jovem trabalhador que não incomodava ninguém. Com aspirações triviais, tudo o que queria era ter condições financeiras para constituir uma família ao lado de Eloá, com quem namorava desde quando ela tinha 14 anos.

Quando estava saindo da adolescência, conheceu e se apaixonou pela menina de cabelos negros. De início, a família de Eloá foi contra o namoro. Afinal, ela era muito jovem, mas o casal insistiu e por ele ser trabalhador, não possuir vícios e ser de uma família honesta, os pais da moça acabaram cedendo, apesar das restrições impostas.

Lindemberg seria mais um sujeito anônimo igual a tantos que levam uma vida honesta ao lado da esposa e dos filhos. A casa construída com sacrifício em um bairro da periferia, o carro comprado a prestação, as festas de aniversário das crianças em que convidaria os

amigos e familiares, as peladas no campo de várzea, os jogos de futebol na televisão, tudo comporia o quadro de sua vida, que não precisaria de mais nada para ser feliz. Mas o que era previsível não ocorreu e Lindemberg, que seria mais um na multidão, atraiu para si os holofotes e as câmeras de televisão quando protagonizou uma das maiores tragédias que abalaram o país.

Sua vida começou a tomar outro rumo em agosto de 2008 quando Eloá adicionou um amigo de escola em sua rede social Orkut, deixando Lindemberg bastante enciumado. O ato despretensioso de Eloá viria a desencadear o mais duradouro cárcere privado da história da polícia paulista. Em razão do desentendimento, Lindemberg e Eloá brigaram, como frequentemente acontecia, e desmancharam o namoro.

— O relacionamento deles era bastante instável, várias vezes terminavam o namoro, brigavam por nada, mesmo assim formavam um casal normal mas, para Eloá, aquela separação era o fim definitivo do namoro — revelaria Suellen Dafne Padiar, a amiga mais próxima de Eloá.*

De acordo com seus amigos de futebol, que sempre o tiveram como um sujeito do bem, depois da separação Lindemberg ficou quieto, introspectivo, ouvia muita música e vivia com os olhos marejados. As mudanças de humor também se tornaram visíveis e ele passou a reagir de forma explosiva, apesar de nunca ter brigado de fato. Seu colega, Anderson Ligorio, disse após o assassinato de Eloá, que Lindemberg sempre foi um rapaz tranquilo, mas como havia notado, ultimamente ele andava diferente por causa do fim do relacionamento.**

Ele insistia em reatar o namoro, mas Eloá, cansada de suas crises de ciúme, se recusava a voltar. Era muito difícil para Lindemberg aceitar a separação. Suas irmãs afirmavam que ele havia entrado em depressão com o fim do namoro.

Sem conseguir se controlar e tomado pelo desespero, na tarde de 13 de outubro de 2008, Lindemberg Alves, cuja história até então não possuía máculas, invadiu o apartamento em que Eloá morava com a família, no segundo andar de um prédio da CDHU, em Santo André.

* G1- 17/10/2008 ** G1- 17/10/2008

Eram 13 horas quando ele entrou no apartamento, deparando-se com Nayara Rodrigues, Victor Campos e Iago Oliveira, ambos de 15 anos, amigos de Eloá, que faziam um trabalho escolar. A menina se assustou com a súbita chegada do ex-namorado. Aos gritos, Lindemberg não hesitava em enxotar os adolescentes dali.

Com a recusa dos colegas em abandoná-la — temiam o pior — Lindemberg sacou o revólver calibre 32, comprado por R$ 700,00 e dominou a situação, concordando inicialmente com a permanência dos amigos de Eloá no apartamento. Ele desconfiava que um dos garotos estivesse interessado em Eloá e queria confirmar se suas suspeitas eram verdadeiras. Fechou a porta e iniciou uma conversa com a moça, por quem ainda era apaixonado, alternando momentos de calma com nervosismo e foi irredutível em não aceitar os pedidos para guardar o revólver.

As coisas começaram a se complicar quando um parente de um dos rapazes foi até o apartamento da Eloá para chamá-lo. Ao encontrar a porta fechada, tocou a campainha e Lindemberg o atendeu, com a arma em punho, e mandou-o sair dali. Desesperado, o homem ligou para a polícia informando que no local havia um sujeito armado. Em seguida, Lindemberg quebrou o modem de internet e deu um tiro no computador ao ver a página do Orkut na tela. Ele mantinha o controle da situação, mas, minutos depois, ouviu-se vários sons de sirene e gritos:

— Polícia, polícia, polícia...

— Só não saímos do apartamento naquele momento porque tínhamos medo da reação da polícia. Não confiávamos na polícia. Então, foi sugerido que falássemos com a imprensa para resolver a situação — relataria Nayara no julgamento.

A partir daí o sequestrador entrou em pânico e, apavorado, oscilou em seu propósito. Com a chegada do GATE (Grupo de Ações Táticas Especiais), iniciou-se as negociações para a libertação dos reféns e a rendição de Lindemberg. Todavia, aquele foi só o início das conturbadas e erráticas negociações que durariam 101 horas.

Com a arma em punho, ainda na primeira noite do sequestro, ele mandou novamente os amigos de Eloá saírem do apartamento. Na mira do revólver, os rapazes não tiveram escolha e obedeceram, mas Nayara bateu o pé e não aceitou abandonar a amiga, obtendo a permissão de Lindemberg para ficar. E assim, o sequestro caminhou para o segundo dia.

Daí em diante, o despreparo dos envolvidos e o amadorismo da polícia paulista se tornaram visíveis com os sucessivos erros dos responsáveis pela operação. Sem equipamentos adequados, os policiais, no apartamento ao lado, colocavam copos de vidro e um estetoscópio na parede para tentar ouvir o que era falado na sala onde o rapaz mantinha as duas adolescentes sob a mira de sua arma. A multidão de curiosos se misturava aos policiais que, em dado momento, foram alvo de um disparo do ex- namorado de Eloá. A bala quase acertou o PM Atos Valeriano. Lindemberg negou que tivesse dado tal disparo.

A cada instante, a situação se agravava e a imprensa, para transmitir o espetáculo midiático, montou uma estrutura de guerra em frente ao prédio para noticiar o episódio ao vivo, transformando aquilo em um verdadeiro reality show. E o Brasil inteiro, em suspense, permanecia imóvel assistindo aos capítulos daquela novela trágica, cujo final já tinha sido escrito com tinta vermelha.

Àquela altura, a mídia internacional também noticiava os acontecimentos com pitadas de drama. Para agravar mais a situação e criar obstáculos para o êxito das negociações entre a polícia e o sequestrador, alguns órgãos da imprensa brasileira, num grave desrespeito às normas éticas e de segurança, conseguiram o número do celular de Lindemberg e o entrevistaram ao vivo. A jornalista Sônia Abrão, da Rede TV, no programa *A Tarde é Sua, o* colocou no ar, ao vivo, glamourizando o sequestrador que, por ser visto por todo o Brasil, ficara com o ego inflado.

Ao entrevistar Lindemberg, Sônia Abrão interrompeu diretamente o contato dos negociadores com o sequestrador que era feito através do mesmo celular, prejudicando as negociações e dando azo para que ele impusesse as regras. A entrevista despropositada aumentava sobremaneira o risco de o episódio terminar de forma trágica. Não se pode atribuir à jornalista o desfecho lamentável do caso, entretanto sua interferência e a de outros repórteres não contribuíram em nada para a solução do problema, ao contrário, fomentaram o conflito.

No segundo dia do sequestro, Lindemberg, de modo incisivo, exigiu que Nayara saísse do local. Sem forças, depois de tanto tempo confinada — a polícia também exigia que ela saísse — a amiga de Eloá, sem alternativa, abandonou o apartamento. Entretanto,

Lindemberg seria condenado também pelo sequestro de Nayara e dos amigos apesar de ter exigido que os três saíssem do apartamento. A própria Nayara e os dois rapazes confirmaram, no julgamento, que não foram ameaçados.

O cárcere privado continuava e completava três dias. As tratativas não avançavam e Lindemberg já estava há 72 horas sem dormir. Uma de suas irmãs, presente no local, tentava auxiliar nas negociações.

Quando o encontrei em Tremembé, em 2017, perguntei como conseguiu resistir tanto tempo sem dormir e com alimentação precária.

— Acir, era adrenalina pura, a cabeça não parava. Era muita pressão em cima de mim.

No terceiro dia do sequestro, sozinho com Eloá, Lindemberg continuava negociando com a polícia, mas como não era claro em suas exigências, o caso parecia longe do desfecho. A todo o momento, ele aparecia na janela, ora com Eloá, ora sozinho.

Os especialistas em segurança criticavam a polícia por não aproveitar a oportunidade para eliminar o alvo como acontecia nos Estados Unidos. Para eles, o vacilo dos atiradores e de seus comandantes custaria caro às vítimas e à imagem da polícia paulista que ficaria seriamente abalada.

O desespero tomava conta das famílias envolvidas e os espectadores, diante da TV ou do rádio, roíam as unhas e seguravam a respiração a cada novo movimento, a cada nova notícia sobre Eloá que constantemente aparecia na janela, pedindo calma e sendo alvo de inúmeros flashes dos fotógrafos, que se acotovelavam para garantir o melhor ângulo.

Naquele terceiro dia de confinamento, aconteceu um dos erros mais bizarros da polícia, quando Nayara retornou ao cativeiro, algo inimaginável e inadmissível para qualquer negociador de sequestro. Lindemberg, dizendo que se entregaria, exigiu a presença da amiga de Eloá que, solidária, concordou em voltar ao apartamento e, para tanto, obteve a anuência dos policiais. Nayara, por sua vez, como combinado, dirigiu-se até o local e, sem coragem de entrar, por uma fresta da porta via o revólver encostado na cabeça da amiga e, quando menos esperava, o sequestrador a atraiu para dentro do apartamento.

Lindemberg não havia se rendido e os negociadores tinham novamente duas reféns para libertar. Assim, o sequestro chegou ao quarto dia. Enquanto o caso prosseguia sem solução, choviam críticas sobre a polícia de São Paulo.

— Permitir que o sequestro se alastrasse por 100 horas foi um grave erro, pois em uma situação passional, quanto mais tempo leva, mais inconstante o agressor fica — disse um integrante da polícia americana ao dar entrevista sobre o caso.

A polícia paulista também sofreu duras críticas por, entre outros equívocos, não ter levado psicólogos nem a mãe de Lindemberg para ajudar na libertação das vítimas.

A cobertura ininterrupta da mídia com apresentadores sensacionalistas ávidos por sangue, fazia com que a pressão sobre os órgãos de segurança pública do estado de São Paulo aumentasse e a sociedade passou a exigir o fim do espetáculo, "preferencialmente" com a morte do sequestrador. A pressão que afetava diretamente os policiais e os negociadores envolvidos também atingia Lindemberg. Mesmo tentando demonstrar controle sobre a situação, ele já dava sinais de estafa e isso poderia ser fundamental para o encerramento do sequestro, mas os policiais, com a paciência esgotada e humilhados em rede nacional por um amador, resolveram agir. E assim iniciou-se o desfecho trágico.

Na opinião de muitos, esse foi o grande equívoco. Nayara viria a relatar, no julgamento em 2012 que, no último dia, pouco antes da invasão da polícia, Lindemberg havia falado pela primeira vez que iria libertá-las.

— Vocês vão sair, eu não! — disse a elas.

Lindemberg me revelou que as jovens se arrumaram, trocaram de roupas, calçaram tênis e se prepararam para sair. "Nos quatro dias elas estavam de chinelos e as imagens as mostram de tênis quando foram socorridas. Se a polícia não invadisse elas sairiam vivas, a própria Nayara confirmou isso", afirmou.

Momentos depois, temendo uma invasão, Lindemberg bloqueou a porta com uma mesa. Logo em seguida, ouviu-se a primeira explosão causada pela polícia que encheu o apartamento de fumaça. Lindemberg viria a dizer, durante o seu julgamento, que pouco antes da invasão da polícia, ele sentia que aquele era o momento propício para se entregar. Entretanto, sua irmã fora afastada

do local pelos policiais, assim como a imprensa, o que fomentou sua desconfiança e tensão.

Alegando ter ouvido um estampido, a PM estourou a porta do apartamento e adentrou ao local atirando bombas de gás lacrimogênio. Aí seguiram-se os disparos. Um tiro atingiu o rosto de Nayara que, enrolada em um cobertor, correu para fora. Outros dois tiros acertaram a virilha e a cabeça de Eloá. Ela caiu desfalecida.

Contrariando a versão da polícia, de que teria havido um disparo dentro do imóvel, Nayara afirmaria, no júri, que primeiro a polícia explodiu a porta e invadiu o local sem que Lindemberg ainda tivesse disparado nenhum tiro contra elas. Em outra conversa que tive com Lindemberg, fui direto e perguntei a ele:

— Você atirou na Eloá e na Nayara?

— Cara, se a perícia fala que eu atirei, quem sou eu para contestar? — disse, sem convicção.

No julgamento, Lindemberg falou que não se lembrava de ter atirado em Nayara. Já sobre os tiros em Eloá, ele afirmou:

— Quando a polícia invadiu de repente o apartamento, ela se levantou e eu atirei. Foi tudo muito rápido, não pensei.

No momento fatídico, apesar de atingida no rosto, Nayara caminhou até a ambulância, enquanto Eloá, desacordada na maca, era conduzida ao Centro Hospitalar de Santo André. Lindemberg permanecia imobilizado. Um PM pisou em seu pescoço, outro o algemou. Na saída do local, ele estava com o rosto machucado. Levado a uma delegacia da cidade, ele teve suas roupas arrancadas. Nu, com as mãos para trás, sentindo o peso das algemas e com escoriações no corpo, Lindemberg era filmado por um policial que depois, segundo denúncias, negociou as imagens, posteriormente exibidas para todo o Brasil, na TV Record, pelo jornalista Roberto Cabrini.

No hospital, Eloá não resistiu e teve morte cerebral.

A imprensa sensacionalista que atrapalhou sobremaneira o trabalho da polícia, finalmente tinha o seu cadáver. A opinião pública saciava sua sede de vingança com seu prisioneiro exposto como um troféu pelo Estado que havia demonstrado toda sua ineficiência. A delegacia de Santo André, com seu preso famoso, sem roupas, deixando à mostra as marcas da tortura, era comparada às terríveis prisões de Guantánamo e de Abu Ghraib.

Arrasada e com o coração dilacerado pela tragédia, Ana Cristina, mãe de Eloá, numa demonstração extraordinária de solidariedade, autorizou a doação dos órgãos da filha, salvando outras vidas.

***

O julgamento de Lindemberg começou e terminou como um show. Centenas de pessoas se aglomeravam diante do fórum de Santo André, cidade que novamente recebia os holofotes dos jornalistas que disputavam cada espaço para registrar o "grand finale" do caso Eloá que, quatro anos antes, havia causado comoção nacional.

— Justiça! Justiça! Justiça! — Gritava a platéia com punhos cerrados e com faixas nas mãos, pedindo a condenação do rapaz.

Era fevereiro de 2012, diante daquele fórum, se repetia a mesma cena espetaculosa com a imprensa 24 horas por dia noticiando, nos mínimos detalhes, o embate ferrenho entre a acusação e a defesa. Lindemberg relatou que enquanto se encaminhava para o plenário do fórum, encontrou a mãe de Eloá e, algemado, juntou as mãos e pediu perdão a ela. No dia seguinte um jornal com pouca ética publicou: Lindemberg pede a mãe de Eloá para "pegar leve". No final do julgamento, Lindemberg ouviu o pronunciamento de pé, diante da magistrada, mas de cabeça baixa. O público presente na plateia aplaudiu a decisão que condenou o réu a 98 anos e um mês de prisão.

— Acir, ao ouvir a sentença, foi como se minha alma tivesse saído do corpo — confidenciou.

A juíza disse que ele tinha praticado atos de barbárie e agido com frieza. Na mesma linha, a diligente promotora Daniela Hashimoto considerou que a pena imposta a Lindemberg consiste numa resposta da sociedade à banalização da violência contra a mulher. Para a advogada de Lindemberg, Ana Lúcia Assad, a pena foi muito elevada, devido à influência da mídia. Em vista disso, recorreu da sentença.

Emocionada, ao ouvir o pronunciamento da juíza, a mãe de Eloá abraçou Ronickson Pimentel, seu filho mais velho, e chorou.

— Nada vai suprir a minha dor, mas a justiça foi feita — disse.

Apesar de ter considerado seu júri um "grande teatro" e não ter concordado com a pena elevada, Lindemberg se virou para sua advogada, "que foi uma gigante em sua defesa" e agradeceu:

— Muito obrigado pelo que a senhora fez por mim. Eu sei que a senhora fez o seu melhor.

Com os recursos apresentados pela defesa, em junho de 2013 o Tribunal de Justiça de São Paulo, admitindo a tese de que o clamor popular influenciou no julgamento, reduziu drasticamente a pena de Lindemberg para 39 anos e 3 meses.* Assim, em poucos anos, ele poderá progredir para o regime semiaberto, pois terá cumprido um percentual da pena, que o credencia ao benefício. Desde os primeiros dias no presídio, ele trabalha e estuda, além de possuir comportamento exemplar.

Essa questão precisa ser debatida. O TJ reduziu significativamente a pena de Lindemberg "condenando" a influência que o júri e os magistrados se permitiram submeter ao aplicar a pena excessiva. Eles ouviram o clamor das ruas, não se ateram aos autos.

Não seria o caso de o CNJ (Conselho Nacional de Justiça) ou Congresso Nacional instituírem dispositivos, como ocorre em países sérios, para blindar os julgadores e evitar erros como esse e que os julgados recebam pena justa na medida de sua culpabilidade?

Ressalto que não se trata de macular a imagem dos julgadores, notadamente probos, mas de aperfeiçoar nosso sistema judicial. Afinal, o judiciário existe para promover a justiça, não para chancelar a vingança, equivocada obsessão popular, como afirmou a Ministra do STJ, Laurita Vaz.

***

Minha convivência com Lindemberg em Tremembé foi intensa. Logo que cheguei ao presídio, fizemos amizade. Ele, inicialmente reticente, contou a história da sua vida, as dificuldades que sua família enfrentou quando abandonaram a Paraíba para buscar uma vida melhor em São Paulo. Lindemberg também falou de sua infância simples, porém feliz.

Desde menino, era apaixonado por futebol e torcedor fanático do São Paulo. Começou a trabalhar muito cedo para ajudar a mãe e, com esforço, concluiu o ensino médio, mas não teve condições para entrar na universidade. Seu sonho é cursar Educação Física. Ele me revelou que analisa a possibilidade de mudar seu primeiro nome, por ser muito incomum.

**Veja 04/12/2013*

Conhecendo e convivendo com Lindemberg, logo se percebe que não se trata de um monstro, apesar do gravíssimo crime cometido no passado. Além de trabalhar todos os dias, é um dos mais disciplinados e educados internos e conta as horas para chegar o dia de visitas para ter a companhia da mãe e das irmãs que jamais o abandonaram nesses dez anos de prisão. Quando conversei com ele sobre o fim trágico do sequestro, Lindemberg afirmou:

— Eu errei. Aconteceu. Infelizmente uma vida se foi. Não tem um dia que não me arrependa. Espero que a família dela me perdoe e também peço perdão para Deus e para minha família. Se eu pudesse voltar no tempo, faria tudo diferente.

A ENTREVISTA MALDITA

ALÍCIA SÓ TINHA TRÊS ANOS

— Isso aqui é uma bênção! — Gritou Silvio Ribeiro com todas as forças quando chegou em Tremembé, após passar por uma cadeia em Campinas. A partir desse dia, passaram a chamá-lo de Bênção.

O Bênção parecia fazer jus ao apelido. Era muito gentil, embora passasse boa parte do tempo isolado no fundo do pavilhão, onde, da janela, ficava contemplando as montanhas e as serras do Vale do Paraíba.

Nos horários de banho de sol e lazer, após cumprir o horário de trabalho na FUNAP, sempre compenetrado, livro na mão. E quando isso não ocorria, Bênção dava inúmeras voltas na pista de cooper e de longe se ouvia suas frases desconexas, que misturavam inglês com português:

— Very good, my friend, venha comigo, já foram 30 voltas... — gritava.

Depois da corrida, ele limpava com as mãos e um pequeno pedaço de madeira todo o campo de futebol e a pista de cooper.

— Que xaropeta! Esse cara deve ser mesmo pirado — diziam, sem levar em conta que Silvio, apesar de suas bizarrices, é sujeito inteligente e leitor assíduo dos clássicos, além de dono de um vigor físico ímpar.

Da minha parte, sempre tive um bom relacionamento com o Bênção. Custava crer que aquele sujeito cordato, de bons modos, fosse o assassino frio da ex-mulher e da filha, de apenas três anos.

— O Bênção é um personagem interessante para o livro — pensava.

Mas, em seguida, desistia da ideia de escrever sobre ele. Os crimes que cometera me davam calafrios na alma. Melhor seria manter o relacionamento cordial sem tocar no assunto.

— Onde já se viu matar a filhinha indefesa! — dizia para mim mesmo, evitando externar a crítica aos companheiros de presídio, para não criar um clima de animosidade. Afinal, Bênção era um cara

querido ali e nunca tinha me prejudicado em nada. No presídio, ele era uma bênção, malgrado algumas de suas atitudes fossem estranhas.

Sem hipocrisia, torcia para que tudo desse certo para o Bênção, mas não podia fechar os olhos para o fato de ele ter cometido crimes abomináveis, apesar de acometido de surto psicótico. Eu, que todos os dias ficava morrendo de saudade das minhas crianças, não conseguia conceber como o sujeito tinha matado a própria filha e de modo tão bárbaro.

— Talvez o Bênção, ao contar sua história, queira se redimir de alguma forma ou pedir perdão para o mundo pelo crime que cometeu — comentei com um amigo. Ele me respondeu:

— Não custa nada escrever sobre o cara. Vai ver é isso mesmo que você falou...

— Seja o que Deus quiser.

***

Na entrevista que fiz com Silvio, em 9 de outubro de 2017, ele me contou seu drama.

— Jamais imaginei sentir o peso das algemas em meus punhos — disse, quando perguntei qual a sensação de ter sido preso.

Um tanto tenso e ávido para saber como ele se sentia por ter matado a própria filha, fui logo indagando se tinha o desejo de ser pai novamente. Silvio ficou cabisbaixo, silenciou por alguns minutos e, antes que lhe cobrasse a resposta, recomposto, falou:

— Calma, eu chego lá...

Em seguida, de modo pausado, começou sua narrativa.

Ele nasceu na Bahia em abril de 1976. Desde criança, demonstrou ser um sujeito pacato, mas bastante estudioso. Ainda jovem, tornou-se seminarista e permaneceu por cinco anos na ordem dos "Missionários Xaverianos". Nesse período, quando o pároco não podia comparecer, ele conduzia a celebração na igreja. Mas o destino não quis que Silvio se tornasse padre.

— Descobri que não tinha vocação para ser padre e desisti do seminário — relatou.

No ano 2000, ele conheceu a jovem Rosângela na empresa EMS, em Hortolândia, região de Campinas, com quem namorou e posteriormente passou a morar junto. Entre o namoro e a união, assim me falou, foram 14 anos de cumplicidade.

Silvio cobria a mulher de elogios e, invariavelmente, lhe dava livros de presente, ao invés de flores, ao gosto da companheira.

Rosângela engravidou e quando Alícia nasceu o pai estava presente na sala de cirurgia, acompanhando o parto realizado pela doutora Úrsula. O nome da filha foi escolhido pela mãe. Se fosse menino, Silvio era quem escolheria. Ele me disse que seria João Pedro.

A pequena família sempre viveu em harmonia na cidade de Hortolândia e mesmo após a separação do casal que ocorreu em 2012, a convivência continuou marcada pela amizade. Ele, supervisor de produção na empresa Dell, voltou a morar em Sumaré na mesma casa onde residiu por mais de 30 anos. Ela, formada em administração e gerente de vendas, continuou com Alícia em Hortolândia. Como tudo indicava — amigos e familiares corroboram isso — além de pai carinhoso, Silvio ainda era apaixonado pela ex-mulher a ponto de venerá-la.

Certa vez, Rosângela precisava de um livro, mas não encontrava. Silvio vasculhou todos os sebos e livrarias da região até encontrá-lo. Em outra ocasião, ela contraiu dengue e foi o ex-marido quem se prontificou a levá-la ao hospital. Tanto desvelo, mesmo após a separação.

— Eu vivia para ela — disse-me, com os olhos marejados.

Naquela altura da entrevista, imaginava estar diante do relato de um crime, cuja causa teria sido a paixão desenfreada de um homem por uma mulher. Paixão que possivelmente levara aquele rapaz, que praticava atletismo e participava de maratonas, à tornar-se um homicida. Será?

A tragédia ocorreu em 4 de maio de 2014 quando Silvio, como sempre fazia, foi visitar a ex-mulher e a filha. Ele e Rosângela comiam pizza, bebiam cerveja e davam muitas risadas enquanto Alicia se distraia brincando de boneca.

— Tudo indicava que vocês iriam retomar o relacionamento. Seria o final feliz que todos esperavam — disse-lhe.

— É Acir, bom seria, mas não foi isso que aconteceu — observou, imprimindo um tom de tristeza na voz.

Como relatou, franzindo a testa e nitidamente consternado, naquele dia, Rosângela lhe disse que tinha conhecido uma pessoa e pensava em levar a sério o novo relacionamento e por isso ele deveria se afastar. Foi a gota d'água, o disparo do gatilho mental.

— Eu pirei, cara. Começamos a discutir. Chegou um momento em que não vi mais nada na minha frente.

Aparentemente, ele teve um surto psicótico e passou a agredir a ex-mulher que gritou por socorro. Inconformado e descontrolado, ele pegou uma faca e atacou Rosângela, na época com 31 anos, e deu-lhe golpes até matá-la.

Uma prima de Rosângela, na casa ao lado, ouviu os gritos e foi perguntar a Silvio o motivo da gritaria, mas ele alegou que a ex-mulher tivera uma convulsão, mas já estava recuperada.

Em seguida, Silvio pegou a filha e fugiu com seu carro para Ubatuba, no litoral de São Paulo. Teve o cuidado de colocar a criança, bastante assustada, na cadeirinha de segurança. Depois de rodar um bom trecho, ele parou o carro num local ermo, próximo à praia de Ubatumirim e esfaqueou a menina.*

Durante o relato de Silvio, tive a impressão de que ele pouco se lembrava do modo como assassinara a filha de apenas três anos.

— Será que estou interpretando mal? — pensei.

Naquele momento, fazendo enorme esforço para disfarçar a repulsa, estômago embrulhado, interrompi a entrevista e pedi licença para ir à minha cela me recompor.

Tentando recobrar o equilíbrio, respirei fundo, voltei para o pátio e retomei a conversa. Tinha a consciência de que, naquele momento, cabia apenas ouvir e registrar o depoimento do Bênção, sem fazer qualquer tipo de julgamento. Além disso, o arrependimento de Silvio, nas inúmeras vezes que falava da filha, não poderia ser algo forjado, sua dor parecia emanar do fundo da alma. Eu é que deveria estar vacilando, vendo coisas onde não existiam. A cadeia mexe com a cabeça de qualquer um...

***

*Jornal O Vale – 06/05/2014

Foi constatado que Alícia não tinha sofrido violência sexual. Ela foi encontrada no mesmo dia pelo pescador Darwin Teixeira que recolhia lixo reciclável. Seu corpo estava embaixo da cadeirinha de segurança, ao lado de uma caçamba de lixo. Restou ao pescador chamar a polícia. Como viria a ser divulgado depois, Silvio havia usado a mesma faca para matar a mãe e a filha.

Rosângela era velada em Hortolândia quando familiares souberam do que ocorrera com Alícia. O velório foi interrompido até a chegada do corpo da pequena para que mãe e filha fossem enterradas juntas. Os pais de Silvio, que conheci em Tremembé, passaram mal durante o enterro e tiveram de ser medicados.

Como relataram os amigos de Rosângela, no domingo anterior à tragédia, ela havia postado uma declaração de amor à filha em uma rede social: "Minha filha é a melhor parte de mim". Também obtive a informação de que, no mesmo domingo, Silvio, Rosângela e Alícia passaram a tarde num parque em Paulínia. Parecia o retrato de uma família feliz.

Rosangela não tinha problemas de relacionamento com o ex-marido. Haja vista que, em janeiro do ano em que foi assassinada, ganhou da empresa onde trabalhava, uma viajem à Ilha Bela e convidou justamente Silvio para acompanhá-la; Alícia, como sempre, viajou com os pais e Rosangela chegou a postar fotos do passeio no *Facebook*.

Entretanto, aquela aparente harmonia não traduzia a realidade de Silvio. Desde a separação, ele sofria de profunda depressão. Não se sabe se amava demais a mulher ou se cultivava apenas um sentimento doentio.

— Depois que ela me abandonou, eu não tinha ânimo para nada. Quando estava em casa passava o dia todo na cama; no trabalho não produzia, não tinha alegria de viver. Minha irmã chegou a marcar consulta no psicólogo para mim, mas não tive coragem de ir — confidenciou.

— Mas você tentou conversar com a Rosângela para pedir uma nova chance ou até mesmo para falar da sua angústia?

— Cheguei até a implorar. Se fosse preciso, eu suplicaria diante dela. Eu aceitaria tudo. Sabia que, após a separação, ela teve algumas paqueras, não havia problema, contanto que voltasse para mim. Mas a Rosângela se mostrava inflexível, insistia em não me querer de volta. Para ela, deveríamos ser apenas bons amigos.

— Entendi, mas diga-me, depois da tragédia, você caiu em si? Como ficou sua cabeça? O que fez?

— Após matar minha filha e com a prisão decretada, fugi de carro para Alagoas, onde permaneci durante um ano vivendo praticamente como mendigo. Para piorar a situação, meu carro foi roubado em Maceió. Em depressão, tentei o suicídio duas vezes, cortando os pulsos. Desmaiei, mas me socorreram a tempo. Também tentei me enforcar, porém a corda arrebentou. Vivi em um verdadeiro apocalipse em que tentava me matar e não conseguia.

Certo dia, em Maceió, ele estava parado num semáforo quando viu uma caminhonete cheia de bananas. Com fome, pediu ao dono da carga para ajudar a descarregar a mercadoria em troca de algumas bananas.

— O estômago doía, tamanha era a fome. Para a minha sorte, Geraldo, o dono do veículo, aceitou a proposta e acabou gostando da minha agilidade e me arrumou um trabalho numa plantação de banana e isso me ajudou a sobreviver por mais um tempo na cidade.

— Você não tinha medo de ser preso?

— Medo de ser preso? Que nada. A vida não tinha mais sentido, nem morrer eu conseguia. Houve um momento em que, cansado de perambular, com saudades dos meus pais, eu voltei para São Paulo, me entreguei à polícia e confessei os crimes. Isso aconteceu em maio de 2015, em Campinas.

— Qual a reação dos seus familiares quando os reencontrou?

— Me abraçaram e choramos juntos. Cheguei a escrever uma carta para meu pai, pedindo perdão a toda família. Escrevi pensando no tamanho da decepção de todos eles, mas já era tarde. Em vez de padre, como esperavam, tornei-me um assassino. Além de eles sempre me visitarem aqui em Tremembé, espero que me perdoem de fato, e Deus também...

***

Em fevereiro de 2017, o Tribunal do Júri condenou Silvio Ribeiro a 22 anos e 10 meses de prisão pelo assassinato de Rosangela Marques de Souza. A sentença foi por homicídio qualificado, motivo fútil, meio cruel e impossibilidade de defesa da vítima. Durante o julgamento, sempre bem articulado, falou mais que seu advogado.

— Vossas Excelências acham que eu desejei essa tragédia que tirou a vida de pessoas que eu tanto amava? — disse, tentando justificar que seu ato foi involuntário, resultado de um surto psicótico.

E continuou:

— O desejo de me entregar gritava em meu peito todos os dias. Mesmo só ou diante da multidão, a verdade será sempre a verdade — citou Mahatma Gandhi, tentando convencer a todos que não estava mentindo.

A defesa de Silvio argumentou, tentando demonstrar que ele sofria de profunda depressão e tinha problemas psicológicos, mas não obteve êxito. A pena não foi maior em virtude de ele ter confessado o crime.

Preso em Tremembé desde maio de 2015, Silvio ainda vai a júri popular pelo assassinato de Alícia. A pena pela morte da filha poderá ser maior em razão das agravantes do crime e também porque, após a primeira condenação, ele deixou de ser réu primário.

Enquanto aguarda este julgamento, Bênção percorre solitário a pista de cooper do presídio de Tremembé, que será seu lar por um longo período. É estarrecedor o fato de ele, antes do assassinato, não ter manifestado nenhum problema psicológico, psiquiátrico ou qualquer indício de surto psicótico. Então, o que teria acontecido com Silvio no dia da tragédia?

De acordo com a psiquiatra Ana Beatriz Barbosa Silva, autora do livro *Mentes Perigosas*, uma grande parcela da população mundial é portadora de sintomas de psicopatia, entretanto a imensa maioria passa toda a vida sem disparar o "gatilho mental", mas o surto pode ocorrer a qualquer momento. De modo análogo, o delegado de polícia Fausto Cardoso Moro, que acompanhou o caso, afirmou acreditar que Silvio teve, de fato, um surto psicótico ao cometer os crimes. *

Fico pensando que tudo poderia ter sido diferente se Rosângela tivesse desejo de reatar com Silvio. Talvez ele continuasse sendo o homem bom, o pai carinhoso e, quando Alícia crescesse, entraria na igreja com ela ao som da marcha nupcial e, após o casamento da filha, passados os anos, envelheceria ao lado da esposa e dos netos. É o que eu quero crer. Não há resposta definitiva, mas apesar de tudo, no presídio Silvio continuou sendo o Bênção, sujeito pacífico e espirituoso, com quem eu passava horas em longas conversas. Se Silvio possuía outras faces, posso dizer que conheci e convivi com a melhor delas.

*Jornal a Tribuna de Santos

MIZAEL BISPO É INOCENTE?

"Prefiro uma imprensa livre, mesmo imperfeita, ao totalitarismo e cerceamento à liberdade de expressão".
Acir Filló

A advogada Mércia Nakashima, 28 anos, foi assassinada em maio de 2010 após sair da casa do pai, em Guarulhos, na grande São Paulo. Segundo a perícia, o tiro que atingiu o rosto de Mércia não tirou sua vida. Como tudo indica, ela teria sido vítima de afogamento, mesmo porque encontraram seu carro dentro de uma represa, em Nazaré Paulista. No interior do veículo, o corpo da advogada, já em estado de decomposição, foi encontrado 300 metros distante de onde o veículo foi encontrado; ressalta-se que o veículo foi localizado quando o pai de Mércia indicou o local exato aos bombeiros.

Indiciado pela polícia, o advogado Mizael Bispo de Souza, que namorou Mércia por quatro anos, chegou a ser preso, mas logo se viu livre por força de um habeas corpus. Para a acusação, o segurança Evandro Bezerra Silva, junto com Mizael, teve participação direta no homicídio. Porém, eles sempre negaram a autoria do crime.

Denunciados pelo Ministério Público por homicídio triplamente qualificado (motivo torpe, cruel e sem possibilidade de defesa da vítima), os dois ficaram em situação delicada.

De acordo com o MP, o assassinato de Mércia ocorreu pelo fato do namorado não concordar com o fim do relacionamento. Mizael, com a prisão preventiva decretada, depois de permanecer cerca de um ano foragido, decidiu se entregar em fevereiro de 2012.

Foi em março de 2013 que aconteceu o esperado julgamento de Mizael, um dos mais midiáticos da história do judiciário brasileiro que, transmitido ao vivo pela TV e pela internet, foi acompanhado por milhões de telespectadores. Talvez tenha sido o primeiro júri em que expuseram o réu para todo país em rede nacional de televisão. Transformar julgamentos e torturas de prisioneiros em espetáculos públicos é uma temática que vem se repetindo ao longo da história da humanidade.

Falando para todo Brasil, o promotor do caso afirmou que todas as provas colocavam Mizael na cena do crime. Segundo ele, as antenas de celular mostravam claramente o advogado, na companhia do cúmplice Evandro, à espreita da vítima. Entre outras provas apresentadas pela polícia e MP, estava um sapato de Mizael contendo algas, supostamente da região da represa onde o corpo de Mércia foi encontrado.

Os advogados contestaram as provas apresentadas pelo MP, sugerindo que a polícia as forjou para incriminá-lo. Como argumentaram, "a promotoria não teve a capacidade de abrir sequer um volume do processo para mostrar onde estavam as provas". Um dos defensores também se referiu ao delegado Antônio Olim, coordenador geral das investigações, como "fanfarrão".

A acusação e a defesa travaram uma longa batalha nos dias do julgamento. Ao final, os jurados consideraram o réu culpado e o juiz que presidiu o caso condenou Mizael Bispo a 20 anos de prisão pela morte de Mércia Nakashima. O magistrado afirmou, na sentença, que o réu demonstrou insensibilidade e conduta repugnante. *

Após o julgamento, Mizael retornou ao presídio Romão Gomes, na capital, mas logo o transferiram para Tremembé. A sorte também não sorriu para Evandro, meses depois, também condenado.

Condenado pela Imprensa?

Mizael Bispo de Souza nutre um profundo rancor pela mídia, polícia, MP e pelo poder judiciário, segundo ele, seus algozes, como faz questão de enfatizar.

Pontuando cada etapa do processo, do indiciamento ao júri que o condenou pelo assassinato de Mércia Nakashima, o advogado e policial militar reformado, pai de duas filhas, falou com indignação da "injustiça e perseguição" que sofreu ao ser, como diz, "jogado aos leões" por uma imprensa sedenta por seu "linchamento público", por uma polícia despreparada, pelo Ministério Público cúmplice e por quem chancelou acusações sem provas ou com provas falhas e manipuladas", afirma.

— Eles destruíram a minha vida sem ter uma prova verdadeira sequer — opinou Mizael.

*G1-14/03/2013

Na opinião dele, "no Brasil, quando a polícia e o Ministério Público apontam prematuramente um suspeito como culpado e se aliam à imprensa sensacionalista, eles fazem de tudo para condenar o acusado, mesmo que ele seja inocente.

Tudo para satisfazer a opinião pública, sedenta por "enforcamentos", que é induzida a demonizar o suspeito. "E agem assim, na visão de Mizael, para não ter de admitir o erro em acusar um inocente". Porém, acrescenta que não se deve generalizar. Para ele, a maior parte da imprensa e do judiciário são compostas por profissionais sérios e éticos.

Mizael ainda afirmou que as prisões estão repletas de culpados, mas também de inocentes, "vítimas de um sistema criminal precário, ineficaz, amador e desumano".

Em entrevista, ele disse que sente uma profunda impotência para lutar contra sua "injusta condenação", pois teve e tem de enfrentar parte da mídia que, "com uma irresponsabilidade insana e manipuladora", colocaram toda opinião pública contra ele.

— Eu fui condenado principalmente pela imprensa! — reitera constantemente.

***

Eu convivi com Mizael Bispo em Tremembé. Sujeito calmo e educado, mesmo assim não consegue disfarçar seu semblante com claros vincos de sofrimento resultantes da prisão, que dura mais de oito anos e que diz ser injusta.

No IRT, Mizael goza do respeito dos funcionários e dos colegas. Realiza atividades como as aulas práticas de artesanato no período da manhã; à tarde, faz todos os cursos que são oferecidos, frequenta os cultos de uma igreja evangélica e está sempre com livros nas mãos.

No curso de oratória que realizei, ele foi um dos alunos mais entusiasmados. Suas filhas e irmãos o visitam com frequência, principalmente a caçula, Victória, seu xodó, de quem fala com carinho.

Numa manhã fria em Tremembé, Mizael me concedeu a seguinte entrevista:

Você matou ou mandou matar a Mércia Nakashima?

Não. Eu sou absolutamente inocente.

Você tinha planos de casamento com Mércia? Pensavam em ter filhos?

A priori não, pois tínhamos apenas um "affair", eis que quando conheci a Mércia, estava separado da minha esposa fazia cinco meses e queria curtir um pouco a vida, pois me casei muito jovem. Após seis meses de namoro, em 2005 ela me apresentou aos seus pais. Já em relação a filhos, eu sou apaixonado por crianças e ela também era. Se nossa união se solidificasse, com certeza teríamos filhos.

Quais as melhores lembranças que você tem da Mércia?

Tivemos ótimos momentos que guardo com muito amor em minha memória. Tínhamos ótima sintonia e companheirismo. O fato de sermos advogados facilitava nosso entendimento, ela me admirava como homem, pai, advogado e tecia vários elogios. Mas eu brincava e dizia que seus elogios não valiam, pois ela era suspeita. Nós viajávamos muito juntos. Nossa história não cabe em apenas um livro.

Vocês se separaram por quais razões?

Nos separamos por ela achar que eu tinha amantes, o que nunca ocorreu, esse foi o verdadeiro motivo. O resto é só falácia, tanto que, mesmo após a nossa separação, ela sempre fazia contato para nos encontrarmos.

Quando a Mércia desapareceu, você ajudou nas buscas?

No início, sim. Fui até a casa do pai dela, pessoa por quem tenho respeito e me coloquei à disposição. Depois, seguindo conselhos dele, preferi me afastar, pois logo no início, os irmãos de Mércia e a mãe pediram ao delegado do 6º DP de Guarulhos para me prender. Sem justificativas, me viam como culpado pelo sumiço dela. A partir daí, não tive mais como continuar próximo a eles.

Como você se sentiu quando ela foi encontrada?

O dia em que encontraram o carro e o corpo dela, chorei muito. Eu estava na cidade de Ilha Comprida e retornei a Guarulhos para o velório. Mas, quando me preparava, um de meus irmãos me disse: "Você não deve ir, estão te acusando desde o início pelo desaparecimento dela e se você for vão achar que está afrontando a família". Então, decidi não ir.

Por que a polícia passou a tratar você como suspeito?

Primeiro foi em Guarulhos, depois no DHPP (Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa). A polícia muitas vezes absolve, deixa de indiciar culpados e indicia inocentes. Eu fui eleito culpado pela família da Mércia desde o início, mas o delegado de Guarulhos foi prudente e não "abraçou" a tese de que eu era o responsável pelo desaparecimento. Então eles foram ao DHPP e lá encontraram o Dr. Antonio Olim, e assim, juntando a fome com a vontade de comer, logo me tachou como culpado e convocou a imprensa para me expor, sem ao menos ter iniciado uma investigação.

Como foi a postura do delegado Antonio Olim durante as investigações?

Só para se ter uma noção, o delegado Olim, até aquele momento, jamais havia investigado um crime de homicídio, tanto que ele estava "lotado" na 2ª Delegacia de Desaparecidos. Sua falta de preparo ficou muito evidente. Garanto que, se um órgão de imprensa sério, com jornalistas competentes, investigar a fundo o meu caso e constatar os erros periciais, os erros da polícia e do MP, chegará à conclusão de que fui condenado sem provas cabais e que sou inocente.

Você diz que se considera condenado pela mídia. Por quê?

Nunca houve nenhuma prova sólida contra mim, mas o delegado Olim, o promotor do caso e parte dos familiares da Mércia ficaram diuturnamente nos "holofotes" das emissoras de TV, fazendo a festa dos repórteres e me achincalhando, todos num só propósito: o de me condenar antecipadamente. É óbvio que parte da imprensa tem mais interesse em execrar, condenar, divulgando fatos inverídicos com o objetivo de fazer com que a opinião pública condene o suspeito com antecedência, ao invés de buscar a verdade dos fatos, como faz a parte séria da mídia. Para a imprensa sensacionalista, em certos casos, a verdade não dá ibope, então, para eles, é melhor ocultá-la.

Como foi seu júri? O que sentiu quando ouviu a sentença?

Meu júri foi um circo onde os "trapezistas" tinham uma porção de "carne" e jogavam para os leões "me devorarem". Quando ouvi a sentença, pensei logo na minha filha mais nova, ela era ainda uma criança e via tudo pela TV. Eu soube que ela se abraçou à mãe e chorou muito. Como é do conhecimento de todos, o júri foi transmitido ao vivo pela TV e internet, exposição desnecessária e um constrangimento público. Eles acabaram com a minha vida, me condenaram baseando-se em "falácias", pois não existe nenhuma prova real. Constam, nos autos do processo (folha 181), os réus confessos: Márcio Morangio e João Agripino que inexplicavelmente, foram mortos num claro crime de queima de arquivo. Mas esses crimes não foram investigados e de nada adiantaram os esforços dos meus advogados, pois a polícia e o promotor já tinham pré-definido que eu era o monstro assassino e nada os faria mudar de ideia. É um absurdo brincar de fazer justiça. O meu julgamento não foi jurídico, mas sim político, parcial e, até os dias atuais, as autoridades que me acusaram não perdem uma oportunidade para aparecer. Eles foram responsáveis pela minha desgraça.

Como tem sido sua experiência na prisão?

Resumo a minha experiência na prisão da seguinte maneira: Se existir inferno, a prisão é o inferno.

***

Como afirmei no início desse livro, não julgo, nem condeno, apenas conto as histórias. Por não ter maior contato com o processo e com as perícias, não posso opinar se Mizael é culpado ou inocente. Eu não posso contestar a justiça. Porém, estou certo que ninguém pode nem deve prematuramente emitir juízo de valor, simplesmente pelo fato de um repórter afoito e um policial sedento por fama anunciar que um suspeito, até mesmo antes de investigá-lo, é culpado. Não me refiro especificamente ao caso Mizael e Mércia, mas a todos os casos

em que é clara a influência da mídia. Creio que a isenção tem de ser regra absoluta.

Se você, leitor, tem menos que 30 anos de idade, não deve ter acompanhado o famigerado caso da Escola Base, em que pessoas inocentes, vítimas de acusações injustas, tiveram a escola que eram proprietários apedrejada e suas vidas completamente destruídas. Como em inúmeros casos, a polícia e parte da imprensa, sem sequer apurar a verdade dos fatos, foram os grandes responsáveis pela incriminação daqueles educadores, tidos, de modo leviano, como autores de abusos sexuais contra crianças que estudavam naquela instituição de ensino.

Quando a história verdadeira veio à tona, a mídia já tinha decretado que eles eram os autores dos crimes, que nunca aconteceram, mas era tarde demais, os inocentes já estavam condenados para sempre. Aquilo destruiu suas vidas.

Mas parece que o caso da Escola Base não nos ensinou absolutamente nada. Reiteradamente, casos similares acontecem no Brasil e não há nenhuma punição para os responsáveis e muito menos reparação pelos danos causados às vítimas da negligência das autoridades e irresponsabilidade gritante de setores da imprensa.

Outro lado: O experiente delegado Antônio de Olim sempre afirmou agir dentro da lei e em respeito aos parâmetros éticos.

A TRAIÇÃO QUE VIROU TRAGÉDIA

Em 2017 eu tive uma longa e próxima convivência com Anderson Leitão em Tremembé. Ele cumpria pena pelo assassinato da ex-namorada e me concedeu várias entrevistas. Nesse período, trabalhamos juntos na "bóia", servindo alimentação aos demais presos e também moramos na mesma cela.

Ele nasceu em Fortaleza, foi um menino peralta no seio de uma família feliz. Cresceu ao lado dos primos de quem fala com carinho. Aos 15, a primeira namorada e o primeiro porre, coisas de adolescente.

Anderson conheceu Ana Carolina em 2014, em Fortaleza, por meio de amigos em comum. Ela com 29 anos, ele três anos mais novo, continuaram a se falar por telefone. Após o primeiro encontro, viajaram a passeio para Natal e se apaixonaram. Em 24 de abril do mesmo ano, no aniversário de Carol, ele foi apresentado à família da moça. Carismático, conquistou a todos. Anderson já era pai de uma menina.

— Fui pai muito cedo, aos 19 anos, apesar disso, valeu a pena, pois minha filha é maravilhosa.

Com o passar do tempo, seu relacionamento com Carol foi se solidificando. Passavam todo o tempo juntos, principalmente nos finais de semana. Em setembro de 2014, Anderson foi convocado pela empresa onde trabalhava para atuar em São Paulo e aceitou o convite.

— Aí eu trouxe a Carol para morarmos juntos — relatou.

Os dois estavam morando num apartamento no bairro do Ipiranga. Era novembro de 2015. Entretanto, segundo os familiares de Carol, quando ocorreu a tragédia, ela morava sozinha em São Paulo e Anderson estava em Fortaleza. Fato contestado por ele que afirmou ser do casal o apartamento.

Ambos trabalhavam. Ele era representante comercial e ela exercia suas atividades profissionais em feiras e eventos como a *Agrishow*. Carol, mulher formosa, já havia integrado a banda *Aviões do Forró* e chegou a participar do concurso *Bailarinas do Faustão*, em 2015.*

*G1 – 12/12/2016

Anderson e Carol: jovens, bonitos, inteligentes, casal de telenovela, protagonistas de romances folhetinescos, mereciam um final feliz. Mas não foi assim que aconteceu.

Caro leitor, as declarações a seguir foram feitas por Anderson em entrevista concedida no dia 8 de setembro de 2017, em Tremembé.

— Ela mentiu para mim durante dois anos de relacionamento. Eu nunca desconfiei de nada. Carol tinha liberdade para tudo. Naquele trágico 2 de novembro de 2015, ela atendeu uma ligação e disse que não poderia falar e isso chamou a minha atenção.

E continuou, com a voz já embargada:

— Perguntei sobre a ligação e ela disse que era sua mãe. Isso me deixou ainda mais intrigado, com a pulga atrás da orelha.

As desconfianças aumentaram e na mesma noite, após jantarem e assistirem a um filme, Anderson pegou o celular de Carol, que tinha ido à cozinha.

— Percebi que ela havia apagado algumas ligações e li no *whatsapp* uma mensagem estranha que dizia: "amiga fui no cliente...", além de outras conversas ainda mais graves que falavam de preços de programas, entre outras coisas. Ao verificar o álbum de fotos no mesmo celular, achei imagens da Carol nua, parecia nu profissional.

Anderson disse que as fotos mexeram muito com os seus nervos.

— Olha só, Acir, para piorar a situação, naquela noite, quando ela entrou no quarto, eu ainda estava com o maldito celular nas mãos. Ela foi logo me perguntando o que eu tinha visto. Achei o cúmulo e, bastante exaltado, fui pedindo explicações, e disse a ela que tinha visto tudo e mais um pouco.

Ele relatou que Carol, diante das evidências, não tendo como esconder ou argumentar, chorou e confessou que fazia "programas de luxo" e, em seguida, ambos começaram um bate-boca:

— Não entendo por que você fez isso comigo. Íamos nos casar, eu já estava fazendo planos para nós!

— Eu nunca iria casar com você. De onde você tirou essa idéia? O que você ganha em um mês eu ganho em três dias — vociferou Carol, fazendo Anderson, como ele afirmou, sentir-se o mais humilhado dos homens.

— Então, após ofensas mútuas, ela veio para cima de mim desferindo tapas e arranhões e, num surto de ódio e raiva, a peguei pelo pescoço, sem medir a intensidade da força que empregava por estar transtornado. Quando ela caiu desacordada, pensei que só tinha desmaiado, mas infelizmente ela já tinha morrido asfixiada — relatou.

Apesar da família de Carol ter desmentido que ela era garota de programa, Anderson mais de uma vez afirmou:

— Não é invenção, conto apenas a verdade, as provas são sólidas e foram apresentadas no júri, fazem parte do processo.

Ele ainda contou que, quando voltou a si, tentou acordar Carol, mas, ao dar-se conta de que estava morta, desesperado, quis se matar. Ingeriu grande quantidade de comprimidos, principalmente rivotril e dormiu 48 horas seguidas.

— Acordei com o barulho do interfone. O porteiro reclamava do forte odor vindo do 5º andar do prédio. Eu ainda estava "grogue" quando vi o corpo já muito inchado, joguei um cobertor por cima e bateu novo pânico, acendi vários incensos, liguei o ventilador no quarto. Fiquei com ela morta ao meu lado — disse.

Anderson postou em sua conta no *facebook*: "Deus tenha misericórdia das nossas almas, adeus a todos." Quando fez essa postagem na rede social, amigos e desconhecidos o chamaram de monstro assassino. Em seguida, desceu pelo elevador e permaneceu por um tempo na frente do prédio, na Rua Vergueiro, capital paulista, ingerindo *chumbinho*, que não fez o efeito esperado.

— Queria morrer abraçado a ela — revelou.

O zelador, estranhando toda aquela situação, com uma chave reserva, entrou no apartamento e viu o corpo em estado de putrefação. Imediatamente chamou a polícia.

— Antes dos policiais chegarem eu fui a uma igreja próxima dali e pedi perdão a Deus — revelou.

Naquele dia, Anderson foi preso nas imediações do prédio quando caminhava a esmo. Levado ao 95º Distrito Policial admitiu ter asfixiado Carol "num momento de transtorno e de violenta emoção".

A família da moça, contrapondo-se à versão de Anderson, afirmou que ele estava em Fortaleza e só foi para São Paulo com o objetivo de hostilizar a ex-namorada.

— Ela falou que não queria mais o relacionamento e se mudou para São Paulo e ele foi atrás, só para tirar a vida dela. É mentira do Anderson, eles não estavam mais morando juntos em São Paulo — afirmou Margarida Ferreira, tia de Carol, ao portal G1.

Margarida relatou, ainda, que Anderson já tinha anteriormente invadido a casa da mãe de Carol e cuspido no rosto da sobrinha, sem contar as inúmeras ofensas após o fim do namoro. Afirmações contestadas por Anderson. Também disse que a sobrinha temia pela vida e tinha proibido Anderson de entrar no prédio, em São Paulo, mas depois de muita insistência, autorizou a entrada do ex-namorado, versão repetida pela mãe de Carol.

— Ele, em princípio, não era violento, era uma pessoa boa, visitava nossa casa. Depois de perder o controle, chegava a ligar 100 vezes por dia para a minha filha — afirmou em entrevista, Antonia Vieira, a mãe.

Depois de preso, Anderson Leitão foi transferido para o Cadeião de Pinheiros e lá ficou numa ala denominada "seguro". Em novembro de 2015, chegou à penitenciária de Tremembé.

— Eu e a Carol éramos muito parceiros, gostávamos das mesmas coisas como MPB e músicas eletrônicas; tínhamos uma vida maravilhosa, que acabou de modo trágico.

Também falou que ainda ama Carol e do seu profundo arrependimento. Como observou, se pudesse voltar no tempo, teria se ausentado no momento da discussão, tudo para evitar a tragédia.

— Quando a gente age num momento de nervosismo, não pensa racionalmente — ponderou.

***

A rotina de Anderson Leitão em Tremembé se resume em trabalhar na cozinha, fazer exercícios, caminhadas e ler muitos livros. Ele sempre me pede jornais e revistas emprestados. A cada quatro meses, sua mãe se desloca de Fortaleza para visitá-lo. Abrindo um parêntese, o leitor deve estar enfastiado com a informação de que os presos de Tremembé fazem caminhada, trabalham e lêem, mas quanto a isso nada posso fazer, é assim a insípida vida nos presídios que leva os ociosos a pensar até em suicídio.

Certo dia, Anderson chegou a ser cortado do trabalho no IRT por ser muito irritadiço e ter um desentendimento com um funcionário, apesar de seu desempenho impecável no trabalho. O funcionário teria dito que não gostava de cearense.

— Como faz falta um domingo com a família. Como eu queria um só domingo! — lamentava Anderson, enquanto batíamos um papo no pavilhão.

— Nós queremos ter tudo, mas quando estamos presos, vemos que podemos viver com o básico e passamos a dar valor a coisas que julgávamos tão insignificantes como ir a uma padaria ou ficar largado em casa vendo um filme — divagou, tristeza embutida na voz, olhos fixos na janela, perdidos avistando a Serra da Mantiqueira.

A Condenação

No dia 05 de dezembro de 2017, Anderson Rodrigues Leitão foi a júri popular e julgado pelo assassinato de Ana Carolina Vieira.

Durante o julgamento, ele manteve a confissão de que matara a ex-namorada por asfixia, após uma discussão acalorada e se disse arrependido por ter cometido o crime, alegando que foi tomado por forte emoção naquele dia fatídico. Porém, o representante do Ministério Público não deixou de ser incisivo em suas considerações e apontou, além do homicídio praticado por Anderson, o fato de ele ter furtado R$ 800,00, o celular e o cartão bancário de Carol. Posteriormente Anderson conseguiu provar que não cometeu o furto. Também excluiu-se a tese de feminicídio.

Enquanto o promotor falava, Anderson estalava o pescoço e lambia os lábios, mostrando-se bastante tenso, embora tivesse a convicção de que não seria absolvido. E o que ele esperava aconteceu: recebeu pena de 10 anos por homicídio privilegiado, motivado por violenta emoção. Ao ouvir a sentença, uma mistura de choro e riso tomou conta de seu rosto e ele, juntando as mãos que estavam algemadas, soergueu-as e disse:

— Obrigado Deus!

Quando proferida a sentença, a mãe de Ana Carolina, Antônia de Souza, presente durante o julgamento, mostrou-se decepcionada.

— Esperava que fosse uma condenação compatível com a crueldade do crime.

A decepção da mãe se deveu ao fato do júri, formado por cinco mulheres e dois homens, ter descartado a tese de feminicídio e de ocultação de cadáver, tendo assim reduzido a pena. A confissão também o beneficiou.

Anderson falou que, quando ganhar a liberdade, pretende retomar o trabalho na área comercial e ser um pai presente e atuante na criação de sua filha.

A história de Anderson e Carol, que tinha tudo para ser um romance folhetinesco, acabou nas páginas ordinárias de jornal que um dia amarelecidas, apesar da comoção causada pela tragédia, cairão no esquecimento do público. Mas Anderson diz que nunca esquecerá Carol. Esteja ele em liberdade ou contemplando a chuva na janela do presídio, a imagem de Ana Carolina sempre estará em sua mente.

Os fatos envolvendo o namoro que terminou em tragédia são muito controversos. Só não parece controverso o amor que Anderson ainda diz sentir por Ana Carolina. Vez ou outra, traído pela memória, esquecendo-se que tirou sua vida, ele ainda se refere à Carol como "minha mulher".

FRIBOI: O CRIME DA RUA ALFENAS

"O ATIRADOR ERA OUTRO"

O clima não estava nada bom na residência da família Magalhães naquele trágico ano de 2008. Humberto de Campos Magalhães, 43 anos, pai dedicado, profissional respeitado, com carreira pujante no conglomerado JBS–FRIBOI, sofria com a agressividade da esposa Giselma Campos Magalhães, então com 44 anos.

Humberto, bem sucedido profissionalmente depois de uma vida de muitas dificuldades e privações, vivia um verdadeiro "inferno" em sua casa e sofria ainda mais por seus filhos presenciarem os destemperos frequentes de Giselma que, não raro, protagonizava cenas de escândalos.

A mulher era possessiva, a ponto de obrigar os filhos a telefonar para o escritório do pai, na Friboi, para perguntar se Humberto estava na empresa e se tinha chegado na companhia de alguma mulher.

— Ela era mais que obsessiva, vivia apenas em virtude do marido, como se nem mesmo tivesse filhos. Minha casa era um Q.G. contra meu pai — afirmou Carlos Eduardo, filho do casal.*

Desgastado com aquela situação, ele decidiu sair de casa. Nem por isso abandonou ou se afastou dos filhos, com quem mantinha contato diário. Tempos depois, seu amor incondicional aos filhos seria usado como armadilha por Giselma para atraí-lo ao local de sua fatídica morte.

Depois que Humberto separou-se da esposa e saiu de casa, a mulher entrou em "parafuso", ficando ainda mais transtornada. Cega de ódio, Giselma disse para si mesma que as coisas não ficariam daquele jeito.

Quando descobriu que o ex-marido estava namorando Adriana, de 27 anos, decidiu, em um rompante de fúria, agir para tentar reverter a situação desfavorável.

**ÉPOCA – 14-05-2015*

Além de ter perdido o marido, Giselma temia que ele se casasse novamente e dividisse os bens e outros benefícios com a nova mulher. Humberto continuava ascendendo na empresa, onde já se destacava como alto executivo, atuando ao lado de Joesley Batista.

Carlos Eduardo, um dos filhos do casal, revelou que sua mãe demonstrava falta de afetividade com os filhos. Obcecada pelo ex-marido, fixava-se nele, sempre nutrindo sentimentos doentios. Inclusive, cometera o absurdo de contratar uma taxista, que levava os filhos à escola, para seguir Humberto.

Giselma se referia às mulheres que se aproximavam de Humberto, mesmo no ambiente de trabalho, como "vagabundas", "piranhas", entre outros adjetivos vulgares.

Decidida a ter seu homem de volta e sem medir as consequências, procurou seu meio-irmão por parte de mãe, Kairon Alves, de 52 anos, que trazia no currículo quatro condenações por tráfico de drogas e 18 anos de prisão, e pediu a ele que encomendasse a morte de Adriana. Segundo a polícia, Kairon residia no Maranhão e vinha com frequência a São Paulo para comprar produtos na região da Santa Efigênia, capital paulista, com o objetivo de revendê-los no estado maranhense. Kairon e Humberto não se conheciam.

Acionado pela irmã, ele procurou um colega no centro de São Paulo, conhecido como Pica-Pau e disse que a irmã pagaria 30 mil reais pelo serviço. O bandido recusou a oferta para matar, mas indicou a Kairon outros dois colegas: Osmar Gonzaga Lima e Paulo dos Santos, que prontamente aceitaram a encomenda.

Em Tremembé, Osmar me contou que seguiu Adriana algumas vezes, mas não teve coragem de matar a jovem. Também considerava 30 mil reais muito pouco. Caso fosse preso, mal conseguiria pagar um advogado.

— Giselma queria fechar nos 30 mil, me garantia que se eu fosse preso, arcaria com todos os gastos, mesmo assim eu me recusava por achar o valor muito baixo — me relatou Osmar.

Com a recusa do "matador" para assassinar Adriana, Giselma mudou de ideia e, cada dia mais transtornada, alterou os planos e decidiu mandar matar o próprio Humberto e, novamente, por intermédio do irmão, procurou Osmar e Paulo.

Quando Osmar descobriu que Humberto era um alto executivo da gigante JBS-Friboi, viu uma oportunidade de lucrar mais e decidiu que melhor seria sequestrar o executivo e pedir resgate.

— Kairon me disse que seu cunhado tinha muito dinheiro em espécie e pagaria muito mais pelo resgate — confidenciou.

Sem saber do novo intento do matador, Giselma deu início ao plano de eliminar o ex-marido. De forma ardilosa e inconsequente, ela furtou o celular do filho Carlos Eduardo e o entregou a Kairon que, acompanhado de Osmar e Paulo, foram à rua Alfenas, na Vila Leopoldina, Zona Oeste de São Paulo. De lá, Kairon ligou do celular de Carlos Eduardo para Humberto que, ao atender, pensou tratar-se do filho. Kairon, sem se identificar, disse que o filho de Humberto estava passando mal naquela rua. Humberto ficou desesperado, sem saber que o telefonema não passava de uma estratégia do criminoso para atraí-lo até o local. Então, dirigiu-se à Rua Alfenas no intuito de socorrer Carlos Eduardo. Ao chegar ao local e sem saber o ponto exato onde supostamente se encontrava o rapaz, Humberto apertou a campainha de uma das casas da rua e perguntou aos moradores se eles tinham visto seu filho. Com a negativa, saiu angustiado à procura do garoto.

Eram aproximadamente 21 horas do dia 4 de dezembro de 2008 quando Humberto, desesperado para encontrar seu filho, deu de cara com um motoqueiro. Tratava-se de Osmar, que logo abordou o executivo. Imaginando que seu filho tivesse sido sequestrado, Humberto partiu para cima do matador que deu um tiro em sua perna como advertência. Como Osmar relatou, havia a impressão de que Humberto não tinha sentido o tiro em razão da adrenalina. Mesmo com a perna ferida, ele avançou com mais voracidade sobre o motoqueiro, que fez o segundo disparo, alvejando-o no abdômen. Naquele momento, consciente de que fora baleado, Humberto correu e caiu logo em seguida na porta de um bar, na Rua Carlos Weber e, minutos depois, foi socorrido pelo resgate e levado ao Hospital Universitário, onde chegou sem vida.

— Aí a merda já estava feita — disse Osmar, o verdadeiro atirador, diferentemente do que toda a imprensa divulgou na época, equívoco que até agora predominava.

***

Após o crime, Kairon fugiu para São Luiz, no Maranhão; Osmar e Paulo desapareceram e Giselma tentou seguir a vida como se

nada tivesse acontecido. Ela residia em Alphaville, na grande São Paulo. Dada a enorme repercussão do assassinato do alto executivo da Friboi, o governador José Serra ordenou prioridade na apuração do caso.*

A polícia iniciou as investigações quebrando, com ordem judicial, o sigilo telefônico de Humberto. A partir dali os policiais chegaram até Kairon. Após obter um mandado de prisão no início de abril de 2009, a polícia paulista foi até aquele estado e prendeu o meio irmão de Giselma.

Confrontado com as provas que já se encontravam em posse da polícia, Kairon, sem alternativa, confessou a participação no crime e entregou os comparsas Osmar e Paulo, além da própria irmã.

Paulo e Osmar foram detidos e acabaram condenados por júri popular a 20 anos de prisão em regime fechado, um por atirar e o outro por fornecer a arma e participar da trama maquiavélica. A juíza que presidiu o julgamento, Eliana Tosi de Mello, salientou, ao proferir a sentença, a repugnância e frieza dos assassinos e da mandante do crime.

Giselma Magalhães, por sua vez, presa em 2 de abril de 2009, permaneceu encarcerada por um ano e seis meses até conseguir um habeas corpus concedido pelo STF, para aguardar o julgamento em liberdade.

Ela tentou culpar o filho pela morte do pai ao usar o celular do rapaz com o objetivo de atrair o ex-marido para cilada. Em setembro de 2013, no julgamento de Giselma, que ocorreu no fórum da Barra Funda, houve um tom dramático quando Carlos Eduardo depôs contra ela, proferindo frases que chocariam até os mais frios dos seres humanos.

— Eu parei de chamá-la de mãe logo que as investigações da polícia a apontaram como a mandante e responsável pela morte do meu pai.

Frente a frente com a mãe, no plenário do julgamento, afirmou que a única forma de voltar a ter um mínimo de respeito por ela seria se Giselma assumisse, sob juramento, a responsabilidade pelo crime cruel do qual fora mandante. Ainda afirmou que lhe causava estranheza o fato de ela jamais ter se defendido das acusações quando inquirida por ele, quando a visitava na prisão.

*ÉPOCA – 14/05/2015

Ao fim do julgamento, Giselma foi condenada a 22 anos e 6 meses de prisão em regime fechado e Kairon Alves, sentenciado a 21 anos de reclusão.

Osmar, que achava 30 mil reais muito pouco para tirar uma vida, acrescentou um homicídio no seu currículo, mas ficou de mãos abanando, além de ter de amargar longos anos na prisão. Aquele clichê que diz: "o crime não compensa", caiu bem para ele.

Com base no bom senso, poderia concluir que não houve vitoriosos nessa história de ciúmes, ódio e morte, cujo único sentimento nobre foi o amor de Humberto pelos filhos. Porém, devo reconhecer que há diferença entre ser vitorioso e sentir-se vitorioso e não tenho dúvidas que Giselma se sinta vitoriosa, pois, em sua mente doentia, Humberto jamais poderia viver ao lado de outra mulher.

Osmar Gonzaga em Tremembé

Conheci Osmar logo na primeira semana em que cheguei ao IRT. Carismático, baixinho, bonachão e sempre "ligado" em tudo, ele rapidamente conquistou minha amizade pela forma franca como se portava. Apesar de ter cometido erros graves no passado em relação aos quais se diz arrependido, demonstra senso de lealdade, uma das razões de ter me aproximado dele.

Além disso, em Tremembé, ao contrário dos outros presídios, a dinâmica da vida é diferente: um sujeito se torna amigo do outro não por seu passado ou pelo seu histórico de crimes, mas sim pela conduta a partir do momento que estabelecem uma relação de amizade. No IRT, Osmar trabalhou na FUNAP, na barbearia, na cozinha e na "bóia" junto comigo.

De origem simples e com poucas oportunidades para estudar quando estava livre, ele se transformou em um homem informado e com inúmeros cursos no currículo. É prova viva de que os presídios, se existir interesse do poder público, podem contribuir para que as pessoas se tornem melhores e evoluam.

O que mais me impressiona em Osmar é seu apego à família. Ele sempre fala com ternura dos filhos e dos irmãos, de quem diz sentir muito orgulho.

Em uma entrevista, sem meios termos, Osmar fez as seguintes revelações:

Fale um pouco de sua família e de sua infância.

Vim de família pobre, nasci em 1960, em Barueri, São Paulo. Meu pai era lubrificador e operador de máquinas pesadas. Quando criança eu exagerava, quebrava vidraças, riscava os carros das professoras, quebrava as lâmpadas da escola. Eu já era um delinquente, mas me disfarçava de anjo.

Eu gostava da escola, lá me alimentava, pois em casa as coisas não andavam bem, meu pai bebia muito e se esquecia das suas responsabilidades no lar.

Minha mãe recortava roupas de adulto para fazer shorts e camisa pra mim e para meus irmãos. A gente sempre morou em casa alugada. Porém, mesmo com todos os problemas: fome, surra, além de ter de andar mal vestido, eu amava minha família. Apesar de ter cometido erros, sempre fui um cara bastante trabalhador. Comecei a trabalhar aos 16 anos em uma fábrica de asfalto. Infelizmente, nessa época, já "tava" conhecendo as drogas que viriam a prejudicar minha vida.

Àquela altura, meu pai já tinha falecido de cirrose hepática por conta da bebida. Aí pensei: "é calça de veludo ou bunda de fora". Parti para o crime, entrei num barco furado ao assaltar a Caixa Econômica no bairro das Perdizes. Tomei um "pau de Braddock" no antigo DEIC, fui torturado. Ali "o filho chora e a mãe não vê", pensei que iria morrer, tomei muitos choques e bordoadas.

Assim, em 1986, "entrei" em outro assalto, na cidade de Sorocaba e em uma tentativa de homicídio. Depois participei de dois assaltos: um ao Banco Banespa e outro seguido de sequestro. Em 2001 fui preso por porte de arma, mas logo saí. O sistema carcerário não acenava para mim com nenhum projeto para que me regenerasse, como é até hoje, exceto por Tremembé.

Tive meu primeiro filho, Cleberson, mas acabei me separando da mãe dele, não conseguia ser fiel. Infelizmente meu problema sempre foram as mulheres. Tive várias mulheres: cigana, dona de rede de lojas, gerente de loja de móveis, dentista, cabeleireira, macumbeira, médica e até uma velha. Porém, no meu segundo relacionamento, conheci uma moça bonita, Andréia. Eu a amava demais e tivemos uma filha, Raphaela. Andréia me abandonou quando eu estava na cadeia. Que decepção!

Como ocorreu sua prisão? Qual a sensação de estar preso?

Em abril de 2009, após o crime da Rua Alfenas, fui para a academia malhar. Na volta, passei no posto de combustível, abasteci, deixei o carro no lava-rápido e segui de moto para minha residência, pois era o dia do aniversário da minha esposa. Ao meio dia, eu a levaria para almoçar fora e compraria um presente para ela. Lá pelas 10 horas, o lavador foi me entregar o veículo. No mesmo instante, um investigador com oito policiais me deu voz de prisão. Ali eu vi que tudo estava acabado. Quando eu ia entrar na viatura, minha esposa apareceu e disse: "belo presente de aniversário você me deu!" Até hoje sofro muito por tê-la decepcionado. Esse longo tempo na cadeia me desgastou muito.

Se você pudesse voltar no tempo, faria tudo diferente?

Faria sim. Seria um tremendo "Zé Povinho", esses são os verdadeiros malandros. A liberdade é para os sábios.

Em que medida as drogas afetaram sua saúde?

Usei muito anabolizante e outras drogas. Por conta disso quase morri na cadeia. Em novembro de 2015 fui parar no Hospital de Taubaté, onde fiz uma cirurgia no pâncreas e vesícula. Hoje, apesar de ter tido anemia, estou bem.

Do que e de quem você mais sente falta?

Tem uma frase de que gosto muito: "quem inventou os muros e as grades não sabe a dor da saudade." Sinto falta dos meus irmãos e dos poucos amigos que me restaram na vida. No presídio, a gente aprende a dar valor às coisas simples. O que gostaria de fazer é andar livre pelas ruas, atravessar a avenida e ir à padaria, por exemplo.

Quando sair em liberdade, o que você pretende fazer?

Preciso cuidar dos meus filhos, apesar de ter passado tanto tempo longe deles. Vou recompensar o tempo perdido. Quando sair

da prisão, quero curtir meus filhos, meus netos, a vida. Vou fazer tudo o que puder por meus irmãos, que amo demais. Quero uma vida simples, porém feliz. Quero tomar banho a qualquer hora, tomar café, jantar e almoçar na hora que eu quiser, coisas que na cadeia não são possíveis. Tudo o que quero é minha família perto de mim.

Como é sua relação com Deus?

Eu acredito em Deus. Se eu estou vivo até hoje, é por Ele. Apesar dos meus erros, sei que Deus tem um plano na minha vida. Tenho convicção disso. Peço perdão todos os dias pelas bobagens que fiz. Quando era mais jovem, frequentei terreiro de macumba; fui do candomblé. As mães de santo diziam que eu era filho de Xangô. Eu sei que Deus é presente na minha vida e já está atuando para transformá-la. Minha religião hoje é Deus.

O que você diria para os familiares das suas vítimas?

Não adianta falar muito. Quanto mais falar, maior o ressentimento das pessoas e maior o meu arrependimento. Não há como voltar ao passado e apagar os crimes cometidos. Digo apenas uma palavra que vem do fundo da minha alma: perdão.

"O homem pode pôr fim
à sua vida e não à sua
imortalidade".

Milan Kundera

OS SUICIDAS

PACTO DE MORTE E SUICÍDIO

ROMEU E JULIETA DE TREMEMBÉ

— Eu desisti, minha vida acabou, não suporto mais e estou decidido. Amanhã vou me matar e se você me ama, tire sua vida também. Vamos partir juntos dessa vida infeliz!

Com essas palavras macabras, em julho de 2011, o preso e ex-agente penitenciário Alexandre Zambonaro, na época com 37 anos, decretou o fim de sua vida e, por extensão, da namorada Wanessa Camargo Stetic, de 34 anos, que se enforcou em Bauru, interior de São Paulo. Assim que soube da morte de seu amado, cumprindo o pacto de morte estabelecido com Alexandre, Wanessa cumpriu o combinado e suicidou-se.

***

Cerca de um ano antes do suicídio, Alexandre Zambonaro matou a tiros os comerciantes Maurício Yamanoi e José de Nazaré Mendes, no município de Bauru, crimes que chocaram a cidade. Mas a tragédia ainda reservava outros capítulos dramáticos.

Depois de assassinar os comerciantes, ainda no local do crime, Zambonaro tentou efetuar disparos com um revólver calibre 38 contra a própria cabeça, mas a arma falhou e, malgrado o desatino, pegou sua motocicleta e foi para casa, onde tomou grande quantidade de psicotrópicos e tentou se enforcar com uma corda amarrada no telhado da garagem. Socorrido pelos vizinhos e conduzido ao hospital pelo resgate, se recuperou e, ao receber alta após dois dias, foi preso e transferido para a penitenciária de Tremembé.

No IRT, Alexandre ficou imerso em profunda depressão e se isolou de todos os presos. Vivia à base de fortes medicamentos. Como me relataram alguns funcionários e presos que conviveram com ele, Zambonaro não estava suportando a vida na prisão e, quando os crimes que cometera estavam na iminência de completar um ano, ficou ainda mais transtornado.

Também soube que, ao longo de sua vida, Alexandre fora acometido diversas vezes por transtornos psiquiátricos. Até hoje, seus amigos mais próximos e familiares não compreendem como ele foi contratado para ser agente penitenciário, dada a gravidade dos seus problemas mentais.

Pouco antes de se matar, Alexandre recebeu a visita da mãe, do advogado e de um oficial de justiça, o que o deixou abalado, porquanto o oficial o informou que ele iria a júri popular.

Cabe ressaltar que Alexandre tentou o suicídio outras vezes em Tremembé, mas sempre era impedido pelos colegas. Na semana trágica de sua morte, ele já vinha demonstrando agravamento do seu estado de saúde mental, assim confirmaram alguns parentes.

O que tornou a tragédia do ex-carcereiro ainda mais cinematográfica foi a morte de sua namorada, logo após seu suicídio. Ambos utilizaram o mesmo método, uma forca feita com lençóis. Como creem os familiares da moça, o próprio namorado a ensinou a preparar o nó da forca.

Os parentes de Wanessa a encontraram enforcada no quintal de casa, onde vivia com a avó. Familiares relataram que, após a prisão do namorado, a depressão de Wanessa acentuou-se e ela passou a fazer tratamento psiquiátrico. Era muito introspectiva e vivia trancada no quarto. Desestimulada, não trabalhava. Queria fazer faculdade, mas a depressão a impedia. Como tudo indica, embora Wanessa e Alexandre não estivessem mais juntos, eles se amavam.

***

Na prisão, não é raro ouvir presos falando em suicídio. Para dizer a verdade, talvez haja poucos presidiários que, durante a estada na cadeia, não tenham pensado em desistir da vida. Seria bom acreditar que a esperança de reencontrar a família, a fé em Deus, o apoio dos amigos e dos familiares, os conselhos dos colegas em situação semelhante, mas que insistem em continuar vivos, sejam fatores determinantes para demover os internos de seus planos suicidas. Porém, fico pensando se o suicida é um covarde como comumente se acredita ou um homem de extrema coragem. Se prevalecer a segunda hipótese e o suicida for mesmo um sujeito corajoso, é forçoso concluir que, longe de serem movidas por causas nobres, as pessoas não se suicidam por covardia. Sob esse prisma, boa parte dos que conheço, incluo-me nisso, engrossaria a lista dos covardes. Quem sabe? Mas pouco me importa. Seja por coragem ou por covardia, quero mesmo é continuar vivo. Mas certamente não conseguiria convencer Alexandre de que a vida vale a pena, tamanha a loucura que se apossara de sua alma, ou quem sabe, tamanha sua coragem para escrever a própria morte e a da amada no melhor estilo shakespeariano.

DECIDIDO A MORRER

Em setembro de 2015, o ex-militar da Aeronáutica, João de Souza Santos, de 72 anos, atormentado e com os problemas financeiros, tirou a vida da esposa, a pedagoga Maria de Lourdes Santos, de 66 anos, utilizando um cabo de fiação elétrica. O crime ocorreu na casa onde moravam no bairro Boqueirão, Praia Grande-SP. João deixou uma carta ao lado do corpo da mulher, inocentando os filhos do casal.

Casados há mais de 40 anos, João e Maria de Lourdes moravam na Praia Grande havia quase 20 anos. Segundo relatos dos vizinhos, eles eram tranquilos e viviam uma relação harmoniosa. Aposentado, o ex-militar ficava boa parte do tempo em casa.

Após matar a mulher, dirigiu-se até o Centro Comercial Beatrix Boulevard, no mesmo bairro e tentou se atirar do 13º andar. Chegou a ficar pendurado no parapeito do prédio, mas populares que estavam no local impediram sua queda e chamaram a polícia. Em seguida, conduziram-no ao hospital Irmã Dulce, onde foi medicado e se restabeleceu. Depois da alta, por ser assassino confesso da esposa, recolheram-no ao Centro de Detenção Provisória (CDP) da Praia Grande.*

João chegou à cadeia muito abatido e taciturno. Um de seus companheiros de cela, na época, era Cecimar Antonio de Souza que, em 2017, transferido para Tremembé, passou a morar comigo na cela 29. Cecimar me relatou que João chorava muito e dizia estar arrependido de ter matado a esposa e que não suportava mais continuar vivendo.

— Ele me dizia que via a esposa na cela e conversava com ela, numa evidente manifestação de loucura.

João se declarava ateu e disse a alguns colegas de cela que tirou a vida da mulher, porque ela o traia e dava parte de seus bens para o amante.

— Primeiro me disse que amava a esposa, depois, parecendo bastante confuso, falava que Maria o tinha traído e que a infidelidade da mulher o levou a perder a cabeça. João se mostrava bastante contraditório — afirmou Cecimar.

**Jornal a Tribuna – 18/10/2015*

A suposta traição da esposa de João nunca foi confirmada.

No CDP da Praia Grande, assim como ocorre em quase todos os presídios, João não recebia medicação ou qualquer tratamento médico específico, apesar do seu estado mental, nitidamente comprometido. Depois de uma semana preso, ele recolheu do lixo várias lâminas de aparelho de barbear, deitou-se na cama e se cobriu.

— Eu estava na cela e vi uma poça de sangue no chão, próxima à cama dele, então puxei o seu cobertor e logo percebi que João já havia cortado os pulsos, o pescoço e os tornozelos. Aí fui em sua direção e segurei seus braços para evitar que o suicídio se consumasse. Outros colegas de cela, ao verem aquela cena terrível, correram para me ajudar. O sangue jorrava e espirrava no meu rosto enquanto eu o segurava e gritava para ele não tirar a própria vida. Mas o cara gritava mais alto e falava para que eu o largasse e o deixasse morrer – revelou Cecimar.

Os presos fizeram torniquetes para estancar os sangramentos, pediram socorro e os funcionários, com uma maca, levaram-no até a ambulância e ele foi conduzido ao hospital. Apesar de ter perdido muito sangue, ainda estava vivo. Os médicos foram ágeis e conseguiram salvar sua vida. Passados alguns dias, João voltou para a mesma cela no CDP. Lá pediu desculpas aos colegas e prometeu não repetir o ato. Uma semana depois, transferiram-no para Tremembé.

Ainda em recuperação, devido aos graves ferimentos, João chegou ao IRT e ficou trancado no R.O., onde deveria permanecer 10 dias isolado, mantendo contato com os demais presos apenas por um pequeno guichê. Esse detalhe viria a ser decisivo para a consumação da tragédia.

Na cela 5 do R.O, a mesma em que estive quando cheguei ao IRT, João não demonstrava desespero nem dava indícios de que tiraria a própria vida. Entretanto, no quarto dia de isolamento, engoliu grandes pedaços de plástico, tentando sufocar-se e, já entre a vida e a morte, foi socorrido por dois presos que enfiaram a mão em sua garganta e conseguiram puxar os artefatos, impedindo novamente que ele se matasse.

Porém, ele estava determinado a acabar com a própria vida e nada mais o deteria. Já no oitavo dia no R.O, ele percebeu que Nibson Mascarenhas, preso por ter matado a mãe, era um jovem muito ingênuo e prestativo e, analisando o perfil do rapaz, concluiu que ali havia condições propícias para consumar seu plano suicida.

"É mais seguro que o homem
desonesto não seja acusado
do que seja absolvido".

Tito Lívio

GOLPES DE MESTRE

ROGER ABDELMASSIH

O ESTUPRADOR DO JALECO BRANCO

— Acordando ainda grogue, vi que eu estava com o pênis do Dr. Roger na mão. Tentei me levantar, cheguei a sentar na maca. Aí ele abaixou o jaleco e disse:

— Calma, calma, calma... — e saiu da sala. Fui chorando ao encontro do meu marido, que aguardava na recepção da clínica. *

Com esse relato, Ivanilde Vieira Serebrenic, na época com 34 anos, uma das vítimas do médico geneticista Roger Abdelmassih, descreveu a cena de horror que viveu no local onde buscava realizar o sonho de ser mãe.

Esse foi apenas um dos inúmeros estupros que o médico cometeu. No caso, o abuso ocorreu enquanto Ivanilde estava sedada para ser submetida a uma sessão para a retirada de óvulos.

***

Roger Abdelmassih nasceu em 3 de outubro de 1943, na cidade de São João da Boa Vista, interior de São Paulo. Filho de imigrantes libaneses, seu pai trabalhava como mascate vendendo produtos nas ruas e sua mãe era dona de casa.

Roger cursou medicina na Unicamp e formou-se em 1968. Teve cinco filhos, três do primeiro casamento com Sônia, que viria a falecer de câncer de mama em 2008, e dois com Larissa Maria Sacco, procuradora da República, com quem se casou em 2010.

Depois de fazer residência em hospitais de Campinas e especialização em urologia, mudou-se para São Paulo e passou a atuar na área de reprodução humana. Não demorou muito para se destacar nesse seguimento. Por quase duas décadas, Abdelmassih reinou na área de reprodução assistida. Ficou conhecido como o "médico das estrelas" e sua suntuosa clínica, localizada em área nobre da capital paulista, era frequentada por artistas e empresários como Tom Cavalcante, Renan Calheiros, Luiza Tomé, Gugu Liberato, Pelé, Fernando Collor e outros nomes de destaque nacional.

**ISTOÉ 21/01/2009*

Roger ganhou projeção internacional quando atuou junto ao casal Assíria e Pelé. Em 2006, a esposa de Pelé, por meio das técnicas de tratamento aplicadas pelo médico, engravidou e teve um casal de gêmeos: Celeste e Joshua.

Reverenciado por toda a imprensa, passou a ser chamado de "Dr. Vida". Vaidoso, propagava o apelido. Frequentador assíduo dos programas de televisão aproximou-se de artistas como Hebe Camargo, Roberto Carlos e vários outros. Sua clínica se transformou em uma verdadeira romaria de endinheirados e profissionais liberais de todo Brasil e até do exterior. Todo o glamour que pairava sobre Roger ajudava a encobrir e a dissimular os crimes que ele já vinha praticando contra suas pacientes. Os artistas não tinham conhecimento das práticas delituosas do médico.

O primeiro episódio que se tornou público foi a denúncia de uma ex-funcionária da clínica, em abril de 2008. Cristina da Silva Oliveira procurou a polícia e o MP e relatou ter sido beijada à força pelo médico, seu patrão na época. Ocorreram outras denúncias, inclusive anônimas, pois muitas vítimas não queriam se expor. Porém, isso não impediu que o Jornal *Folha de São Paulo* e a Revista *Veja* publicassem, em 2009, as primeiras reportagens revelando que o renomado embriologista era investigado por acusações de vários crimes, entre os quais, estupro. Com a repercussão do caso, outras vítimas, agora encorajadas, denunciaram o médico. A partir de então, as investigações se intensificaram e toda imprensa passou a acompanhar o caso de perto. Roger, antes ovacionado, passou a ser alvo de repúdio. A situação chegou ao ponto de as autoridades não darem conta de ouvir e formalizar as denúncias contra o médico que não paravam de chegar.

Com o aprofundamento das investigações, em 17 de agosto de 2009, o juiz Bruno Paes Stranforini, da 16ª Vara Criminal de São Paulo, decretou a prisão preventiva de Roger Abdelmassih que via sua imagem desmoronar e acabou sendo levado para a penitenciária de Tremembé, onde conheceria outros presos midiáticos como Nardoni, Lindemberg e Cabo Bruno.

Entretanto, para decepção de suas vítimas, em dezembro do mesmo ano, o Supremo Tribunal Federal concedeu-lhe um habeas corpus, revogando sua prisão preventiva.

Essa era só a primeira de uma série de idas e vindas à penitenciária mais famosa do Brasil, Tremembé. *

**Portal Terra – 24/12/2009*

Simultaneamente às investigações da polícia e do MP, o Conselho Regional de Medicina recebia várias denúncias de pacientes de Roger e, em maio de 2011, viria a cassar o registro profissional de Abdelmassih. Antes, porém, o CREMESP recebeu severas críticas por seu comportamento corporativista, sobretudo pela lentidão para investigar e punir o médico, que negava todas as acusações. Segundo Roger, ele era atacado por pessoas, cujo único objetivo era vingar-se dele, e por pacientes movidas por "alucinações" provocadas pelo anestésico usado no processo de fertilização.

Surgiram também, graves denúncias de que Roger manipulava ilegalmente óvulos e espermas de casais, ou seja, além dos estupros, apareceram fatos incriminando o médico por manipulação genética ilegal. Alguns casais atendidos por Roger descobriram, mais tarde, que as crianças não eram seus filhos biológicos, porque o óvulo não era da mãe ou o esperma não era do pai. Exames de DNA realizados nas pacientes e em seus filhos mostraram que o médico implantara, no útero de algumas mães, sem o conhecimento delas, embriões formados a partir de óvulos e espermatozóides de pessoas desconhecidas. Ao menos três casais procuram a Justiça para denunciar que o DNA de um dos dois filhos não era compatível com o do outro.

—Temos casos confirmados que fizeram exame de DNA e descobriram que os filhos não eram totalmente do casal — viria a afirmar a ex-paciente e vítima de Roger, a artista plástica Maria Franco.* Ela foi estuprada por Abdelmassih durante uma consulta e, quatro meses depois, acabou perdendo o bebê, gerado por inseminação artificial.

— Ele destruiu famílias, sonhos, casamentos. Perdi parte da saúde, fiquei doente, não tive filho, não consegui mais engravidar, minha vida ficou caída, me separei do meu marido, fiquei dois anos sem que ninguém pudesse encostar em mim — lamentou Maria Franco.

As denúncias se multiplicavam, os artistas que endeusavam Roger desapareceram de cena, os advogados do médico, os mais caros do país, digladiavam-se com o Ministério Público.

A clínica do embriologista, outrora reverenciada, onde pais esperançosos faziam fila em busca do milagre da vida, definhava.

**GI-20/08/2014*

Os sucessivos escândalos quebraram o negócio de Abdelmassih. Suas ex-pacientes se organizaram. Uma das associações de vítimas foi criada por Vanuzia Leite Lopes com outras mulheres, também violentadas pelo médico. Quando Roger fugiu do país, a associação e outros grupos de vítimas desempenhou um papel importante na sua localização e prisão.

Segundo Vanuzia, ela acordou durante uma inseminação, flagrou o ataque e conseguiu fugir. Em seguida, realizou exame de corpo de delito, usado posteriormente como prova no inquérito.

— Ele me violentou quando eu estava sedada, só que eu acordei alguns minutos depois, consegui me desvencilhar e fazer o exame de corpo de delito. Fui a vítima que teve a prova cabal contra ele, porque estava na posse do documento — relatou.*

Além de Vanuzia e Maria, várias outras vítimas se empenharam para que a justiça prevalecesse. Muitas se expuseram, outras, por questões familiares, agiram no anonimato, mas não se esquivaram da luta contra o médico que destruíra suas vidas.

Depois de embates jurídicos históricos entre a defesa do médico e o MP, em 23 de novembro de 2010, o anteriormente prestigiado "Dr. Vida" foi condenado a 278 anos de prisão pela juíza Kenarik Boujikian Felippe. Contudo, em razão do HC concedido pelo Supremo Tribunal Federal, Roger continuou solto, pois sua condenação se dera apenas em primeira instância e ele podia recorrer em liberdade.

Porém, quando o médico foi à Polícia Federal renovar seu passaporte, os promotores pediram sua prisão preventiva. Havia suspeitas de que ele empreenderia fuga. A Justiça acatou o pedido, mas já era tarde. Em janeiro de 2011, ele e a esposa Larissa fugiram para o Paraguai com os filhos, onde viveriam por três anos.

Roger Abdelmassih, outrora endeusado pela elite brasileira, passou a figurar na lista dos criminosos mais procurados do Brasil e pela Interpol. Havia até recompensa por informações que levassem à sua localização. Equivocadas, as autoridades brasileiras cogitavam a possibilidade de ele ter fugido para o Líbano, já que possuía cidadania libanesa e o país não possuía tratado de extradição com o Brasil.

Apesar do revés, as vítimas de Roger não esmoreceram com sua fuga. Passaram a atuar como verdadeiras detetives, investigando

**GI- 20/08/2014*

pistas, usando as redes sociais e alimentando a polícia e o MP com informações para localizá-lo. Embora a opinião pública desse sinais de que esqueceria o caso, elas continuavam se dedicando com afinco para manter viva a chama de justiça.

Depois de três anos foragido em Assunção, no Paraguai, usando o nome falso de Ricardo Galeano, se passando por empresário investidor e com uma vida de luxo ao lado da mulher e dos filhos gêmeos, Roger foi encontrado e preso em 19 de agosto de 2014, quando se dirigia, com Larissa, a uma comemoração na escola dos filhos. Ele não reagiu à abordagem da polícia paraguaia. Sua esposa, atônita, não acreditava no que acontecia, sobretudo quando, posteriormente, Roger fora entregue pela polícia local às autoridades brasileiras. Larissa, por sua vez, permaneceu mais alguns dias com as crianças em Assunção. Ela precisava se reorganizar para voltar ao Brasil.*

A notícia da prisão logo se espalhou e as vítimas de Roger, cientes de que ele chegaria ao Brasil no dia seguinte, foram ao aeroporto de Congonhas, em São Paulo, a fim de acompanhar seu desembarque.

— Seja bem vindo ao inferno! Você não sairá da cadeia. Não tem ministro que tire você de lá outra vez — gritou Vanuzia, que ajudou a localizá-lo.**

Porém, Vanuzia estava redondamente enganada. Futuramente, Roger seria libertado pela Justiça por meio de uma fraude médica que levaria o judiciário a cometer um erro grotesco.

Do aeroporto, conduziram Roger para a penitenciária de Tremembé. Dos mais de cem anos de condenação, ele ficaria preso por apenas três no IRT e protagonizaria uma "novela" com idas e vindas à enfermaria da prisão e a hospitais particulares, visando conseguir prisão domiciliar.

O preso Fabrício, com quem convivi e que foi colega de Roger, me relatou um episódio ocorrido com o médico num dia de missa, na igreja, quando a juíza corregedora apareceu de surpresa.

— Olha, eu vou passar mal e você me segura, tá! — sussurrou ao companheiro.

*ISTOÉ – 06/10/2016 **ÉPOCA– 19/09/2016

O preso, não tendo alternativa participou da encenação, segurando Roger nos braços, mas a magistrada não percebeu o teatro de Abdelmassih, pois a igreja estava lotada.

Mas quem pensa que as encenações de Roger parariam com a simulação de desmaio na igreja, está enganado.

A FRAUDE DE ABDELMASSIH

— Eu só comi as que quiseram me dar e pronto! — disse-me Roger Abdelmassih, bastante agitado, na ocasião em que o entrevistei.

— Mas, Roger...

— Mas coisa nenhuma, meu amigo. Coloque aí no seu livro com letra maiúscula e sublinhado do jeito que eu te falei.

— Tem certeza?

— Olha só, Acir, se não fosse assim, mas assado, não perderia meu tempo com conversa mole.

A entrevista com Roger foi uma das mais tensas que realizei em Tremembé. Algumas de suas declarações me deixaram boquiaberto. Contudo, quando conversei com o médico, mal sabia que posteriormente teria acesso a informações bombásticas a seu respeito.

Quando Roger foi beneficiado pelo STF com a prisão domiciliar no fim do ano de 2017, interrompi várias pesquisas e entrevistas com outros personagens de Tremembé não menos notáveis, como Guilherme Longo, que já começara a me revelar como havia empreendido fuga para o Uruguai, e me debrucei, direcionando todas as minhas energias naquela controversa concessão de prisão domiciliar.

Na verdade, eu já ouvia um burburinho entre funcionários do IRT, sobretudo da enfermaria, de que a história dos problemas cardíacos de Abdelmassih estava mal contada, mas ninguém tinha coragem de falar do assunto para a imprensa. O tema era tabu entre todos.

— O homem é poderoso e a corda sempre arrebenta para o lado mais fraco — afirmavam. E isso obviamente é uma verdade.

Ao tomar conhecimento da, até então, suposta fraude, pedi a meus colaboradores que pesquisassem e me enviassem notícias e artigos sobre os procedimentos e tratamentos médicos de Roger nos últimos anos.

De posse do material, destaquei internações, datas, pedidos de prisão domiciliar, remédios prescritos, médicos que o atendiam em Tremembé e em hospitais particulares. Enfim, fiz um raio-X do seu histórico médico.

Daí em diante comecei a investigar minuciosamente a história do golpe. Para isso, precisava visitar a enfermaria com mais frequência, pedindo atendimento ao clínico geral, ao dentista e até mesmo ao psicólogo. Nessa empreitada cheguei a tomar uma injeção de anti-inflamatório que doeu bastante. Além disso, para falar com um médico, e obter algumas informações sobre Roger, insisti para ser atendido. Os presos só têm acesso à enfermaria para atendimento, em outras hipóteses, a entrada é proibida.

Depois de semanas trocando informações com minhas fontes, senti que não tardaria para descobrir o plano ardil empregado por Roger para se livrar da cadeia.

Sem esmorecer, me informando sobre prontuários, agendas, ouvindo médicos e também colegas de cela de Roger, consegui encontrar o "fio da meada", que me levou a um nome que seria decisivo para revelar a farsa: Carlos Sussumo, o principal médico que "cuidou" de Roger Abdelmassih em Tremembé por quase dois anos. Era a ponta do iceberg.

Com bastante cautela, me aproximei de Carlos. Trata-se de um médico bastante respeitado em Tremembé que, com seu trabalho, ajudou a erradicar a sífilis e a tuberculose no presídio.

Se soubesse que o médico, como se diz, estava disposto a botar a boca no trombone, sem medir palavras, dispensaria tantas formalidades. Durante a entrevista, realizada em março de 2018, quando indagado sobre a possibilidade de Roger ter cometido fraude para se livrar da cadeia, Sussumo, com ar de revolta, desandou a falar:

— Eu sugeri os remédios que causaram complicações cardíacas em Roger Abdelmassi a pedido dele. Fui eu que atestei sua situação clínica, que o beneficiou com a prisão domiciliar em 2017. A doença do Roger é uma fraude, foi fabricada, é artificial. Ele não tem nenhum problema de saúde que simples medicação não resolva.

Fiquei impressionado. Foi com essas declarações bombásticas que o médico gastroenterologista formado pela USP em 1992, Carlos Sussumo Hasegawa, 50 anos, preso em Tremembé por extorsão, começou, de forma estarrecedora, a me revelar o astucioso esquema que o ex-médico geneticista "aplicou" na justiça para obter a concessão de prisão domiciliar.

Eis a verdade: Condenado inicialmente há 278 anos, pena depois reduzida para 181 anos de prisão pelos 48 estupros de 37 pacientes, Roger Abdelmassih, o chamado "médico das estrelas", empreendeu, com auxílio de alguns médicos, um plano ardiloso com o qual conseguiu ludibriar o judiciário que, de forma bisonha, concedeu-lhe prisão domiciliar. Se dependesse apenas da rigorosa juíza corregedora da região do Vale do Paraíba, Sueli Zeraik Armani, isso jamais teria acontecido. Do mesmo modo, Roger agiu com extrema habilidade para que a rigorosa direção de Tremembé não soubesse da armação.

De acordo com Sussumo, a trapaça começou em setembro de 2016 quando Roger "morava" na cela 85, pavilhão II da penitenciária de Tremembé, em companhia do também médico ginecologista Hélcio de Andrade.

Inicialmente, Roger passou a consumir sal, colocando o produto debaixo da língua ou, às vezes, ingerindo-o com água, para elevar sua pressão. Em seguida, passava a reclamar, dizendo aos colegas de cela que sentia fortes tonturas e mal-estar. Os companheiros acionavam o "PS", como é chamada a emergência médica, e os funcionários o levavam para a enfermaria no interior do presídio. Esse roteiro, característico de peça teatral, conforme definiu Sussumo, repetia-se quase que diariamente. Na enfermaria, Roger era "socorrido" pelo próprio Sussumo e também por Dr. Hélcio que "constatavam" a alteração da pressão de Abdelmassih, a qual oscilava entre 20 por 12mmHg e 20 por 14, caracterizando hipertensão arterial. Todas essas informações eram colocadas no prontuário médico de Abdelmassih. Todavia, Helcio não compactuava com o esquema de Roger.

Em 20 de dezembro daquele ano, Roger foi internado, sob escolta, no hospital Oswaldo Cruz, em São Paulo, onde realizou exames que levaram os médicos a levantar suspeitas de entupimento das artérias coronárias. *

**Ag. Brasil 21/12/2016*

De volta para Tremembé, visando agravar ainda mais o seu quadro clínico, orientado pelos médicos, passou a intensificar a sabotagem do seu próprio tratamento, deixando de ingerir as medicações que estabilizariam seu quadro cardíaco. Entre os remédios imprescindíveis estavam comprimidos diários de: DIGOXINA 0,25 MG, ALDACTONE 100 MG, LASIX 40 MG e SLOW-K.

— O primeiro atestado médico que recomendava prisão domiciliar para Roger, por motivo de saúde, eu que forneci em 2016, na enfermaria do presídio. Aquele atestado, que resultou na liberação de sua prisão domiciliar, não correspondia à realidade, só foi feito porque Roger exigiu insistentemente — disse Sussumo.

E dando continuidade a seu relato, com a intenção de externar tudo que sabia sobre Roger, revelou:

— O malandro do Roger não dá ponto sem nó. Não precisa ser muito inteligente pra concordar comigo. Em virtude da pressão exercida pela imprensa, pelas vítimas dos estupros e seus advogados, a justiça revogou, três meses depois, sua primeira prisão domiciliar, determinando o retorno dele à prisão. A artimanha engenhosa continuou a ser aplicada quando Roger retornou ao IRT. No momento de engolir os comprimidos, ele bebia a água do copo, mas os medicamentos permaneciam em suas mãos e, em seguida, eram jogados no vaso sanitário. Se acha que estou mentindo, pergunte a qualquer um que teve contato com o Roger e vai ouvir o mesmo relato. E tudo não para por aí, ele continuava a "consumir" sal diariamente e, como dizem no presídio, "metia o louco". Gradativamente o espertalhão conseguia "montar" um sólido histórico médico para se beneficiar. Outros presos que dividiam a cela com Roger confirmam esses fatos.

— Doutor, isso é muito grave. O senhor tem ciência das consequências que podem ser geradas a partir de suas declarações? O senhor reafirmaria essas declarações sobre Roger diante de um juiz? — perguntei.

— Se tenho ciência? Quer que eu assine embaixo? Se eu tiver a oportunidade, não só confirmo como provo tudo diante de qualquer magistrado. Basta me convocar. E não é só isso, ainda tem mais: quando a situação do Roger se agravava, a pressão disparava e suas pernas inchavam, ele era conduzido novamente à enfermaria e, logo em seguida, ao hospital particular São Lucas, em Taubaté. Lá, medicado de forma adequada, seu quadro clínico se estabilizava. Antes de ser medicado, ele era submetido a um exame para detectar a *fração de ejeção de sangue no coração* que acusava problemas cardíacos, porque ele não se medicava na prisão. Foram três idas ao hospital para que seu falso prontuário e histórico ganhasse ares de legitimidade para sensibilizar e induzir o judiciário a erro. É, meu caro, é mole ou quer mais?

— Mais? Ainda tem mais? Questionei.

— E como tem! Preste atenção: ao retornar do hospital para o IRT, Roger retomava o esquema de abdicar de sua medicação e beber mais água com sal. Esse procedimento durou vários meses até o momento em que os médicos deram o "tiro de misericórdia" para consolidar a fraude que o levaria à prisão domiciliar em outubro de 2017 — revelou.

— É Acir, parece que tanta informação está te deixando sem ar. Daqui a pouco é você que vai ter um infarto e eu vou ser obrigado a te socorrer...

— Ah não, depois do que me contou, é melhor chamar outro médico.

— Como assim? — disse-me Sussumo, dando boas gargalhadas.

— Pode continuar falando que eu me aguento. Antes só gostaria de fazer uma observação. Sussumo, você acredita que eu estava conversando com o Roger, na presença de um funcionário, quando, pelo rádio comunicador, ele foi informado que sua esposa havia chegado com a notícia de liberdade tão esperada? Ele, sentado na cadeira de rodas, apertou meu braço e, emocionado, dava graças a Deus.

— Pra você ver, meu caro...

Profundo conhecedor dos protocolos médicos, tendo atuado nos mais renomados hospitais do Brasil como Sírio Libanês, Oswaldo Cruz, Nove de Julho, Beneficência Portuguesa e Hospital das Clínicas, Carlos Sussumo sabia exatamente como proceder para alterar a pressão cardíaca de um paciente.

— Eu sei muito bem como fazer a pressão subir e cair e assim ajudei o Roger. A pedido dele, prescrevi mais LASIX, que Abdelmassih já usava ou deveria usar, e TRYPTANOL que, com as receitas da enfermaria do presídio, foram comprados por um parente

dele que entregava os medicamentos ao Roger durante as visitas. Ele os ingeria de maneira e quantidade inadequadas, que só agravava seu quadro.

— E olha só — continuou Sussumo — essa medicação extra não poderia passar pela enfermaria de maneira oficial e muito menos constar no prontuário dele. Às escondidas, Roger ingeria a medição hipotensora. Ele tomava vários comprimidos simultaneamente o que culminou com o resultado esperado. Além desses remédios, Roger também ingeria o relaxante muscular benzodiazepínico que também ajudou a desregular a pressão e causar outros efeitos colaterais. Os funcionários não sabiam da fraude.

— Na sua opinião, esse procedimento não era muito arriscado, ainda mais em se tratando de um homem idoso e com a saúde aparentemente debilitada? Como leigo, creio que isso poderia levá-lo a um infarto ou até mesmo à morte — indaguei.

— Que nada! O Roger tem ótima saúde. Ele sempre recebia visita íntima da esposa e usava Viagra que eu mesmo prescrevia a seu pedido. Quem tem problemas de coração geralmente não toma Viagra ou outro estimulante. Ele nunca teve risco real de infarto, é muito forte e saudável — afirmou Sussumo.

— Gostaria de saber por que o senhor decidiu fazer essa denúncia e com tanta veemência?

— Para ser sincero, por diversos fatores. O peso na consciência me obriga a fazer isso. Além de tudo, o canalha me deu um chapéu.

— Como assim te deu um chapéu?

— Entenda como quiser.

— O senhor parece bastante convicto em suas declarações. Abro um parêntese para falar do médico ginecologista Hélcio de Andrade. Ele também atendeu o Roger Abdelmassih. Em 2017, chegou a ventilar este caso para revista Veja que publicou uma nota sobre a suposta manipulação no tratamento de saúde dele. O que o senhor sabe sobre o caso?

— Olha só, se quiser saber mais detalhes sobre o caso, pergunte diretamente ao Hélcio. Só não concordo quando você fala em suposta manipulação. Suposta coisa nenhuma, houve mesmo uma grande fraude e todo mundo precisa saber disso. Agora, quanto ao Hélcio, independente ter sido condenado pelo crime que cometeu, sempre se mostrou para mim um bom sujeito e um excelente médico. Sei que ele não se bicava muito com o Roger e foi estranho o fato de não ter levado adiante a denúncia. Na minha opinião, o Hélcio ficou mesmo é com medo, coisa que não tenho e só vou me conformar quando o Roger estiver atrás das grades novamente.

— Você se arrepende por ter ajudado o Roger a cometer a fraude?

— Se arrependimento matasse... O benefício que Roger desfruta com a prisão domiciliar é um desrespeito às suas dezenas de vítimas, pois não é justo ele se safar assim. E você, Filló? O que acha do Roger ficar no conforto de sua casa enquanto a gente que não cometeu dez por cento dos seus crimes fica aqui se ferrando?

— O senhor quer que eu lhe conceda uma entrevista? Que negócio é esse? — falei brincando, na tentativa de amenizar o clima.

— Deixe pra lá, Filló. Se você não quer falar, eu digo com todas as letras: O Roger é um tremendo pilantra. Pra você ter uma ideia, enquanto ele está numa boa, eu saí no prejuízo devido aos procedimentos suspeitos que o beneficiaram. Fui afastado da enfermaria pela Justiça no final de 2017 e isso prejudicou minha progressão de pena. Além de tudo, os outros internos também entraram pelo cano. A enfermaria do IRT não pode mais expedir atestado médico, sem contar que um médico a menos causa um prejuízo enorme para a população do presídio. Tantos doentes e eu impedido de socorrê-los. Talvez esse tenha sido o meu maior crime — falou, com a angústia estampada no rosto.

Protestando contra a decisão do STF em conceder liberdade ao ex-médico, Maria do Carmo Santos, presidente do grupo *Vítimas Unidas*, afirmou:

— A decisão foi infeliz. Abdelmassih destruiu vidas, destruiu famílias inteiras.*

***

A concessão da prisão domiciliar a Roger Abdelmassih expôs um profundo disparate no sistema prisional brasileiro. Eu não precisei pesquisar muito para comprovar a profunda desigualdade de tratamento para ricos e pobres ainda muito enraizada em nossa sociedade.

**ISTOÉ – 09/10/2017*

Quando Roger partiu rumo ao seu luxuoso apartamento para "cumprir pena", a injustiça paradoxalmente produzida pela Justiça do nosso país mais uma vez ficou escancarada. Basta considerar os casos graves dos idosos, Paulo Roberto, Manoel Mogi e de Edilson Coelho, com quase 70 anos, portador de diabetes, doença que já lhe causou cegueira em um olho e reduziu em 70% a visão no outro.

Há um ano, o senhor Edilson vive em uma cadeira de rodas e depende dos colegas presos para as atividades diárias mais elementares. Sua glicemia chegou aos assustadores "850mg". Sua pressão é descontrolada, motivo de constantes "internações" na enfermaria local e de várias idas a hospitais da região. Ele chegou até a ficar desacordado quando teve complicações mais sérias.

Certo dia fui à cela do Sr. Edilson, em Pinheiros III, para entrevistá-lo e pedi para ele me mostrar os remédios que tomava diariamente. Sua cama ficou repleta de comprimidos, mas, com a visão debilitada, ele não conseguia identificar exatamente a finalidade de cada um — para tomar os remédios, dependia também de colegas que lhe serviam como enfermeiros improvisados.

Ele está preso desde outubro de 2015 por improbidade administrativa, ou seja, ele não é autor de estupros como Roger Abdelmassih ou autor de crimes violentos. Apesar de haver um abismo entre os crimes de um e de outro, Roger está instalado num sofá confortável, vendo Netflix e o senhor Edilson? Ah, o senhor Edilson... O velhinho não tem o "poder" de Roger para contratar advogados caros que o ajudem a convencer o MP e o STF para conseguir uma "justa" prisão domiciliar. Por isso, ele está esquecido pela sociedade e abandonado pelo Estado, jogado no fundo de uma cela, esperando a morte chegar para socorrê-lo.

O caso do senhor Edilson é apenas uma amostra das profundas distorções no sistema prisional brasileiro, onde milhares de pessoas definham por não conseguirem prisão domiciliar com tornozeleira e pela falta de atendimento médico básico, o que consiste em profundo desrespeito ao princípio da dignidade da pessoa humana, presente na Constituição do nosso país.

Meu propósito não é julgar Roger Abdelmassih, mas seria hipócrita se dissesse que não fiquei indignado com suas atitudes, ainda mais por conhecer a história de outros internos que fazem jus à prisão domiciliar e permanecem jogados às traças. A história de Roger deixa evidente que, nas cadeias espalhadas neste país repleto de contradições, estão longe de colocar em prática a verdadeira justiça. Isso à parte, e por piores que tenham sido os crimes praticados por Abdelmassih, na convivência diária, não vi o seu lado monstro e tampouco o seu lado médico, mas diante de mim, se colocava apenas a figura de um velho bastante falante que, um tanto "fragilizado", me pedia ajuda para empurrar sua cadeira de rodas quando precisava ser conduzido ao parlatório.

"A psicopatia é como um gato,
que não pensa no que o rato
sente. Ele só pensa em comida.
As vantagens do rato sobre as
vítimas do psicopata é que ele
sempre sabe quem é o gato".

Robert Hare - psiquiatra Canadense

MATADORES, SERIAL KILLERS E JUSTICEIROS

O TEMIDO CABO BRUNO

DE JUSTICEIRO A PASTOR

Na minha infância, no início de 1980, meu pai, Nelson, todos os dias ouvia programas policiais no rádio, principalmente aqueles apresentados por Gil Gomes e Afanásio Jazadji, líderes de audiência na época. Ainda criança, ficava tenso ao ouvir as narrativas trágicas, envolvendo a temida ROTA e a bandidagem, que já aterrorizava São Paulo. E, no contexto dos programas policialescos e do jornal sensacionalista *Notícias Populares*, um personagem, estilo super herói às avessas, tomou conta do imaginário popular e se tornou ídolo dos adeptos da ideia fomentada pela ditadura: "bandido bom é bandido morto".

Seu nome: Florisvaldo de Oliveira, Cabo Bruno, o justiceiro. E como ele surgiu?

***

Era década de 60, na pacata Catanduva, interior de São Paulo, onde os garotos jogavam bola e empinavam pipa nas ruas sem asfalto. Num boteco da cidade, um alcoólatra, que mal conseguia parar em pé, via o tempo passar recostado à porta.

— Florisvaldo, olha lá o Bruno cachaceiro no boteco, você é igualzinho a ele — diziam os meninos às gargalhadas.

O pequeno Florisvaldo, que nasceu em Uchôa-SP, no ano de 1958, não gostava da brincadeira e fechava a cara. Foi justamente por não gostar da comparação que o apelido pegou para sempre. E ele só seria chamado de Bruno, até sua mãe o chamava assim. Por isso, restou-lhe acostumar-se com o apelido que o acompanharia por toda a vida.

O tempo passou, Florisvaldo prestou concurso público e conseguiu entrar na Polícia Militar de São Paulo em novembro de 1978, exatamente quando completou 20 anos.

Mas foi no início de 1980 que Cabo Bruno começou sua trajetória de matador no bairro Pedreira, periferia da Zona Sul de São Paulo. Todos os colegas de farda também o chamavam pelo apelido de infância. Muitos comerciantes daquela região, com "sangue nos olhos" e sede de vingança dos bandidos que roubavam suas lojas, contratavam Cabo Bruno para eliminar a bandidagem.

Nos dias de folga, a diversão do jovem policial era matar ladrões, estupradores e até mesmo gente inocente. Os moradores da região, frustrados pela ausência da polícia, chegavam a afirmar que, no tempo do Cabo Bruno, a violência era bem menor, fato questionável, mesmo porque Bruno era a violência em pessoa.

Naqueles anos de terror, ele causava pânico nos criminosos que tinham pavor só de ouvir seu nome. Muitos corpos de bandidos foram encontrados crivados de balas, tendo suas mortes atribuídas ao justiceiro. Um detalhe fazia alastrar a fama e o temor em relação ao policial, que se tornara o "anjo da morte". Em busca de suas vítimas, ele sempre dirigia um chevette, um maverick ou um opala, cujas cores sempre mudavam. Alguns pais, com o objetivo de amedrontar os filhos e impedi-los que enveredassem para o mau caminho, diziam que a qualquer momento poderiam cruzar com o Cabo Bruno e, se não estivessem andando na linha, o encontro seria fatal.

Quando alguém dava o alerta: "o maverick do Cabo Bruno acabou de passar na Avenida Sabará" — frase que se tornara uma espécie de senha — os trombadinhas e assaltantes sabiam que tinham de esvaziar os bares e as ruas.

Todos os assassinatos ocorridos na Zona Sul de São Paulo eram atribuídos a Cabo Bruno e isso fazia aumentar o medo dos criminosos e sua fama de justiceiro.

Ele era fanático pelos filmes de Charles Bronson que geralmente matava por vingança, fazendo justiça com as próprias mãos. Além de se vestir como o personagem, imitava seus trejeitos e impunha seu estilo de durão.

O primeiro caso noticiado envolvendo o matador aconteceu em março de 1982, no Jardim Selma, na Zona Sul da capital paulista e teve como vítima o menor Cláudio Pasternak de 16 anos, assassinado num parque de diversões. Cláudio estava acompanhado do amigo Marcos José Barbosa que presenciou a execução e conseguiu fugir sem ser atingido pelos tiros. Denunciado, Cabo Bruno foi interrogado

no DEIC (Departamento de Investigações Criminais) e negou ser o autor do crime. Naquela ocasião, o jornal *Notícias Populares*, do grupo Folha, trouxe reportagens ligando o PM a mais de 15 homicídios ocorridos na mesma região, todos prontamente negados por ele.

Entretanto, após as investigações, Cabo Bruno, que estava temporariamente afastado das ruas, retomou suas atividades como policial na 5ª Companhia da Polícia Militar, apesar de o Ministério Público ter pedido sua prisão preventiva, negada pela Justiça naquele momento.

Ele, sem pestanejar, reiniciou a matança. Havia indícios de que liderava um grupo de extermínio, malgrado, com o protecionismo das autoridades, continuasse negando sua participação nas mortes.

Somente no final de 1983, o Tribunal de Justiça de São Paulo acatou o pedido do MP e Cabo Bruno foi preso pela primeira vez. Acusado de vários homicídios, tramitavam contra ele 34 inquéritos. Todavia, o matador só tinha admitido a autoria de um assassinato até aquele momento. No mesmo ano, ele foi expulso da PM. Recolhido ao presídio Romão Gomes, que só recebe policiais militares, ficou ali até o ano de 1990, período em que empreendeu algumas fugas. Evadiu-se do presídio pela primeira vez em 1984, desarmando e dominando um soldado que estava no alojamento dos presos. Em seguida, fez de reféns um tenente e um cabo, baleado ao tentar conter o justiceiro. Felizmente o tiro não foi fatal.

Novamente em liberdade, Cabo Bruno voltou a matar. Foragido, o abordaram na Estrada do Alvarenga, em São Paulo. Na ocasião, ele se viu cercado por dezenas de policiais militares, mas não se deu por vencido e, para escapar ao cerco, pegou o comerciante Manoel Marques Ribeiro como refém e conseguiu escapar. Nenhum PM atirou contra o ex-colega, que saiu ileso.

Na época, apesar de procurado pela justiça e demonstrando ousadia, revelou à TV Globo:

— No começo, eu contava as pessoas que matava. Mas parei no número 33 e acabei perdendo a conta. Acho que já passei dos 50.

Após três meses da fuga, em março de 1986, Cabo Bruno acabou preso novamente na cidade de Paragominas, interior do Pará. Levado pela segunda vez ao presídio Romão Gomes, ficou preso por dois anos. Nesse período, perdeu um filho, que morreu aos oito anos de idade.

Em 1987, Cabo Bruno fugiu pela segunda vez, constrangendo as autoridades paulistas e só foi recapturado no ano seguinte, em Araraquara-SP, pelos agentes do serviço reservado da PM quando descansava em um hotel. O justiceiro portava dois revólveres e um punhal. Depois de desarmado, conduziram-no novamente ao Romão Gomes, mas ele não permaneceu ali por muito tempo.

De forma impressionante, em julho de 1990, Cabo Bruno fugiu pela última vez, acompanhado de dois presos. Eles renderam os carcereiros e fugiram, levando um arsenal de guerra composto por três metralhadoras beretta, três revólveres e mais de cem cartuchos de vários calibres. Na época, o *Notícias Populares* publicou na primeira página: "Cabo Bruno foge e vai à guerra." Muitos acreditavam que o justiceiro continuava matando criminosos enquanto estava novamente foragido.

A última recaptura de Cabo Bruno aconteceu em maio de 1991, na Zona Sul de São Paulo, região em que ele mais matava. Desgastado com as sucessivas fugas do justiceiro, o Poder Judiciário de São Paulo determinou que ele fosse cumprir pena no presídio de segurança máxima de Taubaté, local onde nasceu a maior facção criminosa do Brasil: o PCC (Primeiro Comando da Capital). Lá, ficou isolado por cinco anos, sem nenhum contato com outros detentos. Ao longo desse período, tornou-se leitor assíduo da Bíblia e converteu-se ao protestantismo e, deixando aflorar seu talento para as artes, tornou-se pintor de quadros, revelando-se talentoso artista.

No ano de 1996, transferiram-no para o C.O.C (Centro de Observação Criminológica) de São Paulo. Permaneceu nessa penitenciária até 2002, ano em que seguiu para Tremembé, onde tentou reescrever sua história. Autor de diversos homicídios, nunca conseguiu se livrar do rótulo de justiceiro.

Foi exatamente no ano de sua transferência que o presídio de Tremembé passou a receber apenas presos de determinado perfil e se tornou uma instituição diferenciada no sistema prisional brasileiro. Prova disso é que em Tremembé, a partir de 2002, não houve mais motim, fuga ou rebelião.

Rapidamente Cabo Bruno se adaptou ao presídio e seu comportamento era exemplar. Apoiado por outros presos, liderou a construção da igreja, na qual também exerceu o ofício de pastor e conheceu a missionária e radialista Dayse da Silva Oliveira, com quem viria a se casar em 2008.

Eu conversei com vários funcionários e reeducandos que conviveram com Cabo Bruno no IRT. Um deles, Lindemberg Alves, contou que Florisvaldo era muito sério, gentil e educado, nunca se envolvia com problemas ou confusões e atuava como conselheiro, pois era exemplo de conduta e bom comportamento.

— Nós não o chamávamos de Cabo Bruno. Ele preferia ser chamado por seu nome, Florisvaldo, e assim procedíamos. A postura dele em nada lembrava o ex-policial militar, justiceiro temido pelos bandidos — relatou Lindemberg.

A solidariedade era uma característica marcante de Cabo Bruno em Tremembé. Sempre que chegavam novos presos, lá estava para ajudá-los com alimentos, roupas e principalmente com palavras de conforto, esperança e fé. Os internos que não tinham visitas ou estavam depressivos eram sempre amparados por Florisvaldo.

— Eu trabalhava na "bóia" servindo alimentação aos presos e ele sempre foi extremamente gentil comigo, assim como era com todos — afirmou Lindemberg, que ainda falou que Cabo Bruno era muito respeitado e levava tão a sério seu trabalho na igreja, que nunca era visto trajando short ou camisa regata. Além disso, muito austero, evitava brincadeiras e não tinha nenhum vício.

— Ele fazia caminhadas e exercícios sempre de calça comprida e sozinho; não participava dos grupinhos, era muito compenetrado — disse.

Um antigo funcionário de Tremembé me narrou que, certa vez, quando um preso acusado de estupro foi chamado ao púlpito da igreja para ler uma passagem da Bíblia, um colega que estava presente criticou a iniciativa em razão do crime cometido por aquele homem. Imediatamente, o pastor Florisvaldo o repreendeu, empunhando o microfone:

— Quem somos nós para julgar nossos semelhantes? O julgamento pertence a Deus!

Segundo relatos, Florisvaldo não insistia para ninguém abraçar a sua fé, não forçava a barra. Ele preferia esperar que a pessoa manifestasse desejo de se converter e, se isso ocorresse, não media esforços para dar apoio ao novo membro da igreja.

Como dito, foi por meio de seu trabalho como pastor que ele conheceu Dayse, uma evangélica do Rio de Janeiro que frequentemente visitava o IRT para pregar a palavra de Deus aos presos.

— Parecia amor à primeira vista. Na primeira vez que se viram, se encantaram um com o outro. Era como se Deus tivesse preparado o encontro deles exatamente naquela circunstância — descreveu-me um carcereiro que acompanhou a vida de Florisvaldo em Tremembé.

Entretanto, Dayse tinha vivido uma separação traumática; seu ex-marido era um sujeito violento e aquele casamento lhe trouxera muitas amarguras. Em razão disso, ela não pretendia uma nova união.

Apesar dos traumas de Dayse, eles se aproximaram e algum tempo depois, Florisvaldo, à moda antiga, no púlpito da igreja, pediu sua mão em casamento. Após conhecê-lo melhor e quebrar a resistência para viver uma nova união, Dayse aceitou o pedido, marcaram a data e o enlace aconteceu.

De acordo com o interno Luís Fernando Pereira, o casamento de Florisvaldo com Dayse foi um grande acontecimento.

— Poucas vezes presenciei um casamento tão bonito como aquele, tinha até uma banda de música e a diretora geral do presídio, foi madrinha deles. Estavam presentes representantes de várias igrejas e até da polícia militar — confirmou Luís Fernando.

A partir daí, a esposa de Florisvaldo não deixou de visitá-lo um fim de semana sequer. Ele, que já era um "novo homem", ficou radiante com a vida de casado, pois a união com Dayse o tornou um pastor "de fato" no seu entendimento teológico.

Além de Lindemberg e Fernando, outros presos e todos os funcionários da época foram unânimes em afirmar que Florisvaldo se tornara um sujeito transformado, admirável, um verdadeiro exemplo de ressocialização e de conversão espiritual.

— O ex-policial que matava a sangue frio não existia mais. Florisvaldo era um homem totalmente renovado em todos os sentidos — disse Lindemberg.

Muitos presos quando perdem a liberdade, por desespero buscam a religião de modo superficial. Esse não foi o caso de Florisvaldo. Ele se converteu ao cristianismo e exerceu, na plenitude, a verdadeira fé cristã, não só dentro da igreja, mas em todas as ações diárias.

Em 2009, uma grande festa: após mais de 20 anos preso e já no regime semiaberto, foi passar um final de semana com a família por ocasião do dia dos pais. Todos os presos e funcionários comemoraram aquele momento especial para Florisvaldo.

Um de seus maiores desejos, segundo contou a esposa, era procurar cada família de suas vítimas e pedir perdão. E isso aconteceu parcialmente. Após ir para o semiaberto, conseguiu alguns endereços e escreveu para os familiares pedindo para que o perdoassem, pois, como insistia em dizer, aquele "Cabo Bruno" do passado não existia mais. Alguns responderam as cartas, aceitando seu pedido de perdão, outros demonstravam aversão, mas isso não o abalava, ele compreendia e sabia da gravidade dos atos cometidos.

***

Foi em agosto de 2012, com a publicação do decreto de indulto assinado pela Presidente Dilma Rousseff, que Cabo Bruno obteve a tão esperada liberdade com indulto pleno. O Ministério Público e o Judiciário não se opuseram, pois ele já havia cumprido mais de vinte anos consecutivos da pena e tinha ótimo comportamento.

Naquele tão esperado dia, a esposa o aguardava na portaria de Tremembé. Os internos e os funcionários ficaram emocionados. Todos queriam o bem de Florisvaldo.

Ele havia sido condenado a mais de cem anos de prisão por mais de 50 assassinatos. Cumpriu 27 anos, pois a lei brasileira não permite que ninguém permaneça mais que 30 anos encarcerado. Ele conseguiu reduzir sua pena trabalhando na cadeia. Preso aos 25 anos, passou mais tempo na cadeia do que em liberdade.

Finalmente livre, plastificou o alvará de soltura e andava com o documento no bolso o tempo todo.

— Sempre que me pararem, eu provarei que sou um homem livre, que já paguei minha dívida com a Justiça — declarou na época.

De fato, Florisvaldo nada mais devia ao Estado, mas isso seria suficiente para que continuasse vivo?

***

Ao sair de Tremembé, continuou fazendo o que mais gostava: pregar a palavra de Deus ao lado da esposa. Sua presença nas igrejas atraía um grande público que queria ver e ouvir aquele homem que, há 30 anos, tinha encarnado o terror das ruas de São Paulo, mas havia se transformado em um cristão que dedicava cada minuto de sua vida para levar às pessoas palavras de fé e esperança. Florisvaldo usou os últimos dias de sua vida para evangelizar.

Antes de ganhar a liberdade, amigos e funcionários do IRT o aconselharam, dizendo que ele deveria se mudar para outro Estado, a fim de evitar um atentado contra sua vida, mesmo porque Florisvaldo tinha sido jurado de morte por pessoas ligadas às suas vítimas.

Sobre essa questão, declarou:

— Sempre vai haver essa possibilidade de vingança e a gente tenta evitar se expor ao máximo por causa disso. Eu não posso ficar só escondido, o mesmo Deus que me protegeu até hoje é o dono do meu destino.

Florisvaldo andava com uma lista com desejos que queria realizar antes de morrer. Um deles era viajar pelo país, pregando o evangelho de Cristo, mas isso não se concretizou. Foi em 26 de setembro de 2012, quando retornava de um culto em uma igreja na cidade de Aparecida, que sua história cinematográfica chegaria ao fim.

Naquele dia, passado um mês que tinha conquistado a liberdade, dois homens o abordaram em frente à sua casa, em Pindamonhangaba, e disparam mais de 20 tiros contra ele. Sua esposa e as outras pessoas que o acompanhavam permaneceram ilesas. Florisvaldo morreu no local. Quem assistiu à trágica cena afirmou que ele agiu com tranquilidade ao ver os assassinos se aproximando com armas em punho.

Se estivesse com o revólver na cintura como nos tempos de matador, a história certamente seria outra: dois tiros e dois cadáveres estirados no chão. Mas, como Florisvaldo acreditava, ele não estava desarmado, portava uma espada poderosa, a maior das armas: a Bíblia sagrada. E se tivesse a oportunidade, não a usaria para mandar seus algozes para o inferno, ao contrário, a empregaria para lhes anunciar o amor de Jesus Cristo.

As características do crime apontavam para uma execução, haja vista que os matadores não anunciaram assalto e nada foi roubado. A polícia suspeitou que a morte de Florisvaldo teria sido determinada por uma facção criminosa de São Paulo, entretanto as investigações jamais confirmaram essa tese e nunca desvendaram o assassinato. Muitos opinaram, dizendo tratar-se de vingança, mas

também não houve nenhuma confirmação quanto a isso. E, para tornar a elucidação do caso ainda mais difícil, foram encontradas no local do crime, cápsulas de pistola calibre 380 e de ponto 40, o mesmo utilizado pela Polícia Militar.

Afinal, quem matou Cabo Bruno?

Não há resposta.

Depois do falecimento de Florisvaldo, a família leiloou alguns de seus quadros para levantar recursos. O banqueiro Edemar Cid Ferreira, que também esteve preso em Tremembé, adquiriu vários deles.

Cabo Bruno foi considerado o maior justiceiro confesso da história do Brasil, mas, na verdade, ele queria ser lembrado apenas como Pastor Florisvaldo, prova do poder transformador de Deus.

PEREIRA LIMA: O MAIS TEMIDO DE TREMEMBÉ

"ELE LIDEROU A MAIOR REBELIÃO DO MUNDO"

Em 1908, em Ilha Anchieta, Ubatuba, litoral norte de São Paulo, foi inaugurada a Colônia Correcional. O projeto de construção do presídio, elaborado por Ramos de Azevedo, visava atender aos objetivos da reabilitação social e da reeducação dos presos, fazendo com que a arquitetura minimizasse a ideia de cárcere; a disposição dos pavilhões e ausência de muros apontavam para isso. Mas nem tudo ocorreu conforme o planejado. Para a mesma penitenciária, conhecida como "Alcatraz brasileira", a ditadura de Getúlio Vargas enviou vários presos políticos na década de 30. Já nos idos de 1950, havia mais de 450 presos no presídio que viviam em constante estado de animosidade, agravado pelas torturas físicas e psicológicas a que eram submetidos.

O clima tenso começou a mudar ainda na década de 50, com a chegada do criminoso Álvaro Farto, o Portuga. Formado em engenharia e muito hábil, ele logo organizou os presidiários, distribuindo funções e aplacando as disputas internas. Sob a influência de Portuga, os detentos aparentemente se tornaram mais cordiais e gentis e se aproximaram dos agentes carcerários e até mesmo das famílias que viviam na ilha. O clima de paz e de confiança era o ambiente ideal para o golpe. Na verdade, o objetivo de Portuga não era pacificar a ilha, mas sim arquitetar o que viria a ser a maior rebelião da história mundial que repercutiu em toda a imprensa internacional, pela violência e pela fuga cinematográfica empreendida pelos detentos. Para levar adiante seu plano, Portuga precisava contar com o apoio do preso mais temido da Ilha Anchieta: o homicida João Pereira Lima, o Pernambuco. Logo ao encontrá-lo, estabeleceram um acordo.

Tudo fora minuciosamente planejado por Portuga que, com a ajuda de Pernambuco e de outros detentos como Diabo Loiro e Sete Dedos, se organizaram para tomar o presídio, onde os guardas sequer usavam armas, pois o ambiente era aparentemente harmônico. Tanto que os familiares dos guardas e dos funcionários residiam na própria Ilha Anchieta e se misturavam aos presos.

Os dias seguiam tranquilos, até que, em 20 de junho de 1952, deflagrou-se a rebelião.

Tudo começou logo pela manhã, quando 110 presos foram encarregados de buscar lenha. Apenas dois soldados e dois guardas civis do presídio acompanharam os homens e o pior aconteceu: um dos soldados que seguia os presos acabou assassinado, o outro, dominado e amarrado em uma árvore, nada pôde fazer e o mesmo ocorreu com os dois guardas. Os presos prosseguiram com a sangrenta rebelião; mataram alguns agentes carcerários e tomaram a sala onde estavam as armas e se apossaram de revólveres, 8 rifles, 80 fuzis e farta munição.

Os amotinados invadiram todas as dependências do presídio, arrombando as portas dos pavilhões, das celas e libertando os detentos. Executaram alguns soldados e passaram a comandar toda a ilha. Os líderes da rebelião sabiam que, naquele mesmo dia, chegaria uma grande embarcação com mantimento, conhecida como Ubatubinha, e planejaram tomá-la para usar na fuga em massa.

Durante o motim, houve vários enfrentamentos com mortes para ambos os lados, inclusive com o assassinato do armeiro Otávio dos Santos, morto com tiros de fuzil disparados por Pereira Lima que assumiu o comando da rebelião, pois Portuga, com problemas cardíacos, teve um enfarto e veio a falecer enquanto fugia.

Ao se aproximar da ilha, a embarcação parou e os tripulantes viram alguns focos de incêndio e vários presos armados. Restou à tripulação do Ubatubinha retornar ao ponto de origem e alertar as autoridades que, diante da gravidade dos fatos, acionaram a Marinha, Exército e a Aeronáutica, além das forças policiais do Rio de Janeiro e de São Paulo, com o objetivo de conter a rebelião e a fuga de quase 500 prisioneiros, muitos de altíssima periculosidade. A ação de recaptura durou vários dias. Deslocaram-se para lá tropas, aviões, destroyers e canhões. A cena era de guerra.

A maioria dos fugitivos foi recapturada na Serra do Mar, nas regiões de Caraguatatuba, Ubatuba e Paraty. Apenas nessa ação, segundo dados não oficiais, 18 presos morreram nos confrontos.

Durante a batalha sangrenta, João Pereira Lima deu uma ordem a todos os presos:

— Se eu souber que alguma mulher ou criança foi maltratada, vou matar o autor da pouca vergonha com minhas próprias mãos. Nosso único objetivo é a fuga.

Sem poder usar o Ubatubinha, os presos utilizaram pequenos barcos, canoas e até botes na fuga. Superlotados, alguns barcos naufragaram e quem não sabia nadar morreu afogado. Além disso, muitos sucumbiram nos confrontos com as forças policiais. De acordo com os números oficiais, a rebelião causou 28 mortes, ceifando a vida de 18 presos, 8 policiais e 2 funcionários civis. Mas para inúmeros órgãos de imprensa e entidades esse número de baixas foi maquiado, visando a reduzir o impacto negativo que causaria ao governo brasileiro junto à comunidade internacional. O número de mortos teria sido acima de 100, entre bandidos e homens da lei, segundo reportagens da época.

João Pereira Lima sobreviveu, foi recapturado e julgado por comandar a rebelião. A imprensa internacional definiu o motim da Ilha Anchieta como a maior rebelião do mundo em toda a história do sistema carcerário do planeta.

Mário César de Assunção Moreira, atualmente funcionário no IRT, me contou que seus familiares moravam na Ilha Anchieta quando ocorreu a rebelião. O pai de Mário trabalhava no local como enfermeiro e dois de seus irmãos nasceram na ilha.

— As famílias viveram horas de extremo terror, eram corpos crivados de bala para todos os lados — relatou Mário.

***

Terminada a rebelião, para julgar os capturados e todos os envolvidos na revolta, montou-se uma grande estrutura judicial de acusação e defesa nas próprias dependências da ilha com juízes, promotores e advogados. Ao tomar conhecimento de que João Pereira Lima havia protegido os familiares dos guardas e funcionários, Javert de Andrade, na época, um jovem promotor de justiça, saiu em sua defesa, pedindo uma pena menor para ele. E ali nasceu a amizade deles.

O motim na Ilha Anchieta repercutiu na imprensa internacional e fez com que o Senado Federal abrisse uma CPI para investigar o caso. Nessa CPI, surgiu a proposta de construir o complexo prisional do Carandiru.

Em 1955, o presídio da Ilha Anchieta foi desativado e parte dos presos, transferida para Taubaté e para o IRT de Tremembé que

ainda era denominado Fazenda Modelo. A ilha, com as ruínas do presídio, tornou-se um ponto turístico.

Com a falência daquele modelo de presídio implantado na Ilha Anchieta, o então governador Adhemar de Barros determinou a construção do complexo do Carandiru, com base em outro modelo, que futuramente também se revelaria um grande desastre, haja vista o "massacre do Carandiru", ocorrido em 1992, com a morte de 111 presos e com sua consequente implosão anos depois.

Em 1961, Javert de Andrade, que se tornara um respeitado jurista, foi nomeado o primeiro diretor geral do Instituto Penal Agrícola de São José do Rio Preto e para lá transferiram justamente João Pereira Lima, pois Javert o considerava, àquela altura, um modelo de ressocialização. Javert de Andrade, que fora colega de faculdade de Ulisses Guimarães e do então governador Jânio Quadros, fez questão de apresentar, em um evento no presídio, João Pereira Lima a Jânio, afirmando que aquele homem, de passado violento, estava verdadeiramente ressocializado.

No entanto, Javert cometia um equívoco. No mês de agosto de 1961, pouco tempo depois de posar sorridente para fotos, ao lado do futuro Presidente da República e de ser parabenizado pelo político por sua conduta, João Pereira Lima novamente planejou fuga e enquanto se evadia daquele instituto penal, acabou baleando e matando um dos poucos homens que de fato acreditava nele e não medira esforços para defendê-lo. Alvejado por duas balas do revólver de João Pereira Lima, seu presidiário-modelo, Javert de Andrade sucumbiu. Como em Frankenstein, de Mary Shelley, o criador ficou frente a frente com a criatura para experimentar todo o seu ódio.

Javert, na época um visionário, implantou uma política moderna para o sistema prisional, promovendo a reintegração social dos presos por meio do trabalho e da convivência com os familiares. Devido ao novo modelo de cumprimento de pena, criado por Javert, o Estado de São Paulo tornou-se referência nacional naquela época. Lorival Gomes, ex-Secretário da Administração Penitenciária, ao falar sobre Javert, observou:

— Quando ingressei no sistema prisional paulista, já na década de 1970, diziam que devíamos seguir o exemplo do Dr. Javert de Andrade.

Quanto a João Pereira Lima, recapturado logo após o assassinato de Javert de Andrade, este teve de submeter-se novamente às agruras do presídio.

No início dos anos 80, Pernambuco, que fora notícia em todo mundo por liderar a maior e mais sangrenta rebelião da história, chegou a Tremembé para cumprir sua pena. Para muitos historiadores, João Pereira Lima foi o criminoso mais proeminente que já passou pelo IRT, até mais que outro personagem mítico, o justiceiro Cabo Bruno.

Na verdade, o presídio de Ilha Anchieta, a exemplo de outros, também revelou a enorme contradição do sistema prisional brasileiro. Projetado para ser um presídio inovador, um marco na ressocialização dos detentos, acabou se tornando um lugar de tortura e sofrimento para os prisioneiros.

Se é possível atribuir a vilania a uma cadeia, digo que o grande vilão da história foi o próprio presídio de Ilha Anchieta, cuja arquitetura, embora sugerisse respeito aos direitos humanos, encobria, sob o manto das boas intenções, todo seu sadismo. João Pereira Lima e outros, na minha modesta opinião, não passaram de coadjuvantes, de meras crias do próprio presídio e do sistema carcerário brasileiro, que de tanto serem massacrados, aprenderam a massacrar, história infelizmente repetida em pleno século XXI, nos inúmeros cadeiões e presídios espalhados pelo Brasil.

SERIAL KILLER DA BAIXADA

"ELE É BONZINHO, SÓ NÃO GOSTA DE CRIANCINHAS..."

Primeiro ele fazia amizade e se aproximava das famílias de suas vítimas e, depois de conquistar a confiança das crianças e de seus pais, as convidava para pescar. Com as vítimas, que tinham entre 5 e 12 anos sob o seu poder, amarrava suas mãos e pernas, em seguida, as jogava em rios e mangues fazendo com que morressem afogadas. *

Esse era o ritual maligno empregado meticulosamente pelo pedreiro Carlos Martins, 64 anos, o serial killer que levou o pânico à Baixada Santista entre 1995 e 2003.

Considerado um dos maiores assassinos em série do litoral de São Paulo, Carlos tem, no seu vasto currículo, a morte de oito crianças: 7 meninas e 1 menino, sendo uma dessas vítimas a própria enteada. De acordo com o delegado Niêmer Nunes Jr, Carlos é o responsável pela morte das crianças. **

Em razão dos crimes, Carlos foi submetido a dois julgamentos. O primeiro, em 2013, deu-se pelo assassinato da menina Fabiana. Na ocasião, condenado a 18 anos de prisão, ele logo se viu livre por força de um habeas corpus e ficou no aguardo da decisão de segunda instância; grande erro do Poder Judiciário ao liberar Carlos, que continuou matando. No segundo julgamento, que ocorreu em 2017, o Tribunal do Júri o condenou a 30 anos, entre outras, pelas mortes de Priscila Elias e das meninas Nathaly e Najila, levadas da frente de suas casas no Natal de 2013 e transformadas em cadáveres. Porém, depois do segundo julgamento, Carlos não se viu livre como da vez anterior, mesmo assim, teve a sorte de não ser levado a um presídio comum onde não sobreviveria. Por tratar-se de um crime de grande repercussão, foi conduzido ao presídio de Tremembé, estabelecendo-se no pavilhão II.

As investigações de outras eventuais vítimas do maníaco ainda se encontram em curso. Alguns corpos nunca foram encontrados, embora tudo aponte o psicopata como o provável autor dos crimes. "Ele, em alguns depoimentos, admitia os assassinatos, em outros, negava, demonstrando confusão mental".

*G1 Santos – 09/12/2015 **R7 – 10/08/2017

No meu primeiro mês em Tremembé, eu buscava participar de todas as atividades para interagir com os outros presos. Na igreja construída por Cabo Bruno, aconteciam cultos das mais variadas denominações evangélicas e as missas da igreja católica. Curioso, fui assistir a um culto da Igreja Evangélica Pentecostal Sarça Ardente e vi no púlpito, com o microfone na mão, um homem branco, alto, aparentando cerca de 60 anos que, com eloquência, fazia a pregação, demonstrando ser bastante fervoroso. No dia seguinte, perguntei aos colegas o motivo da prisão de Carlos e fiquei estupefato ao saber que aquele senhor era o serial killer da baixada, maníaco acusado do homicídio de oito crianças. Como nunca, o ditado popular: "quem vê cara não vê coração" fez tanto sentido para mim. Mesmo assim, não relutei em me aproximar de Carlos que, sem criar obstáculos, narrou sua história.

Ele nasceu em de 1952. Seu pai era angolano. Entre os 9 e 17 anos, morou em Suzano, na grande São Paulo, onde estudou e conheceu alguns jovens de descendência alemã e, tamanha foi a amizade com eles, que a família dos amigos o convidou para estudar na Alemanha. Para tanto, não precisaria pagar nada, porém seu pai, muito rígido, vetou seu projeto.

Aos 15 anos, Carlos jogou no time juvenil do São Paulo como ponta esquerda, tendo atuado também no time de futsal do Palmeiras. Mas não vingou no futebol, além de ser forçado a abortar o sonho de cursar filosofia em razão de problemas financeiros. Foi hippie e chegou a participar dos movimentos estudantis da década de 70. Aos 18 anos, serviu o Exército no Batalhão de Guerra do Parque Dom Pedro e lá permaneceu um ano e meio. Aos 23, se casou com Heloísa; com ela teve 2 filhos e morou com a família no bairro de Jabaquara, São Paulo.

Num bate-papo, Carlos me disse que se pudesse voltar no tempo, teria desobedecido a seu pai e ido para a Alemanha estudar com os amigos.

— Minha vida teria outro roteiro, eu não estaria aqui preso — vaticinou.

Ao ouvi-lo, pensei que se ele fosse para a Alemanha, o roteiro de sua vida poderia ter sido até mesmo pior, pois é sabido que a mudança de lugar não altera o que vai na alma das pessoas, mas nada falei.

Em Tremembé, ele trabalhava, frequenta um culto evangélico e faz alguns cursos, mas é bastante introspectivo e de poucuíssimos amigos. Vez ou outra vai para o banho de sol e fica lendo a Bíblia ou fazendo caminhada.

Quando o questionei sobre os assassinatos das crianças, ele desconversou; depois me disse, sem convicção, que é inocente.

— Olhando Carlos, ele até parece um bom sujeito. Se não me falassem, nunca poderia imaginar que ele matou oito crianças — comentei certa ocasião, com um colega.

E ele me respondeu bastante sério:

— É mesmo, o Carlos é bonzinho, só não gosta de criancinha...

— Você acha? — estendi a conversa, pensando tratar-se de uma ironia do meu interlocutor.

Só depois caiu a minha ficha e me dei conta de que o sujeito com quem conversava a respeito de Carlos também era um homem acusado de assassinar duas crianças. Tratei de inventar uma desculpa, encerrei a conversa por ali e fui para o fundo do pavilhão.

— Oras bolas: é bonzinho, só não gosta de criancinha... Onde já se viu? — fiquei pensando com os meus botões.

O MANÍACO DA MACHADINHA

— O tio estava me enforcando! — afirmou uma criança que, se não fosse socorrida, teria sido a primeira vítima fatal do psicopata Jonathan Lopes de Santana. O menino, primo de Jonathan, não foi assassinado naquela festa de casamento porque um dos convidados viu a cena e correu para avisar a mãe do garoto que seu filho estava sendo estrangulado.

— Eu só estava socorrendo o garoto, ele caiu e se machucou sozinho — justificou-se Jonathan para a mãe do menino, ainda com a criança no colo. *

Levaram imediatamente a criança ao hospital e lá identificaram marcas de estrangulamento em seu pescoço. A mãe só acreditou, de fato, que seu filho correu risco de morte quando, tempos depois, viu na televisão Jonathan sendo preso.

O que levaria Jonathan, jovem aparentemente calmo e de boa índole, a tornar-se um dos assassinos mais cruéis de que se teve notícia?

***

Muito ligado à família, Jonathan também era querido pelos vizinhos por ser educado e gentil, apesar de introspectivo. Filho de um pedreiro e de uma ajudante geral, ele teve uma infância sem sobressaltos.

— Jonathan sempre foi prestativo. Ajudou a fazer nosso campinho de futebol onde jogávamos bola. Ajudava os idosos e até salvou uma coruja que ficou presa nos fios de alta tensão da nossa rua. Nunca manifestou sinais de psicopatia — revelou um vizinho que cresceu com Jonathan. **

— Ele era uma pessoa normal — resumiu um colega.

Na casa onde morava com os pais e o irmão, Jonathan jamais deu qualquer pista de que um dia poderia transformar-se num psicopata assassino. Ele também ajudava nos afazeres de casa e gostava de animais.

— O Jonathan ajudava a carregar meu filho no colo até a ambulância, pois ele não podia andar e ia frequentemente ao hospital — disse o aposentado Jonas Versolino, de 86 anos, também vizinho.

*Veja -04/12/2017 **Estadão – 05/12/2014

Tudo corria dentro da normalidade na vida do rapaz, sujeito simples, humilde e bem quisto por todos, mas sua vida sofreria uma grande reviravolta.

Como tudo indica, o fato que desencadeou o surto psicótico ocorreu na estação de trem na vizinha cidade de Poá, onde Jonathan trabalhava como segurança. Ele estava no banheiro quando um colega de trabalho, Diego, abriu a porta à força, deixando-o numa situação vexatória diante dos outros funcionários. Por não suportar a vergonha, Jonathan pediu demissão e a partir daí se trancou em sua casa, na Rua Palestina, em Mogi das Cruzes-SP.

Depressivo, passou a fumar maconha, tatuou uma machadinha no braço e passava o dia assistindo a vídeos de decapitações executadas pelo grupo Estado Islâmico.

Seu sonho de trabalhar como segurança foi interrompido pelo fato constrangedor que o levou a sair do emprego tão almejado.

Tido como calmo, correto e trabalhador, transformou-se, de repente, em um matador cruel. Um de seus primeiros atos depois da mudança de personalidade foi tatuar os nomes dos pais e do irmão em seu corpo, demonstrando, apesar do desequilíbrio, devoção à família. Sua meta, que era levar uma vida normal como a maioria das pessoas, tornou-se bastante sanguinária depois da transformação: passou a cultivar o desejo de assassinar 36 pessoas, como determinavam as "vozes" que o atormentavam. Este número de vítimas também foi tatuado em sua perna.* Posteriormente, Jonathan viria a me contar, bastante transtornado, que se não cumprisse as ordens determinadas pelas "vozes", seria morto por elas.

Quando Jonathan esteve preso comigo, também fiquei sabendo que ele comprara a machadinha dois anos antes do primeiro surto, com o propósito de se defender. Ele guardava o objeto em seu guarda-roupa junto com uma faca de cozinha, tudo sem conhecimento dos pais. Desde então, já dava pequenos sinais de desequilíbrio, imperceptíveis para quem convivia com ele.

***

O episódio em que Jonathan tentara sufocar a criança durante uma festa de casamento não seria um fato isolado, ele não dera cabo do pequeno como desejava, mas não iria desistir da carreira de assassino. Protagonista de várias tragédias, sua história dantesca começou no dia 29 de novembro de 2014, em Mogi das Cruzes, quando ele matou e decapitou Flávia Aparecida de Paula Honório, na época com 38 anos. Depois de atingir a cabeça da vítima com a machadinha, ele usou uma faca para completar a carnificina. De acordo com a polícia, Flávia fumava *crack* em uma casa abandonada, no bairro de Brás Cubas, quando se viu frente a frente com o maníaco.

Diário do Alto Tietê – 21/06/2016

Em outra ocasião, Jonathan atacou um guardador de carros que, mesmo ferido, sobreviveu. Porém, o serial killer, não se dando por vencido, continuou espalhando pânico não só no município de Mogi, mas em toda a região do Alto Tietê numa sequência de vários assassinatos, sempre usando seu método diabólico: golpes de machadinha na cabeça de suas vítimas seguidos por facadas.

No dia 1º de dezembro do mesmo ano, ele atacou dois moradores de rua no bairro Mogilar. Um deles foi esfaqueado e queimado, vindo a falecer. O outro, levado ao hospital em estado grave, sobreviveu. Ele disse à polícia que não conseguiu ver o rosto do agressor.

Posteriormente, quando já estava preso, seguindo uma lógica macabra, Jonathan viria a expor o motivo de decapitar moradores de rua e usuários de drogas:

— Eles não pagavam impostos, não se integravam ao sistema, eram inúteis. Como eu tinha de matar, escolhi os que não fariam falta, como os mendigos e drogados — disse.

Dando continuidade à saga homicida, no dia 2 de dezembro, Jonathan atacou mais uma vítima, na cidade de Poá. Kelly Caldeira da Silva viu o assassino e correu para se proteger, mas ele a alcançou e, como fizera com outras vítimas, acertou-lhe a cabeça com a machadinha e logo em seguida esfaqueou e decapitou a moradora de rua.*

No dia seguinte, às 6 da manhã, outro morador de rua foi encontrado morto em Mogi das Cruzes; ele teve a cabeça separada do corpo. Carlos Cesar de Araújo, de 34 anos, não conseguiu reagir à fúria assassina de Jonathan. No mesmo dia, ele faria outras vítimas. A dona de casa Maria Aparecida do Nascimento, 46 anos, fazia sua caminhada matinal pelas ruas calmas de seu bairro quando foi perseguida até sofrer a agressão do criminoso com uma "machadada" na cabeça, caindo desacordada. Seguindo seu "modus operandi",

G1 – Mogi -03/12/2015

decapitou aquela senhora, que destoava das características da maioria das suas primeiras vítimas: mendigos e usuários de crack. Ainda no fatídico dia, o maníaco da machadinha também atacou mortalmente Maria do Rosário Coentro do Amaral, que estava a caminho do trabalho, sua terceira vítima em menos de duas horas. Maria também foi degolada em uma rua de Mogi das Cruzes.

Àquela altura, Jonathan já tinha abandonado a missão sombria de matar apenas drogados e mendigos e então deixou de selecionar suas vítimas que passaram a ser escolhidas de forma aleatória. Isso apontava para o fato de que todos os moradores do Alto Tietê corriam risco de morte.

Além dos seis assassinatos, Jonathan ainda atacou mais três pessoas em Mogi. Entre elas, o morador de rua, Geovane Ribeiro dos Santos, de 19 anos. Ele dormia sob uma marquise num domingo e o maníaco o surpreendeu, dando três machadadas em sua cabeça. Um colega que dormia ao lado da presa de Jonathan acordou, assustando o maníaco, que fugiu sem dar cabo do mendigo. Conduzido ao hospital, Geovane sobreviveu apesar dos fortes golpes recebidos na parte de trás da cabeça.

A polícia conseguiu interromper e evitar que o massacre continuasse depois que um morador de Mogi das Cruzes, o vigia Claudio dos Santos, presenciou o último crime de Jonathan e anotou a placa do seu carro, um Astra verde. Ele passou a informação às autoridades que, ao localizarem o endereço do psicopata, foram imediatamente à sua casa. Chegando ao local, os policiais detiveram Jonathan que tentou negar a autoria dos crimes, mas a presença de sangue em suas roupas e no carro, além da machadinha e da faca, também com marcas de sangue, o denunciaram e ele acabou preso em flagrante.

Imagens de câmeras de segurança registraram alguns ataques mortais de Jonathan que, confrontado com as evidências, confessou ser ele o autor dos crimes.

Segundo o então delegado seccional de Mogi das Cruzes, Marcos Batalha, Jonathan desenhara a machadinha no braço com uma lâmina de barbear, inspirado no grupo Estado Islâmico. Para Batalha, quando o maníaco fazia as decapitações, seguia o ritual macabro dos radicais islâmicos.

Em outro depoimento à polícia, Jonathan afirmou que tinha um pacto com o demônio.*

**O Diário de Mogi-TV Diário*

— Ele foi acometido de um surto psicótico. Quando preso, seu quadro psiquiátrico era precário — disse o delegado Luiz Roberto Biló.

Um laudo psiquiátrico realizado meses depois, considerou Jonathan inimputável, ou seja, não poderia responder por seus atos.

Depois de preso, o jovem foi transferido para Tremembé onde, de modo surpreendente, declarou para o espanto dos policiais, que o escoltavam:

— Ainda bem que vocês me prenderam, agora estou tranquilo, não ouço mais as vozes na minha cabeça. Se eu estivesse na rua, estaria matando até hoje. Espero que as vozes não me perturbem mais. *

Em Tremembé, Jonathan protagonizou tentativas frustradas de suicídio, cortando os pulsos. Passados dois anos, transferiram-no para Pinheiros III, presídio em que o conheci e convivi com ele por algumas semanas.

***

Ao chegar no presídio de Pinheiros III, onde estive temporariamente, depois de me acomodar na cela saí para o pátio, cercado por muralhas enormes; queria espairecer batendo papo com outros presos, na maioria ex-policiais, advogados e profissionais liberais. Ao longe, vi um jovem muito magro e quieto, sentado em uma escada. Aproximei-me dele e puxei conversa. Tímido, falando muito baixo, o rapaz me contou sobre o cotidiano daquele lugar. Como disse, naquele raio específico, não havia integrantes de facções criminosas nem atos de violência, pois ali havia uma população carcerária semelhante à de Tremembé.

Chamou-me a atenção a simplicidade daquele rapaz tão dócil que aparentava não ter mais de 20 anos. Durante a nossa conversa, ele se mostrava sonolento e às vezes, meio confuso. Imaginei que estivesse preso por uma briga ou outro delito menor, pois seria inimaginável que um menino raquítico, gentil e de aparência tão frágil, pudesse ter feito mal a alguém.

Contudo, tamanha a minha surpresa quando perguntei por que estava preso e ele, com cara de bonzinho, me respondeu como se falasse de algo sem importância.

**Veja 05/12/2014*

— Eu matei seis pessoas, arranquei a cabeça de quatro delas, aí a polícia me prendeu.

Estupefato, arregalei os olhos, me levantei e, incrédulo, pedi para que ele deixasse de brincadeira e me contasse o real motivo de sua prisão. Aí Jonathan foi mais enfático.

— Eu ouvia vozes que me mandavam matar, aí eu peguei uma machadinha e uma faca e obedeci às ordens. Eu assassinei seis pessoas, por isso estou aqui preso. E olha que eu deveria ter matado 36!

Não estou mentindo, o número 36 está tatuado na minha perna. Quer ver?

Como poderia imaginar que aquele garoto mirrado era o maníaco da machadinha? Depois de confirmar a história com outros presos, pensei:

— Caramba! Ele poderia ter agarrado em meu pescoço e sabe-se lá se eu seria sua sétima vítima.

Para minha sorte, Jonathan sempre se mostrou bastante cordato.

Ele revelou que também esteve preso em Tremembé e era amigo de Gil Rugai e de outros presos com quem frequentava as missas no IRT. Conversando um pouco mais com Jonathan, percebi que apesar dos problemas psiquiátricos, tratava-se de um rapaz cheio de sonhos, com um senso de solidariedade imenso.

Por incrível que pareça, posteriormente Gil Rugai viria a me revelar que Jonathan era extremamente caridoso. Tudo que recebia de seus familiares distribuía aos presos que não tinham visita e ficava sem nada. Jonathan me contou que tinha o desejo de cursar faculdade de Educação Física, além de casar e ter filhos. Até tinha escolhido os nomes: Milena e Jhonny.

— Tenho saudades do meu irmão Jones e me arrependo muito por tudo isso ter acontecido. Eu não queria que minha família passasse por isso, eles não merecem — lamentava, sempre de olhos arregalados e com um estranho sorriso no rosto.

Segundo Jonathan, um de seus tios, Arnaldo, possuía sérios problemas psiquiátricos.

— Ele era perturbado, permaneceu louco por muito tempo e faleceu aos 57 anos.

Analisando sua própria conduta, Jonathan observou que a causa do seu surto psicótico foi o stress no trabalho, provocado pelo desentendimento com um colega que o constrangeu, mas não descartou o fato de sua doença ser hereditária, haja vista as crises do tio.

A meu ver, ele sempre fora portador da patologia de caráter hereditário, mas, em estado latente, a doença não se manifestara durante certo período de sua vida e seus pais, pessoas simples e desprovidas de recursos, não se atentaram para isso e sequer tinham condições financeiras para bancar o tratamento do rapaz. Como creio, o episódio em que Diego abriu a porta do banheiro, submetendo Jonathan àquela situação de vexame, apenas trouxe à tona o distúrbio. Se não fosse isso, a qualquer momento outro fato dispararia o gatilho.

O mais espantoso de tudo é que dois anos antes de Jonathan cometer o primeiro assassinato, ele já tinha comprado a machadinha e a faca que espalhariam o terror na região do Alto Tietê.

Às vezes, chego à conclusão, talvez precipitada, de que se está mais seguro trancafiado na cadeia. Do outro lado dos muros do presídio, as pessoas andam livres e nem sequer imaginam que muitos sujeitos, aparentemente bons, guardam machadinhas e outros apetrechos em seus armários e quando surtam, pegam as armas, as escondem embaixo do casaco e saem por aí, ávidos pelo sangue de suas vítimas.

ESSES HOMENS PODEM SER INOCENTES

SOLUCIONA-SE UM CRIME COMETENDO OUTROS CRIMES?

"Olho por olho e o mundo acabará cego".
Mahatma Gandhi

Em junho de 2018 o Brasil ficou chocado com o sequestro e morte brutal da menina Vitória Gabriely, de apenas 12 anos, na cidade de Araçariguama, interior de São Paulo. A retumbante repercussão do crime, que causou repulsa na opinião pública, obrigou as autoridades a agir de forma rápida para esclarecer o bárbaro homicídio. Como o ditado popular é certo, a pressa é inimiga da perfeição. A polícia prendeu três suspeitos: Júlio Cesar Ergesse, Bruno Marcel de Oliveira e sua esposa, Mayara Borges. Júlio Cesar foi quem acusou o casal de envolvimento no crime. Alguns jornalistas desconfiaram das frágeis investigações e exigiram provas e mais transparência por parte da polícia.

— Não vão nos colocar goela abaixo essa investigação. Cadê as provas? Faro de cachorro agora é prova? — cobrou Luiz Bacci, da TV Record. Nem mesmo a mãe de Vitória acreditava no rumo das investigações policiais.

Presos, Júlio e Bruno foram levados a Tremembé e Mayara para o presídio feminino na mesma cidade. Com o esfriamento do caso na imprensa, parecia que o inquérito policial permaneceria daquele jeito, até que no início de agosto do mesmo ano, procurei Júlio Cesar que estava comigo no mesmo pavilhão I, para entrevistá-lo para esse livro sobre a morte da menina.

Tremembé é o presídio mais seguro de São Paulo, onde não existe facção criminosa e nenhum tipo de violência. O controle é absolutamente do Estado. Em virtude disso, Júlio sentiu-se seguro para relatar a história e de forma bombástica, revelou:

— O Bruno e a Mayara são totalmente inocentes, eles nunca estiveram com a Vitória, tudo o que eu falei na delegacia é mentira e foi dito mediante torturas!

Atônito com as "confissões" de Júlio, excluindo o casal da cena do crime, perguntei a ele se teria coragem de revelar aqueles fatos ao Ministério Público e à imprensa.

— É o que mais quero fazer, mas até hoje ninguém da justiça e nenhum advogado apareceu aqui para eu fazer isso — garantiu.

Então, sugeri a ele para que fizesse todos aqueles relatos de próprio punho, na presença de testemunhas que atestassem que ele estava agindo de livre e espontânea vontade. Ele topou na hora. Não perdi tempo e convidei dois advogados que também estão em Tremembé e levei papel e caneta para ele que, em quatro páginas demoliu as frágeis teses e acusações da polícia contra Bruno e Mayara. Além dessa declaração escrita por Júlio, também lhe fiz algumas perguntas que ele, de próprio punho, respondeu com segurança e convicção. Também solicitei aos advogados para escreverem uma declaração confirmando terem presenciado Júlio agir espontaneamente. Em seguida, escrevi uma longa carta que anexei aos manuscritos de Júlio e dos advogados e enviei à órgãos de imprensa e ao advogado de Bruno.

Três dias depois, após confirmar a veracidade dos relatos, a TV Record levou o caso ao ar com a legenda: Carta bomba inocenta Bruno e Mayara! Outros meios de comunicação também divulgaram as confissões de Júlio. A forte repercussão do caso foi imediata, pois tanto Júlio quanto Bruno, que também entrevistei, acusaram a polícia por práticas de tortura. Observo que os dois estavam incomunicáveis em Tremembé. A desconfiança inicial da imprensa se materializou. Inocentes estavam presos e os verdadeiros assassinos em liberdade. A polícia precisava se explicar. "Fiquei chocada e estarrecida com a declaração da polícia de que o caso estava solucionado. Tem muitas lacunas, protestou a mãe de Vitória".*

As investigações diziam que Bruno e Mayara usaram seu carro para sequestrar Vitória. Mas naquele dia esse veículo estava em uma mecânica, o que foi confirmado pelo dono da oficina. Todas as testemunhas afirmaram que o casal estava em casa no dia do desaparecimento de Vitória e todas as perícias os excluíram da cena do crime. Um detalhe merece registro: logo que Júlio fez as revelações por escrito inocentando o casal, eu fui até o pavilhão II conhecer, entrevistar e informar ao Bruno que Júlio havia retirado as denúncias feitas contra ele. Ao ouvir o relato, Bruno chorou.

— Obrigado Deus, muito obrigado. Eu sabia que o senhor não me abandonaria, glória a Deus!

**Agora/ Folha SP- 05/07/2018*

Até mesmo os funcionários mais experientes que assistiram àquela cena foram enfáticos:

— Essa não é a reação de quem seria culpado.

Após comunicar a imprensa, informei aos principais órgãos de direitos humanos enviando cópias das declarações de Júlio e entrevistas realizadas com Bruno com as graves denúncias de afronta aos direitos humanos, também informando que Bruno estava com duas costelas fraturadas e visível afundamento no crânio.

Até dezembro de 2018, mesmo sem provas, Bruno e Mayara continuavam presos.

Agora, espera-se que a justiça faça justiça e não condene inocentes.

NOTA: Após a publicação da 1ª impressão, fatos novos levaram o autor a modificar o título desse capítulo.

NÃO SOU O VAL DA CIDA, SOU APENAS O VAL...

Depois de participar de um culto na Igreja Assembléia de Deus, Everaldo de Jesus Santos, 53 anos, como sempre, estava em sua casa. Era 16 de outubro de 2017 e, por volta das duas horas da madrugada, para a sua surpresa, quatro bandidos armados entraram em sua casa, na Rua Manoel da Paixão, na Favela Lapenna, São Miguel Paulista, Zona Leste de São Paulo.

Everaldo, sem passagem pela polícia, agredido por um dos criminosos que utilizava um soco inglês, foi conduzido até um carro vermelho, com as mãos amarradas. Os criminosos seguiram para um barraco, na favela Queralux, próximo ao Parque Ecológico do Tietê. Chegando ao local, se deparou com Marcelo Pereira de Souza, acusado pelos bandidos de ser, junto com Everaldo, um dos autores dos estupros e mortes das meninas Beatriz Moreira e Adrielli Porto, ambas de 3 anos. Foi naquele dia que Everaldo conheceu Marcelo.

O crime bárbaro chocou o país no dia 12 de outubro de 2017, quando as crianças foram encontradas já em estado avançado de decomposição em uma picape Fiorino, na favela Lapenna. As meninas haviam desaparecido no dia 24 do mês anterior e a polícia, pressionada, não mediria esforços para esclarecer os crimes — os esclareceria a todo custo, mesmo que lhe faltassem provas e qualquer Valdo ou Zé da Silva se enquadrasse bem no papel de assassino.

De início, a polícia não tinha nenhum indício da autoria dos crimes. A necropsia não teve condições de determinar a "causa mortis".* A certidão de óbito das crianças apontou a causa da morte como indeterminada.**

A presença de dezenas de policiais e da imprensa, que tomou conta da favela após a localização dos corpos, causou enorme prejuízo aos traficantes, cujas atividades foram paralisadas e por isso decidiram agir por conta própria: o tribunal do crime entraria em ação.

Quando ainda estava sozinho no cativeiro, Marcelo sugeriu aos traficantes, empenhados em cheirar cocaína e beber cerveja, que o Val da Cida, também morador da Rua Manoel da Paixão, poderia ter sido o autor dos crimes contra as meninas. Aí a confusão foi geral. Ao chegarem à rua para buscar o "Val da Cida", os bandidos perguntavam

*R7-24/10/2017 **G1- 20/10/2017

apenas onde morava o Val e assim foram parar, equivocadamente, na casa de Everaldo, também conhecido, na vizinhança, como Val. Constatou-se depois que "Val da Cida" fugiu da favela após o crime e nunca fora investigado de fato pela polícia. Não estou afirmando que o "Val da Cida" é culpado ou inocente, as investigações devem ficar por conta da polícia e MP.

Como Everaldo viria a me relatar em Tremembé, no cativeiro, apesar de violentamente torturado, negava os crimes e pedia pelo amor de Deus para continuar vivo. Mesmo sangrando e com vários ossos quebrados, ele jamais admitiu participação nos crimes.

Às nove horas da manhã do dia 17 de outubro de 2017, a polícia militar, acionada pelos moradores, chegou ao cativeiro e libertou os dois reféns, imediatamente levados ao hospital de Ermelino Matarazzo e, em seguida, ao 62º DP. Àquela altura, os bandidos já tinham fugido, mas as agruras de Everaldo estavam apenas começando.

À noite, ele e Marcelo, conduzidos ao DHPP (Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa), foram interrogados pela delegada Ana Paula Rodrigues e negaram o crime. Everaldo, muito machucado, pediu para ser submetido a exame de DNA e se ofereceu para fornecer suas digitais e amostras de sangue.

Depois de passarem por maus bocados, foram dispensados com uma intimação para retornarem ao DHPP no dia 20 do mesmo mês.

Entretanto, no dia marcado, Everaldo, na companhia de sua filha, se arrumava para se apresentar na delegacia quando policiais do DHPP invadiram sua casa e o levaram abruptamente no chiqueirinho da viatura. No DHPP, novamente interrogado, mais uma vez negou qualquer participação nos crimes.

O jornalista Percival de Souza, da TV Record, se mostrou um crítico contumaz da postura da polícia , sobretudo pelo modo como a DHPP conduziu o caso.

— O DHPP convocou a imprensa para apresentar os supostos criminosos que, segundo a polícia, eram os torturados resgatados num barraco. Essa apresentação significou que a DHPP ratificava o que fora feito pelos algozes de ambos, traficantes ligados a uma facção do crime.* Tradução: os criminosos investigaram e condenaram Marcelo e Everaldo, a polícia acatou o veredicto dos delinquentes e

*R7- 24/10/2017

e assinou embaixo. É a legitimação do tribunal do crime corroborada pelo MP?

Percival ainda escreveu que, na entrevista coletiva da apresentação do caso, tido como "esclarecido", a diretora do DHPP, Elisabete Sato, estava irritadiça com a imprensa que tecia críticas pelo "esclarecimento relâmpago" do caso sem apresentar absolutamente nenhuma prova pericial, testemunha, vídeos.

— A investigação, que é um "quebra cabeça", tem um tempo próprio (para conclusão) que não é o tempo dos senhores (jornalistas) — disse Sato, num desconchavo total. Ainda de acordo com Percival de Souza, a entrevista terminou subitamente com a delegada se levantando e indo embora, como se dissesse: "Basta!"

Detalhe: a esposa de Marcelo Pereira teria dito à polícia que o marido teria confessado a autoria dos crimes para ela, o que levou a delegada a indiciar Marcelo e Everaldo. Se a mulher inicialmente acusou apenas Marcelo, sem jamais ter citado Everaldo, por que então indiciou os dois? Não havia e não há provas para manter as prisões.

Em Tremembé, Marcelo disse que sua mulher foi pressionada e ameaçada por policiais para incriminá-lo a fim de encerrar o caso.

Como observou, depois de indiciados, levaram-nos para o 77º DP (Santa Cecília) e lá, ele e Everaldo ficaram presos por 30 dias e depois acabaram transferidos para o 2º DP, no Bom Retiro, onde foram hostilizados.

— Um carcereiro jogou minha Bíblia no chão e disse que ia dar tiro na minha cara — revelaria Everaldo, que mesmo passados vários meses do ocorrido, ainda é traumatizado e chora ao se lembrar das humilhações e da violência que sofreu.

Alan Porto, pai da menina Adrielli, a Mel, que conhecia os acusados, não parecia convencido da culpa deles e surpreendeu a todos, pedindo prudência à polícia.

— Eu acredito que, quando chegarem os laudos (periciais) vamos saber quem são os culpados.

Mesmo arrasado pela trágica perda da filha, Alan foi contundente e sensato ao afirmar:

— Se for para (a polícia) dizer (acusar) aleatoriamente, sem respaldo (provas), é melhor não falar — disse Alan, à imprensa.

Na noite de 28 de outubro de 2017, Everaldo e Marcelo chegaram a Tremembé e foram recepcionados com hostilidade, mas sem agressões.

Na manhã seguinte, fui ao R.O. conversar com eles, pois, como a maioria das pessoas, me chamou a atenção a atuação da polícia e a participação de criminosos nas acusações feitas contra os dois — além de as investigações não terem apresentado nenhuma prova técnica, de acordo com reportagem de Walace Lara, da TV Globo.*

Como Marcelo e Everaldo disseram, eles avisaram a polícia que o "Val", suposto assassino de Mel e Bia, era o Val da Cida e não Everaldo, também conhecido como Val. Os policiais foram à favela atrás do Val da Cida, mas ele já tinha fugido.

Mesmo sem absolutamente nenhuma prova ou indício sólido de que Everaldo houvesse participado do crime, a polícia e o MP pediram e a Justiça determinou sua prisão. A justiça, induzida a erro, não ouviu nenhuma testemunha de acusação nem levou em conta a perícia, apenas se baseou nos frágeis boletins de ocorrência, no inquérito policial feito às pressas e nos "decretos" do tribunal do crime.

O mais estarrecedor ainda estava por vir. Em novembro de 2018 a Justiça determinou que Everaldo vá a júri popular!

Sem meios termos, qualquer criança sabe que Everaldo é inocente. Quanto a Marcelo, que já esteve preso anos atrás por crime semelhante e alega inocência, diz ter confessado o crime sob tortura. Não tenho elementos para afirmar se ele é culpado ou inocente. Porém, um fato é inquestionável: segundo a imprensa, não existem provas técnicas que liguem Marcelo a este crime.

Sou pai de duas filhas pequenas e imagino a dor das famílias que perderam suas crianças. Mas não posso compactuar com injustiça. No Estado Democrático de Direito, temos que defender a legalidade.

***

Quando Everaldo, ainda jovem, deixou a cidade de Santo Amaro da Purificação, na Bahia, para, como milhares de nordestinos, buscar uma vida melhor na cidade grande, sabia das dificuldades, mas jamais imaginou que, por ser pobre, negro e favelado, apesar de trabalhador e honesto, seria usado pela polícia para que o Estado e seus governantes dessem uma rápida resposta à opinião pública, acusando-o de um crime terrível que não cometeu e jogando-o no fundo de uma prisão.

**G1-30/10/2017*

***

As prisões de Everaldo, Bruno e Mayara (e outros Brasil afora) revelam que indiciar e prender inocentes, sobretudo negros e pobres, infelizmente não é uma exceção para as polícias brasileiras, é praticamente a regra. Isso ocorre pelo despreparo, falta de estrutura, de treinamento, de equipamentos e de comando nas forças policiais.

No nosso país, em pleno século XXI, as confissões ainda são obtidas nos porões das delegacias sob o pau de arara, choques, afogamento simulado e terror psicológico, tudo sob a bênção das autoridades e complacência da sociedade. Em matéria de segurança pública, vivemos a banalização do absurdo, os expedientes utilizados, em descompasso com as leis, são próprios dos Estados totalitários. Infelizmente o drama de um acusado sem provas que acaba sendo morto por agentes da Justiça, magistralmente retratado por Franz Kafka no livro *O Processo,* ainda é bastante atual.

***

Durante o enterro das meninas Mel e Bia, chegou a informação de que a polícia havia prendido os suspeitos. Houve comoção e balbúrdia com dezenas de pessoas gritando: "justiça" e "pena de morte".* Felizmente, no Brasil, ao menos em regra, oficialmente não existe pena de morte. Se fosse diferente, quantos Josés da Silva, Severinos dos Santos e Everaldos seriam injustamente assassinados pelo Estado brasileiro com ampla cobertura dos canais de televisão?

Sendo a imprensa o oxigênio da democracia, a busca incessante pela verdade e a defesa veemente da ética deveriam ser "cláusulas pétreas" em todos manuais de redação e nas consciências

**Folha de SP -20/10/201*

dos jornalistas que deveriam, sempre, desconfiar das "versões oficiais". Os "Everaldos" do Brasil só tem duas esperanças: os bravos jornalistas que não se acovardam e os magistrados que jamais quebram seus juramentos.

Em contra ponto, as polícias civil e militar de Mogi das Cruzes elucidaram o desaparecimento e morte da jovem Rayane Paulino Alves, de 16 anos, ocorrido em outubro de 2018. Num curtíssimo prazo, através de uma investigação técnica, eficiente e precisa, as autoridades identificaram e prenderam o assassino confesso, Michel Flor da Silva, sem disparar um único tiro, sem torturar suspeitos, forjar provas, fraudar perícias ou acusar inocentes.

O exímio e elogiável trabalho dos delegados Eduardo Boigues, Rubens José Angelo e do capitão Galvão, da PM de Guararema, e suas competentes equipes que atuaram na estrita legalidade e em sintonia, levou para a prisão o homicida confesso que responderá por estupro e homicídio qualificado.

Felizmente, há muitos Walaces Laras, Murícios Ferraz, Robertos Cabrinis, Cacos Barcellos, Valmir Salaros, Rogérios Pagnans, Reinaldos Azevedos, Faustos Macedos, Marcelos Moreiras, Marcelos Sakates, Luiz Carlos Azenhas e mais um exército de excepcionais jornalistas que tem a ética como escudo.

VAI MORRER!

Uh! Vai morrer!
Uh! Vai morrer!

Essa era uma das frases que os presos de Tremembé vociferavam na noite de 28 de novembro de 2017. Estavam chegando os dois homens acusados de estuprar e assassinar as meninas Mel e Bia no bairro São Miguel, zona leste de São Paulo.

Geralmente, essa é a recepção aos estupradores e assassinos de criança nas prisões, pois nem mesmo os criminosos perdoam este tipo de crime.

É uma tortura psicológica brutal que os recém-chegados, culpados ou inocentes, sofrem no primeiro dia. Eles mal conseguem dormir na primeira noite, tamanha a apreensão e estado de terror.

Entretanto, muitos dos presos que gritam "vai morrer", tiveram a mesma hostil recepção, pois também estão cumprindo pena por estupro, infanticídio, pedofilia... Nos dias seguintes os novatos já estavam integrados à população carcerária local jogando dominó, fazendo caminhadas ou jogando futebol juntos.

No dia a dia da prisão não existem grupos de acordo com seus crimes. Todos integram aquele mundo de tragédias humanas que é Tremembé.

MATOU E ESQUARTEJOU O ZELADOR

Eu trabalhei com Eduardo Martins na cozinha do IRT em janeiro de 2018. Também morei em uma cela ao lado da que ele e Hugo Imaizumi residiam — tínhamos convivência diária.

Numa entrevista muito franca e direta ele me relatou que conheceu sua esposa, a advogada Ieda Martins, no Rio de Janeiro, quando trabalhava numa empresa de publicidade. Ieda já tinha um filho de quatro anos de um relacionamento anterior e o menino passou a chamá-lo de pai, pois haviam criado vínculos afetivos. Eduardo também tinha uma filha, fruto de outro casamento.

Certo dia, enquanto passeavam em um shopping no Rio de Janeiro, o pai biológico do menino os encontrou. Ao ouvir o filho chamando Eduardo de pai, o homem se enfureceu e deu início a uma discussão áspera, mas não ocorreu agressão física e cada um seguiu seu caminho. Mas o sujeito, contrariado, apesar de ter abandonado a companheira grávida e sequer pagar pensão alimentícia, passou a perseguir Eduardo e Ieda, relatou-me ele.

Deste modo, para evitar o confronto, a família decidiu mudar-se para São Paulo e foi morar em um prédio na Casa Verde, Zona Norte da capital. Por conta da profissão, Ieda retornava ao Rio de Janeiro para cuidar dos últimos processos de seus clientes, pois decidira fixar-se em São Paulo. Em 2005, o ex-marido de Ieda foi assassinado no Rio de Janeiro e ela, investigada, posteriormente teve a prisão preventiva decretada, mas não permaneceu detida. Eduardo também fora acusado de matar o ex-marido de Ieda e, como ela, negou a autoria do crime. Ambos serão julgados pelo suposto homicídio.

Em uma das entrevistas que fiz com Eduardo em 2017, nos corredores do IRT, perguntei sobre o fatídico dia 30 de maio de 2014 e ele contou que os desentendimentos com o zelador de seu prédio, Jezi Lopes de Souza, já vinham ocorrendo havia três anos.

— Certo dia, Jezi, na maldade, jogou cloro no meu filho, que estava na piscina e teve a pele queimada. Quando soube do ocorrido, eu já quis matá-lo. Peguei minha arma e fui atrás dele. Minha esposa ficou desesperada e chamou meu pai que chegou a tempo e evitou a tragédia. O Jezi me tirou do sério e não era a primeira vez, qualquer um se revoltaria — relatou Eduardo.

Segundo ele, o zelador o provocava e o ofendia constantemente, dizendo que seu pai "era um velho, que logo morreria" e que sua esposa, Ieda, era uma advogada de "porta de cadeia", entre outros impropérios.

— Ele chegava até a furtar jornais e revistas que eu assinava, furava os pneus do meu carro, além de arrumar confusão comigo por vaga no estacionamento. Ele não me deixava em paz, transformou minha vida num inferno. Eu nunca tive problemas com o zelador anterior. O pior é que o síndico tinha conhecimento dos desentendimentos, mas se omitia e isso ajudou a agravar a rixa, conforme consta em várias páginas das atas do condomínio — afirmou Eduardo. A família de Jezi negou as acusações contra o zelador.

Como Eduardo descreveu, naquele 30 de maio, ele saiu de seu apartamento, no 11º andar, para jogar o lixo num local próximo às escadas e deixou a porta entreaberta, porque logo retornaria. Naquele momento o zelador Jezi estava entregando correspondências aos moradores e, ao ver que a porta de Eduardo não estava fechada, prontificou-se a verificar se havia algo de errado. E quando Eduardo voltou ao apartamento, acabou dando de cara com Jezi na sua porta. Com o barulho daquela porta "corta-fogo", o zelador se assustou e cerrou os punhos se preparando para a briga.

— Se encostar a mão em mim eu pego e mato seu filho! — teria dito Jezi, conforme relatou Eduardo.

Ao ouvir a ameaça, como observou, acabou explodindo e partiu para cima do zelador, com quem travou uma briga com socos e pontapés.

— Na confusão, ele se desiquilibrou e bateu a cabeça na quina do batente e caímos dentro do apartamento. Olhei os sinais vitais dele, mas já estava morto — contou. *

Em seguida, segundo seu próprio relato, Eduardo, desesperado, pegou o cadáver e colocou em uma mala. Essas foram as últimas imagens do zelador, gravadas pelas câmeras de segurança. Depois, levou o corpo para o carro, seguiu até a Praia Grande, no litoral paulista. Ele usou uma casa da família para se desfazer do corpo e lá, usou um serrote para cortar o cadáver do zelador em pelo menos 18 partes, para depois queimá-lo. Daí o apelido Churrasquinho.

ISTOÉ 06/06/2014

Antes de consumar por completo o plano terrível, Eduardo, que se preparava para fugir do país, acabou preso em flagrante. Ele estava com o serrote nas mãos.

Ao ser preso, procurou inocentar a esposa Ieda.*

— Realmente ela não sabia, não participou nem me ajudou — garantiu.

Como disse um policial que participou das investigações e das prisões, em 26 anos de trabalho, Eduardo Martins era a pessoa mais fria que tinha conhecido.

Em uma conversa que tive com ele quando trabalhávamos na cozinha, ele me fez uma declaração interessante:

— Acir, com o falecimento do zelador, eu entrei em desespero. Não sabia o que fazer e cometi meu maior erro. Se eu tivesse chamado a polícia e relatado o incidente, talvez não estivesse preso. Outro grande erro que cometi, por desespero, foi mutilar o corpo dele após sua morte.

***

Em 4 de outubro de 2017, depois de 3 dias de julgamento no Tribunal do Júri, a Justiça de São Paulo condenou Eduardo Martins a 35 anos e 4 meses de prisão e sua mulher, Ieda Martins, a 23 anos e 4 meses de reclusão pela morte de Jezi Lopes de Souza.** A condenação de Eduardo se deu por homicídio duplamente qualificado, motivo torpe, ocultação de cadáver e porte de arma de uso restrito; a da advogada Ieda, por homicídio culposo (apesar de não estar no apartamento na hora do crime) e ocultação de cadáver, além de fraude processual.

Durante o julgamento, Eduardo mostrou frieza em sua fala e não alterou o tom de voz em nenhum momento. Ieda chegou a chorar. Ambos, presos desde antes do julgamento, permanecem detidos. Ele em Tremembé e a mulher, no Rio de Janeiro.

Após o julgamento, os programas sensacionalistas pregaram que Eduardo merecia morrer na cadeira elétrica.

— A imprensa deveria fazer uma reportagem investigativa para apurar os fatos e não destruir o que resta das famílias — reclamou.

** R7 – 30/10/2017 *Uol – Folha -04/12/2017*

Os advogados de defesa do casal afirmaram que recorreriam, pois as provas dos autos mostravam tratar-se de lesão corporal seguida de morte. Por isso, segundo eles, as penas deveriam ser menores.

Apesar do recurso dos advogados, Eduardo retornou ao IRT chateado, porém sereno e equilibrado. No mesmo dia do retorno, se pôs a trabalhar. Leitor contumaz, ele sempre é visto com livros nas mãos sobre os mais variados temas. Entre outros títulos que lhe repassei, está a biografia de Benjamin Franklin.

Vez ou outra ele participa dos jogos de futebol, e ainda mantém a forma física e estilo de quando era lateral esquerdo da Lusa. Em 1985, Eduardo jogou no campeonato paulista pela Portuguesa de Desportos quando foi vice-campeão. Era o lateral esquerdo.

Em Tremembé, além de trabalhar, faz todos os cursos oferecidos e teve o mérito de ser um dos melhores alunos do curso de oratória. Sempre que fala sobre a vida, diz:

— Tenho uma família lá fora me esperando, eu não desisto deles.

Na cozinha, entre várias atividades, Eduardo prepara os alimentos e coordena a "linha de montagem" dos bandecos. Além de dedicado, é voluntarioso. Meu convívio com ele na cozinha foi bastante agradável. Bem humorado, gostava de fazer piada e disse, numa ocasião:

— Não sei porque não me convidam para ser o açougueiro aqui da cozinha?

O colega Osmar Gonzaga logo emendou:

— E aí, Churrasquinho, ainda bem que sou seu amigo. Se não fosse, correria o risco de ser a mistura do dia...

"Não se deve deixar os intelectuais
brincarem com os fósforos."

Jacques Prévert

INTELECTUAIS E EMPRESÁRIOS

GIL RUGAI É INOCENTE?

Gil Grego Rugai foi seminarista, estudou teologia na escola dominicana. Quando menino mostrava-se bastante retraído, apesar da inteligência privilegiada. Seus pais, Luiz Carlos Rugai e Maristela Grego, foram casados por cinco anos e estavam separados havia quinze, na época dos crimes.

Segundo o relato de José Tavares, antigo vizinho dos Rugai, Gil era bastante religioso, não perdia uma missa e sempre era visto na companhia dos padres, vestido como eles e auxiliando-os nos trabalhos rotineiros.

— Ele ajudava na celebração das missas e, mais jovem, foi líder dos coroinhas — confirmou frei Ives Terral, à revista *ISTOÉ*.

Gil era um jovem tranquilo, que habitualmente trajava camisa com todos os botões fechados. Também tinha o hábito de usar suspensório e sobretudo. Ótimo aluno na escola, era muito ligado às avós que tiveram papel fundamental em sua formação cultural e religiosa.

Gil Rugai, o rapaz culto, tímido e católico praticante, viria a ser acusado de parricídio. E como tudo teria acontecido?

Era noite de 28 de março de 2004 quando o publicitário Luiz Carlos Rugai, então com 40 anos, e sua mulher, Alessandra de Fátima Troitino, 33, foram assassinados a tiros no interior da luxuosa casa onde moravam no bairro Perdizes, Zona Oeste de São Paulo, local em que também funcionava a produtora *Referência Filmes*, de propriedade de Luiz Carlos. De acordo com os dados periciais, Alessandra foi alvejada por cinco tiros na porta da cozinha e Luiz, mesmo tendo buscado refúgio na sala de TV, não pôde evitar a ira do atirador, que arrombou a porta e disparou 4 vezes contra ele..*

O crime ganhou enorme repercussão no país quando a polícia passou a suspeitar que o autor dos assassinatos pudesse ser o filho do empresário: Gil Grego Rugai, na época, com apenas 20 anos. O filho do publicitário negou qualquer participação nos assassinatos do pai e da madrasta e apresentou álibis para comprovar que não estava na cena do crime, consumado entre as 21 e 22 horas daquele dia.

No decorrer das investigações, os peritos observaram que uma marca encontrada na porta arrombada era compatível com um sapato

*R7-25/02/2013

de Gil. Além disso, o rapaz teria desviado cerca de 100 mil reais da produtora em que trabalhava com o pai e também falsificado a assinatura de Luiz Carlos em folhas de cheques da empresa. Ainda de acordo com tal versão, Gil havia brigado com o pai, que o expulsara de casa 10 dias antes dos homicídios. Os advogados de defesa e dona Maristela contestaram essas acusações.

Um ano e três meses depois das mortes, os policiais encontraram uma pistola no poço de armazenamento de água pluvial, localizado no prédio em que Gil Rugai mantinha um escritório. De acordo com a perícia, tratava-se da mesma arma de onde partiram os tiros que atingiram as vítimas. Entretanto, os advogados do rapaz e o perito contratado pela defesa alegaram que a arma foi "plantada" no local para incriminá-lo.

Segundo a polícia, Domingos Ramos, o vigia da rua em que a família Rugai residia, disse que viu, na noite do crime, um rapaz saindo da casa, acompanhado de outra pessoa, nunca identificada. E, para agravar a situação de Gil Rugai, uma semana depois do crime a perícia encontrou, no seu quarto, uma cápsula disparada pela arma usada nos assassinatos. Com esses "indícios", o Ministério Público pediu a prisão preventiva dele, acusando-o de duplo assassinato, o que foi aceito pela Justiça em 6 de abril de 2004.

Ele foi preso, mas em abril de 2006, beneficiado por um habeas corpus do Supremo Tribunal Federal, passou a responder o processo em liberdade.

Em setembro de 2008, enquanto aguardava julgamento, ele foi à Santa Maria (RS) prestar vestibular para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o Ministério Público propôs sua prisão por ele não ter comunicado sua ausência ao judiciário. Acatado o pedido do MP, Gil Rugai foi conduzido ao presídio de Tremembé, onde permaneceu, pela primeira vez, até fevereiro de 2009, mês em que o STJ lhe concedeu novamente liberdade. Restou a ele aguardar o julgamento que ocorreu apenas em setembro de 2013.

O Júri

O julgamento durou cinco dias com embates acalorados entre o promotor Rogério Leão Zagallo e a defesa, que apontou falhas graves nas investigações e nas perícias, além de fatos estranhos como o desaparecimento de provas.

Como sustentou a promotoria, com medo de ser denunciado por conta de suposto desfalque na empresa, Gil teria assassinado o pai e a madrasta. O MP apontou ainda que ele e o pai tiveram uma briga, cujo resultado foi sua expulsão de casa.

Segundo os argumentos da defesa, havia prova de que, na noite do crime, Gil ficara boa parte do tempo em seu escritório e que também teria passado pelo Shopping Frei Caneca. Todavia, as imagens do sistema de segurança do Shopping foram inexplicavelmente apagadas. Os advogados também alegaram erro na perícia que identificou uma marca de sola de sapato na porta arrombada na noite do crime. O pedaço da porta periciado desapareceu e a defesa não conseguiu fazer contraprova, o que poderia ser motivo suficiente para gerar a nulidade do julgamento, o que não aconteceu.

Depois de ríspidos e acalorados debates, sob a presidência do respeitado juiz Luiz Adilson Poukoski, a maioria do júri considerou Gil Rugai culpado e ele acabou condenado a 33 anos e nove meses de prisão em regime inicialmente fechado pela morte do pai e da madrasta. Ao final do júri, tanto o promotor Rogério Zagallo quanto os advogados de defesa foram aplaudidos pela plateia presente no fórum.

Condenado pelos homicídios, Gil Rugai poderia ser excluído da herança do pai, caso seu irmão recorresse à Justiça pedindo que ele fosse declarado como indigno, tal como fez o irmão de Suzane Von Richthofen. Todavia, Leonardo Rugai não pleiteou a declaração de indignidade de Gil. Não bastasse isso, testemunhou a favor dele no Tribunal por não considerá-lo culpado.

— Eu o conheço. Eu acredito nele — disse Leonardo.*

Sobre o polêmico julgamento, o criminalista Sergey Cobra Arbex, que atuou no caso Pimenta Neves, disse, em entrevista, não considerar nenhum dos resultados do júri como surpresa. Para ele, a condenação e absolvição são sempre igualmente possíveis de acontecer. No entanto, ele comentou que, em razão dos argumentos da defesa, gerou-se um quadro de dúvida e havia expectativa da absolvição de Gil Rugai.

— O júri é sempre reflexo da sociedade. É uma sociedade preconceituosa e as provas acabam importando menos que o achismo — afirmou o advogado Marcelo Feller. Ainda para o causídico, o júri estava pré-determinado a condenar antes do julgamento em razão da influência da mídia e pressão da opinião pública.

**Portal Terra – 20/02/2013*

Um fato curioso chamou a atenção: o casamento do juiz Cassiano Ricardo Zorzi, que inicialmente presidia o julgamento, com a promotora Mildred de Assis Gonzales, em 2010. No decorrer do processo, Mildred era a promotora do caso. Ambos acabaram abrindo mão do processo.*

Para corroborar as afirmações e argumentos da defesa de Gil Rugai, Ricardo Molina, perito da Unicamp, em seu livro *O Brasil na Fita — De Collor a Dilma (Editora Record)*, desconstruiu todos argumentos da acusação, provando que não houve provas válidas para incriminar Gil Rugai. Inclusive, como afirmou o perito, o vigia Domingos Ramos, da rua onde aconteceu o crime, coagido pela polícia, mudou sua versão e afirmou não ter visto Gil Rugai saindo de casa horas antes do crime, como havia dito. Segundo Molina, o vigia foi pressionado pela polícia, argumento corroborado pelo repórter Valmir Salaro, da TV Globo.

Em reportagem exibida pelo *Fantástico*, Salaro denunciou o envolvimento de policiais civis no incêndio à cabine em que o vigia trabalhava.** Porém, isso não foi suficiente para provar a inocência de Gil Rugai. Após o julgamento, ele permaneceu em liberdade para recorrer a instâncias superiores, mas foi preso novamente em 2016 quando o STF decidiu que condenados em segunda instância já poderiam cumprir pena e ele, sem escolha, teve de voltar a Tremembé.

***

Em fevereiro de 2018, num sábado de manhã, Gil e eu caminhávamos pela pista de cooper do IRT. Ele trajando shorts, camiseta e tênis, sempre com seu inconfundível par de óculos de aros grossos, batendo papo descontraidamente contou sua história, falando sobre o tempo em que foi seminarista e também sobre os motivos de ter abandonado a batina.

— Parte de minha família é de judeus, eu destoei e, aos 13 anos, me encontrei com o catolicismo. Minhas avós, que eram católicas, me levavam para a igreja, eu assistia às missas e decidi que queria aquilo para mim. Eu desejava ser padre, mas com o passar do tempo, talvez por falta de vocação, acabei desistindo da ideia.

*Folha de São Paulo 17/02/2013 **IG – Último Segundo –20/02/2013

Profundo admirador dos últimos Papas (João Paulo II, Bento XVI e Francisco), Gil, que estudou em colégios católicos, não perde uma missa em Tremembé. Ele é o acólito em todas as celebrações, posicionando-se sempre ao lado do padre Gabriel.

Semanalmente, com o amigo Dênis e Maninho do PT, reúnem a galera católica num canto do pavilhão para rezarem o terço.

— Acir, é fácil ser caridoso com o que sobra, com as migalhas. Deus quer mais do que isso de nós — disse-me ele, profundo conhecedor da Bíblia.

Quando Gil esteve preso pela primeira vez em Tremembé, não havia celebração de missas. Quem comandava os cultos era o pastor Florisvaldo, o Cabo Bruno, evangélico e principal responsável pela construção do templo. Para que a igreja católica passasse a atuar, Gil teve que enfrentar Cabo Bruno que, de acordo com um antigo preso com quem conversei, tinha certa restrição à igreja Católica. Mas não ocorreu uma "guerra santa" em Tremembé, Gil e Florisvaldo acabaram se entendendo e as missas passaram a ser celebradas semanalmente.

***

Em Tremembé, a rotina de Gil Rugai é a de um verdadeiro workaholic. Todos os dias ele acorda às seis horas para iniciar uma longa e ininterrupta jornada. Após o banho, toma café e vai atender vários internos que o procuram em sua cela para tratar de diversos assuntos. Ele ajuda a todos, já aconselhou certos reeducandos sobre processos. Ele não é advogado, não cursou direito, mas conhece as leis como poucos. Um amigo de Gil me disse que ele criou uma força tarefa para ajudar os presos sem recursos, demonstrando generosidade.

De cultura refinada, coordenando a biblioteca, ao lado de Juliano Gunello, Gil sugeria vários livros aos presos. A mim, recomendou Yuval Harari, Machado de Assis, Augusto Cury e algumas biografias como as de Obama, Gandhi e Getúlio Vargas.

Todas as terças-feiras, com Marcos Rocha e Isaque Madeira (ex-policial militar que esteve preso no Carandiru), ele organiza o "Café Literário". Os encontros reúnem 30 reeducandos que recitam e debatem os mais variados temas de literatura, além de publicarem mensalmente o *Folhetim do Café Literário*, informativo distribuído a todos os internos.

Incansável, três dias por semana coordena com Yuri Milani, Clayton Valentim e Marcos Rocha, as peças teatrais apresentadas aos funcionários, internos e seus familiares nas datas comemorativas. Eu fui convidado por Gil e participei de algumas peças como "Drácula no Brasil".

Se o ilustre leitor acha muito para uma pessoa só, as atividades de Gil não param por aí. Todas as quintas-feiras, ele está no altar da igreja como coroinha, ao lado do padre que preside a missa.

Em todos os fins de semana, dona Maristela vai a Tremembé para ver o filho. Os dois irmãos de Gil, um deles por parte de mãe, se revezam nas visitas, pois só podem entrar dois adultos e duas crianças por preso.

Bastante respeitado e admirado pelos reeducandos, quando sobra tempo, Gil faz caminhadas acompanhado por amigos como o médico Roberto Rivetti, Anderson Leitão, Ricardo Najjar e outros.

Se Gil pode ser inocente, não causaria espanto, haja vista as inúmeras injustiças paradoxalmente cometidas no Brasil, mas considerando como *Poliana*, personagem de Eleanor H. Poter, que é possível tirar algo de bom das situações mais deprimentes, digo: a despeito de Gil Rugai ter perdido temporariamente a liberdade, Tremembé ganhou seu mais notável intelectual.

Nota: *O Tribunal do Júri julga crimes dolosos contra a vida, sendo: homicídio doloso, infanticídio, feminicídio, aborto e induzir uma pessoa ao suicídio. Os jurados respondem a um questionário, mas os juízes proferem a sentença. No Brasil, o júri foi criado em junho de 1822 para julgar delitos da imprensa. A soberania dos vereditos do júri foi reconhecida pela Constituição de 1988. O tribunal do júri é o único momento de participação popular na Justiça brasileira, onde os leigos decidem sobre determinado crime.*

ROCHA MATTOS – UM JUIZ NA PRISÃO

Na tarde ensolarada de 31 de agosto de 2017, eu entrei na cela do ex-juiz federal João Carlos da Rocha Mattos, preso no Cadeião de Pinheiros. Depois de vários bate-papos, combinamos uma entrevista para este livro, mas tive de insistir muito e conquistar sua confiança para que isso acontecesse.

A cela de número 315, com 16 metros quadrados e que comporta 11 pessoas, tinha, naquele momento, três presos deitados tirando um cochilo, além de Rocha Mattos, homem magro, alto, barba por fazer, trajando bermuda vermelha, camisa branca e usando óculos. Ele mantém até hoje a vasta cabeleira grisalha, característica que o distingue. Suas sobrancelhas grossas destoavam do rosto magro e fino com vincos de rugas esculpidas pelo tempo.

Antes de iniciarmos a entrevista de fato, falamos sobre vários assuntos e ele, enquanto comia algumas guloseimas, me contou sobre seus quatro casamentos. O primeiro quando tinha apenas 22 anos e durou cinco primaveras. O segundo matrimônio aconteceu quando já estava com 30 anos, mas veio a separar-se novamente e voltou a se casar pela terceira vez aos 38. Já seu quarto enlace matrimonial se deu no ano de 2002.

Rocha Mattos me confidenciou que seus primeiros casamentos não deram certo em razão de ser muito genioso. Entretanto, disse que suas esposas também tinham gênio difícil e isso gerava "incompatibilidades". Dos quatro casamentos, vieram cinco filhos. Três deles seguiram a carreira jurídica. Um cursou engenharia e o caçula, de 14 anos, ainda não se definiu. Rocha Mattos também me contou sobre sua infância no bairro de Perdizes, na capital paulista e disse, com orgulho, que estudou, entre outros colégios, em uma escola pública: a Escola Estadual Macedo Soares, na Barra Funda, bairro da Zona Oeste de São Paulo.

Em 1975, formou-se em direito, tendo estudado na FMU e na PUC (Pontifícia Universidade Católica). Ele prestou concurso para delegado da Polícia Federal e, aprovado, permaneceu na corporação durante sete anos. Depois se tornou Procurador da República, também por meio de concurso público e atuou em São Paulo. Em seguida, logrou novo êxito, foi aprovado no dificílimo concurso para juiz federal.

Em 2003, ele foi alvo da Operação Anaconda, sendo acusado de negociar decisões judiciais. Acabou afastado do cargo e preso.*

O ex-juiz federal também esteve preso em Tremembé, mas num período anterior ao meu. Polêmico, corajoso, às vezes irônico e contundente, Rocha Matos não se esquivou de nenhuma pergunta e de nenhum assunto.

— Na CPI dos Bingos, no Senado Federal, eu não contei tudo que sabia sobre a morte do prefeito Celso Daniel do PT — revelou.

Rocha Mattos observou ainda que fora muito perseguido como juiz federal porque era egresso do Ministério Público.

— Sempre que um procurador alcança o cargo de juiz, ele sofre preconceito e retaliação nos tribunais em que atua e isso aconteceu comigo — desabafou.

Sem papas na língua, foi direto e agudo quando o questionei sobre seu depoimento na CPI do Banestado, em 2004.

— Eu menti em tudo! Toda CPI é de faz de conta — escrachou.

Ele não mediu palavras ao falar de política, sobretudo ao citar o ex-presidente Lula.

— Lula e Joesley Batista são os maiores bandidos da história do Brasil. O Lula traiu os pobres e a classe trabalhadora — observou, em tom ácido.

Ainda sobre as questões políticas, também não titubeou nem ficou em cima do muro. Rasgou elogios ao Senador Álvaro Dias e disse ter também muita admiração por João Dória, Geraldo Alckmin e Aécio Neves. Para ele, qualquer um dos nomes citados seria um excelente presidente da República.

Na prisão, Rocha Mattos mantém uma rotina simples. De manhã, faz caminhadas, sempre conversando com os colegas de cárcere; lê bastante, auxilia outros presos com orientação jurídica e, invariavelmente, recebe a visita da atual esposa, a advogada Aline Kemer da Rocha Mattos, que também é uma de suas defensoras. Eu me surpreendi com as declarações do ex-juiz que, com semblante calmo, extremamente lúcido e com português impecável, concedeu-me a seguinte entrevista:

— Caro amigo, agora a entrevista é pra valer — disse-lhe.

— Tudo bem, estou preparado — respondeu Mattos.

**O Globo – 07/10/2016*

Como era sua atuação como juiz federal?

Eu sempre trabalhei muito, muito mais que os outros. Minha produção era o dobro do segundo colocado.

O que atrapalhou sua carreira na magistratura?

Eu era um juiz muito impulsivo. Deveria ter sido mais "político" com meus colegas magistrados, principalmente no TRF. Nem mesmo com os superiores eu era "político". Arrependo-me de não ter feito o "jogo político" na minha carreira.

Existia muito tráfico de influência, na sua época, no Judiciário?

Claro que sim. Eu recebi várias propostas para favorecer réus e acusados.

O senhor guarda muitos segredos?

Se eu falar e revelar tudo o que sei, seria preso em Guantánamo, em Cuba ou até mesmo morto. Por exemplo, existem fatos do caso Celso Daniel que são estarrecedores, eu ouvi todas as escutas...

Cite fatos que envolvam a morte de Celso Daniel.

Só falo o seguinte: a cúpula do PT sempre fez de tudo para abafar o caso.

Como o senhor vê o Poder Judiciário atualmente?

Muitos juízes se consideram deuses, se acham acima dos mortais. Muitos promotores e juízes quando se deparam com pequenos delitos, os transformam em delitos graves apenas por "sensação de poder". Outros magistrados, para agradar a mídia, exacerbam e pesam a caneta. Eu nunca agi assim e por isso fui de poucos amigos, pois o ambiente na magistratura é falso e artificial. Também, muitos juízes descarregam seus problemas pessoais em suas sentenças. Isso é muito comum no Brasil.

De uma forma global, como o senhor avalia as decisões judiciais no Brasil?

Muitos juízes que lecionam, dão aulas ensinando liberalismo e independência, mas, na prática, aplicam suas sentenças de maneira contrária. Eles ensinam "A", mas julgam, aplicando "B". Outro problema é que muitos juízes, para subir na carreira, fazem conchavos, recebem favores e depois ficam reféns. Há muitos favores entre juízes. Apesar disso, acredito que a corrupção no judiciário brasileiro seja baixa, não alcançando 2% do total.

Qual sua visão sobre o Supremo Tribunal Federal?

O Ministro Gilmar Mendes é legalista e disparado o melhor. Ele é técnico, corajoso, inteligente e independente. Se o Supremo não tivesse Gilmar Mendes na corte, nós já seríamos um país totalitário. Ele foi muito firme na presidência do STF e também no CNJ. Também admiro muito os ministros Marco Aurélio Mello, Ricardo Lewandowski e Dias Toffoli. Sepúlveda Pertence, igualmente, foi um extraordinário ministro do STF.

Qual é a sua avaliação sobre o Ministério Público?

O MP exerce poder demais, de forma excessiva e desproporcional. Muitos promotores intimidam os juízes que, por sua vez, temem a mídia. Já a imprensa não teme o judiciário. Por isso, eu vi a criação do CNJ (Conselho Nacional de Justiça) como ótima iniciativa. Há muita corrupção em tribunais estaduais. O CNJ ajuda a reduzir o corporativismo que impera. Ressalto que o Tribunal de Justiça de São Paulo, por sua vez, destaca-se por sua atuação ética e proba.

Quais magistrados e advogados o senhor admira?

Odilon Oliveira, Henrique Baltazar que infelizmente se aposentou, Nélio Seidl Machado, Nelio Cordeiro e Reinaldo Fonseca. Admiro também a ministra Maria Thereza de Assis Moura por sua capacidade técnica. Também sou fã do juiz Sérgio Moro. Ele é técnico, produtivo e equilibrado na aplicação da lei. Entre os advogados, cito Arnaldo Malheiros, Evandro Lins e Silva e Vitor Nunes Leal.

Se pudesse voltar no tempo, o que mudaria em sua vida?

Quando criança e jovem, eu sonhava em ser piloto de avião. Se pudesse voltar no tempo, teria seguido essa carreira.

Quando estava em liberdade, quais eram seus *hobbies*?

— Gosto muito de música eletrônica e filmes estilo *"Fogo Contra Fogo"* de Al Pacino e *"De Olhos Bem Fechados"*, além de ser aficionado por leitura de jornais, revistas e literatura jurídica.

A prisão mudou o seu modo de ver a vida?

Sim. Eu passei a valorizar as pequenas coisas da vida, pequenos e simples momentos tornaram-se maravilhosos quando fiquei privado deles. O lado bom de ter perdido a liberdade é que passei a ser mais compreensivo. Mas, em resumo, a prisão não me trouxe nenhuma grande experiência.

O senhor sofreu represálias na prisão?

Nunca. Eu sempre fui muito respeitado pelo sistema prisional.

Que sonhos o senhor tem?

Quero viajar para o leste europeu com minha mulher. Também quero auxiliar meu filho na magistratura.

MELHOR JUIZ DE RODEIO DO BRASIL

Em março de 2018, terminou a temporada da peça teatral "Drácula no Brasil", uma comédia dirigida por Gil Rugai, em que fiz papel de um político "não muito honesto" e Edson Matsuda, com seu jeito despojado, o de Japonês da Federal, levando a platéia, composta por presos, funcionários e visitantes às gargalhadas. E quem é Edson Matsuda? Qual é a sua história?

***

Edson Iwao Matsuda nasceu em janeiro de 1967, na cidade de Adamantina, onde seu pai possuía propriedades rurais e cultivava café. Desde a mais tenra idade, ele já praticava atividades no campo.

— Desde bem jovem, eu laçava cavalos e montava e, aos 16 anos, eu já participava dos rodeios na cidade de Pacaembu, no interior de São Paulo — relatou.

Em 1983, durante uma montaria, ele sofreu um grave acidente e fraturou o crânio. Acometido de edema cerebral, ficou em coma e teve amnésia por 10 meses. Apesar disso, tão logo se recuperou, voltou a montar e a laçar novamente. Era o que mais gostava de fazer.

Em 1985, Edson Matsuda mudou-se para São Paulo no intuito de fazer cursinho para vestibular no colégio Anglo, na Rua Tamandaré, mas retornava para casa nas férias, mesmo porque não perdia uma festa de rodeio.

Em um desses rodeios, o organizador, Iraci Marconi, o convidou para assessorá-lo no júri do evento, cabendo-lhe avaliar a desenvoltura dos cowboys em cima dos touros. Edson gostou da nova experiência. Naquele rodeio, o narrador era o lendário locutor Zé do Prato.

Nos rodeios seguintes, ele foi convidado para atuar como jurado titular, tinha causado ótima impressão nos organizadores. Apesar da baixa remuneração, vivia em um ambiente que o fascinava.

Em 1986, começou a cursar medicina veterinária em Presidente Prudente, na UNOESTE e, após a formatura, continuou trabalhando em competições de peão.

Na década de 90, os rodeios se profissionalizaram e ele ganhou prestígio e destaque como juiz. Casou-se em 1992 e teve um casal de filhos, Gabriel e Letícia.

A vida atribulada como árbitro de rodeio profissional foi uma das razões do fim do seu casamento, fator preponderante da tragédia que protagonizaria.

Dando sequência à carreira, Edson foi contratado, em 1993, pela cervejaria Brahma para ser técnico de rodeio no circuito anual da modalidade. No mesmo ano, recebeu o convite para atuar em Barretos, onde acontece uma das maiores festas de rodeio do mundo. Lá, Edson realizou um grande sonho e permaneceu naquele circuito até 2011.

Eleito por três anos o melhor juiz de rodeio do Brasil, tornou-se destaque em sua área de atuação. Sua fama o levou a um intercâmbio para atuar em rodeios nos Estados Unidos entre 1993 e 1998. Edson também promovia grandes eventos de rodeio em diversas cidades do país. Nessa época, as entidades de defesa dos animais intensificaram a luta pelo fim dos rodeios. Embora Edson se opusesse a essa ideia, tinha a convicção de que os animais não podiam ser submetidos a maus tratos e trouxe, dos Estados Unidos, o embasamento técnico que contribuiu para a elaboração de nova legislação sobre o tema.

Em 2001, sob sua influência, o presidente Fernando Henrique Cardoso sancionou uma lei regulamentando a questão. Matsuda teve fundamental importância na conscientização e modernização das práticas do esporte no Brasil.

O sucesso profissional contrastava com a vida pessoal, cheia de reveses. Após o fim do casamento, separação traumática, passou a usar cocaína sistematicamente até que, em 2011, pela primeira vez, foi internado em uma clínica de recuperação de dependentes químicos em Bragança Paulista–SP, por onde também esteve o ex-jogador de futebol, Walter Casagrande.

— A droga é uma fuga contra a própria incapacidade — afirmou Edson em nossa primeira entrevista no IRT.

Ele disse que consumia cocaína excessivamente, mas de forma programada. Jamais se drogava no trabalho. Apesar disso, se via forçado a reconhecer suas limitações.

—Todo usuário acha que tem o controle, mas na verdade não tem. Afinal, ninguém é de ferro – reconheceu.

Em 2014, internado novamente na mesma clínica terapêutica permaneceu um ano em tratamento, mas logo viria acontecer a grande tragédia que mudaria o rumo de sua vida.

O fato aconteceu numa tarde de novembro de 2014, em uma reunião semanal, na própria clínica em que Edson estava internado. Após uma áspera discussão com um dos coordenadores, sacou a arma e atirou contra Fernando Prado Nogueira, que morreu na hora. As câmeras de segurança mostraram Edson saindo da clínica com a arma do crime na mão. A discussão, segundo ele, ocorreu devido à insistência de Fernando para que ele não encerrasse o tratamento. Era justamente esse funcionário quem dava alta aos pacientes. Eles já haviam tido outros desentendimentos.

Após o homicídio, Edson fugiu para o Paraguai, onde passou a residir e cursar medicina em uma faculdade da cidade de Pedro Juan Caballero, na fronteira com o Mato Grosso do Sul. Em julho de 2015, a polícia paraguaia prendeu Matsuda e o entregou às autoridades brasileiras.

Até então, nunca tivera qualquer envolvimento com a criminalidade, sequer havia entrado em uma delegacia de polícia. Inicialmente ficou preso no CDP de Jundiaí, mas em outubro de 2017, transferiram-no para Tremembé, após ser julgado e condenado a 12 anos de prisão em regime inicialmente fechado.

Posso dizer que tive o prazer de conhecer Edson Matsuda em Tremembé. Extremamente educado, ele passa boa parte do dia meditando, lendo e fazendo caminhadas com Silvério e Maninho do PT, além de participar junto comigo de atividades culturais como o Café Literário e peças de teatro.

Desde que foi preso, sua família não fica um final de semana sem visitá-lo. Eu conheci e conversei com uma de suas irmãs, Alzira, que não perde uma visita. Seu pai, Sr. Tadatoshi, a quem Edson era muito ligado, faleceu em 2017.

— Meu pai era meu confidente, meu amigo. Ele simplesmente gostava de tudo que eu gostava e sempre me acompanhava em todos os momentos — lembrou, um tanto emocionado.

Em mais uma daquelas coincidências da vida, Edson reencontrou, também preso em Tremembé, o médico Carlos Sussumo. Eles estudaram juntos no Colégio Objetivo em Adamantina

no ano 1983 e foram muito amigos. Eu os vi se abraçando no IRT depois de décadas sem se verem.

Edson, que participava das aulas de inglês diariamente, criou um grupo de meditação no IRT que teve, entre outros participantes, Luiz Eduardo Silva, irmão de José Dirceu e Marcio Bonilho.

Sem dúvida, Edson é um, entre vários sujeitos de boa índole que, devido a um dia de fúria, vão parar atrás das grades.

UM BANQUEIRO ATRÁS DAS GRADES

— O que mais sinto falta é do cheiro da minha casa!

Com esta frase, o banqueiro Edemar Cid Ferreira definiu a privação de liberdade enquanto esteve preso em Tremembé no ano de 2006, junto com o filho, Rodrigo Rodrigues Cid Ferreira.

Edemar nasceu na cidade de Santos, em maio de 1943; formou-se em economia e iniciou carreira no Banco do Brasil em 1963. Nesse período, também escrevia artigos sobre economia para o jornal *O Estado de São Paulo*. Ambicioso e determinado, adquiriu, em um leilão, um título patrimonial da Bolsa de Valores de Santos, o que culminou, em 1969, com a aquisição de "Carta Patente" para operar a Santos Corretora de Câmbio e Valores. Tempos depois, o negócio daria origem ao Banco Santos que começou a operar, de fato, somente no ano de 1994. Com a expansão rápida e astronômica, o banco cresceu em média 18% ao ano e, em 1994, passou da 125ª posição para o 7º lugar entre os bancos privados de capital nacional.

O empresário se casou duas vezes. Da primeira união, nasceu Rodrigo. No segundo matrimônio, com Márcia Cid Ferreira, vieram mais dois filhos: Eduardo e Leonardo.

Somando-se a sua trajetória como banqueiro, ele sempre cultivou grande paixão por música, documentos históricos e, sobretudo, por artes plásticas; chegou a colecionar 12 mil peças dos mais variados e renomados artistas. Foi um dos maiores colecionadores do país, tornando-se celebridade, sempre muito badalado nas rodas sociais por incentivar, realizar e patrocinar a arte e a cultura no Brasil.

Edemar trabalhou com afinco ao lado de Antonio Ermírio de Moraes e de outras importantes personalidades para que o Teatro Municipal de São Paulo viesse a receber o que de melhor existia no mundo. Para isso, granjeou recursos nas mais diferentes frentes.

Também fundou a associação precursora da *Exposição Brasil 500 Anos* que aconteceu em 2000 e ocupou uma área de 60 mil metros quadrados no Ibirapuera, em São Paulo. Ainda nessa época, ao lado do arquiteto Paulo Mendes da Rocha e com orientação de seu amigo Oscar Niemeyer, reformou o Pavilhão Lucas Nogueira Garcez, popularmente conhecido como Oca, um prédio que apesar da condição precária, foi transformado no mais bem instalado espaço expositivo da América Latina.

Entre as mais importantes condecorações outorgadas ao banqueiro, por sua destacada atuação empresarial e em defesa da arte nacional, destacam-se:

• Personalidade do Ano em 2003 pela ADVB por ter implementado conceitos modernos de administração que levaram o Banco Santos a um extraordinário crescimento. Tal deferência, também havia sido concedida a Victor Civita, Abílio Diniz e Roberto Marinho;

• Destaque em 2003, na categoria cultura na premiação da *Revista IstoÉ*, pela divulgação do patrimônio cultural do Brasil;

• Recebeu a Medalha Tiradentes da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro por sua admirável contribuição ao desenvolvimento econômico, cultural e aproximação dos povos;

• Recebeu a Medalha Simon Bolívar do governo da Colômbia.

Simultaneamente a essas inúmeras realizações e incentivos a cultura e a arte nacional, seu banco se sobressaía com o maior crescimento no Brasil entre 1994 e 2003, no seu segmento específico.

Tudo ia bem para Edemar, até que o Banco Central (BC) descobriu um rombo de 700 milhões de reais no Banco Santos e determinou a intervenção na instituição em novembro de 2004, nomeando um interventor que, logo depois, apontou que o suposto rombo seria muito maior, de 2,2 bilhões de reais.* Processado, Edemar passou a responder criminalmente. A falência do Banco Santos foi decretada pelo BC em setembro de 2005.

Em entrevista sobre a turbulenta intervenção e a falência do Banco Santos, Edemar disparou:

— A intervenção foi algo pessoal contra mim, pois meu banco se destacava e eu estava incomodando. O Banco Central que me quebrou. Eu não quebrei ninguém — desabafou.

Um detalhe teve enorme repercussão no polêmico episódio do Banco Santos. A Justiça determinou que a suntuosa mansão do banqueiro fosse a leilão com a finalidade de ressarcir correntistas prejudicados com a quebra do banco. A casa cinematográfica, localizada no bairro do Morumbi, com projeto arquitetônico assinado por Ruy Ohtake, cujo lance mínimo foi no valor de 116 milhões de reais, escorreu das mãos de Edemar como areia, mas o pior ainda estava por vir.

**ISTOÉ – 02/03/2011*

Em 26 de maio de 2006, Edemar Cid Ferreira foi preso pela Polícia Federal em São Paulo por ordem do juiz Federal Fausto de Sanctis. O Ministério Público Federal o denunciou, junto com outros diretores do banco, além de acusá-lo de manter contas bancárias ilegais no exterior. Foi condenado a 21 anos de prisão por gestão fraudulenta, lavagem de dinheiro, formação de quadrilha e crime contra o sistema financeiro.*

Quando permaneceu alguns dias no presídio de Guarulhos, na Grande São Paulo, Edemar teve um choque de realidade. Na prisão, conheceu "o outro lado da vida" como jamais poderia ter imaginado e essa experiência o marcaria para sempre. Sobre a dura experiência, onde ficou quinze dias preso em uma cela suja e superlotada com mais de vinte homens, Edemar declararia que conviveu com assassinos, ladrões, traficantes e até com políticos, mas que, aos poucos, ganhou a confiança dos detentos.

— O nível num ambiente desses é sempre muito baixo — revelou. Só faltou dizer que no cadeião de Guarulhos não tinha caviar. Para a sorte de Edemar, logo ele foi transferido para Tremembé, onde, apesar de também não servirem caviar, o tratamento é bem melhor.

Eu entrevistei um antigo funcionário do IRT que recebeu o banqueiro Edemar.

— Ele era uma pessoa super gentil e educada. Estava sempre pronto a ajudar a todos. Falava que o sistema prisional não recupera ninguém e que pensava em criar uma ONG para auxiliar os presos na cadeia e também na reinserção dos internos após cumprimento da pena, mas a ideia nunca saiu do papel. Em Tremembé, ele trabalhou junto com Edinho e Law Kin Chong na lavanderia que, tempos depois, contaria com Alexandre Nardoni — revelou.

Passados alguns meses em Tremembé, Edemar conseguiu um habeas corpus no Supremo Tribunal Federal e ganhou a liberdade. Entretanto, em 12 de dezembro do mesmo ano, o banqueiro seria novamente preso, dessa vez junto com seu filho Rodrigo, condenado no mesmo processo, a 16 anos de prisão.

Um agente carcerário me contou um caso cômico: semanas antes de ser preso, Rodrigo foi de helicóptero visitar o pai no IRT e se dirigiu até o fim de um corredor para tentar ver a parte interna do presídio e ficou perguntando como era lá dentro, como funcionava e quais eram as atividades dos presos. Mal sabia que, pouco tempo depois, estaria lá dentro, constatando tudo com os próprios olhos.

*Folha de São Paulo – 29/12/2006

Outro funcionário, em depoimento sobre Edemar, comentou:

— O senhor Edemar criou aqui um grupo para estudar a Bíblia e trocar ideias e experiências. Ele dava palestras sobre vários temas para a rapaziada e se esforçava muito para ajudar os colegas. Era muito humano e solidário.

Um dos melhores amigos de Edemar em Tremembé foi Florisvaldo de Oliveira, o Cabo Bruno, de quem adquiriu vários quadros. Segundo Edemar, Florisvaldo havia se tornado um excelente pintor na prisão.

— Cabo Bruno tinha o dom para as artes, pintava extraordinariamente bem e, como eu adoro arte, conversávamos muito.

Edemar também testemunhou o admirável trabalho artístico e pastoral que Cabo Bruno desenvolveu junto aos internos.

— Ele era um verdadeiro líder espiritual em Tremembé. Fazia preleções envolventes, tinha bom nível intelectual e, além de coordenar a igreja, trabalhava na horta do presídio. Era uma pessoa totalmente recuperada — observou o banqueiro, testemunhando que a regeneração de presos é possível, desde que as condições dos presídios sejam propícias.

Como relatado, Cabo Bruno teve sua liberdade concedida em 2012 e foi assassinado um mês depois, o que fez o banqueiro lamentar profundamente.

Além do bom relacionamento com Florisvaldo, também conviveu com o introspectivo e sempre cabisbaixo Mateus da Costa Meira, o atirador do shopping Morumbi e outros criminosos.

Ele chegou a afirmar que considerava Tremembé um "hotel seis estrelas" se comparado ao degradante e superlotado presídio de Guarulhos. Foi lá que, segundo ele, conheceu de perto o caos e a falência do sistema prisional que definitivamente não recupera ninguém no Brasil, salvo raras exceções.

Sobre sua experiência no cárcere, disse que, sentindo na pele, passou a entender como funciona a alma humana, sobretudo nos momentos mais difíceis da vida.

Em 28 de dezembro de 2006, Edemar e o filho foram libertados e não foram presos novamente.

No ano de 2015, a Justiça Federal decidiu anular a setença de Edemar e determinou que o processo fosse reiniciado por conta de nulidades apontadas por seus advogados.*

Imagino como deve ter sido para o banqueiro a experiência de ter ficado no Cadeião de Guarulhos, convivendo com assaltantes, estupradores e com toda a sorte de criminosos e, para agravar mais sua situação, sem o domínio da linguagem falada nos presídios.

— É dotô, cê tá mesmo descabelado (sem nada), vai ter de dormir na praia (dormir no chão).

— Como descabelado? Acabei de me pentear, quanto a dormir na praia, tão logo saia daqui, irei fazê-lo.

— Aí, maluco, cê gosta mesmo de falar bonito. Não entendo nada do que o cê diz...

*G1- SP – 26/05/2015

JOESLEY BATISTA NA PRISÃO

"O pássaro é livre na prisão do ar.
O espírito é livre na prisão do corpo".
Carlos Drummond de Andrade

Durante uma tarde em Tremembé, enquanto conversava com Paulo Vieira de Souza e Gil Rugai, notei que um senhor, aparentando cerca de 60 anos, caminhava sozinho. Tratava-se de um novato. Curioso, fui lhe fazer companhia. Soube que se tratava de um ex-policial federal, chamado Francisco, o Chiquinho, que estivera preso na carceragem da PF com um dos maiores e mais polêmicos empresários do Brasil: Joesley Batista.

Depois que fizemos amizade, Chiquinho passou a relatar a rotina do dono da Friboi e os fatos que marcaram os dias de Joesley na prisão.

***

Quando os pais de Joesley Batista chegaram à carceragem da Polícia Federal, em São Paulo, para visitar o filho, preso havia meses, tiveram de passar por uma constrangedora revista em que foram obrigados a tirar toda a roupa, agachar-se, abrir a boca, mostrar as solas dos pés, ter os cabelos remexidos, entre outros constrangimentos. Na PF não há aparelho de escâner.

Segundo Chiquinho, a emoção de rever os pais, misturada à indignação por eles terem passado por tamanha vergonha, fez Joesley perder a fala. Diante do pai e da mãe, ele, levado ao cárcere pela prática de Insider Trading, o uso de informações privilegiadas para lucrar no mercado financeiro, apenas chorava, com as mãos trêmulas.

Nas entrevistas que fiz com Chiquinho, ele realçava a todo momento sua surpresa ao conhecer Joesley pessoalmente e constatar a humildade e generosidade do empresário, de quem tinha outra imagem.

— Lá na PF, estava um preso chamado Adrian que passava por dificuldades financeiras e teve que tirar a filha pequena da escola particular e aquilo o afligia, fazendo com que estivesse sempre cabisbaixo — relatou.

Ao tomar conhecimento da situação, Joesley procurou aquele pai angustiado e o orientou a matricular sua menina na mesma escola do seu filho, uma das melhores de São Paulo. Adrian não conteve a emoção ao ouvir a proposta de Joesley:

— Até chegar à faculdade, a educação e o transporte escolar de sua filha serão por minha conta e você trate de levantar a cabeça.

Esse não foi o único ato de generosidade do empresário que deixou todos boquiabertos ao aceitar a função de faxineiro da carceragem, tendo todos os dias que lavar os corredores, os banheiros, além da própria roupa. Ele ainda dividia com os presos das outras celas a alimentação que recebia semanalmente dos familiares. Joesley organizava uma mesa, do lado de fora das celas, com seus alimentos e os dos outros presos para que todos comessem juntos.

— Ele ajudava todo mundo, se preocupava com as pessoas e a sua simplicidade e humildade nos contagiava. Obcecado por limpeza, Joesley mantinha sua cela, de número quatro, impecavelmente limpa e perfumada com um produto à base de eucalipto. Suas roupas estavam sempre limpas e dobradas em cima da cama. Ele arrumava tudo nos mínimos detalhes e, quando organizava a mesa para alimentação, enfileirava as cadeiras com distância milimétrica entre elas. Era um sujeito muito metódico — narrou Chiquinho.

Nas celas na Polícia Federal, não havia aparelho de TV, exceto um que ficava do lado de fora das celas. Joesley ocupava seu tempo com livros de autoajuda, jornais, revistas, fazendo faxina e jogando futebol.

— Ele não perdia uma partida de futebol e jogava muito bem, sempre de bermuda. Como ele estava muito magro por ter perdido 16 quilos, nós o apelidamos de Catatau. Ele levou na esportiva .

Além de Joesley, quem também demonstrou solidariedade foi sua esposa Ticiane Villas Boas que o visitava toda quinta-feira. Em uma das visitas ao marido, ela percebeu uma pessoa deitada em uma cama, escondida embaixo do lençol. Era Johnny, portador do vírus HIV. Ele estava bastante debilitado. Ticiane se aproximou, perguntou quem estava ali e se identificou como a esposa de Joesley Batista e Johnny se levantou da cama para conversar com ela. Ao ver aquele homem fragilizado pela doença, Ticiane imediatamente se propôs a ajudá-lo, pedindo o contato de sua família. A atitude generosa da esposa de Joesley fez com que Johnny tivesse novo ânimo para seguir

em frente e enfrentar a doença. Ao final da visita, ela surpreendeu a todos, retornando à cela do rapaz para se despedir e abraçá-lo. Johnny ficou espantado. Havia muito tempo que não recebia um abraço.

Chiquinho disse que Joesley contou toda sua história aos companheiros. O empresário, que estudou apenas até a 4ª série do ensino fundamental, enfrentou várias dificuldades na vida, detalhe que grande parte do público desconhece.

Na carceragem da Polícia Federal, o empresário não demonstrava nenhum rancor em relação ao presidente Michel Temer, de quem gravou as comprometedoras conversas que abalaram as estruturas da República. Quanto ao ex-presidente Lula, o empresário demonstrava afeto e respeito quando falava sobre ele.

Joesley e seu irmão, Wesley, que também foi preso, não conversavam sobre seus processos ou sobre negócios, pois temiam que as câmeras captassem o áudio ou que as imagens fossem usadas para a realização de leitura labial de seus diálogos. O ex-policial federal ainda falou que jamais esquecerá as cenas que assistiu no dia da despedida de Joesley.

— Acir, eu nunca tinha presenciado uma cena tão bonita como aquela.

Ao receber a informação de que seria libertado, naquela tarde de 9 de Março de 2018, ele reuniu todos os colegas presos para se despedir e disse, com lágrimas nos olhos:

— Eu choro, não só pela alegria de ir pra casa reencontrar minha família, mas também de tristeza por vocês, com quem convivi tão próximo, continuarem aqui.

Ele abraçou cada um, em especial Eduardo, jovem que queria recomeçar a vida quando saísse em liberdade, mas não tinha a quem recorrer.

— Você vai trabalhar comigo, na minha empresa. Ao sair me procura. As portas estarão abertas para você — falou Joesley, fornecendo seus contatos a Eduardo, que não sabia como agradecer.

E dirigindo-se a todos, como relembrou Chiquinho, disse, brincando:

— Agora, vocês precisam de outra pessoa para assumir a faxina.

MELHOR NÃO CONTRARIAR

Durante o trabalho para escrever esse livro, sempre que eu tinha um lampejo de inspiração e concluía um capítulo que considerava ter ficado satisfatório, levantava do meu banquinho de plástico e, como fazem os zagueiros quando salvam seu time de tomar um gol, comemorava: Ahhhh!!!!

Meu colega de cela, Dr. Frederico, olhava e pensava: "Esse cara não é normal"! Outras vezes eu ia à porta da cela, que tem uma pequena janela de vidro e, com punhos cerrados, comemorava. Como minha cela dava de frente a de Lindemberg Alves, ele olhava, me via fazendo gesto de vitória e, mesmo sem entender nada, respondia com gesto parecido, como quem diz:

É isso aí!

Lindemberg com certeza calculava:

— Melhor não contrariar.

***

A MOTIVAÇÃO

Era um dia de frio em Tremembé, eu estava meio "deprê", sentado em um banco no pavilhão pensando na vida, olhando para o vazio quando um jovem colega, que toma remédios psiquiátricos, se aproximou.

— Oi Acir, porque você está triste?

— Não estou triste não, cara. É esse frio lascado que desanima — respondi, quando ele se encheu de inspiração e filosofou:

— Fica assim não Acir, tenha certeza que "um dia" a gente vai embora daqui!

Olhei para ele e respondi:

— Sério? Não diga!

E ele saiu caminhando com um sorriso estranho e com a certeza de que suas palavras "positivas" me deram novo ânimo.

LUIZ EDUARDO, O IRMÃO DE JOSÉ DIRCEU

O irmão do ex-ministro José Dirceu foi preso por ordem do juiz Sergio Moro, em 9 de fevereiro de 2018, na cidade de Ribeirão Preto–SP. Luiz Eduardo Oliveira e Silva chegou a Tremembé contrariado, mas sereno e equilibrado. Passou a "morar" com Márcio, também preso por Moro na operação Lava Jato e logo se enturmou, passando a integrar o grupo de meditação e a frequentar as atividades da casa.

— Acir, antes da prisão, eu sofria muito com a possibilidade de ser preso a qualquer momento; todos os dias ia dormir preocupado e com uma dúvida atroz. Em tensão constante, perguntava para mim mesmo: será que vai ser amanhã? Eles virão aqui em casa na segunda ou na sexta? Aquilo me consumia, minhas forças se esgotavam com a aflição — relatou.

Para ele, era como se já estivesse preso, pois mesmo em liberdade não tinha paz. A expectativa da prisão iminente era constante, ficava deprimido, a paz de espírito e o convívio familiar já não eram mais os mesmos, de tal sorte, como revelou, sentiu um grande alívio quando foi preso.

— Saiu um peso das minhas costas, pois aquela agonia interminável, finalmente chegou ao fim.

Quando a PF chegou à casa de Luiz Eduardo naquela manhã para levá-lo, sua mulher, estupefata e amargurada, agarrou-se a ele, que procurou tranquilizá-la.

— Calma, meu amor, já passamos por situações piores e vamos superar essa também — disse.

Indignado com a prisão que ocorreu sem qualquer aviso prévio, para que pudesse se apresentar, Luiz disse que o fato de ser réu primário, com residência e profissão conhecidos, pessoa dedicada à família e ter comparecido a todos os atos do processo quando convocado, não serviu para nada, não interessou aos juízes do caso.

É difícil de acreditar, mas, no presídio, os pesadelos de Luiz Eduardo se tornaram mais leves, se comparados aos dos dias em que, aterrorizado, aguardava a visita dos homens de preto.

Em Tremembé, Luiz participa de todas as ações culturais e também se preocupa com os presos mais jovens e idosos, sobretudo aqueles com problemas de saúde e abandonados pela família, como o jovem Felipe Coral a quem dedicava atenção especial.

"CADÊ O BANDECO"?

Nos primeiros dias em Tremembé, no R.O. (Regime de Observação) Luiz Eduardo ainda não estava ambientado com o linguajar da prisão que eu chamo de "cadeiês". São palavras como perereca (fio para esquentar água), tia (linha/barbante) e bandeco (recipiente de plástico que acondiciona o almoço e a janta). Sozinho no R.O., Luiz foi chamado no guichê da porta da cela pelo boieiro que estava recolhendo os bandecos.

— Opa, cadê o bandeco? Perguntou o boieiro.

— Ele não está aqui não, eu estou sozinho. Ele deve ter saído.

Sem compreender o que Luiz queria dizer, o rapaz simplificou: — Cadê a vasilha de por a comida?

— Ah! Está aqui, respondeu Luiz, constrangido, entregando o bandeco e começando a conhecer o novo vocabulário.

NÃO CHORE, MEU FILHO!

Certo dia, um grupo de reeducandos católicos se reuniu no fundo do pavilhão para rezar o terço. Entre eles, Luiz Eduardo, Gil Rugai e o jovem Felipe Coral que estava há poucos dias preso. Quando a turma iniciou uma oração, o rapaz se emocionou e começou a chorar copiosamente. Solidário, Luiz o abraçou e tentou consolá-lo:

— Não fique assim, meu jovem, não chore. Nas próximas visitas seus pais virão visitá-lo e você vai ficar melhor.

O jovem olhou para Luiz, fez uma careta e aumentou o berreiro, dizendo:

— Eles não vão vir aqui senhor, eu matei os meus pais! E continuou com a choradeira.

Atônito, Luiz colocou a mão na testa, se afastou e, sem graça, olhou para os colegas e ouviu de um deles que sorrindo disparou:

— Sua psicologia não deu certo, Luiz. Assim você mata o rapaz!

"Detesto as vítimas quando
elas respeitam seus carrascos."

Jean Paul Sartre

SÍNDROME DE ESTOCOLMO

A SÍNDROME EM TREMEMBÉ

A Síndrome de Estocolmo é uma patologia que afeta aqueles que se identificam com seus algozes, a ponto de se assumirem como corresponsáveis com seus detratores, pelos danos causados a si mesmos.

A expressão "Síndrome de Estocolmo" surgiu em 1973, na cidade de Estocolmo, capital da Suécia, quando, em um assalto ao banco Kreditbank, os reféns ficaram seis dias na companhia dos criminosos e acabaram desenvolvendo uma relação afetiva e fraterna com eles.

O líder do assalto, Jan-Erik Olsson, colocou a refém Kristin Enmark, então com 23 anos, para ser a porta voz do grupo durante as negociações com a polícia. Apesar dos atos violentos de Olsson, que atirou nos policiais, alguns reféns, sobretudo Kristin, passaram para o lado dos bandidos de forma surpreendente, declarando que confiavam plenamente nos sequestradores e que se submeteriam a viajar com eles, fazendo o papel de escudos humanos.

Ao fim do sequestro, a despedida dos bandidos de suas vítimas foi bastante calorosa, com beijos e abraços efusivos, tudo registrado pela TV. A relação entre eles se tornou tão forte, que duas vítimas foram ao casamento de Olsson na prisão, corroborando a tese da Síndrome de Estocolmo.

MATOU OS FILHOS

Uma história que lembra a "Síndrome de Estocolmo" é o caso do zootecnista José Shiguemi que, em setembro de 2016, durante um surto, matou os dois filhos pequenos. Apesar de ter perdido os dois netinhos de forma trágica, a mãe de José o visita frequentemente no IRT, sempre acompanhada de seu outro filho. Eles sempre ficavam próximos à minha mesa no salão de visitas. Bastante discretos, praticamente não chamavam a atenção.

No dia-a-dia da prisão, José trabalha na cozinha e é muito elogiado pela educação e disciplina. Muito retraído, tem amizade com poucos e se destaca pelo ótimo comportamento.

Quando o entrevistei, ele se mostrou bastante arrependido. Tivemos que interromper a entrevista em alguns momentos, ora para ele chorar, ora para eu me recompor.

Filho de japonês, que migrou para o Brasil após a segunda Guerra Mundial e de mãe brasileira, José nasceu em São José dos Campos e, ainda criança, foi morar com a família no bairro da Liberdade, em São Paulo. Estudou nos colégios Roosevelt e Santo Agostinho, onde se destacou, principalmente em matemática, chegando a ficar em segundo lugar numa olimpíada estadual daquela disciplina. Ainda viria a estudar no colégio Etapa.

Cabe relatar um fato interessante, uma daquelas coincidências que poucas vezes acontece. Quando a família de José se mudou para o bairro da Liberdade, existia, no ano de 1986, um supermercado de nome Sé. Ainda adolescente, eu trabalhei no Sé como empacotador e entregador de compras nas casas e apartamentos daquele bairro. Certamente eu estive com José e sua família, haja vista que eles só faziam suas compras naquele estabelecimento na época em que eu lá trabalhava.

Não é preciso dizer que os pais sempre foram muito presentes na educação de José. O sonho deles era que o filho fizesse faculdade de medicina, mas ele escolheu zootecnia e foi o primeiro colocado no vestibular da UNESP, formando-se no ano de 1997 em Botucatu. Dando sequência aos estudos, fez mestrado e doutorado em Ciência Animal pela Universidade de São Paulo (USP) e trabalhou em grandes empresas da área.

Em 2007, casou-se com a fisioterapeuta Julia. Porém, a esposa não conseguia engravidar e fez "votos com Deus" para conseguir ser mãe. E seu sonho se realizou. Porém, após ter os dois filhos, a mulher, que tinha um salão de beleza, se afastou da igreja e, influenciada por uma amiga, passou a frequentar bailes, festas e baladas, deixando os filhos aos cuidados do pai que, mesmo contrariado com a situação, mostrava-se zeloso, assim afirmou José.

— Eu amava os meus filhos profundamente, de maneira incondicional — disse.

Ele contou também que vivia magoado pelo abandono a que a mãe submetia os filhos.

— Aquilo me afetava muito, era doloroso e uma verdadeira covardia o que ela fazia comigo e com as crianças.

Os desentendimentos entre o casal, que residia em São José do Rio Preto, chegaram ao ápice em 24 de setembro de 2016 quando, de acordo com José, Julia chegou em casa muito tarde, com sinais de embriaguez. Iniciou-se uma rispida discussão, que era mais uma entre tantas. A mulher o ofendeu e, num rompante de ira, ameaçou ir embora de casa, levando os filhos. A ideia de ficar longe dos meninos deixou José transtornado e ele, tomado pelo desespero, trancou-se com os filhos no quarto e, depois de sedá-los para que "não sentissem dor", esfaqueou-os. Os meninos morreram na hora. Em seguida, José cortou os próprios pulsos e ainda deu duas facadas no peito e no pescoço na tentativa de cometer suicídio. Ainda com a faca cravada no pescoço, desmaiou, mas foi levado ao hospital pelo SAMU, chamado pela esposa, que também acionou a polícia.

No hospital, ao acordar na UTI, ele implorou a uma enfermeira para que o deixasse morrer. Ficou vários dias no leito todo "estropiado" com muitos pontos, dores e sangue "vazando", além do estado psicológico abalado pela consciência de ter tirado a vida dos próprios filhos.

Ele disse à Polícia Civil que cometeu os crimes por ciúmes e para se vingar de uma traição da mulher.*

Ao ter alta, confessou os crimes, foi preso e levado para Tremembé, onde conheceu o espiritismo.

— Através de um médium, fiz contato com meus filhos que me disseram: "pai, estamos bem."

**Estadão/ISTOÉ- 01/10/2016*

Ele me disse que sua dor pela tragédia "é tão profunda e avassaladora, que não se compara à prisão". José ainda aguarda o julgamento.

— Não tem um dia que eu não peça a Deus para poder voltar no tempo e fazer as coisas de forma diferente, evitando a tragédia terrível que interrompeu a vida dos meus filhos e arrasou tantas outras — desabafou.

Porém, para tristeza de José e de toda a humanidade, a vida é um rascunho mal feito, não há como voltar ao passado para passá-la a limpo.

Por sua vez, Julia refutou as acusações do ex-marido e afirmou que estava vivendo um relacionamento conturbado com ele, que não aceitava o término da relação. "Da minha parte eu não queria mais (...) ele tinha ciúme doentio de mim, de não me deixar usar salto alto, passar batom". Ela afirmou, ainda, que José era um ótimo pai e por isso nunca imaginou que isso poderia acontecer.*

Eu me relacionei bem com José no IRT. Trabalhamos juntos na cozinha quando eu fui "boieiro". Sempre trocávamos revistas e jornais que nossas visitas traziam.

Ele é bastante solidário com os colegas e, de tão discreto, passa despercebido. Para que concedesse entrevista para este livro, tive de insistir diversas vezes, mesmo sendo seu colega. Quem toma conhecimento de sua história e o conhece pessoalmente, geralmente afirma: "Não dá para acreditar que José, tão generoso e de excelente caráter, tenha cometido crimes tão bárbaros." Mas, para a tristeza de quem o conhece, José que fora feliz na vida profissional e infeliz no amor, tem de amargar o fato de ter assassinado os próprios filhos e ninguém pode mudar isso.

Às vezes fico observando José. Ele, com seu comedimento oriental, sofrendo em silêncio enquanto a amargura como uma agulha de ponta afiada vai perfurando lenta e pausadamente sua alma. Não há para quem reclamar. Não existe fuga. Chorar? Também de nada adianta. Resta-lhe apenas se conformar com o martírio que possivelmente perdure por longos anos.

**G1 Rio Preto – 28/09/2016*

CARA, EU MATEI MINHA MÃE!

No dia 29 de julho de 2017, um jovem de 19 anos, praticante de fisiculturismo, estava em casa com a namorada, Madalena, de 28 anos, que conheceu no Rio de Janeiro, no site de namoro BADOO e que vivia com ele e sua mãe no bairro Campo Belo, em São Paulo. Enquanto namoravam, ao tentar tirar a blusa, a moça acertou o cotovelo na boca de Marco Costa Malandrino que, acreditando ter sido agredido e perdido um dente, revidou, dando início a uma briga.

Nervoso, recorreu à mãe para resolver seus problemas, como sempre fazia. Taíza Costa, enfermeira de profissão, atendeu a ligação do filho e lhe pediu calma, dizendo que estava a caminho para solucionar o desentendimento.

Como Marco me contaria no IRT, ao chegar ao local, Taíza o mandou para o quarto e ficou na sala conversando com Madalena que, convincente, fez a mãe de Marco acreditar em sua versão.

Ao se dirigir ao quarto, Taíza repreendeu Marco e pegou o celular, dizendo que iria ligar para uma farmácia. Temeroso de que a mãe chamasse enfermeiros de uma clínica, onde já ficara internado e, nervoso pelo fato de ela ter ficado do lado de Madalena, Marco sacou uma faca e golpeou três vezes a própria mãe. O último golpe foi na cabeça de Taíza que, com a faca cravada no crânio, caiu no chão.

Desesperado, Malandrino quis retirar a faca, na tentativa de salvar a vida de Taíza, mas a mulher, ainda consciente, pediu para que não o fizesse, pois o objeto cravado em sua cabeça só poderia ser removido por meio de cirurgia. Ela tinha conhecimento de causa: era doutora em enfermagem formada pela UNIFESP, com mestrado e pós-doutorado pela USP.

Porém, desobedeceu à mãe e puxou a faca, agravando a situação. Ele então ligou para sua tia, Telma Florêncio, que não conseguia acreditar em tamanha desgraça. O rapaz então colocou o celular no "viva-voz" para a tia ouvir os gritos e gemidos de dona Taiza. Imediatamente Telma, que estava por perto, foi ao apartamento e, ao se deparar com a cena de filme de terror, chamou o SAMU. Àquela altura, Madalena já havia saído em disparada da cena do crime e o próprio Malandrino, junto com a tia, teve de socorrer a mulher, levando-a de carro até o hospital Santa Paula, há 10 minutos dali. Decidiram não esperar o resgate. Ao ouvirem a gritaria, os vizinhos chamaram a polícia que conseguiu alcançar o veículo logo na chegada ao hospital. Na emergência, Malandrino ajudou a colocar a mãe numa maca e se ajoelhou com as mãos na cabeça. Minutos depois, acabou sendo preso e levado ao 27º DP. Dona Taíza não resistiu aos ferimentos e faleceu.

***

Marco Costa Malandrino nasceu em outubro de 1997, em uma família de classe média e teve, no mínimo, uma vida tumultuada. Aos três anos, seus pais se separaram e ele ficou morando com a mãe. Na infância, já apresentava alguns problemas psicológicos, mas foi na adolescência que deu muito trabalho à dona Taíza, constantemente se envolvendo em confusões. Ainda instável, passou a dedicar-se ao fisiculturismo. Chegou a participar de torneios estaduais da modalidade.

— Eu tomava todos anabolizantes que existiam, não tinha controle. O primeiro cigarro de maconha foi meu pai quem acendeu. Outra coisa: eu perdi a virgindade em 2015, com 17 anos e foi aí que a minha vida entrou em colapso — me relevou Malandrino.

Ele contou que perdeu a virgindade com uma prostituta arranjada pela mãe, que não queria vê-lo enfiado em bordéis. A relação aconteceu no próprio apartamento onde moravam. Ouvindo seus relatos, tive dúvidas se, na família de Marco, era ele mesmo o problemático.

Após ter a primeira relação sexual com a garota de programa, inexplicavelmente fixou a ideia de que tinha contraído AIDS, a despeito de o exame que fizera não apontasse a doença. A partir de então, passou a ser mais agressivo e se envolvia em brigas com mais frequência. A neurose era fomentada pelos anabolizantes, vodka e drogas e seu estado chegou ao ponto de sua mãe ser obrigada a interná-lo na clínica de recuperação Clif, no Rio de Janeiro. Taíza e o filho passaram a morar temporariamente na capital fluminense, pois ela se preparava para um importante concurso público naquele Estado.

Quando voltou para São Paulo com a mãe e a namorada Madalena, Malandrino já tinha passado por várias clínicas de recuperação para dependentes químicos.

Em determinados períodos, entre a infância e a juventude, ele morou com o pai, Marcos, comerciante do ramo de carretos. Embora gostasse do pai, preferia viver com a mãe que tinha condições financeiras melhores e lhe dava vida boa, mas isso não foi o suficiente para frear seus rompantes de agressividade causados pelo uso de drogas.

Eu conheci Marco Malandrino em 2017, no CDP de Pinheiros, em São Paulo, quando ele foi preso e estava na "inclusão" completamente dopado devido a uma dosagem elevada de medicamentos. Pendurado nas grades, ele fazia grande algazarra, causando espanto e medo em todos com seus arroubos de loucura.

Em Pinheiros, ele permaneceu quatro dias na mesma cela que eu ficava quando estava em "trânsito".

Ao retornar a Tremembé, reencontrei Malandrino, que havia sido transferido, mas infelizmente ele continuava sob efeito de fortes psicotrópicos.

Desde que chegou ao IRT, pouco tempo depois do crime, Marco Malandrino, cabisbaixo e sorumbático, nunca se relacionou de fato com a população de Tremembé, jamais se ambientou ao local.

— Acir eu não consigo de jeito nenhum me enturmar com a rapaziada. Será que o problema sou eu? — indagava.

Ele fumava sem parar e me perguntava, ingenuamente, quando iria para casa. A fim de acalmá-lo, eu dizia que sua pena seria curta pelo fato de ele ter passado por várias clínicas e por fazer tratamento psiquiátrico, além de não ter fugido da polícia depois de socorrer a mãe. Marco me fitava com olhos arregalados e me enchia de perguntas que nem sempre eu conseguia responder. Entre um questionamento e outro, ele intercalava momentos de silêncio.

Também silente, eu ficava tentando entender a dor de Marco, apenas um garoto que, no transcorrer de um aparente surto, matou a mãe. Apesar do físico avantajado, ele tem cara de menino. Tanto é que, ao ser preso no hospital enquanto socorria a mãe e colocado dentro da viatura, um policial perguntou ao outro:

— Quem é aquela criança ali dentro do carro?

— Não é uma criança não, é o cara que matou a mãe!

Espantado, o policial que imaginava ter visto um menino, fixou o olhar em Malandrino e se certificou de que não se tratava mesmo de uma criança. Em seguida, ele foi conduzido à delegacia, onde seu pai foi encontrá-lo.

Ele contou que, depois de preso, se fechou em seu próprio mundo para absorver o crime cometido contra a mãe e a si mesmo.

— Não consigo acreditar que isso aconteceu. Minha mãe dedicou a vida inteira pra mim, tudo o que ela fazia era para o meu bem estar — lamentou-se.

À medida que o tempo passava, percebia que Marco não era o monstro produzido pela mídia, apesar de ser autor de um crime bárbaro. Todos os presos novatos que chegavam a Tremembé e o conheciam, quando tomavam conhecimento do crime que ele havia cometido, ficavam impressionados, pois, à primeira vista, Malandrino não parecia em nada com o assassino que enfiou a faca na cabeça da mãe. Todos imaginavam tratar-se de um jovem estudante educado e tímido, preso por um crime menor. Não havia frieza em seu olhar. Sempre que algum preso saía em liberdade, ele, emocionado, se punha a chorar. Eu conversava com Marco e o incentivava a ler e fazer alguns cursos. Fiquei feliz quando ele me disse ter acatado a sugestão e se matriculado em um curso de qualificação profissional, o PET (Programa de Educação para o Trabalho). Marco pediu à direção do IRT para trabalhar na faxina, mas, por seu estado psiquiátrico, não foi permitido.

Parecia um jovem "quase" normal, com educação esmerada, mas quando ficava irritado ou era provocado, virava uma fera. Ele não arregava. Se fosse séria a provocação, não pensava duas vezes em se defender, usando seu corpanzil de fisiculturista.

Inicialmente ele dividia a cela com um médico, acusado de mandar matar a ex-mulher que estava grávida. Preocupado com o "histórico" psiquiátrico de Malandrino, o médico pediu para sair da cela. Pedido aceito. Marco ficou sozinho. Desde então, para agravar sua situação, ficou na companhia do silêncio na cela 36. Grande erro, pois a solidão e a falta de interação nas 14 horas em que ficava trancado e solitário não ajudavam em nada no seu tratamento psiquiátrico.

Eu tentei intervir junto à direção do IRT algumas vezes para mudar essa situação, mas sem sucesso, embora vários presos com problemas semelhantes ao dele ou até piores morem em companhia de um colega. Eu morei com um preso "pancada", assim era chamado, que tomava oito comprimidos por dia, em razão de problemas

mentais, mas confesso: sempre dormia preocupado ou permanecia em alerta contra um eventual surto do meu companheiro de cela. Se a companhia de um colega é boa para o preso que tem problemas psiquiátricos, por outro lado, gera apreensão para o outro que perde noites de sono. Como tudo na vida, são os dois lados da moeda.

Na solidão da cela, restou a Marco ficar acendendo um cigarro atrás do outro. Em muitas noites ele vai à janela da cela e fica chamando pela mãe. A cada quinze dias seu pai o visita em Tremembé. De sorriso dócil, quase "infantil" e em busca de conhecer a si mesmo, todos percebem que ele carece de um acompanhamento psiquiátrico sério, mas o IRT não tem condições de oferecê-lo, há apenas um único médico especialista na área para atender cerca de 450 internos.

***

Toda noite, por volta das 20 horas, Marco Malandrino vai ao guichê da cela e grita:

— Senhor funcionário, atendimento na 36, por favor!

E lá vem o agente carcerário, trazendo a medicação noturna que faz Malandrino cair em sono profundo. Ao acordar, tem início mais um dia de cárcere para o menino que tenta entender a volta que sua vida deu.

Quase todos os dias, ele ia até a porta da minha cela para tirar alguma dúvida sobre o cotidiano de Tremembé ou para desabafar. Apesar de raro, vez ou outra, ele sorria quando eu brincava com ele.

Por conviver com Malandrino, nunca compreendi como um rapaz educado perdeu a cabeça e matou a mãe, a quem era tão ligado, e de uma maneira tão bárbara. Se eu não conseguia entender, o que se dirá de Marco? Talvez até o último dia de sua vida pense como tudo aconteceu, sem encontrar resposta.

O que mais me surpreendeu em sua história e que me fez relacioná-la à Síndrome de Estocolmo foi presenciar a avó materna de Marco, visitando o neto no IRT todo fim de semana acompanhada das filhas Telma e Tânia. A dor delas era visível.

Certa ocasião, num dia de visita, eu conversei com a avó, mas evitei permanecer junto a eles; dona Mercedes estava visivelmente emocionada, apesar disso, agia com carinho em relação ao neto que tirara a vida de sua amada filha, causando-lhe profundo sofrimento.

Em uma de nossas conversas, Marco Malandrino proferiu uma frase que me chocou:

— O ódio me alimenta!

O FELIPE TOMOU VENENO!

No primeiro sábado de setembro de 2018 o jovem Felipe Coral, preso acusado da morte dos pais, recebeu sua primeira visita. José Antonio, seu avô, foi a Tremembé ver o neto que sofre de esquizofrenia e vive a base de vários remédios tarja preta. Felipe passava boa parte do dia caminhando feito um zumbi tamanha a dose de psicotrópicos aos quais era submetido. Apelidaram-no de The Walking Dead. Entretanto, era um sujeito calmo e bem quisto.

Com frequência, Felipe se dirigia à minha cela para pedir bolachas e doces e também ia à cela de Luiz Eduardo em busca de refrigerante, sempre sonolento.

No dia da visita, seu avô, emocionado, deu-lhe uma foto da mãe, imaginando que aquilo faria bem ao rapaz. Não fez.

Encerrada a visita, Felipe se trancou na cela e, próximo do horário de fechar as trancas, os agentes penitenciários Sidney e Paulo perceberam que ele estava passando mal e o socorreram à enfermaria. Lá, o jovem relatou que havia ingerido "pastilhas de raid", aquelas que se encaixa em um aparelho que é ligado na tomada para repelir pernilongos. Ele queria se matar.

Questionado quem havia lhe dado o "veneno" para ele cometer suicídio, afirmou:

— Quem me deu o veneno para eu me matar foi o Acir Filló!

Já com as trancas fechadas, os dois agentes foram à minha cela, onde eu "morava" com o médico Frederico.

— Acir, você deu "pastilhas de raid" para o Coral?

— De jeito nenhum, nunca. — Respondi.

— Ele disse que foi você — retrucou Sidney, no que expliquei:

— Sempre que está com fome, ele vem aqui e eu lhe dou alimentos. Como ele "não bate bem", se você perguntar quem deu algo para ele comer, dirá que fui eu.

Os agentes se retiraram, me deixando apavorado.

— E se esse maluco morrer? Os agentes terão que relatar o que o Felipe disse e eu seria acusado de "ajudar alguém a se matar", o que, obviamente, é crime. E se esse cara morrer? Questionava-me.

E fui tentar dormir. Dormir como?

Às sete horas da manhã do dia seguinte, assim que as trancas foram abertas fui às pressas à cela 7 do Felipe e, ao vê-lo pelo guichê deitado na cama, bati na porta repetidamente.

— Coral, que história é essa que eu te dei veneno pra você se matar?

Ele me fitou com olhar assustado e disparou:

— Ô Acir, eu não me lembro de nada, vai encher o saco de outro e me deixa dormir. Vai cuidar da sua vida!

Fiquei feliz da vida. Nunca uma grosseria como a desferida por Felipe fez tão bem aos meus ouvidos, afinal, ele estava vivo.

ELE QUERIA NAMORAR

Um parente de um famoso artista brasileiro estava em Tremembé havia seis meses sem receber a visita da mulher que, por questão documental, não poderia visitá-lo. Apenas as irmãs e os filhos iam vê-lo. Resolvida a questão burocrática, finalmente ele receberia a amada. Iria matar a saudade. Aos 70 anos e plena forma física ele me procurou um dia antes para saber o que levar para a ala íntima.

— Leva lençol, travesseiro, toalha, sabonete...— orientei.

O coitado estava há meses sem namorar e contava as horas para chegar o dia da visita.

Chegado o esperado dia, ele se perfumou, ajeitou os cabelos e, para "reforçar", tomou um estimulante cialis e foi encontrar sua visita. Ansiedade grande. Libido idem.

No salão de visitas, recebeu a elegante mulher com beijos, carinhos e abraços. Sentaram-se numa mesa próximo da minha para por a conversa em dia e comer alguma coisa.

Quando ele pegou a grande bolsa com os itens para visita íntima e se levantaram para se dirigirem à ala íntima, surpresa! Entra no salão o filho dele que correu para abraçar o pai, que não esperava recebê-lo naquele dia. O namoro teve de ser cancelado. Ele passou toda visita sentado, e ao final foi direto para sua ajeitada cela de onde não saiu mais naquele dia para que ninguém percebesse seu priapismo. Afinal, o cialis faz efeito de qualquer jeito.

"O que me preocupa não é o grito dos maus, é o silêncio dos bons".

Martin Luther King

SISTEMA PRISIONAL E A "SÍNDROME DO NEURÔNIO SOLITÁRIO"

$E = MC^2$

SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO

UMA EQUAÇÃO IMPOSSÍVEL

A famosa fórmula de Einstein foi um modo que encontrei para traçar um paralelo com o gravíssimo problema da "filial do inferno", que é nosso sistema prisional: dantesco, tenebroso e depósito fétido de seres humanos. Nesse quesito, os homens públicos brasileiros, que padecem da Síndrome do Neurônio Solitário, são incapazes de resolver esse complexo, porém equacionável flagelo, onde vivem 850 mil jovens, homens e mulheres; brasileiros abandonados à própria sorte, caos que assim pode ser traduzido:

$D = MC^2$

Descaso é igual à

Multiplicação do

Crime ao quadrado.

"O sistema prisional brasileiro é desumano".

General Augusto Heleno – Ministro – GSI da Presidência da República

Programa Conversa com Bial -12.12.2018

Bem Vindo ao Inferno!

—Aqui você é vagabundo!

Assim eu fui recebido por um funcionário grosseiro e despreparado no CDP (Centro de Detenção Provisória) de Suzano que, desse modo, respondeu ao meu "bom dia". Ele não me conhecia. Surpreso com a falta de educação e respeito daquele senhor obeso, barba por fazer, voz rouca e mal vestido, perguntei a outro funcionário o porquê da atitude daquele "servidor público".

— Ele odeia preso — respondeu.

Procurando não generalizar, e não seria justo se o fizesse, posso afirmar, por experiência própria que, lamentavelmente, essa é a mentalidade dos servidores públicos que trabalham nos presídios do Brasil, mentalidade construída nas últimas décadas, sobretudo nos anos da ditadura militar. É a perpetuação de séculos de tortura, castigos e mortes nas cruéis masmorras que deveriam envergonhar a humanidade.

A mentalidade dos funcionários, como aquele de Suzano, e de seus superiores que compactuam com atos de selvageria no interior das cadeias Brasil afora, não conseguem processar a informação de que a punição do transgressor da lei é sua segregação da liberdade, ou seja, é a prisão e ponto final. A pena atribuída aos presos é excluí-los do convívio social e isso, por si só, consiste em uma sanção duríssima, de modo que colocar em prática outros tipos de punição não previstos em lei, além de ilegal, mostra-se desumano.

Ainda sobre os funcionários, sobretudo os agentes penitenciários, eles são os menos culpados. O Estado seleciona mal, não prepara e remunera pessimamente esses servidores que lidam diretamente com os encarcerados.

A cultura medieval enraizada no sistema prisional, onde todos são moldados para agir como jagunços ou guardas de campo de concentração, faz com que muitos funcionários façam apenas o irrelevante trabalho de abrir e fechar portas de cela, colocar algemas e chamar os internos de lixo, ladrão, verme e outros adjetivos.

O Estado deve, antes de jogar o servidor para trabalhar nas prisões, qualificá-lo para desempenhar um papel que é preponderante no processo de ressocialização, inversamente do que ocorre hoje. Eles devem aprender noções de direito, primeiros socorros, psicologia, direitos humanos, dentre outros.

É fato: quase todos os funcionários de presídios, com raríssimas exceções, odeiam os presos e suas famílias. Com essa mentalidade tosca, é absolutamente impossível ressocializar. Em Tremembé, que é uma instituição modelo e diferenciada, vez ou outra chega um funcionário novato que fica abismado, indignado pelo fato dos presos ali serem respeitados. Para ele, ressocializar presos é algo inimaginável, queria mesmo é poder espancá-los, humilhá-los...

Cabe, por outro lado, ressaltar que muitos agentes penitenciários são hostilizados, agredidos e, em casos extremos, até mortos, além de pessimamente remunerados e sem assistência psicológica, hoje imprescindível.

Porém, contrariando a lógica da ressocialização, no interior dos presídios perpetuam-se os castigos que, de modo arbitrário, assumem as mais variadas formas, desdobrando-se em agressões, maus-tratos, péssima alimentação, superlotação, falta de higiene, estupros, torturas, extorsão, ausência de atendimento médico, odontológico, psicológico e social, privação de oportunidades para trabalhar, estudar e se qualificar profissionalmente. Ou seja: abandono total do Estado. Enfim, os presos tentam sobreviver em celas imundas, formando amontoados de gente destinada a viver na companhia de lixo, ratos e baratas. Nas celas, aidéticos, tuberculosos e portadores de toda sorte de doenças são vítimas de atrocidades só comparadas às dos campos de concentração nazistas. Tudo sob os aplausos e aprovação da sociedade que, cansada da violência, não roga por justiça, exige vingança, que é colocada em prática pelo Estado que desrespeita suas próprias leis e afronta as convenções e tratados internacionais de respeito à pessoa humana. A punição e castigo contínuos não reeducam nem ressocializam, só fazem aumentar o ódio dos presos que, num círculo vicioso, quando soltos, reincidem, buscando vingar-se da mesma sociedade que apoiou e aplaudiu seu suplício. E não estou defendendo bandido, mas a lei.

De acordo com a LEP (Lei de Execuções Penais), pessoas privadas da liberdade têm os mesmos direitos de todos os brasileiros

previstos na Constituição Federal, exceto o de ir e vir. Entretanto, o próprio Estado rasga a LEP, oferecendo prisões que são verdadeiros ambientes de estufa e de tortura psicológica e moral.

Na obra literária "Memórias do Cárcere", Graciliano Ramos, preso durante a ditadura do Estado Novo, relatou os maus tratos, condições insalubres de higiene e a falta de humanidade que vivenciou em sua rotina na prisão. Apesar de hoje vivermos em uma "democracia", o sistema prisional no Brasil ainda é símbolo de tortura, tal como ocorria no início do século passado.

Enquanto nossa sociedade desinformada, a imprensa descomprometida, a classe política, o judiciário e organismos da sociedade organizada não se despirem do preconceito estúpido que nutrem em relação a seus cidadãos presos, oriundos, na imensa maioria, da gigantesca indigência e desigualdade social, "o cachorro vai continuar correndo atrás do rabo". Logo, as iniciativas para coibir a criminalidade serão inúteis e milhares de jovens, homens e mulheres, devido à miséria, drogas, desestrutura familiar, desemprego e a outros fatores, continuarão sendo presos, inicialmente, por pequenos delitos superlotando as prisões. Miséria não justifica criminalidade, mas contribui significativamente.

A história sempre se repete:

A polícia prende. A Justiça mecanicamente encarcera. Na cadeia, o Estado reduz o preso para uma condição lastimável. Tempos depois, o egresso do sistema carcerário, aviltado, humilhado e com ódio, retorna ao seio da sociedade, mas com um carimbo de ex-presidiário na testa. As portas se fecham. Sem alternativa, sem emprego e com o estômago vazio, ele comete novos e piores crimes que aprendeu na cadeia, a escola do crime. E o ciclo recomeça: a polícia prende, espanca e a Justiça "burocrática" enjaula novamente. Fragilizado, dependente e sem convicção própria, nosso personagem é recrutado pela facção que domina o presídio. Ele se "profissionaliza" no crime e, ao sair, volta ao convívio social, volta a ser nosso vizinho, queiramos ou não. E aquele, inicialmente preso por um pequeno delito e que não foi recuperado pelo Estado, se transforma em um marginal homicida e vai matar nossos filhos para roubá-los, vai traficar, sequestrar... E a polícia pela terceira vez o prende. O povo grita: "Cadeia nele"! A sociedade cega e aflita aplaude e ecoa a boçalidade: "Pena de morte já"! O sujeito volta para a cadeia, que mais se parece com um calabouço medieval. No presídio, torna-se mais perverso, caso contrário, não sobreviveria e, anos depois, retorna às ruas com a dignidade perdida e sem um fio de humanidade na alma. Quer apenas se vingar, não importa quem seja a vítima.

Portanto, unicamente prender o delinquente e jogá-lo em uma cela imunda não resolve absolutamente nada. Somente agrava o caos e alimenta a indústria do crime. Ao mesmo tempo, a população torna-se vítima direta do nosso vil e falho sistema prisional e criminal. Precisamos ser mais inteligentes que os chipanzés e admitirmos que esse modelo de aprisionamento em massa faliu, esgarçou-se. Em muitas celas, os detentos se revezam para dormir — enquanto alguns deitam, outros aguardam junto às paredes, de pé.*

Não se trata de "defender bandido"; a criminalidade deve ser combatida com o rigor da lei. O Estado deve se impor, contudo, com inteligência e sensatez, não com populismo barato.

O vácuo deixado pelo Estado no provimento de direitos básicos dos presos foi preenchido pela "solidariedade" das facções criminosas, nascidas da ausência do mesmo Estado, para coibir a violência entre os presos e os abusos de agentes penitenciários. **

Para agravar essa tragédia, as facções venceram a concorrência com o Estado. A competição é desigual. Veja:

- As facções oferecem aos presos "associados", proteção nas cadeias e nas ruas. O Estado lhes oferece celas superlotadas;

- As facções oferecem, mensalmente, cestas básicas às famílias dos presos. O Estado lhes oferece comida azeda;

- As facções concedem advogados ao detento associado. O Estado o abandona nas cadeias sem assistência jurídica de fato, ao contrário do que determina a LEP;

- As facções proporcionam ao preso, progresso no mundo do crime baseado na ideia de meritocracia. O Estado ignora os direitos dos presos à educação, ao trabalho e à qualificação profissional;

*Revista Super Interessante – Abril – 2017 **_Folha de São Paulo – 08/01/2017_

• As facções ofertam auxílio e transporte aos familiares. O Estado oferece e aplica castigo, tortura, punição, humilhação...

Então, quem está levando vantagem? É fácil entender por que as benesses oferecidas pelos grupos criminosos seduzem tanto os presos recém-chegados.*

A maior parte dos detentos tem idade inferior a 30 anos. Portanto, estão no ápice da força física para o trabalho e ainda tem a oportunidade de aprender uma profissão para que possam retornar à sociedade com um meio de obter renda de maneira honesta. Falta ao Estado oferecer oportunidades. É equivocada a percepção de que os presos não querem estudar e trabalhar. É o que mais desejam.

Nossos gestores públicos não precisam ir à Noruega para conhecer os melhores modelos de prisão. Basta visitar uma APAC (Associação de Proteção e Assistência ao Condenado) em Minas Gerais, Espírito Santo ou conhecer a PII de Tremembé.

— Os presos chegam aqui como bichos, de cabeça baixa e mãos para trás. No portão, a gente tira as algemas e a roupa laranja, levanta o queixo deles e fala: "Olha reto!" Eles ainda ficam um tempo olhando para baixo, mas aos poucos vão voltando a andar como gente! Borrachadas e pauladas na cabeça não deram conta de resolver o problema. Nosso método parte do estabelecimento de um novo pacto com o prisioneiro baseado no respeito mútuo — afirma um diretor da APAC, Erípedes Tobias.

A instituição prisional, conhecida como APAC, iniciou suas atividades em 1974 e funciona em parceria com a Pastoral Carcerária, envolvendo um grande número de voluntários da comunidade. No sistema tradicional, cada preso custa ao Estado até R$ 4.500,00. Na APAC, esse custo cai para R$ 915,00.**

A rotina que deve ser cumprida diariamente pelos internos começa às seis horas da manhã, horário em que todos se levantam e iniciam uma série de atividades de trabalho e capacitação que se estende até às 22 horas, quando todos são obrigados a se recolher. As horas do dia são divididas entre sala de aula, laborterapia, leitura, informática e outras obrigações. Exames toxicológicos são feitos sem aviso prévio em todos os internos ou por amostragem, e qualquer deslize acarreta punição com o retorno ao presídio de origem. A filosofia é: "Nós confiamos em vocês, mas queremos reciprocidade". — Por isso, as chaves das dependências internas ficam com os presos, que se revezam em turnos, apenas a chave da porta da rua fica com a direção.

A média de não reincidência (recuperação) nas APACs é de 70% a 80%. Em algumas unidades, chega a 98%. No Brasil, o percentual médio é infinitamente menor.

Lá, as famílias convivem com os presos com grande proximidade, pois entende-se que isso é fundamental na ressocialização. A filosofia da instituição é baseada em três pilares: trabalho, religião e disciplina. Todos seguem as regras à risca. Sem qualquer chance para a ociosidade, trabalham todos os dias nas oficinas de artesanato, padaria, cozinha, serralheria, marcenaria e estudam. Inclusive, fazem cursos profissionalizantes, praticam esportes e têm biblioteca à disposição, além de atendimento médico e odontológico. Os "recuperandos", como são chamados os presos das APACs, são oriundos de presídios tradicionais onde cumpriam suas penas e tinham bom comportamento, um dos pré-requisitos para serem aceitos, independentemente de seus crimes.

A autorização de ingresso é feita pelo juiz local, depois de pedido por escrito do detento, mediante assinatura de um termo em que se compromete a seguir as rígidas regras de disciplina. Nos estados em que existem, há milhares de presos aguardando vaga e autorização para cumprir pena na APAC que, infelizmente, por falta de mais parcerias, ainda atende um pequeno número de presidiários.

Um dos inúmeros exemplos do sucesso na ressocialização dos detentos é Murilo Neiva. Condenado por latrocínio a 21 anos de prisão, ele cursa direito. O método aplicado nas APACs o recuperou. Afinal, um preso ressocializado é um bandido a menos nas ruas. "Bandido bom é bandido recuperado", define Valdeci Ferreira, da APAC.*

Em razão do comportamento dos internos, nas APACs não existem carcereiros nem policiais. Nunca houve motim, rebelião ou fugas. Todos são chamados pelos nomes e eles retribuem com bom comportamento.

* *Revista Super Interessante – Abril – 2017* ** *O Globo – 22/01/2017*

**Revista Vip – Novembro 2018*

Encarceramento em Massa

"A solução não está em alterar a maioridade penal, mas em corrigir as causas da delinquência juvenil".
Marco Aurélio Mello - Ministro do STF

O Brasil conta hoje com 850 mil presos, ocupando o terceiro lugar no ranking mundial atrás apenas dos Estados Unidos e China. O país conta com o dobro de encarcerados em relação ao número de vagas nos presídios. A superlotação causada por uma cultura insana de encarceramento em massa tem sido o combustível para o aumento da violência dentro e fora das prisões.

De acordo com o especialista Julio Jacobo Waiselfisz, autor do *Mapa da Violência*, "o aprisionamento maciço está relacionado com a guerra às drogas". Ele observa que, "se um contraventor ou usuário é flagrado com droga, vai preso. A nossa polícia é a do flagrante, que não pesquisa. Todo mundo sabe que esse pequeno contraventor vai sair da prisão um grande criminoso, porque ali é a universidade do crime e se não entrar na facção não sobrevive lá dentro."*

Outra questão que precisa ser repensada se refere à lei de drogas de 2006, uma das principais responsáveis pelo inchaço dos presídios. Desde que começou a ser aplicada, o número de pessoas presas por tráfico cresceu 348% e o problema está longe de ser resolvido. Especialistas confirmam que a lei endurece as penas para pequenos traficantes, muitas vezes dependentes químicos que vendem drogas para sustentar o vício, sem representar maior perigo para a sociedade.

Diante disso, a fim de reduzir as distorções, os mesmos especialistas sugerem ajustes na lei ou defendem a descriminalização das drogas como uma solução para frear a avalanche de prisões, cujo resultado é a superlotação do sistema. "Descriminalizando o consumo tira-se 30% dos presos das cadeias do país" — afirmou Paulo César Malvezzi, da Pastoral Carcerária.**

Pesquisa do Núcleo de Estudos de Violência da USP, realizada em 2012, apontou que, em 62% dos casos de flagrante por tráfico em São Paulo, as pessoas eram presas com menos de 100 gramas de droga. Além disso, 80,6% dos detidos, como constatado, eram réus primários, o que, como já observado, contribui para a superlotação dos presídios, sobretudo com jovens negros e pobres. Logo, verificamos um grande equívoco na atual lei de drogas no Brasil. Inclusive é visível a prática nefasta e equivocada de encarceramento de pessoas tidas como traficantes, mas que não visam lucro, pois desejam apenas consumir. Essas devem ser tratadas e não presas.

Também sobejam decisões em que pessoas brancas, muitas vezes com quantidade de drogas maiores, são consideradas usuárias. Em contrapartida, pessoas pobres e negras, com quantidades menores, são consideradas traficantes, uma verdadeira prática da teoria do etiquetamento social. Essa constatação, caro leitor, concorde você ou não, reflete a nossa vil realidade. Caso realmente a política repressora e punitiva da chamada "guerra às drogas" tivesse surtido algum efeito, não teria aumentado a diversidade de drogas, inclusive a das sintéticas. Não teria ocorrido o aumento considerável do número de consumidores. É preciso admitir que, até hoje, as "armas" utilizadas pelo Estado no combate às drogas não foram eficazes para diminuir o consumo e tampouco para combater o tráfico. Apenas superlotaram as prisões.

Destarte, nossos presídios tornaram-se campos de concentração de negros e pobres. "As prisões no Brasil são pocilgas superlotadas", falou Boris Casoy, no Rede TV! News.

Os usuários devem ser tratados como questão de saúde pública, não de aprisionamento. E o combate ao tráfico, de fato, deve ser "projeto de Estado", a começar pelas fronteiras e participação efetiva de todas autoridades dos três poderes.

A despeito da discussão da redução da maioridade penal, caso seja irreversível, alerto deputados e senadores que tão somente autores de crimes hediondos, tais quais estupros, homicídios ou sequestro devem ser encarcerados, e jamais no mesmo ambiente onde estão os presos perigosos ou controlados por facções.

"Em todo camburão há um pouco de navio negreiro".
A.F.

**Gaúcha ZH* ***C. Capital 17/01/2017*

A Praga das Prisões Preventivas

"Do fundo do meu coração, se fosse para cumprir muitos anos em alguma prisão nossa, eu preferia morrer".
José Eduardo M. Cardoso - Ex-Ministro da Justiça.

Lamentavelmente, em razão do populismo penal, de uma criminologia midiática, da cultura do encarceramento e do falso discurso da impunidade, prisões preventivas são decretadas como verdadeira antecipação de pena, o que fere o princípio da presunção de inocência e constitui clara afronta à lei processual penal.

Verifica-se, ainda, que muitos juízes e tribunais, atendendo a sanha punitivista do Ministério Público, decretam a medida extrema e excepcional para fins estranhos ao previsto em lei. Assim, prisões provisórias, que para muitos são "perpétuas", são decretadas demagogicamente pelo clamor público, como injusta antecipação da tutela penal. O princípio da presunção de inocência é realmente um mito no Brasil. Prevalece, em muitas situações, o princípio da "presunção de culpa". Observa-se que a culpa não é só dos magistrados, mas também da lei engessada e ultrapassada.

Diferentemente da aplicação da prisão preventiva, que deveria ser uma exceção e não a regra como ocorre hoje, o judiciário deveria respeitar a lei e aplicar medidas cautelares como a proibição de acesso a determinados lugares e de manter contato com determinadas pessoas, prisão domiciliar, suspensão do exercício de função pública, monitoramento por tornozeleira eletrônica, entre outras bem menos traumáticas e custosas que a prisão preventiva, cujo grande fiasco tem sido levar muitos inocentes e autores de delitos de baixa lesividade a cadeiões superlotados, violentos e repletos de criminosos perigosos. E a regra não consiste em nenhuma novidade: no ambiente do presídio, o indivíduo se torna também um bandido perigoso ou estará liquidado.

Outro detalhe: prisões preventivas são decretadas, muitas vezes, em se tratando de crimes com penas inferiores a quatro anos. Absurdamente, alguns acusadores denunciam os investigados por vários crimes, até mesmo os não cometidos, para que os quatro anos sejam extrapolados e isso induza ou possibilite ao juiz a decretar a prisão. Tal prática caracteriza uma grande "aberração jurídica", manifestamente ilegal.

Também não faz nenhum sentido manter preso, durante o processo, consumindo dinheiro público, alguém que não é autor de crime violento, sequer foi condenado e talvez nem o seja. Lamentavelmente, a nefasta cultura punitiva faz com que o MP e o Judiciário resistam em aplicar medidas cautelares e a prisão continua sendo a medida preferida. Em muitos casos, o período da prisão preventiva chega a superar o tempo de uma eventual condenação.

De acordo com a ONG Conectas, se as penas alternativas fossem aplicadas para substituir penas de prisão de até oito anos, seria possível reduzir a população carcerária em 53%. Uma parte dos juízes ainda reluta em entender que a prisão não consiste em uma obrigação. De fato, deve ser a última alternativa.

O percentual de presos provisórios atualmente é o mesmo de presos que excedem o número de vagas no sistema. "A gente precisa realmente mandar essas pessoas para a cadeia"? Questiona Fabio Sá e Silva.*

***

Um estudo realizado pelo IPEA constatou que apenas 37.2% dos presos provisórios são condenados à prisão após julgamento. Esses dados são confirmados pelo INFOPEN e pelo Ministério da Justiça, que afirma ser de R$ 300,00 o custo mensal médio para manutenção de um acusado ou condenado com tornozoleira, muito menor do que o custo e a problemática de manter um preso encarcerado.

O uso de tornozeleiras eletrônicas poderia levar a economia de 3,3 bilhões de reais por ano para o Brasil — afirma a consultoria GO Associados.** Com esse valor, seria possível criar 23 mil vagas em prisões ou instalar bloqueadores de celular em 1650 presídios.

Se esses R$ 3,3 bilhões fossem investidos em educação pública, poderiam render quatro vezes mais. "Seriam gerados R$ 13,1 bilhão na economia como um todo, cerca de 271 mil novos empregos, R$ 3,6 bilhões em salários e R$ 866 milhões em arrecadação de impostos", afirmou Fernando Marcato, da FGV, especialista em direito público.***

* Folha de São Paulo – 08/01/2017
**Bol Noticias/ Estadão – 27/01/2017 ***Estadão – 27/01/2017

A Praga das Prisões Preventivas

"Do fundo do meu coração, se fosse para cumprir muitos anos em alguma prisão nossa, eu preferia morrer".
José Eduardo M. Cardoso - Ex-Ministro da Justiça.

Lamentavelmente, em razão do populismo penal, de uma criminologia midiática, da cultura do encarceramento e do falso discurso da impunidade, prisões preventivas são decretadas como verdadeira antecipação de pena, o que fere o princípio da presunção de inocência e constitui clara afronta à lei processual penal.

Verifica-se, ainda, que muitos juízes e tribunais, atendendo a sanha punitivista do Ministério Público, decretam a medida extrema e excepcional para fins estranhos ao previsto em lei. Assim, prisões provisórias, que para muitos são "perpétuas", são decretadas demagogicamente pelo clamor público, como injusta antecipação da tutela penal. O princípio da presunção de inocência é realmente um mito no Brasil. Prevalece, em muitas situações, o princípio da "presunção de culpa". Observa-se que a culpa não é só dos magistrados, mas também da lei engessada e ultrapassada.

Diferentemente da aplicação da prisão preventiva, que deveria ser uma exceção e não a regra como ocorre hoje, o judiciário deveria respeitar a lei e aplicar medidas cautelares como a proibição de acesso a determinados lugares e de manter contato com determinadas pessoas, prisão domiciliar, suspensão do exercício de função pública, monitoramento por tornozeleira eletrônica, entre outras bem menos traumáticas e custosas que a prisão preventiva, cujo grande fiasco tem sido levar muitos inocentes e autores de delitos de baixa lesividade a cadeiões superlotados, violentos e repletos de criminosos perigosos. E a regra não consiste em nenhuma novidade: no ambiente do presídio, o indivíduo se torna também um bandido perigoso ou estará liquidado.

Outro detalhe: prisões preventivas são decretadas, muitas vezes, em se tratando de crimes com penas inferiores a quatro anos. Absurdamente, alguns acusadores denunciam os investigados por vários crimes, até mesmo os não cometidos, para que os quatro anos sejam extrapolados e isso induza ou possibilite ao juiz a decretar a prisão. Tal prática caracteriza uma grande "aberração jurídica", manifestamente ilegal.

Também não faz nenhum sentido manter preso, durante o processo, consumindo dinheiro público, alguém que não é autor de crime violento, sequer foi condenado e talvez nem o seja. Lamentavelmente, a nefasta cultura punitiva faz com que o MP e o Judiciário resistam em aplicar medidas cautelares e a prisão continua sendo a medida preferida. Em muitos casos, o período da prisão preventiva chega a superar o tempo de uma eventual condenação.

De acordo com a ONG Conectas, se as penas alternativas fossem aplicadas para substituir penas de prisão de até oito anos, seria possível reduzir a população carcerária em 53%. Uma parte dos juízes ainda reluta em entender que a prisão não consiste em uma obrigação. De fato, deve ser a última alternativa.

O percentual de presos provisórios atualmente é o mesmo de presos que excedem o número de vagas no sistema. "A gente precisa realmente mandar essas pessoas para a cadeia"? Questiona Fabio Sá e Silva.*

***

Um estudo realizado pelo IPEA constatou que apenas 37.2% dos presos provisórios são condenados à prisão após julgamento. Esses dados são confirmados pelo INFOPEN e pelo Ministério da Justiça, que afirma ser de R$ 300,00 o custo mensal médio para manutenção de um acusado ou condenado com tornozeleira, muito menor do que o custo e a problemática de manter um preso encarcerado.

O uso de tornozeleiras eletrônicas poderia levar a economia de 3,3 bilhões de reais por ano para o Brasil — afirma a consultoria GO Associados.** Com esse valor, seria possível criar 23 mil vagas em prisões ou instalar bloqueadores de celular em 1650 presídios.

Se esses R$ 3,3 bilhões fossem investidos em educação pública, poderiam render quatro vezes mais. "Seriam gerados R$ 13,1 bilhão na economia como um todo, cerca de 271 mil novos empregos, R$ 3,6 bilhões em salários e R$ 866 milhões em arrecadação de impostos", afirmou Fernando Marcato, da FGV, especialista em direito público.***

* Folha de São Paulo – 08/01/2017
**Bol Noticias/ Estadão – 27/01/2017 ***Estadão – 27/01/2017

Ainda, esses R$ 3,3 bilhões poderiam ser direcionados para melhor aparelhar e estruturar o poder judiciário, sobretudo, a justiça criminal, o que agilizaria os processos e reduziria substancialmente o encarceramento em massa. Ou ainda, poderiam ser investidos também para ampliar a defensoria pública, hoje deficitária.

Não acredito que se deva generalizar as críticas. Temos uma imensa maioria de magistrados, extremamente devotados, éticos e sensatos. E como esses, há incontáveis outros pelo país. De modo que contamos com numerosos Celsos de Mello, Ricardos Lewandowisks, Dias Toffolis, Raquels Dodges, Lauritas Vaz, Gian Paolos Smanios, Luiz Edsons Fachins, Rosas Weber e João Otávios de Noronha que constituem pilares da justiça e do Ministério Público. A AMB (Associação dos Magistrados do Brasil), uma das mais respeitadas e atuantes entidades do país deve fazer forte gestão visando a reestruturação da Justiça criminal, desburocratizando e ampliando o número de magistrados visando desafogar as Varas, hoje superlotadas.

***

A socióloga e pesquisadora Julia Lemgruber constatou que uma medida emergencial para reduzir a superlotação seria a revisão da situação jurídica dos presos provisórios. Sobre a questão das drogas ela ressalta: "A gente sabe que os pobres, os negros e os favelados é que estão nas cadeias. Os meninos brancos, moradores de áreas privilegiadas, sempre vão ser considerados como usuários". Ela também é favorável à descriminalização das drogas. Como observa, "o mundo admite que a guerra contra as drogas fracassou. É ilusório pensar que com repressão violenta vá se chegar a um mundo sem drogas".

Ainda quanto à superlotação dos presídios, Renata Neder, da Anistia Internacional, afirmou que no Brasil 40% dos presos são provisórios. A constatação é alarmante.

Alguns presos ficam muitos anos esperando a sentença e, muitas vezes, são condenados a uma pena menor que a já cumprida. Além disso, a imensa maioria está presa por crimes não violentos, o que não justifica suas prisões. Segundo ela, "o problema também está na lentidão da Justiça em julgar processos. Há presos que já cumpriram toda a pena e ainda estão encarcerados porque não têm advogado. A Defensoria Pública e as Varas de Execuções Penais estão sobrecarregadas e não agilizam a progressão de regime".

Por falta de estrutura, há lentidão no sistema de justiça criminal em responsabilizar alguém por um ato criminoso. Estudos apontam que um homicídio pode tramitar por mais de nove anos na justiça, como apontado em Minas Gerais.*

Também, torna-se imperioso ressaltar que a separação entre presos provisórios e condenados, como a de detentos por natureza e gravidade do crime cometido estão previstas na Lei de Execuções Penais e em tratados internacionais, mas no Brasil a lei é sumariamente desrespeitada. Essa é uma obrigação legal historicamente descumprida pelo Estado brasileiro. Tal prática evitaria que inocentes e réus primários convivessem com criminosos de carreira e com facções criminosas, opinou Maria Laura Canineu, da Human Rights Watch.** Acrescento que a superlotação e a falta de pessoal qualificado fazem com que não se ofereça nenhuma forma de ressocialização e isso só faz aumentar a reincidência. A capacitação dos agentes penitenciários também é necessária e urgente.

A despeito das críticas pontuais aqui direcionadas por especialistas à justiça criminal, há de se ressaltar: Democracia sem Justiça forte, livre e independente não é uma democracia legítima.

Embora o Brasil tenha sido denunciado na Comissão de Direitos Humanos da OEA e no Conselho de Direitos Humanos da ONU, as autoridades permanecem inertes diante do problema, cuja solução depende de vontade política. Não obstante, nós brasileiros, demonstramos não ter a capacidade de evoluir como civilização, pois somos umbilicalmente vinculados ao atraso, ainda somos provincianos, como disse FHC.

Perguntaram-me certa ocasião qual imagem caracteriza o Brasil atual com seu abismo social e descaso governamental:

— O Brasil é como uma Bangladesh de smoking e óculos escuros, com idade mental de cinco anos.

Necessário se faz combater a demonização dos órgãos que atuam na defesa dos direitos humanos, algo bastante comum no Brasil. A população desinformada repete o famigerado mantra de que "os direitos humanos só defendem bandidos", enfraquecendo, assim, a atuação desses grupos imprescindíveis à sociedade e à democracia

**Folha de São Paulo – 08/01/2017 **Folha SP – 08/01/2017*

que, na realidade, defendem toda a coletividade contra todo tipo de abuso ou desrespeito aos seus direitos e à dignidade humana. Combatem a exploração sexual, atuam contra o trabalho escravo e combatem a violência contra a mulher, entre outras frentes.

Todavia, parte da imprensa brasileira não vem cumprindo a contento seu papel de informar acerca da real finalidade dessas entidades. E não se trata de condenar apenas a imprensa, atribuindo-lhe responsabilidade por todas as mazelas. O próprio Estado se mostra negligente e não é difícil imaginar a seguinte situação: o sujeito é preso por transgredir a lei. O Estado, por sua vez, também a transgride quando desrespeita os direitos dos presos e os trata como lixo. Logo, tanto o infrator quanto o Estado são criminosos. Lembre-se de que o Estado somos todos nós.

A população prisional no país cresceu 572% desde 1990. Mantendo-se este ritmo, em 2024, teremos mais de um milhão de adultos encarcerados. Para receber toda essa população, o Brasil precisaria construir centenas de novas unidades prisionais "adequadas", somadas as 1400 existentes.

A forma indiscriminada de aprisionar e combater a violência falhou. O modelo é parte do problema, se aprisiona muito e mal. Promotores, policiais, defensores, juízes, secretários de segurança, governadores, ministros e parlamentares, além da chefia dos três poderes, operam ou influem, de alguma maneira, no sistema prisional brasileiro, mas de forma descoordenada. "Cada um faz só um pedacinho do trabalho", é a opinião de Renato Sérgio de Lima, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Segundo ele, "é por causa disso que, quando alguém é condenado, este some dentro do sistema e ninguém fica responsável por ele. Falta cooperação". *

Prova do estado caótico das prisões no Brasil é que 88% dos presos não estão envolvidos em qualquer atividade educacional e 85% deles não trabalham por falta de opção. Não bastasse isso, a incidência do vírus da AIDS nas prisões do Brasil é 138 vezes maior do que a constatada na população geral.** Agravando o caos, os presos têm três vezes mais chances de serem mortos do que a população em geral e 28 vezes mais possibilidades de contrair tuberculose.

*Folha de São Paulo – 08/01/2017 **O Globo – 09/12/2017

O grau de instrução dos presos também é um dos fatores que contribuem para a não reinserção e o aumento da violência no sistema carcerário. Boa parte dos detentos não possui qualquer diploma e sequer concluiu o ensino fundamental. Apenas 1% dos encarcerados cursou a universidade.

Com Dias Toffoli na presidência do STF e CNJ, acendeu-se um holofote no fim do túnel. Conhecedor do caos e com forte sensibilidade ao tema, o Ministro afirmou que sua gestão vai reduzir em 40% a superpopulação prisional com medidas alternativas.*

"A criação de lei que garanta e fomente a fiscalização de presídios por entidades de proteção dos direitos humanos é fundamental para aumentar a transparência e o controle social sobre o sistema", — opina Marco Fuchs, da ONG Conectas.

Toda a sociedade, caro leitor, deve tirar os óculos manchados de hipocrisia e demagogia para enxergar que está na contramão no tocante ao tratamento destinado aos nossos presos. Sim, nossos presos! Pois, como somos sedentos por vingança e não por justiça, acabamos apoiando o desrespeito às leis. Há de se mudar a torpe mentalidade de que os presídios devem ser o ralo da sociedade.

Causa perplexidade que iniciativas para ao menos minimizar os problemas nos presídios podem ser efetuadas pelo Estado, mesmo porque são de baixo custo e exequíveis. Entretanto, os governos se omitem. Quando Prefeito de Ferraz de Vasconcelos, embora não tivesse a sensibilidade que possuo hoje no tocante às condições dos presidiários, arregacei as mangas e inaugurei, em 2013, com o então secretário da Administração Penitenciária (SAP), Lorival Gomes, uma Central de Penas e Medidas Alternativas, programa que possibilita aos infratores de baixo potencial ofensivo (réus primários) pagarem suas penas, utilizando suas habilidades e conhecimentos em benefício da sociedade local. Foi uma parceria do Estado com o município. Então, pergunto: se está ao alcance dos prefeitos atuar para melhorar as condições dos presidiários, por que os governadores, deputados, senadores, ministros, permanecem inertes e omissos diante desse grave problema?

*Estadão- 11-11-2018

Ressalto que a SAP, apesar das limitações de orçamento e imperfeições na política de ressocialização, é uma secretaria que apresenta resultados. Todavia, muito há de ser feito. Acredito que João Dória, novo governador de São Paulo, a quem admiro, seu vice, Rodrigo Garcia, com quem tenho longa amizade, e o novo secretário da SAP, o elogiado e experiente Nivaldo Restivo, terão a firmeza necessária na prevenção e combate ao crime e sensibilidade e altivez de atuar com afinco nas origens do problema, entre eles, jovens sem perspectivas e o degradado sistema prisional. Caso ajam apenas com a força, fracassarão. Restivo começou positivamente, reconhecendo o grande deficit de vagas, afirmou que novas unidades serão construídas via PPP (Parceria Pública Privada) e que apoiará audiências de custódia para reduzir a super lotação, entre outras medidas.

Acrescento a isso, a opinião de especialistas da necessidade urgente de aparelhar, treinar e valorizar os policiais civis e militares do país que não são priorizados e trabalham colocando suas vidas em risco por um salário miserável diante da importância da função que é proteger a sociedade. A polícia de São Paulo, que é uma das melhores do Brasil, deveria ter remuneração pelo menos três vezes maior do que a atual, entre outros benefícios. Da mesma forma, deve-se reforçar e tornar as corregedorias, independentes dos comandos e quartéis e exigir delas uma atuação transparente, eficiente e rígida visando combater a corrupção policial cometida por uma ínfima minoria nas corporações e delegacias, mas gravemente danosa ao combate à criminalidade. Os policiais sérios ficam expostos pela parceria dos colegas corruptos com o crime.

Para tanto, se faz necessário também que os órgãos periciais como IML e Instituto de Criminalística sejam desvinculados das Secretarias de Segurança Pública para poderem atuar com independência e isenção como já ocorre em todos os países sérios que, inclusive, aplicam testes toxicológicos anualmente em todos policiais e outros servidores do Estado o que lamentavelmente não ocorre no Brasil. Pesquisa *Data Folha* de abril de 2019 apontou que 51% da população tem mais medo que confiança na polícia. Essa é uma constatação injusta mediante milhares de ótimos policiais corretos e honestos.

Mentalidade Atrasada

"O modelo do sistema prisional brasileiro está próximo da falência total".
Cesar Peluso – Ex–Ministro STF

— A reabilitação dos presos é do maior interesse público em termos de segurança e criminalidade — disse o Ministro da Justiça da Noruega que, como se estivesse se dirigindo às autoridades brasileiras, também afirmou: "nosso sistema prisional exclui a ideia de vingança, que não funciona e foca na recuperação total do criminoso.

Essa referência às prisões da Noruega, melhor IDH do mundo, é uma forma de chamar a atenção das autoridades brasileiras, notadamente em descompasso com a visão predominante em países desenvolvidos, para a necessidade de priorizar o caráter pedagógico da pena em vez de dar ênfase a seu aspecto meramente punitivo.

Não demanda esforço para perceber que tão somente encarcerar criminosos só faz alastrar a violência dentro e fora das prisões. Ótimas iniciativas como da APAC e de Tremembé corroboram esse fato. Afinal, quando os presos têm a oportunidade de se reeducar — são tratados como reeducandos e não como vagabundos — quem ganha é a sociedade. O leitor deve estar se perguntando: por que o Brasil, oitava economia do mundo, não consegue equacionar esse grave problema que afeta toda a sociedade?

Longe de ter uma resposta definitiva para esta questão de extrema complexidade, posso discorrer sobre o tema. E meus argumentos não são baseados apenas em teorias, mas fundamentados na minha experiência real adquirida na vida pública, dentro de presídios, na prática e no contato direto com presos, juízes, promotores, políticos, policiais, agentes penitenciários, imprensa e todos os atores envolvidos na questão.

Enfim, com base nos inúmeros estudos e nas minhas vivências no sistema prisional, pude constatar algo bastante lamentável: infelizmente no Brasil fomenta-se um ódio incomensurável aos presos. No tocante ao sistema prisional, ainda estamos na idade das trevas. Imagino que, se o suplício dos condenados fosse permitido no

Brasil, seriam televisionados e teriam enormes índices de audiência e o mais assustador de tudo isso é que os espectadores dos espetáculos macabros não seriam apenas pessoas comuns, mas também deputados, senadores, governadores, secretários, ministros...

Confesso que antes de conhecer a dura realidade das prisões, antes de estudar profundamente o tema e entrevistar atores envolvidos, eu era um grande ignorante no assunto, sem o mínimo de sensibilidade para a questão. Muitas vezes, influenciado pela imprensa sensacionalista, como já disse, desejei que todos os presídios fossem explodidos com os presos dentro. Ah! Como eu era estúpido!

Quando eu era um tolo, concordava que os presos sofressem maus tratos diariamente, até o dia em que convivi com eles e constatei o óbvio: a violência contra os presos gera ainda mais violência no seio da própria sociedade; quando eu era incoerente, comemorava, ao ver na TV, celas superlotadas, escuras e sujas, até estar dentro de uma delas e constatar o quão isso é desumano; quando eu não tinha informação sobre o tema, ficava satisfeito ao ver decapitações nas rebeliões, gostava de saber que os presos sofriam maus tratos, até o dia em que convivi com eles e atestei: a maior parte da população carcerária não está presa por crime violento; quando eu era alienado, torcia para que a polícia invadisse as prisões e baixasse o cacete na rapaziada até eu ser preso e verificar que 90% dos detentos querem trabalho, caderno e lápis, e não porrada. Eu torcia para que os presos recebessem comida estragada, não tivessem assistência médica, social ou jurídica, até conhecer cadeias com seres humanos doentes e abandonados; quando eu era preconceituoso, costumava dizer que os presos mereciam apanhar; quando eu era desinformado, não acreditava na recuperação e ressocialização dos presos até constatar que 90% deles querem mesmo é trabalhar e se qualificar na prisão para ter oportunidades. Pude constatar, com meus próprios olhos, Sérgio Balbo, um prisioneiro de Tremembé, se debulhando em lágrimas quando conseguiu uma vaga de trabalho.

Hoje me envergonho pelo modo como pensava. Para me tornar uma pessoa mais humana nesta área, tive de sentir na pele a dura realidade. Será que alguns jornalistas e todos governantes, sobretudo os governadores, terão de passar uma temporada na cadeia para despertar?

Lamento não ter tido, antes, a visão, senso de humanidade e altruísmo de Dráuzio Varella, Caco Barcellos e Roberto Cabrini para expor as condições sub-humanas de nossas prisões. Hoje alimento a esperança de ver a OAB, políticos sérios e personalidades como Luciano Huck, Viviane Senna, Mário Sergio Cortella, Jorge Paulo Lemann, Elie Horn e outros, atuando na questão.

Quando assisto um assaltante matar uma pessoa para roubar-lhe algo ou fico sabendo de um estupro, meu sangue ferve, minha indignação e revolta afloram e tenho extrema dificuldade em perdoar os criminosos. Mas hoje sei que muitos desses crimes são cometidos por ex-presidiários que, encarcerados e abandonados pelo Estado, foram torturados e humilhados na cadeia, sem oportunidade de recuperação. Em que pese não justificar tais crimes, que devem ser punidos com rigor, por omissão o Estado converteu suas prisões em sementeiras de ódio e vingança.

Portanto, antes de elencar sugestões para resolver a grave crise do sistema prisional, sugiro aos atuais e futuros candidatos a presidente, governador, deputado e senador que coloquem, em suas plataformas de campanha e de governo, propostas sérias, factíveis e sólidas para o sistema prisional do país. E recomendo ao leitor: jamais dê seu respeito e voto a candidatos que só proponham construir presídios e colocar mais polícia nas ruas. Isso não resolveu e não resolverá. A violência está intrinsecamente ligada ao caos nas prisões. Para resolver o problema, é preciso implantar ressocialização através de trabalho, disciplina, esporte, educação e respeito aos direitos dos presos. E para os delinquentes incorrigíveis, o rigor da lei.

Para os céticos e equivocados, o remédio é chicotear os detentos para corrigi-los. Entretanto, se esses céticos conhecessem o resultado extraordinário obtido no Espírito Santo, talvez revessem seus conceitos. No estado em questão, a filosofia fascista do castigo e da tortura foi convertida em iniciativas voltadas para a recuperação dos presos. Eliminaram os cadeiões que reuniam todos tipos de criminosos e atualmente as unidades prisionais, menores, contam com bibliotecas acessíveis aos presos, espaços para ressocialização, áreas para o trabalho, escolas que oferecem mais de 50 cursos de qualificação profissional, ensino fundamental e médio, unidades médicas também destinadas ao tratamento de dependência química, espaço religioso e várias atividades diárias. Nesses locais, que primam pelo respeito aos presos, os resultados são impressionantes.

O Estado registra melhoras significativas na segurança pública. Dados oficiais apontam que, em 2016, houve a menor taxa de homicídios dos últimos 28 anos, sendo o sétimo ano consecutivo de queda nos assassinatos, a segunda maior redução do país.

No Espírito Santo, embora as autoridades locais reconheçam a existência de facções criminosas nos presídios, com um eficiente sistema de inteligência conseguem evitar as ações dos líderes criminosos no interior das cadeias. Além disso, o rígido controle dos presídios e as punições severas a funcionários corruptos ajudam a compor um sistema prisional eficiente. Aliás, a corrupção que impera entre funcionários e carcereiros, muitas vezes respaldados pela complacência e cumplicidade de seus superiores desonestos, é um câncer que precisa ser extirpado do sistema prisional brasileiro.

Ainda quanto ao sistema prisional do Espírito Santo, observem as palavras de Walace Pontes, secretário da justiça: "O Estado qualifica a porta de entrada e a porta de saída. São feitas audiências de custódia em 48 horas para a Justiça definir se, realmente, o acusado deve ser preso ou esperar o julgamento em liberdade. Quem vai para o presídio encontra rede de proteção: saúde, educação e oferecemos todos os produtos que o preso necessita. Ao sair, o ex-detento tem o acompanhamento do *Escritório Social* durante um ano. Buscamos reinseri-lo no mercado de trabalho, continuamos com tratamentos médicos e oferecemos vagas em cursos de qualificação".

Como esse, há vários outros exemplos de sucesso pelo Brasil, como em Santa Catarina e o complexo de Piraquara, no Paraná. Todavia, ainda é um número diminuto diante do descaso constatado no sistema prisional do país.

Todavia, seria ingênuo imaginar que apenas presídios bem estruturados, voltados, de fato, para a ressocialização dos presos, seriam a única e definitiva solução para o problema. A criminalidade e a própria situação dos presídios estão atreladas a outras questões como a falta de investimentos adequados na educação, na saúde e em outros setores estratégicos do país, sobretudo na geração de emprego. Somando a esse flagelo social, a injusta distribuição de renda que coloca grande parte da população brasileira abaixo do nível de pobreza constitui um fator determinante para o aumento da criminalidade. Afinal, de nada adiantaria o Estado investir em belas cadeias, se continuar destinando à grande massa de homens e mulheres livres, condições sub-humanas de existência e miserabilidade.

A criminalidade no país está banalizada, desenfreada. O crime acua os cidadãos de bem e o tráfico de drogas assola a sociedade. O crime organizado tomou o Estado de assalto e em muitos casos as leis, de fato, são brandas. Isso é inconteste. Ato contínuo, os novos governadores, parlamentares e o presidente da República, agora eleitos, devem debater a questão com toda a sociedade e estudiosos do tema antes de tomarem atitudes precipitadas ou populistas imaginando que simplesmente aumentando as penas e armando a população e os policiais com fuzis e bazucas vão resolver esse complexo problema. Não vão. Essa urgente matéria, mais do que nunca, exige rigor e serenidade.

Os desembargadores do Tribunal de Justiça de São Paulo devem ser ouvidos quanto ao tema, pois o TJ paulista é uma das mais respeitadas instituições do judiciário por sua honorabilidade e reúne, em seus quadros, os mais preparados juristas do país.

De fato, esse estado de coisas possui uma enorme complexidade e, como nunca, faz-se necessário considerar o que Darcy Ribeiro disse em 1982: "Se os governadores não construírem escolas, em 20 anos faltará dinheiro para construir presídios".

** A propósito,eis a tradução da expressão Síndrome do Neurônio Solitário: estupidez, burrice, ignorância e limitação cognitiva e intelectual.*

"Lembrai-vos dos presos como se estivésseis presos com eles".

Hebreus 13:3

"Dizemos bom o homem cordato, que
evita conflitos, mas também dizemos
bom aquele que deseja a luta
e a vitória."

Friedrich Nietzche

A BOMBA RELÓGIO

PAULO PRETO EM TREMEMBÉ

A Entrevista Bombástica

Paulo Vieira de Souza, o Paulo Preto, de forte personalidade, mistura de *Macunaíma* com super-homem nietzschiano, que diz mandar em todo mundo e para quem o resto dos políticos não passam de um bando de "orelhudos", em 2018, foi parar em Tremembé. A frase de Obama, quando presidente dos Estados Unidos, dirigida a Lula: *"This is the man"*— se aplica melhor a Paulo que, no presídio, sem perder a majestade, me fez várias revelações comprometedoras.

— Paulo, você fará delação premiada? — perguntei ao ex-mandatário da Dersa na sua segunda semana de detenção.

— Jamais, impossível... Isso é coisa de covarde — respondeu.

— E se você for condenado a 30 anos de prisão e isso afetar sua família?

Sua fisionomia se transformou, ele fechou a cara, engrossou a voz e, com o dedo em riste, disparou:

— Aí vira guerra. Não sobra um! Eu arrebento todo mundo, eu destruo, eu... eu... eu... Eles não sabem do que sou capaz. Não ficarei preso sozinho — bradou, com os olhos arregalados, cuspindo fogo.

***

Na tarde de 6 de abril de 2018, o engenheiro Paulo Vieira de Souza chegou a Tremembé e foi conduzido à cela 5 do regime de observação onde ficaria por dez dias. Em virtude de termos um amigo em comum, o então Senador e Chanceler Aloísio Nunes Ferreira, fui recepcioná-lo e dar-lhe assistência, pois ele estava "descabelado" que, na linguagem da prisão, significa estar desprovido de itens básicos de alimentação, higiene, entre outros. Ao tomar conhecimento da minha história no PSDB e amizade com Aloísio, Paulo Preto, alcunha que detesta, desabafou reiteradas vezes comigo, sobretudo nos momentos em que aflorava sua indignação pela prisão, algo inimaginável para ele até então.

Vencidos os 10 dias de isolamento, ele foi "morar" na cela 56 com um preso ligado ao PT, condenado na Lava Jato, mas logo o seu modo irreverente de ser incomodou o colega, que pediu para trocar de cela, deixando o antigo homem forte da Dersa sozinho.

No decorrer dos dias, Paulo não encontrou dificuldades e facilmente se enturmou com a população carcerária repleta de empresários, ex-policiais, políticos e autores dos mais variados crimes. Era disparado o mais falante do pavilhão, além de falar mais alto que todos. Paulo tentou jogar futebol, vôlei e basquete, mas acabou optando mesmo por exercícios na academia improvisada e pelas corridas ao redor do campo de futebol.

Ciente de que eu estava escrevendo este livro, ele não perdia uma oportunidade para disparar sua "metralhadora giratória," atacando praticamente toda classe política nacional, sobretudo e veladamente o ex-governador Geraldo Alckmin. Conhecedor da minha longa e próxima relação pessoal com Alckmin, de quem sou biógrafo e ele, meu padrinho de casamento, Paulo não perdia uma oportunidade para me provocar:

— Acir, por que você ainda esta preso? Seu amigo Geraldinho te abandonou? — ironizava.

Juntos, no mesmo pavilhão, a todo instante ele cruzava com Luiz Eduardo, irmão de José Dirceu.

— Seu irmão é quem fazia a máquina do governo funcionar. Lula deve o sucesso de seu governo ao Dirceu.

Diplomático, Luiz Eduardo jamais se deixou envolver pela verborragia do "Iron Man", como se auto intitulava Paulo Vieira.

Pomposo, não se cansava de repetir:

— Se eu ainda estivesse à frente das obras, o Rodoanel já estaria concluído e o orçamento seria muito inferior. O problema com a paralisia nas obras não é corrupção, é gestão. No meu tempo, as obras não atrasavam — gabava-se.

Quanto às investigações do Ministério Público sobre irregularidades e superfaturamentos na obra, Paulo Vieira, lacônico, disse:

— O MP não tem a menor ideia de "como fizeram" no Rodoanel — falou, recusando-se a entrar nos pormenores.

Em um dia de muito stress por não conseguir o esperado habeas corpus, provoquei Paulo, falando sobre os números da corrupção nas obras do Rodoanel e da participação das empreiteiras. Então, ele pegou um livro que estava em minhas mãos e passou a rascunhar percentuais, valores, nomes e outras anotações, tentando explicar desordenadamente as "tratativas" referentes à maior obra viária do mundo (veja no álbum de fotos). Fiquei estupefato com sua coragem quando revelou, por meio daqueles rabiscos, informações delicadíssimas com nomes de ex-governadores e números sobre a obra amplamente investigada.

Depois de escrever tudo o que queria, Paulo Preto me devolveu o livro e, como sempre, saiu rugindo:

— Tá pensando o quê? Comigo é assim!

Certo dia, em Tremembé, Paulo Vieira relatou que conheceu o então governador José Serra no Palácio do Governo quando, na condição de engenheiro da Dersa, participou de uma reunião técnica a respeito das obras do Rodoanel e, num momento de indefinição quanto aos traçados e métodos da obra, ele pediu a palavra e discorreu sobre os equívocos no projeto e suas alternativas. Sua intervenção chamou a atenção do governador.

— Quem é você? — perguntou Serra, surpreso pelo vasto conhecimento daquele desconhecido.

— Meu nome é Paulo Vieira de Souza, sou engenheiro da Dersa e estou à disposição, senhor governador.

Em sua explanação, Paulo contrariou diretamente o vice-governador Alberto Goldman, que gerenciava o andamento das obras.

Pragmático, Serra concordou com as observações do engenheiro e determinou que ele passasse a integrar o núcleo que tocava as maiores obras viárias do Estado.

Em razão do seu estilo considerado "trator, contundente e agressivo", a partir daquele dia, apesar de dar um salto gigantesco na hierarquia da gestão Serra, Paulo Preto se tornaria um grande desafeto de Goldman.

O modo como Paulo Preto fazia as coisas acontecerem irritava seus superiores. Em razão disso, certo dia, Mauro Arce, o então secretário de Estado, a quem a Dersa estava subordinada, o chamou em seu gabinete para informar que ele estava demitido a pedido de Goldman.

— Demitido, eu? Pago pra ver, acho melhor o senhor ligar para o governador — desafiou.

— Não tem mais jeito, já foi para o Diário Oficial, você está fora! — sentenciou o secretário, que era "chefe" de Paulo.

— Daqui eu não saio! — falou para Mauro Arce, sacando o celular para fazer alguns contatos e voltou para sua sala.

Uma hora depois, o secretário, constrangido, chamou Paulo em seu gabinete e comunicou:

— O governador mandou revogar sua demissão, pode voltar ao trabalho.

O secretário teve de engolir o riso sarcástico de Paulo Preto.

Ele me relatou que, após aquela demonstração de prestigio e poder, ninguém mais o segurava.

— Eu mandava mesmo, atropelava até o governador. Além dele, eu era o único que pousava de helicóptero no Palácio.

Eu perguntei para quem ele telefonou para reverter à exoneração e Paulo brincou:

— Se eu te contasse, teria que te matar — falou imitando descontraidamente os personagens dos filmes sobre máfia.

— Então retiro a pergunta — disse, rindo.

Visando obter mais revelações e arrancar mais segredos, eu inflava o ego dele e o provocava. Era tiro e queda. Mas antes de me dizer qualquer coisa, tentava me intimidar de forma taxativa:

— Você tem amor à sua vida? É bom ter, pois algumas coisas que vou falar são sigilosas e delicadas e você não pode por no seu livro.

Naquele dia, tive que pegar meu bloco de anotações e colocá-lo no bolso. Dois colegas que testemunhavam a conversa, Anderson Leitão e o advogado Sandro Rovani, arregalaram os olhos enquanto Paulo fazia uma revelação após a outra. Como ele não especificou o que eu poderia ou não publicar, selecionei os relatos menos bombásticos.

Dentre as inúmeras histórias que me narrou, desde quando assessorou FHC no Palácio do Planalto até o fatídico dia de sua prisão, várias são extremamente comprometedoras.

— Eu ajudei todos os políticos do PSDB. Para tirar o Rodoanel do papel eu trabalhava 16 horas por dia e, quando os donos das empreiteiras precisavam despachar comigo, iam à minha casa no fim da noite. Eles comiam na minha mão. Tudo que eu pedia eles faziam.

Sobre a construção da Arena Corinthians, suas revelações são também estarrecedoras. Sua intimidade com os barões das maiores construtoras, dá credibilidade às suas palavras.

— Eu sei de todas as tratativas da construção da Arena. O valor da obra foi estratosférico e extrapolou em 500 milhões de reais em relação ao que era necessário.

Explicando como se deu o superfaturamento, afirmou que a Odebrecht mandava em tudo.

— A própria Odebrecht planilhava, fazia as medições (quantidade de metros construídos), fiscalizava e se pagava. Foi uma vergonha!

— Por que, então, você foi exonerado da Dersa — perguntei. Mal terminava de perguntar, ele já vinha com a resposta:

— Fui exonerado quando Alberto Goldman assumiu o governo do Estado. Ele me detestava, porque eu mandava mais do que ele. Eu o atropelei várias vezes em decisões sobre as obras e outros assuntos.

Este livro não comporta todas as histórias, relatos, revelações e polêmicas levantadas pelo corajoso Paulo Preto. Vários "segredos" e outras "bombas de nitroglicerina", por ter empenhado minha palavra, não posso revelar.

Quem sabe, um dia, ele mesmo não conte tudo! Coragem, certamente não lhe falta.

Nota: *Na próxima edição desta obra, serão acrescidos capítulos de personagens políticos e empresariais como o ex-senador Magno Malta, o industrial Victor Penna Costa (Itatiaia) e o empresário Hugo Gabrich.*

"Os lugares mais sombrios do inferno são reservados àqueles que se mantiveram neutros em tempo de crise moral".

Dan Brown

MOMENTO ÚNICO

O HOMEM QUE NÃO SABIA LER

"Nunca é tarde para começar tudo de novo..."
Raul Seixas

Em Tremembé, quando eu passei a trabalhar na "bóia", tive que mudar de cela, pois todos presos que trabalham ficam alojados de um lado específicos do pavilhão. Lá, passei a morar com Cecimar, homem simples, nascido em Pernambuco. Ele me contou que sua mãe teve 22 gestações, mas só 12 filhos vingaram para carregar o peso de suas vidas severinas.

Certo dia, percebi que Cecimar, excelente companheiro de cela, tentava ler uma palavra escrita em um papel colado na parede. Ele coçava a cabeça e ficava minutos a fio pensando, tentando pronunciar a primeira sílaba, mas não conseguia.

— Sa... Za... Ca... e nada da pronuncia sair. A palavra era "sapato". Ele conhecia algumas letras do alfabeto, mas não conseguia formar palavras, o que muito o afligia.

Cecimar teve de abandonar os estudos quando tinha nove anos; não conseguia conciliar a escola com o trabalho de "tocador de gado", sua profissão desde criança. Afinal, como me disse, ou trabalhava, ou morria de fome.

Quando percebi que Cecimar não sabia ler, me propus a ajudá-lo.

— Se aceitar, eu posso ensinar você. E aí?

Meio envergonhado, ele demorou alguns segundos para responder, mas, em seguida, falou:

— "Aci" (ele tinha dificuldade em pronunciar, entre outros, o R e o S) eu aceito. Eu quero aprendê a lê e a escrevê, mas como você vai conseguir me ensiná aqui, homí?

— Olha, Cecimar, já ajudei muita gente a aprender a ler e tenho certeza que com você não será diferente.

— Aci, você acha mesmo que um burro "véio" como eu ainda pode aprendê a lê? Sou analfabeto, homi de Deus...

— Primeiro, Cecimar, você não é burro nem analfabeto. Existiu um professor chamado Paulo Freire, já falecido, que não considerava as pessoas que não sabem ler como incapazes. Para ele — e concordo com isso — antes de aprender as sílabas e as palavras, as pessoas já trazem consigo muitos conhecimentos que devem ser considerados quando estão aprendendo. Além disso, Paulo Freire não gostava da palavra "analfabeto", preferia o termo alfabetizando. Na verdade, Cecimar, você é um alfabetizando, isso significa o seguinte: tenho diante de mim um cara bastante inteligente que, por força das circunstâncias, ainda não aprendeu algumas coisas, mas, com esforço e dedicação, vai aprender.

— Falô bonito, Aci. Criei coragem.

No dia seguinte, após a conversa, eu lhe dei a primeira aula. Fiz algumas tabelas para facilitar a compreensão dele como ba, be, bi, bo, bu; ca, ce, ci; da, de, di para, a partir dali, partirmos para a formação de palavras, mesmo porque ele já conhecia as vogais e parte das consoantes.

— Cecimar, vamos lá! B com a: ba; b com e: be; b com i: bi; c com a: ca; c com e: ce; c com i: ci;...

E assim começamos a caminhada cheia de improvisos, mas com muita dedicação e persistência. Cecimar aprendia comigo e eu aprendia com ele. Talvez meu aluno tenha me ensinado mais do que aprendeu comigo. E tudo era gratificante. Minha esposa me enviou uma lousa, canetões, cadernos, lápis e vários exercícios práticos. Alguns colegas também contribuíram no processo de alfabetização de Cecimar, dois deles foram Gil Rugai e Graziani.

Depois de quatro meses, Cecimar já começou formar as primeiras palavras: caneta, pepino, comida, cabelo, dado, família, Deus, liberdade, vida.... Como ele trabalhava na bóia, não conseguia frequentar o curso formal de alfabetização que o IRT oferece, usava todo tempo de folga, cada minuto, para aprender. Eu já tinha mudado de cela, mas ele sempre me procurava:

— Aci, vamo estudá?

E lá íamos nós mais uma vez. Sentávamos em bancos de plástico no corredor do pavilhão, eu colocava a lousa no colo e me punha a ditar palavras para Cecimar, sempre bastante atento. A alegria saltava dos seus olhos cada vez que conseguia escrever uma nova palavra.

Aos poucos, ele começou a formar frases, mas o momento mais emocionante para ele foi escrever os nomes dos seus pais e de seus irmãos. Depois que aprendeu, Cecimar ficava escrevendo repetidas vezes, tentando caprichar cada vez mais em sua letra trêmula. Todos presos e funcionários que passavam por nós parabenizavam Cecimar pela dedicação.

— Parabéns, Cecimar, você está indo muito bem, estamos orgulhosos de você — dizia Luiz Eduardo, irmão de José Dirceu.

Em pouco tempo, aquele homem, que mal escrevia o próprio nome, descobria, através das palavras, um mundo novo...

E pensar que tantos homens "livres" gastam tempo e energia com futilidades, desperdiçando a oportunidade de mergulhar no mundo maravilhoso do conhecimento.

Ajudar meu amigo a ler e a escrever foi uma das tarefas mais gratificantes da minha vida. Ser "professor" de Cecimar, por alguns meses, não resultou em remissão de pena. Mas, se ensinar não trouxe o benefício, deixou-me recompensado e feliz. Afinal, o brilho que via nos olhos de Cecimar era, ainda, mais intenso nos meus.

"A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo".

Nelson Mandela

Nos momentos de solidão, para afugentar a angústia eu, inspirado no filme *Antes de Partir*, escrevia minha "lista" de 10 coisas prioritárias para fazer ao ganhar a liberdade:

1. Visitar o túmulo do meu pai, que partiu em 2015, e conversar com ele;

2. Andar na chuva sem preocupação;

3. Assistir ao filme *"Um Sonho de Liberdade"* pela milésima vez;

4. Viajar pelo mundo com amigos de infância ouvindo Raul Seixas;

5. Sentar no chão com meus filhos Victor, Beatriz e Gabriella e falar-lhes sobre a vida e sobre minha mãe, a maravilhosa avó que eles não conheceram;

6. Casar novamente com minha esposa Viviane;

7. Trabalhar voluntariamente em campanhas humanitárias;

8. Escrever mais livros;

9. Visitar todas as pessoas que me ajudaram ao longo da minha vida;

10. Pedir à Deus para ter mais um filho.

Acir Filló

"Cristo converteu o meu coração com o seu eterno poder".
(CCB)

O presídio de Tremembé

Entrada da penitenciária de Tremembé *(Fotos: Reprodução SAP)*

Igreja do presídio de Tremembé, construída por Cabo Bruno

Antonio Donizeti, diretor geral de Tremembé e o Reitor da UNITAU José Rui Cardoso, na biblioteca da unidade

Academia improvisada do presídio de Tremembé
(Fotos: Reprodução SAP)

Um dos espaço de convivência utilizado pelos familiares nas visitas

FUNAP:
Uma das Fábricas do presídio, onde os presos trabalham no conserto de carteiras escolares

Celas do pavilhão I do presídio de Tremembé
(Foto: EPTGE)

Ivo, pai do jovem morto no acidente na Mogi-Bertioga

Acir Filló com seu companheiro de cela, Ivo, que, pela TV, assistiu a morte do filho universitário na Rodovia Mogi-Bertioga em 2016
(Foto: arquivo pessoal)

Um príncipe em Tremembé

O menino Edinho, filho do rei Pelé.
(Foto: arquivo pessoal)

Pelé com
o jovem Edinho,
que iniciava sua
carreira de goleiro
no Santos
(Foto: divulgação)

Rei Pelé e o
filho Edinho
(Foto: divulgação)

Acir Filló com
Beatriz ,sua filha, e
Edinho
em um dia
de visita em
Tremembé -2017
(Foto: arquivo pessoal)

O jovem da Aeronáutica

Pedro Henrique
(à esquerda)
na Aeronáutica:
em busca do
recomeço
(Foto: arquivo pessoal)

Ao filho com carinho

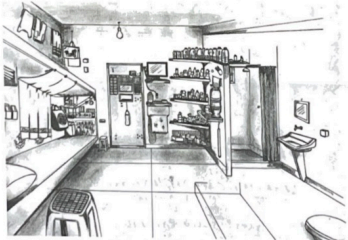
Alfredo dos Santos, ao ser preso *(Foto: reprodução / polícia)*

Alfredo dos Santos,
o Dinamite,
com o autor em 2017
em Tremembé.
(Foto: arquivo pessoal)

Alexandre Nardoni

Alexandre Nardoni
ao ser preso em 2008
(Foto: Reprodução Estadão Conteúdo)

Nardoni na biblioteca
de Tremembé em 2018
(Foto Reprodução: ISTOÉ)



Perspectiva parcial da cela de Alexandre Nardoni, em Tremembé
(Arte: Júlio Pascual)

Os Cravinhos e Suzane

Cristian e
Daniel Cravinhos,
presos pela morte
do casal Richthofen
(Foto Reprodução: Estadão)

Acir Filló durante entrevista
com Cristian Cravinhos
em Tremembé – 2018
(Foto: arquivo pessoal)

O caso do menino Pedrinho

Juliano Gunello
e Kátia Marques,
mãe do menino
Pedrinho
(Foto Reprodução: folha de são Paulo)

O pequeno Joaquim

Guilherme Longo chegando à São Paulo após ser extraditado pela Espanha
(Foto: reprodução / Estadão Conteúdo)

Ao lado de Acir Filló e Hugo Gabrich, Guilherme Longo recebe medalha por produção literária no IRT
(Foto: arquivo pessoal)

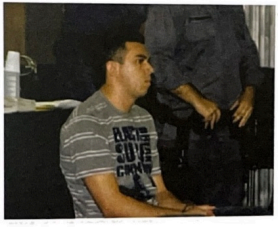
A menina Sophia

Ricardo Najjar, ao ser preso
(Foto Reprodução: veja SP)

Caso Sophia: Ricardo Najjar ao ser entrevistado pelo autor em Tremembé em 2017
(Foto: Arquivo pessoal)

Lindemberg e Eloá

Lindemberg e Eloá: 101 horas de sequestro
(Foto: reprodução ISTOÉ)



Lindemberg Alves no Tribunal do Juri em 2012
(Foto: Diogo Moreira/ Futura Press/AE)

Mizael Bispo é inocente?

Mércia Nakashima e Mizael Bispo: Fim trágico.
(Foto: reprodução R7)

Mizael Bispo ao ser entrevistado por Acir Filló em Tremembé
(Foto: arquivo pessoal)

A traição que virou tragédia

Carolina Vieira no concurso Bailarinas do Faustão em 2015
(FotoReprodução: Facebook)

Friboi: o crime da Rua Alfenas

Em família: Humberto, de jaqueta clara, alto executivo da Friboi, assassinado a mando da esposa
(Foto Reprodução: Rede Social).

Crime da Rua Alfenas: Osmar Gonzaga em 1999. O executor do alto executivo da Friboi, Humberto Magalhães
(Foto: arquivo pessoal)

Osmar Gonzaga, ao dar entrevista para, o autor em Tremembé -2017
(Foto: arquivo pessoal)

Pacto de morte e suicídio em Tremembé

Suicídio combinado: Alexandre Zambonaro se matou em Tremembé, e a mulher, em casa.
(Foto: Site JC Net)

Decidido a morrer

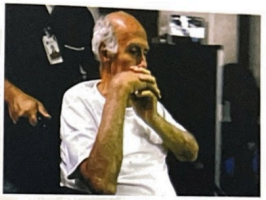
João Rodrigues: Ele se matou em Tremembé
(Foto: Reprodução A tribuna)

Roger Abdelmassih
O estuprador do jaleco branco

Bem vindo ao inferno: Vítimas de Roger Abdelmassih aguardando, no aeroporto, a chegada dele em São Paulo, depois de ser preso no Paraguai
(Foto: Reprodução-Folha Press)

Roger Abdelmassih, ao ser preso
(Foto: Reprodução JG)

Roger, ao deixar o presídio para cumprir prisão domiciliar

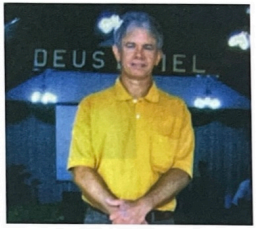


A fraude de Abdelmassih

Médico Carlos Sussumo Hasegawa, que revelou a fraude de Roger Abdelmassih, que o levou à prisão domiciliar
(Foto: reprodução Portal News)

O temido Cabo Bruno

Cabo Bruno, quando preso pela primeira vez em 1983.



Renascido: Pastor Cabo Bruno na igreja, no presídio de Tremembé, em 2010.
(Foto: Reprodução site O Vale)

Florisvaldo, o Cabo Bruno, em culto evangélico pouco depois de ganhar a liberdade
(Foto: Reprodução site Estadão)

Pereira Lima: o mais temido de Tremembé

Jânio Quadros, Javert de Andrade e o temido João Pereira Lima, de camisa branca

O maníaco da machadinha

Jonathan Lopes de Santana, o "maníaco da machadinha", ao ser preso
(Foto: Daniel Carvalho)

Matou e esquartejou o zelador

O zelador Jezi: esquartejado
(Fots: Estadão Conteúdo /reprodução TV Globo)

Esses homens podem ser inocentes

Marcelo e Everaldo:
A legitimação do
tribunal do crime
(Foto: reprodução G1)

Em Tremembé,
Everaldo,
o inocente, encontra
o autor deste livro - 2017
(Foto: arquivo pessoal)

Gil Rugai é inocente?

Gil Rugai
ao chegar ao Fórum
da Barra Funda para
enfrentar o Júri
(Foto/Reprodução: site UOL)

Gil Rugai com o Acir Filló
e a assistente social Adriana Campos
durante peça teatral em Tremembé – 2018
(Foto: arquivo pessoal)

Bruno e Mayara,
presos pelo caso
da menina Vitória
(Foto: reprodução conteúdo Estadão)

Rocha Mattos - Um juiz na prisão

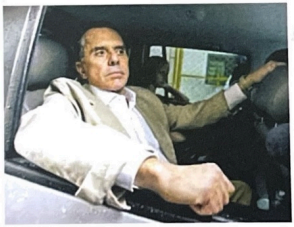
O ex-juiz Federal
Rocha Mattos
(Foto: reprodução site Conjur)

Melhor juiz de rodeio do Brasil

Edson Matsuda em rodeio
no ano de 2008
(Foto Reprodução site Bruto)

Edson Matsuda em
Tremembé
(Foto: arquivo pessoal)

Um banqueiro atrás das grades



Edemar Cid Ferreira
ao deixar Tremembé
(Foto: Reprodução/Folha Imagem)

Luiz Eduardo, o irmão de José Dirceu

Viviane e Acir Filló com Luiz Eduardo
(irmão de Zé Dirceu) e sua filha Nádia, em Tremembé
(Foto: arquivo pessoal)

Acir Filló com Luiz Eduardo Oliveira e Silva

"Cara, eu matei a minha mãe"

O ainda menino Marco Malandrino com a mãe, Taíza
(Foto: arquivo pessoal)

Devotada ao filho: Malandrino com sua mãe, antes de matá-la. (Foto: arquivo pessoal)

Sistema Prisional : Falência

Retrato do caos: falência do sistema prisional brasileiro
(Foto: Andressa Anholete/AFP)

Super lotação dos endriss: fábrica de ódio e de crime
(Foto: Simão Cruz/ AE)

Modelo: Nas APACS os presos são "recuperandos"
(Foto: Michel Filho/ Agência O Globo)

Respeito e ressocialização: assim são as celas na APAC.
(Foto: Andressa Anholete/AFP)

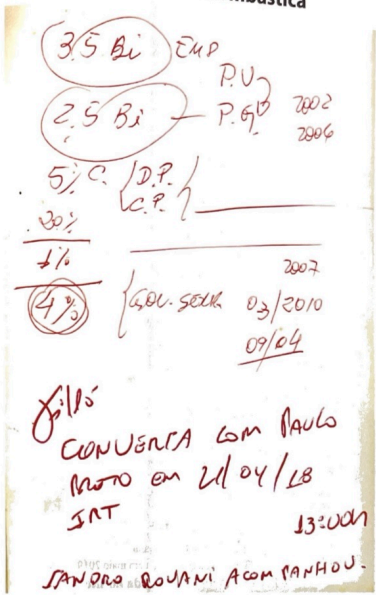
Novo secretário da SAP

Novo Secretário da Administração Penitenciária, o qualificado, experiente e sério Nivaldo Restivo
Boas expectativas
(Foto: Reprodução SAP)

O homem que não sabia ler

Cecimar: Ele aprendeu a ler em Tremembé
(Foto: arquivo pessoal)

Paulo Preto em Tremembé: A entrevista bombástica



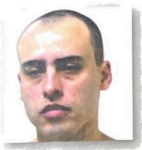
Rodoanel: anotações feitas por Paulo Vieira de Souza durante entrevista ao autor.

Este livro foi publicado pela
Editora Nova Brasil Esperança Brasil em maio 2019

Este livro também está á venda no site
www.diariodetremembe.com.br

O meu dia-a-dia em Tremembé era draconiano. A convivência com presos que cometeram crimes inacreditáveis me transportava para os thrillers mais horripilantes de Hollywood. De manhã, tomava café com um serial killer que afogou oito crianças; em seguida participava de um curso na companhia de um sujeito que matou os filhos e de outro que jogou a filha pela janela do prédio; depois estava jogando vôlei com um cara que matou a esposa grávida, com outro que tirou a vida dos pais e com um jack (estuprador); à tarde, eu ia à "igreja" com um médico que estuprou 39 mulheres, com um rapaz que teria jogado o enteado no rio e com dois jovens que mataram suas mães: um a facadas e o outro com socos. Para "aliviar", no fim do dia, fazia caminhadas com Edinho (filho de Pelé), Paulo Preto, Lawrence Casagrande (secretário de Estado), Thierre Di Castro (ator da Netflix), médicos e com outras figuras do meio político e empresarial que pagavam seus "pecados" em Tremembé.

O autor Acir Filló atuou como repórter por 12 anos; também foi radialista e publicou, entre outros, a biografia de Geraldo Alckmin em 2006. É fundador do Condemat (Consórcio do Desenvolvimento do Alto Tietê) e, por destacada atuação no movimento estudantil, foi político por três mandatos. Entrevistou alguns dos principais personagens do país como Antônio Ermírio de Moraes, José Sarney, Antônio Carlos Magalhães (ACM), Delfin Neto, artistas e inúmeras personalidades. O autor prepara dois novos títulos a serem lançados em 2019.



"Eu não matei minha filha Isabella."

Alexandre Nardoni

"Só me relacionei com as que quiseram. Elas me assediavam."

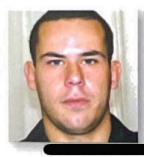
Roger Abdelmassih, condenado por 39 estrupros.

"Os problemas de saúde e a prisão domiciliar de Roger Abdelmassih foram uma fraude."

Dr. Carlos Sussumo, médico preso em Tremembé.

"Depois que o casal Richthofen foi atacado, a Suzane foi ao quarto deles e desferiu golpes."

Cristian Cravinhos



"Fugi do Brasil por medo, desespero e insegurança. Não fugi por culpa."

Guilherme Longo

No dia 9 de outubro de 2015, por volta das 18 horas, Nibson trabalhava na faxina e João o chamou pelo guichê e pediu-lhe que trouxesse um creme dental e alguns sacos plásticos para recolher o lixo. O jovem, de pronto atendeu ao pedido. O corredor do pavilhão estava praticamente vazio com quase todos os presos já recolhidos em suas celas. Sem saber, Nibson participaria, de forma indireta, de mais uma morte.

Naquela noite, João esperou todos dormirem para executar seu plano. Por volta das 22 horas, preparou algumas bolinhas, usando pedaços de saco plástico, papel higiênico molhado e creme dental e deixou o material em cima da cama. Em seguida, cortou sacos de lixo e, após esticá-lo, passou-o em volta de seus pulsos, amarrando-os, de modo que não conseguisse se soltar e, dando sequência ao plano macabro, passou as pernas entre os braços, ficando com as mãos amarradas para trás.

João foi extremamente engenhoso, mesmo que quisesse não conseguiria mais usar as mãos. Imobilizado, pegou com a boca as bolotas envoltas no plástico e passou a engolir uma após a outra. Conforme o planejado, as bolas entalaram em sua garganta e o levaram ao sufocamento. Depois de várias tentativas frustradas, finalmente João estava morto. Final feliz? Não. Foi apenas o final que ele desejava.

Fiquei sabendo que um dia antes de se suicidar, João recebeu a visita de Benedito, um preso evangélico que fora levar ao companheiro algumas palavras de fé e esperança.

João ouviu compassivo as palavras de Benedito e foi tão solícito, que o amigo pensou tê-lo demovido da idéia de cometer suicídio. Porém, Benedito que, com a melhor das intenções, falava de esperança, não sabia: a única esperança de João era partir deste mundo.

Perguntei para Benedito se o suicídio de João foi para ele o fim de um pesadelo ou a realização de um desejo. Ele não soube responder. Eu também não saberia.

***

Portador de sérios problemas mentais, o jovem Nibson Mascarenhas, o mesmo que, por falta de malícia, forneceu material para João cometer suicídio, cumpria pena desde 2013 em Tremembé pelo assassinato da própria mãe.

O reeducando Vinícius Aparecido da Silva foi colega de Nibson em Tremembé. Em 2015, os dois dividiram a mesma cela e ele me contou que Nibson comia baratas vivas "para sentir o gosto" e ingeria as próprias fezes quando estava surtado. Porém, bastante prestativo, era muito querido por todos. Massagista, Nibson atendia os colegas e até mesmo os funcionários com suas mãos hábeis. Vinícius também me relatou que, certa vez, acordou de madrugada e avistou Nibson em pé, em frente à sua cama com uma caneta na mão.

— O que houve Nibson? O que está acontecendo? Você não tomou seus remédios, cara? — questionou, atônito.

— Tomei sim, mas me levantei para ir ao banheiro e ouvi vozes que me mandaram te matar com uma canetada em seu ouvido. Acontece que me repreendi, não quero te matar... — respondeu Nibson, com uma aparência fantasmagórica.

Vinícius sabia do crime que levara Nibson à prisão. Ele tinha matado a mãe a facadas. Como dissera, teve um sonho no qual fora determinado que deveria matar sua genitora para assim, salvar a mãe natureza e toda a humanidade. Então, Nibson optou por salvar a natureza e a humanidade.

Horrorizado, Vinícius não conseguiu mais pregar os olhos naquela madrugada e logo de manhã, quando abriram as trancas, saiu correndo em direção ao agente carcerário relatando o ocorrido, implorando para mudar de cela. Estupefato com a história, o agente permitiu a mudança.

Meses depois, em 2016, Nibson foi transferido para a Casa de Custódia de Taubaté onde cumpre sua pena. Aquela instituição prisional é mais adequada para presos com transtornos mentais.

E pensar que, para algumas pessoas, a vida em Tremembé é fácil...